

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

THAYNARA FONSECA PEREZ

**A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO TRANSFORMADOR EM BAIROS
PERIFÉRICOS: UMA ANÁLISE FREIREANA DO TRABALHO DA
IRMÃ DOLORES NO QUARENTENÁRIO - SV**

Santos

2026

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

THAYNARA FONSECA PEREZ

**A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO TRANSFORMADOR EM BAIROS
PERIFÉRICOS: UMA ANÁLISE FREIREANA DO TRABALHO DA
IRMÃ DOLORES NO QUARENTENÁRIO - SV**

Relatório de Defesa apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Políticas e Práticas de Formação de Professores.

Orientadora: Profa. Dra. Guadalupe Corrêa Mota

P438e Perez, Thaynara Fonseca
 A educação como processo transformador em bairros periféricos:
 uma análise freireana do trabalho da Irmã Dolores no Quarentenário -
SV
 / Thaynara Fonseca Perez; orientadora Guadalupe Corrêa Mota
 -- 2026.
 249 f.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de
 Santos, Programa de Pós-Graduação stricto sensu em
 Educação, 2026.
 Inclui bibliografia

 1. Pedagogia crítica. 2. Paulo Freire. 3. Educação emancipatória.
 4. Comunidades periféricas. I. Mota, Guadalupe Corrêa. II. Título.

CDU: Ed. 1997 -- 37(043.3)

SUMÁRIO

RESUMO	05
1 INTRODUÇÃO	07
2 BIOGRAFIA IRMÃ DOLORES	12
3 HISTÓRICO DO BAIRRO QUARENTENÁRIO - SV	18
4 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	22
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	27
6 DIÁLOGOS TEÓRICOS	40
7 ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS NOS CADERNOS	88
8 RESULTADOS E DISCUSSÕES	99
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	128
ANEXOS	131

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Criador do mundo e da vida, Deus, a seu filho amado Jesus Cristo, à nossa Mãe no título de Nossa Senhora Aparecida e a Santa Teresinha, minha amiga do céu, que sempre atenderam às minhas orações e pedidos, desde os mais simples até aqueles que, muitas vezes, eu mesma duvidei merecer.

Agradeço à Irmã Dolores, personagem central desta dissertação, a quem não tive a oportunidade de conhecer em vida, mas cuja trajetória pude enaltecer ao reconhecer sua importância na vida de tantas crianças, jovens e adultos da Área Continental de São Vicente, território ao qual pertencço e do qual muito me orgulho. Hoje, a menina periférica torna-se Mestra em Educação, e isso só foi possível graças a pessoas como ela, que acreditaram no potencial da nossa gente.

“O que te tira o sono?” foi a pergunta feita por alguém que esteve ao meu lado desde o início deste percurso, que sentou comigo e me mostrou os caminhos para a construção do projeto que me permitiu ingressar no programa. Infelizmente, ele não está mais entre nós para ler a conclusão desta dissertação escrita pela “namorada do Luan Santana”. Professor Alexandre, o senhor será eternamente motivo de gratidão. Agradeço, com especial carinho, à minha orientadora preferida, Guadalupe Correa Mota, que, com seu jeito firme, direto e extremamente comprometido, colocou meus pés no chão e contribuiu de forma decisiva para a construção e elaboração deste trabalho. Em seu nome, agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Católica de Santos, que fomentaram esta pesquisa por meio das aulas, grupos de pesquisa, palestras e diálogos acadêmicos.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte da minha formação, desde a educação infantil até a graduação, e que contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado, apoiando-me e sustentando-me emocionalmente durante todo o processo do mestrado, minha sincera gratidão.

Por fim, agradeço à minha família, que sempre investiu na minha educação e esteve presente em todos os momentos. Em especial, à minha mãe, Carla, e à minha avó, Aleli, que, mesmo diante do Alzheimer, carrega em seu íntimo o sentimento de orgulho pela neta que conquista um marco tão significativo em sua vida.

RESUMO

Esta dissertação resulta de pesquisa concluída no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS) e teve como objetivo investigar a presença e a materialização dos elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Maria Dolores no Bairro Quarentenário, localizado na periferia do município de São Vicente. A questão central que orientou o estudo foi: quais são e de que maneira os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire se manifestam nas práticas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário? Com base nessa problemática, a pesquisa buscou identificar e analisar os elementos da Pedagogia Crítica presentes nas práticas educativas de Irmã Dolores, bem como compreender o território do Quarentenário como um possível “bairro educador”, a partir das iniciativas educativas, sociais e comunitárias desenvolvidas. Além disso, analisou-se a percepção de ex-alunos e sujeitos envolvidos nos projetos educacionais realizados, considerando os impactos dessas ações em suas trajetórias pessoais, educacionais e sociais. O referencial teórico fundamentou-se, principalmente, nas obras de Paulo Freire, como *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, que concebem a educação como prática de liberdade, diálogo e conscientização crítica, e nos estudos de Miguel Arroyo, que problematizam a educação em contextos periféricos e a relacionam à luta por direitos, justiça social e dignidade humana. Os conceitos de Pedagogia Crítica e de bairro educador constituíram os eixos centrais da análise teórica e empírica. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, com base na análise bibliográfica, documental e na realização de entrevistas semiestruturadas com sujeitos que vivenciaram as práticas educativas desenvolvidas por Irmã Dolores. O estudo orientou-se por uma perspectiva crítico-humanista, inspirada em Paulo Freire, e por um enfoque fenomenológico-hermenêutico, conforme contribuições de Franco e Ghedin, possibilitando a compreensão aprofundada das experiências e dos significados atribuídos pelos participantes. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temática, proposta por Bardin. Os resultados evidenciaram que as práticas educativas desenvolvidas por Irmã Dolores incorporaram elementos centrais da Pedagogia Crítica, como o diálogo, a valorização dos saberes populares, a educação como prática política e a formação da consciência crítica. Constatou-se,

ainda, que o Bairro Quarentenário se constituiu como um espaço educativo ampliado, no qual a educação extrapolou os limites da escola formal e se articulou a ações comunitárias, sociais e de organização coletiva. Contudo, a pesquisa também revelou limites e contradições dessas experiências, especialmente no que se refere à ausência de políticas públicas estruturais e à dependência de lideranças individuais. Conclui-se que o trabalho educativo desenvolvido por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário configura uma experiência significativa de educação crítica em contexto periférico, reafirmando a atualidade do pensamento de Paulo Freire e a relevância da Pedagogia Crítica como instrumento de resistência, formação humana e luta por justiça social.

Palavras-chave: Pedagogia crítica. Paulo Freire. Educação emancipatória. Comunidades periféricas.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research completed in the Master's Program in Education at the Catholic University of Santos (UNISANTOS) and aimed to investigate the presence and materialization of the elements of Paulo Freire's Critical Pedagogy in the pedagogical proposals developed by Sister Maria Dolores in the Quarentenário neighborhood, located on the outskirts of the municipality of São Vicente. The central question that guided the study was: what are the elements of Paulo Freire's Critical Pedagogy and how do they manifest themselves in the pedagogical practices developed by Sister Dolores in the Quarentenário neighborhood? Based on this problem, the research sought to identify and analyze the elements of Critical Pedagogy present in Sister Dolores' educational practices, as well as to understand the territory of Quarentenário as a possible "educating neighborhood," based on the educational, social, and community initiatives developed. Furthermore, the perceptions of former students and individuals involved in the educational projects were analyzed, considering the impacts of these actions on their personal, educational, and social trajectories. The theoretical framework was primarily based on the works of Paulo Freire, such as **Pedagogy of the Oppressed** and **Pedagogy of Hope**, which conceive of education as a practice of freedom, dialogue, and critical awareness, and on the studies of Miguel Arroyo, which problematize education in peripheral contexts and relate it to the struggle for rights, social justice, and human dignity. The concepts of Critical Pedagogy and the "educating neighborhood" constituted the central axes of the theoretical and empirical analysis. The methodology adopted was a qualitative approach, based on bibliographic and documentary analysis and semi-structured interviews with individuals who experienced the educational practices developed by Sister Dolores. This study was guided by a critical-humanist perspective, inspired by Paulo Freire, and a phenomenological-hermeneutic approach, following the contributions of Franco and Ghedin, allowing for a deeper understanding of the experiences and meanings attributed by the participants. Data analysis was performed using the Thematic Content Analysis technique, proposed by Bardin. The results showed that the educational practices developed by Sister Dolores incorporated central elements of Critical Pedagogy, such as dialogue, the valuing of popular knowledge, education as a

political practice, and the formation of critical consciousness. It was also found that the Quarentenário neighborhood constituted an expanded educational space, in which education went beyond the limits of formal schooling and was articulated with community, social, and collective organization actions. However, the research also revealed limitations and contradictions in these experiences, especially regarding the absence of structural public policies and the dependence on individual leadership. It is concluded that the educational work developed by Sister Dolores in the Quarentenário neighborhood constitutes a significant experience of critical education in a peripheral context, reaffirming the relevance of Paulo Freire's thought and the importance of Critical Pedagogy as an instrument of resistance, human formation, and the struggle for social justice.

Keywords: Critical pedagogy. Paulo Freire. Emancipatory education. Peripheral communities.

1 INTRODUÇÃO

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa emergiu a partir de minha aproximação com a comunidade vinculada à Paróquia Católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada no Bairro do Rio Branco, na área continental do município de São Vicente -SP. Criada em 20 de fevereiro de 2011, a paróquia constitui-se como matriz paroquial de toda a área territorial que abrange os bairros Rio Branco, Rio Negro e Quarentenário, este último também conhecido como Jardim Irmã Dolores, território que se tornou o locus central desta investigação. A vivência nesse espaço comunitário despertou inquietações acadêmicas e pessoais acerca do papel da educação, da organização social e da atuação de sujeitos comprometidos com a transformação de realidades marcadas pela exclusão social.

O interesse pela temática dialoga diretamente com minha trajetória acadêmica na área de História, especialmente com a escolha pela linha da História Social, que se dedica à análise de sujeitos, grupos e experiências historicamente marginalizados, deslocando o foco das elites para as classes populares. Tal perspectiva encontra respaldo nos estudos de Edward Palmer Thompson (1981), particularmente na noção de “história vista de baixo”, que reconhece os sujeitos populares como protagonistas de seus próprios processos históricos. Essa concepção orientou minha formação investigativa e influenciou de maneira decisiva a escolha do objeto de pesquisa desta dissertação.

Durante os dois anos de iniciação científica, desenvolvi um estudo sobre a relação entre a comunidade Santa Cruz dos Navegantes, situada no município de Guarujá - SP, e o patrimônio histórico-cultural da Fortaleza da Barra. Naquele momento, buscou-se compreender de que maneira a população local se relacionava com o patrimônio presente em seu território e se havia, de fato, um sentimento de pertencimento em relação a esse bem cultural. Os resultados evidenciaram que a comunidade não usufruía do espaço por não se sentir digna de frequentá-lo, uma vez que o patrimônio era simbolicamente associado a grupos detentores de capital cultural e conhecimento formal. Tal percepção produzia sentimentos de inferioridade e exclusão, impedindo a fruição do patrimônio. A estratégia encontrada para enfrentar essa realidade foi o investimento em projetos educacionais, especialmente em educação patrimonial, possibilitando à comunidade apropriar-se do espaço de forma crítica e consciente. Esse projeto resultou na concessão de bolsa institucional pela Universidade Católica de Santos e na publicação do artigo “Olhares sobre o patrimônio: a realidade entre muros”, na revista *Leopoldianum*, em 2023.

Essa experiência reforçou a compreensão de que a educação possui um papel central na construção do pertencimento, da identidade e da consciência crítica dos sujeitos, sobretudo em contextos periféricos. Foi a partir desse percurso que, em 2022, tive a oportunidade de

conhecer Irmã Maria Dolores Muniz Junqueira, figura amplamente reconhecida e respeitada pelas comunidades da área continental de São Vicente. Os relatos dos moradores do Bairro Rio Branco evidenciavam a profunda transformação vivenciada pelo bairro vizinho, Quarentenário, atribuída à atuação de Irmã Dolores, uma religiosa espanhola que dedicou sua vida aos pobres e necessitados, articulando projetos sociais, educativos e comunitários.

As transformações promovidas por Irmã Dolores extrapolaram o campo educacional, alcançando áreas como a saúde coletiva, a alimentação e a organização comunitária. Um exemplo significativo foi a chegada do programa Bom Prato ao Bairro Quarentenário, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo criada no ano de 2000, que passou a atender a população local, contribuindo para o enfrentamento da insegurança alimentar. Sua atuação foi marcada pela capacidade de mobilizar diferentes grupos religiosos e sociais — católicos, cristãos e protestantes — em torno de objetivos comuns, reforçando o caráter coletivo e solidário das ações desenvolvidas.

Diante desse contexto, esta pesquisa foi orientada pela seguinte questão-problema: quais são e de que maneira os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire estão presentes nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Maria Dolores no Bairro Quarentenário em São Vicente - SP? O objetivo geral consiste em identificar os elementos da Pedagogia Crítica presentes nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores. Como objetivos específicos, buscou-se: (1) identificar e descrever os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire presentes nas práticas educacionais de Irmã Dolores; (2) identificar os aspectos que caracterizam o território como um possível “bairro educador”, a partir das iniciativas educativas e sociais promovidas; e (3) analisar a percepção de ex-alunos e de sujeitos que participaram da elaboração e execução dos projetos educacionais desenvolvidos no bairro.

O referencial teórico da pesquisa fundamenta-se, principalmente, no pensamento de Paulo Freire, que defende a construção de relações pedagógicas dialógicas entre educadores e educandos, bem como entre agentes públicos e comunidades. Para Freire, a educação problematizadora constitui-se como caminho para a superação das relações hierárquicas tradicionais, conforme afirma: “É através deste [da educação problematizadora, através do diálogo] que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador” (FREIRE, 2013, p. 95-96).

Essa concepção dialoga diretamente com a prática educativa de Irmã Dolores, que compreendia a educação como dimensão fundamental da luta por libertação e justiça social. Tal compreensão aproxima-se das reflexões de Ernani Maria Fiori, no prefácio de *Pedagogia*

do Oprimido, ao destacar que, em contextos de dominação, os sujeitos precisam lutar para conquistar o direito à palavra e à participação social (FREIRE, 2022).

Nesse sentido, Irmã Dolores investiu em ações educativas pautadas em valores humanistas, contemplando diferentes etapas e modalidades da educação, como Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional. Sua prática educativa estava alicerçada na convicção de que o processo educativo deve ser democrático, dialogal e profundamente conectado à realidade vivida pelos sujeitos. Para ela, o educador precisava adentrar o território, conhecer a comunidade e, a partir dessa vivência, reconstruir cotidianamente o processo de ensino-aprendizagem de forma coletiva e significativa.

Por fim, além de analisar as articulações entre o pensamento de Paulo Freire e as propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores, esta pesquisa buscou contextualizar o cenário socioeconômico e político-cultural do Bairro Quarentenário, no município de São Vicente, situando historicamente a atuação da religiosa e evidenciando as condições concretas nas quais suas práticas educativas se desenvolveram. Tal contextualização mostrou-se fundamental para compreender tanto as potencialidades quanto os limites das experiências educativas analisadas, reafirmando a educação como prática histórica, política e socialmente situada.

A presente dissertação está organizada em seções que buscam articular o percurso histórico, teórico, metodológico e empírico da pesquisa, de modo a possibilitar uma compreensão aprofundada da experiência educativa desenvolvida por Irmã Maria Dolores no Bairro Quarentenário, em São Vicente (SP), à luz da Pedagogia Crítica de Paulo Freire.

A primeira seção é dedicada à **Biografia de Irmã Maria Dolores**, personagem central desta investigação. Nela, são apresentados aspectos de sua trajetória pessoal, religiosa e social, evidenciando os valores humanistas, éticos e políticos que orientaram sua atuação junto às populações periféricas. A biografia é compreendida não como um relato meramente descritivo, mas como elemento fundamental para compreender a constituição de sua prática educativa, profundamente vinculada ao compromisso com os pobres, à justiça social e à educação como dimensão libertadora da vida humana.

Na sequência, a dissertação apresenta o **Histórico do Bairro Quarentenário**, localizado no município de São Vicente (SP). Essa seção tem como objetivo contextualizar o território no qual se desenvolvem as práticas analisadas, abordando sua formação histórica, suas condições socioeconômicas e os processos de marginalização que marcaram sua constituição. Ao situar o bairro como espaço historicamente invisibilizado pelo poder público, esta seção contribui para compreender o território como sujeito pedagógico e como espaço de

produção de saberes, lutas e resistências, em consonância com as reflexões de Paulo Freire e Miguel Arroyo.

A terceira seção aborda **A Teologia da Libertação**, destacando seus fundamentos históricos, teóricos e políticos, bem como sua relevância para a compreensão das práticas desenvolvidas por Irmã Dolores. Em seu subcapítulo, intitulado **A Teologia da Libertação e a Pedagogia da Libertação**, o texto estabelece um diálogo direto entre o pensamento teológico libertador e a Pedagogia Crítica de Paulo Freire, evidenciando convergências como a centralidade dos pobres, a opção pelos oprimidos, a valorização da práxis e o compromisso com a transformação social. Essa seção é fundamental para compreender o horizonte ético-político que orienta as ações educativas analisadas ao longo da pesquisa.

Na seção seguinte, intitulada **Caminhos Metodológicos da Pesquisa**, são explicitados os fundamentos epistemológicos, a abordagem qualitativa adotada, os procedimentos de produção de dados e as técnicas de análise utilizadas. Apresenta-se a opção pela pesquisa qualitativa de inspiração crítico-humanista e fenomenológico-hermenêutica, bem como o uso de entrevistas semiestruturadas, análise documental e Análise de Conteúdo Temática. Essa seção busca evidenciar o rigor metodológico da investigação e a coerência entre os objetivos da pesquisa, o referencial teórico e as escolhas metodológicas realizadas.

A seção de **Diálogos Teóricos** aprofunda o referencial conceitual que sustenta a análise, articulando as contribuições de Paulo Freire, especialmente no que se refere à Pedagogia Crítica, à educação como prática da liberdade e à formação da autonomia, com os aportes de Miguel Arroyo sobre educação, território e sujeitos periféricos. Essa seção consolida as categorias analíticas que orientam a leitura dos dados empíricos e fundamentam a interpretação das práticas educativas desenvolvidas no Bairro Quarentenário.

Na sequência, a dissertação apresenta a **Análise dos Cadernos**, compreendidos como registros pedagógicos e históricos das práticas educativas desenvolvidas no território. Essa seção busca analisar esses materiais como documentos que expressam concepções de educação, intencionalidades pedagógicas e processos formativos vivenciados ao longo do tempo, permitindo compreender como os princípios da Pedagogia Crítica se materializam no cotidiano das ações educativas.

Por fim, a seção intitulada **Análise das Vozes dos Participantes da Pesquisa** dedica-se à interpretação das entrevistas realizadas com os sujeitos envolvidos nas práticas educativas, preservando suas narrativas como expressões de memória, experiência e construção coletiva do conhecimento. A análise das falas busca identificar recorrências, sentidos e significados atribuídos à educação, evidenciando como os participantes percebem os impactos das práticas educativas em suas trajetórias de vida e no território. Essa seção

constitui o núcleo empírico da pesquisa, articulando os dados produzidos com o referencial teórico apresentado ao longo do trabalho.

Dessa forma, a organização da dissertação busca garantir uma leitura articulada e coerente entre contexto histórico, fundamentos teóricos, metodologia e análise empírica, reafirmando a educação como prática social, política e emancipatória nos territórios periféricos.

A pesquisa sobre Irmã Dolores assume relevância não apenas por preencher essa lacuna historiográfica, mas também por suscitar reflexões sobre o papel fundamental da educação na promoção da justiça social e na construção de territórios educadores. Sua trajetória pode servir como referência valiosa para o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas e emancipatórias, especialmente em contextos periféricos, onde as desigualdades sociais e a exclusão educacional são aspectos recorrentes. Ao explorar sua contribuição, espera-se fortalecer a compreensão sobre as dinâmicas educacionais que podem transformar realidades sociais e fomentar a autonomia dos sujeitos em contextos marginalizados.

2 BIOGRAFIA IRMÃ DOLORES

Maria Dolores Muñiz Junquera nasceu em 26 de fevereiro de 1926, na cidade de Gijón, situada na região das Astúrias, ao norte da Espanha. Proveniente de uma família numerosa, era filha de Eugênio Muñiz Olloqui e Carolina Junquera Prendes, sendo uma entre oito irmãos.

Figura 1 - Irmã Dolores



Fonte: <https://www.camaraguaruja.sp.gov.br/Noticia/Visualizar/110>

“Quando ainda tinha cinco anos, sua professora perguntou-lhe o que queria ser quando crescesse. Ela respondeu: ‘VOU SER FREIRA’. A professora retrucou duvidando: “Quero ver se você vai dizer a mesma coisa quando tiver 20 anos.” (AMARAL, 2018). Em resposta a esta professora, no dia 1.º de julho de 1948, ingressou como postulante na Congregação das Filhas de Maria Imaculada. No mesmo ano, em 27 de maio, professou seus votos perpétuos em Madri, Espanha. Durante a década de 1950, teve passagens pela França e Inglaterra, onde residiu por algum tempo e cursou dois anos da graduação em Medicina. Posteriormente,

transferiu-se de Londres para o Brasil, dando continuidade à sua trajetória religiosa como integrante da mesma congregação.

No Brasil, iniciou suas atividades missionárias em 1967, primeiramente na cidade de São Paulo e, em seguida, na região da Baixada Santista, onde desenvolveu um trabalho voltado à promoção social e educativa em comunidades periféricas. Na vida religiosa, adotou o nome de “Madre Covadonga de Vicenta Maria”, em homenagem à padroeira das Astúrias — Nossa Senhora de Covadonga — e à fundadora de sua congregação.

Maria Dolores tornou-se uma profunda estudiosa da Teologia, alinhando-se aos princípios da Teologia da Libertação, vertente progressista do pensamento teológico latino-americano. Suas referências teóricas incluíam nomes como Leonardo Boff, Carlos Mesters, Benedito Ferraro, Dom Pedro Casaldáliga, entre outros teólogos comprometidos com a justiça social, a defesa dos pobres e a valorização das culturas populares.

De aparência frágil, baixa estatura, cabelos brancos e olhos intensamente azuis, Maria Dolores Muñoz Junquera surpreendia por sua força interior, resistência física, firmeza na fala e sensibilidade incomum. Sua postura determinada e seu compromisso com os mais vulneráveis eram traços marcantes de sua trajetória. Movidada por uma profunda paixão pela causa dos “sem voz e sem vez”, optou por desligar-se da congregação religiosa a que pertencia, dedicando-se integralmente às populações carentes e excluídas.

Em 1970, “com apoio do Bispo Diocesano Dom David Picão, pediu licença para trabalhar fora da Congregação a fim de poder dedicar-se aos mais pobres” (AMARAL, 2018), então estabeleceu-se em São Vicente, onde passou a residir em uma palafita simples. Nesse contexto, fundou a JIP – Jockey Club Instituição Promocional –, entidade voltada à formação de jovens, especialmente mulheres, denominadas “legionárias”, preparadas para atuar nas comunidades com base em valores de solidariedade e justiça social. Ainda no mesmo Bairro, organizou o MOBREAL (Movimento de Alfabetização), o qual foi a primeira professora da organização.

Já em 1979, no município do Guarujá, colaborou ativamente na transferência de famílias que viviam em áreas de risco nos morros, contribuindo para a criação dos núcleos habitacionais que hoje correspondem aos Bairros Vila Zilda Natal e Vila Edna, além disso “instalou inúmeros equipamentos de atendimento como Posto de Saúde, escola infantil e Alfabetização de Jovens e Adultos” (AMARAL, 2018).

A partir de 1989, retomou seu trabalho em São Vicente, direcionando suas ações para a Área Continental, com ênfase nos Bairros Humaitá, Parque das Bandeiras, Samaritá e Vila Ponte Nova/Quarentenário — este último, posteriormente denominado Jardim Irmã Maria Dolores, em sua homenagem.

Ao conhecer o Quarentenário, sentiu-se compelida a viver e atuar diretamente na comunidade, assumindo o compromisso de contribuir para a melhoria das condições de vida da população local. Desde os primeiros momentos da ocupação da área, fez-se presente, mobilizando pessoas e recursos, com o seu auxílio “os barracos eram erguidos por meio de mutirão, em menos de 24 horas, e a população foi crescendo” (AMARAL, 2018). Com o apoio de um grupo de moradores, iniciou um trabalho de base por meio de visitas domiciliares e da organização de pequenos grupos que se reuniam nas moradias improvisadas. Dessa atuação surgiu a VIP – Vila Ponte Nova Instituição Promocional, atualmente conhecida como Associação Promocional Irmã Maria Dolores – VIP, entidade que se consolidou como referência na luta por direitos sociais, acesso à cidadania e promoção da dignidade humana. Dentre seus trabalhos educacionais podemos falar da Biblioteca Comunitária VIP, que até 2018 detinha um acervo de cerca de 3.800 títulos cadastrados, além de uma escola infantil que “teve seu início na Igreja e no Centro Comunitário, depois foram construídas duas salas anexas ao Centro Comunitário (AMARAL, 2018), a partir dessa expansão de salas de aula, essa primitiva unidade escolar se tornou a EMEI “Nossa Senhora da Esperança”. No ano de 1996, “com a ajuda de frades e de paroquianos da Igreja Santo Antônio do Embaré de Santos, irmã Maria Dolores construiu a EMEF Raul Rocha do Amaral”, principal centro educacional do Bairro, que atende desde o ensino básico infantil até o ensino fundamental anos finais.

Figura 2 - Fachada VIP



Fonte: <https://www.unisantos.br/anecebaixadasantista/wp-content/uploads/sites/13/2020/03/vip-SHOW.pdf>

Figura 3 - Fachada da escola Raul Rocha do Amaral - Quarentenário/ SV



Fonte: <https://www.bs9.com.br/litoral/escola-municipal-de-sao-vicente-recebe-segunda-visita-de-projeto-de/13071/>

2.1 PREMIAÇÕES E INDICAÇÕES

Ao longo de sua trajetória de vida dedicada ao serviço, Irmã Dolores foi reconhecida por diversas instituições e entidades por seu compromisso incansável com os mais pobres e necessitados, bem como por sua valiosa contribuição à educação. Suas ações inspiradoras renderam-lhe indicações e premiações que refletem a relevância de sua missão e o impacto de sua atuação na sociedade.

- Mulher do Ano – concedido pela Câmara Municipal de Vereadores de Santos;
- Cidadã Vicentina, em 02/06/2000 – concedido pela Câmara Municipal de Vereadores de São Vicente;
- Santo Dias de Direitos Humanos, em 08/12/2000, pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo;

Figura 4 - Entrega do Prêmio Santo Dias de Direitos Humanos



Fonte: acervo pessoal de São Francisco

- Indicada para concorrer ao Prêmio Nobel da Paz, em 2005, pela Assembléia Legislativa de São Paulo;

Figura 5 - Indicação a Prêmio Nobel da Paz em 2005

Ir. Dolores será indicada ao prêmio Nobel da Paz

A deputada federal Mariângela Duarte (PT/SP) indicará a irmã Maria Dolores Muniz Junqueira (São Vicente/SP) a uma das 25 vagas que o Brasil terá direito ao Projeto "Mil Mulheres" para o Prêmio Nobel da Paz para 2005.

O projeto tem por objetivo enviar à fundação promotora do Prêmio Nobel, com sede na Suécia, uma indicação conjunta de mil nomes de mulheres de todo o mundo para a disputa pelo Nobel da Paz do ano que vem. É uma iniciativa nascida na Europa e encabeçada pela Fundação Suíça Pela Paz e a Associação 1000 Mulheres, criada para esse fim.

A intenção dos organizadores do projeto é tornar visíveis as ações nas quais as mulheres estão empenhadas no dia-a-dia, em prol dos direitos, contra a violência, as guerras, as injustiças, a fome e todas as formas de discriminação. Segundo os organizadores do projeto, "entende-se que as mulheres, em geral, viabilizam a paz na medida em que empregam/promovem meios ativos e não violentos para a solução de conflitos; desenvolvem trabalhos de longa duração e sustentabilidade. Agem com coragem e responsabilidade."

Ir. Dolores coordena a Escola Profissionalizante Ir. Dolores Junqueira, no bairro Quarentenário, em S. Vicente. Foi também a criadora da Casa de Parto Natural e ajudou a implantar o posto de saúde no bairro, além de outras melhorias como água, luz e escolas.

A escolha final das mulheres brasileiras será feita através de um Grêmio Internacional, em novembro deste ano. A coordenadora brasileira é Clara Charf.

(Fonte: agência CLUT e Associação Mil Mulheres)



Ir. Dolores promovendo vida e paz na paróquia de São Vicente

Fonte: Jornal Presença Diocesana (Diocese de Santos/SP)

- *Irmã Maria Dolores – uma mulher que luta por um mundo melhor – Sócia Honorária pelo Rotary Clube de São Vicente;*
- *Medalha das Astúrias de Plata Oviedo, em 07/09/2005;*
- *Lançamento do Livro “Dolores do Evangelho Caminho de Santidade da Guerreira da Paz”;*
- *Cidadã de Guarujá, em 22/02/2006;*

Figura 6 - Irmã Dolores recebendo o título de Cidadã de Guarujá



Fonte: <https://www.camaraguaruja.sp.gov.br/Noticia/Visualizar/110>

- Cidadã Brasileira, Guarujá, em 21/03/2007;
- Medalha Honra ao Mérito Getúlio Vargas – dada em 27/11/2007, pelo Ministério do Trabalho, em Brasília;
- *Los Asturianos Más Destacados* – dado em 2005, em Astúrias, na Espanha;
- El título de “Hija Predilecta de Gijón” (Filha Predileta de Gijón) e “Príncipe das Astúrias” de Gijón, Espanha, em dezembro de 2007;
- Diploma: *Mulher Cidadã Carlota Pereira de Queiroz* – prêmio outorgado pelo Legislativo Federal, em Brasília.

3 HISTÓRICO DO BAIRRO QUARENTENÁRIO - SV

O Bairro Quarentenário está situado na zona periférica da cidade de São Vicente, no litoral do estado de São Paulo, em uma região comumente referida como área continental do município. Este território é interligado ao restante da cidade por meio de uma ponte, oficialmente denominada 'Ponte A Tribuna', a qual é popularmente conhecida como Ponte dos Barreiros.

Figura 7 - Visão de Satélite evidenciando o Bairro



Fonte: https://www.novomilenio.inf.br/sv/svBairro13.htm#google_vignette

A separação entre as áreas insular e continental por meio de uma ponte evidencia o descaso dos órgãos municipais em relação aos Bairros situados na área continental da cidade. Estes Bairros, em comparação com os da área insular, não recebem a devida atenção, como se comprova pela recente interdição da ponte dos Barreiros, no ano de 2019, que afetou diretamente a rotina de muitos moradores. Aqueles que estudam ou trabalham do outro lado da ponte tiveram que atravessá-la a pé, enfrentando condições adversas como o intenso calor ou a chuva, para poder acessar o transporte público. Como resultado, essa população foi

forçada a acordar mais cedo do que o habitual, a fim de chegar ao seu destino em horário oportuno (G1, 2019).

Figura 8 - População atravessando a Ponte dos Barreiros



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1653398671824507-ponte-dos-barreiros-em-sao-vice>

Essa situação não é inédita, pois remonta ao período em que os trens ainda eram um meio de transporte público comum. Já naquela época, os moradores do Bairro Quarentenário enfrentavam a carência de uma estação de trem logo após a ponte, sendo obrigados a desembarcar na estação do Bairro Rio Branco e caminhar cerca de 20 minutos até suas residências. Essa realidade só foi alterada quando uma figura central da nossa pesquisa, a religiosa Irmã Maria Dolores Junqueira, mobilizou a comunidade para uma manifestação. Em protesto pela construção de uma estação no local, os moradores se deitaram nos trilhos do trem, impedindo que este seguisse sua rota. Esse ato de resistência forçou as autoridades a atenderem a demanda, resultando na construção de uma base de estação no local, que solucionou o problema para a população. (OLIVEIRA, 2003)

Antes de se tornar um bairro residencial, a área era utilizada para abrigar o gado em quarentena, destinado ao abate, em um contexto que remonta ao auge do funcionamento dos frigoríficos. Com o avanço da industrialização e a posterior desativação das atividades frigoríficas na região, houve uma desocupação gradual por parte das empresas (OLIVEIRA, 2003). Esse processo abriu espaço para a ocupação por parte da população em situação de vulnerabilidade social, que passou a habitar o local de forma desordenada. No entanto, o crescimento populacional acelerado não foi acompanhado por políticas públicas ou infraestrutura urbana adequada. Por se tratar de uma ocupação não planejada, o Bairro permaneceu durante muito tempo à margem das atenções do poder público, sem acesso digno a serviços básicos como saneamento, saúde, transporte e educação. (OLIVEIRA, 2003)

Ao ser acionada, a Prefeitura de São Vicente alegou que, por se tratar de uma área considerada irregular, a legislação vigente não permitia a construção de equipamentos públicos, como posto de saúde e escola. Diante dessa negativa, Irmã Maria Dolores, com o apoio da ONG espanhola *Manos Unidas* e de colaboradores ligados à Igreja Católica, viabilizou a construção do Posto de Saúde e de um Centro Comunitário. Escola Municipal de Ensino Fundamental Raul Rocha do Amaral e da Igreja Nossa Senhora da Esperança. Diante das dificuldades enfrentadas pelas gestantes da região, que precisavam se deslocar até o centro da cidade para dar à luz, foi fundada por Irmã Dolores “o Centro de Parto Normal”, que ganhou o nome de Dr. David Filho, no qual desde 2003 recebe mulheres para ganharem seus respectivos filhos, iniciativa voltada à garantia de um atendimento mais acessível e humanizado para as mulheres do Bairro. Atualmente, esse espaço abriga o Posto de Saúde da Mulher. Com o intuito de ampliar o acesso à educação, ela também fundou a Escola Raul Rocha do Amaral, atendendo às demandas educacionais da comunidade local. Além disso, mobilizou esforços junto ao governo estadual para a implantação de uma unidade do programa “Bom Prato”, possibilitando à população o acesso a refeições completas e nutritivas ao custo simbólico de apenas um real — valor mais acessível para famílias em situação de vulnerabilidade. (OLIVEIRA, 2003)

Desde 2009, o Bairro anteriormente conhecido como Quarentenário passou a ser oficialmente denominado Jardim Irmã Maria Dolores, em homenagem à Irmã Maria Dolores Muñiz Junquera (Lei Complementar nº 546, de 3 de outubro de 2008). Ela foi idealizadora da VIP – Escola Profissionalizante Irmã Maria Dolores –, instituição que oferece oficinas e cursos em diversas áreas, como Informática, Manutenção de Microcomputadores, Costura Industrial, Panificação, Confeitaria, Elétrica Básica, Instalações, Assistente Administrativo, Artesanato,

Corte e Costura, entre outros. Essas atividades têm contribuído significativamente para o desenvolvimento da população local.

Durante a entrega do 4º Prêmio Santo Dias de Direitos Humanos, realizada no ano de 2000, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Irmã Maria Dolores ressaltou a centralidade da formação cidadã e do protagonismo juvenil na construção de uma sociedade comprometida com a justiça social e a defesa dos direitos humanos. Criado pela Resolução ALESP nº 779, de 18 de dezembro de 1996, o Prêmio Santo Dias tem como finalidade reconhecer e valorizar pessoas e entidades que se destacam na luta pela defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana, além de incentivar ações da sociedade civil e reafirmar o compromisso do Legislativo paulista com a promoção dos direitos humanos.

Ao evocar a memória de Santo Dias da Silva — líder operário metalúrgico, militante da Pastoral Operária, participante do Movimento Contra a Carestia e do Comitê Brasileiro pela Anistia, assassinado em 1979 durante uma greve pacífica em plena ditadura militar —, o prêmio inscreve-se simbolicamente na tradição das lutas populares contra a desigualdade e a violência de Estado. Nesse contexto, a fala de Irmã Maria Dolores adquire densidade histórica e política, ao afirmar que “nossos jovens precisam ser sementes de mudança e construtores de uma sociedade justa, fraterna e igualitária”, evidenciando sua compreensão da educação como prática cidadã, ética e transformadora, profundamente articulada à defesa dos direitos humanos e à formação de sujeitos comprometidos com a transformação social.

Além de seu papel fundamental na fundação e crescimento do Bairro, Irmã Maria Dolores tornou-se um símbolo de transformação social na região. O Jardim Irmã Maria Dolores ocupa uma área total de 1.884.405 m² e integra a Área Continental do município de São Vicente. Está localizado nas proximidades da Rodovia Padre Manoel da Nóbrega (Pedro Taques), que liga o município de Cubatão ao Litoral Sul, além de estar próximo à linha férrea e às Rodovias Anchieta e Imigrantes, na região vizinha ao Jardim Rio Branco.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, a população local é de aproximadamente 20 mil habitantes.

4 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A Teologia da Libertação constitui-se como um movimento teológico originado na América Latina, nas décadas de 1960 e 1970, “sobretudo quando a maior parte do continente estava dominada por regimes de ditadura militar” (MOREIRA, 2016, p.207), que propõe uma releitura crítica da tradição cristã à luz da realidade de pobreza, injustiça social e opressão estrutural vivenciada por grande parte da população do continente. Longe de configurar-se como mera resposta a condições socioeconômicas adversas, trata-se de “solidariedade com os pobres e a denúncia dos sistemas idolátricos que os sacrificam” (MOREIRA, 2016. p, 208), ou seja, uma elaboração teológica profundamente enraizada na fé cristã, que busca compreender a revelação divina a partir da perspectiva dos pobres e marginalizados, reconhecendo-os como sujeitos históricos e teológicos da ação libertadora de Deus.

O marco fundador da Teologia da Libertação é geralmente associado à obra do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, especialmente com a publicação de *Teología de la liberación: Perspectivas*, em 1971. No entanto, sua formulação teórica está intimamente relacionada com o novo clima eclesial inaugurado pelo Concílio Vaticano II (1962–1965), que promoveu uma renovação da teologia e da missão da Igreja, enfatizando sua dimensão pastoral, a valorização do laicato e o compromisso com o mundo moderno. Esse novo horizonte foi particularmente aprofundado na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín, em 1968, onde os bispos latino-americanos assumiram de forma explícita a “opção preferencial pelos pobres” como eixo da ação pastoral da Igreja no continente. Em sintonia com os apelos conciliares, os documentos de Medellín afirmaram que “a miséria é uma situação que clama ao céu” e denunciaram a injustiça social como uma forma estrutural de pecado que exige conversão pastoral e compromisso efetivo com a libertação dos povos oprimidos (CELAM, 1968). Esses encontros expressaram e criaram uma nova mentalidade na Igreja: “ela se abriu para a sociedade, mostrou preocupação para com a exclusão social dos pobres” (MOREIRA, 2016, p. 209). Nesse contexto, a Teologia da Libertação emerge não como ruptura, mas como aprofundamento da missão eclesial, ao insistir que o seguimento de Jesus Cristo exige engajamento com a transformação das estruturas injustas e com a promoção da dignidade humana.

Diferentemente de modelos teológicos tradicionais centrados exclusivamente na reflexão sistemática e dogmática, a Teologia da Libertação adota uma metodologia que integra análise da realidade social, reflexão crítica a partir da fé cristã e ação transformadora no

mundo. Trata-se de um modelo teológico que combina a escuta da Palavra de Deus com a escuta do clamor dos pobres, a quem a própria Escritura se refere de modo privilegiado. Nesse sentido, “a Teologia da Libertação ofereceu além da ‘mística’ e da espiritualidade, também muitas lideranças, uma infraestrutura organizacional e mesmo uma forte ajuda aos movimentos sociais” (MOREIRA, 2016, p. 213). Essa afirmação evidencia que a Teologia da Libertação não se limita ao campo da reflexão teórica, mas se manifesta concretamente em ações pastorais e comunitárias voltadas à transformação social e à defesa da dignidade humana. Um exemplo primordial dessa prática encarnada encontra-se na atuação da Irmã Dolores e em seus projetos sociais desenvolvidos no bairro Quarentenário, em São Vicente, que materializam os princípios da Teologia da Libertação ao promoverem inclusão, solidariedade e emancipação por meio da educação e do compromisso com os mais vulneráveis.

Essa perspectiva encontra ressonância, por exemplo, na proclamação de Jesus em Nazaré, conforme relatada em Lucas 4,18: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar boas-novas aos pobres; enviou-me para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos”. Essa declaração é interpretada, no horizonte da Teologia da Libertação, como um manifesto programático que orienta a missão cristã.

Em sua configuração fundamental, a Teologia da Libertação articula três dimensões complementares de libertação: a libertação política e econômica das estruturas de dominação; a libertação pessoal e existencial do pecado e da alienação; e a libertação escatológica, que aponta para a plenitude do Reino de Deus. Essa visão integral evita tanto o reducionismo espiritualista quanto o materialismo histórico estrito, propondo uma teologia que reconhece a ação de Deus na história e nas lutas dos povos por justiça. Nesse sentido, a Teologia da Libertação também reinterpreta a missão da Igreja. A evangelização deixa de ser vista como mera transmissão de doutrinas para tornar-se anúncio do Reino de Deus e denúncia das estruturas opressoras que contradizem os valores evangélicos. (OLIVEIRA, 2021)

Como afirma Leonardo Boff, “a libertação não é uma simples reforma social ou política, mas uma nova maneira de viver a fé, comprometida com o Deus que ouve o clamor do seu povo” (BOFF, 1986, p. 32). Conforme destaca Albuquerque (2016, p. 291), a Teologia da Libertação “constitui-se como uma reflexão que assume o anseio de ‘ser mais’ e a esperança de ‘mais vida’, que emerge da ampla busca do resgate da dignidade dos mais pobres e insignificantes”. Essa dimensão espiritual e social encontra seu fundamento nas palavras de

Jesus em Lucas 4,18: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar boas-novas aos pobres; enviou-me para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos.” Dessa forma, a Teologia da Libertação compreende que a Igreja é chamada a tornar-se, ela mesma, sinal de contradição e de esperança, comprometida com os pobres e com a transformação das estruturas de injustiça, e não cúmplice de poderes excludentes. É nesse compromisso histórico e espiritual que se revela o verdadeiro sentido da fé cristã: o amor libertador que se traduz em justiça, solidariedade e vida plena para todos.

Frei Betto, por sua vez, enfatiza o caráter profundamente espiritual da Teologia da Libertação. Para ele, “a espiritualidade libertadora é aquela que se faz no chão da vida, no compromisso com os empobrecidos, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna” (BETTO, 2002, p. 19). Essa espiritualidade não se opõe à contemplação, mas a integra em uma prática de solidariedade concreta, animada pelo Espírito que, como ensina o apóstolo Paulo, “intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8,26), especialmente nos corpos e nas histórias dos que sofrem.

Em síntese, a Teologia da Libertação constitui-se como uma hermenêutica teológica crítica que parte da realidade dos pobres e se desenvolve a partir de uma fé engajada com a transformação social, sem perder de vista a dimensão espiritual e escatológica da salvação cristã. Como tal, não é apenas uma reflexão teórica, mas uma práxis pastoral, profética e libertadora, que continua a interpelar profundamente as estruturas eclesiais e sociais, propondo uma leitura subversiva do Evangelho como boa-nova para os pobres e denúncia aos sistemas que negam a vida.

4.1 TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

A Teologia da Libertação e a Pedagogia da Libertação constituem dois movimentos intelectuais e práticos profundamente enraizados nas lutas históricas da América Latina. Ambas emergem como respostas ético-políticas à opressão estrutural e à exclusão social, articulando fé, razão e ação transformadora. Mais que correntes teóricas, configuram-se como práxis libertadoras, fundadas no compromisso com a emancipação dos oprimidos e na denúncia das estruturas que perpetuam a desigualdade, “de modo que, ao superarem as situações de opressão e o silenciamento que delas decorrem, as pessoas assumam o seu papel como cidadãos.” (OLIVEIRA, 2021. p, 69)

Segundo Chacon (2024), a Teologia da Libertação deve ser compreendida como uma dimensão religiosa da luta de classes latino-americana, que, longe de ser um movimento alienante, “demonstrou um vigoroso ímpeto social, educativo e mobilizador das classes populares”. Essa teologia nasce da fé encarnada no sofrimento do povo, transformando-se em um ato político e espiritual de resistência. Inspirada em Gustavo Gutiérrez, propõe uma reflexão crítica da práxis histórica, comprometida com a transformação das estruturas injustas e com o resgate da dignidade humana. Nesse mesmo horizonte ético e político, Freire (1978) enfatiza que “por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo conscientizam-se através do movimento dialético entre a reflexão crítica da ação anterior e a ação que segue no processo dessa luta”, o que reforça o caráter coletivo e processual da libertação tanto na prática teológica quanto na educativa.

No campo educacional, Paulo Freire desenvolve uma pedagogia que partilha da mesma matriz crítica que sustenta a Teologia da Libertação. Sua Pedagogia da Libertação parte da constatação de que a educação pode ser instrumento de dominação ou de emancipação, dependendo de como se relaciona com o saber e com o poder. Ao criticar o modelo bancário de ensino, Freire denuncia a prática escolar tradicional que reduz o estudante à condição de recipiente passivo do conhecimento, negando-lhe a autonomia e o direito de produzir sentido sobre a própria realidade. Em contraposição, propõe uma educação dialógica, participativa e transformadora, centrada na consciência crítica e na superação das relações opressoras. Como afirma o autor,

a educação para a liberdade não pode reduzir-se a libertar os educandos do uso do quadro negro para oferecer-lhes projetores de dispositivos. Pelo contrário, propõe-se, como práxis social, contribuir para a libertação dos homens da opressão a que se encontram submetidos, no seio da realidade objetiva (FREIRE, 1974, p. 18).

Assim, a pedagogia freiriana entende o ato educativo como prática política e ética, comprometida com a libertação integral do ser humano. Oliveira (2021) reforça essa perspectiva ao afirmar que tanto a Teologia quanto a Pedagogia da Libertação convergem na defesa da participação, do diálogo e da humanização como caminhos para a emancipação dos sujeitos e para a transformação social.

Essas duas perspectivas, teológica e pedagógica, encontram-se na noção freiriana de conscientização, compreendida como um processo de tomada de consciência das contradições sociais e históricas que configuram o mundo, possibilitando ao sujeito reconhecer-se como agente de transformação. A conscientização, nesse sentido, rompe com

o imobilismo e com as formas de alienação impostas pela opressão, tornando-se fundamento ético e político tanto da Pedagogia quanto da Teologia da Libertação. Conforme enfatiza Freire (1978, p. 30), “a dor que sofrem no processo de sua dominação leva-os a aceitar essa anestesia histórica, debaixo de cujo efeito procuram fortalecer-se para lutar contra o demônio e o pecado, deixando, contudo, intactas as causas reais da sua opressão. Por isso, não conseguem ver para além das situações concretas, o futuro como tarefa de libertação que deve nascer do seu esforço criador”. Essa reflexão revela a necessidade de uma educação e de uma fé libertadoras que superem a consciência ingênua e promovam uma leitura crítica da realidade.

Assim, tanto Freire quanto os teólogos da libertação — entre eles Boff, Gutiérrez e Frei Betto — defendem uma visão de ser humano em processo, inacabado e histórico, que se educa e se liberta ao transformar o mundo, tendo em vista que a “ação/educação humanizadora implica, antes de mais nada, na capacidade de enxergar as pessoas oprimidas como seres de direitos e de se posicionar diante da negação, do apagamento e exclusão” (OLIVEIRA, 2021, p. 68) A educação, portanto, assume um papel profético, que une espiritualidade e criticidade, tornando-se um ato de fé e de esperança na possibilidade de um mundo mais justo.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia adotada nesta pesquisa tem como base uma abordagem qualitativa, de enfoque fenomenológico hermenêutico (segundo Franco e Ghedin, 2011; Gil, 2024), visando compreender princípios pedagógicos freireanos das práticas pedagógicas de Irmã Dolores no contexto da comunidade do Quarentenário, em São Vicente.

A abordagem qualitativa de enfoque fenomenológico se destaca por permitir uma exploração profunda das percepções e significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa às suas experiências (GIL, 2024), o que se torna particularmente relevante para uma análise crítica e contextualizada das práticas pedagógicas desenvolvidas por Ir. Dolores segundo os sujeitos que viveram essas práticas e para a análise dos documentos

A pesquisa qualitativa se caracteriza pela busca por compreender e interpretar as experiências, significados e processos subjetivos dos indivíduos, sem a intenção de generalizar ou quantificar os dados (GIL, 2024). Em vez de se concentrar em variáveis isoladas, essa abordagem propõe uma investigação mais profunda das percepções, sentimentos e contextos dos participantes. O foco está nas dimensões subjetivas e na construção de sentidos que os sujeitos atribuem à sua realidade, sendo particularmente eficaz em situações em que se deseja compreender fenômenos complexos e multifacetados, como as práticas pedagógicas em contextos específicos. Segundo Denzin e Lincon, as características da pesquisa qualitativa baseiam-se no “conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível [...] Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam coisas dentro dos seus contextos naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhe atribuem” (2011, p. 3).

Com isso, o resultado final da pesquisa qualitativa reflete as vozes dos participantes, integrando, ainda, a reflexão crítica do próprio pesquisador. Esse conjunto de elementos permite uma compreensão mais profunda e contextualizada do fenômeno em estudo, promovendo um diálogo entre as percepções dos sujeitos e a análise interpretativa do pesquisador, em interação com o referencial teórico adotado.

Na pedagogia crítica, especialmente no pensamento de Paulo Freire, a fenomenologia se articula com a busca pela conscientização e transformação dos sujeitos, uma vez que valoriza a experiência subjetiva e o papel ativo dos educandos no processo de ensino-aprendizagem. Ao focar nas vivências de educadores e educandos, essa abordagem permite compreender como as práticas pedagógicas são percebidas, interpretadas e vivenciadas por esses sujeitos, pois “Sem fé nos homens, o diálogo é uma farsa” (FREIRE, 2022, p. 113)

Para o presente estudo, a escolha pela abordagem qualitativa de enfoque fenomenológico-hermenêutica se justifica pela necessidade de identificar os princípios freireanos nas práticas pedagógicas desenvolvidas por Ir. Dolores a partir da perspectiva daqueles que vivenciaram essas experiências:

A educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialética entre homem, mundo, história e circunstâncias. Sendo um processo histórico, não poderá ser aprendida por meio de estudos metodológicos que congelam alguns momentos dessa prática (GHEDIN,E.; FRANCO, M. A., 2011, p. 40).

No âmbito educacional, a abordagem fenomenológico-hermenêutica possibilita ainda uma análise aprofundada das práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva coletiva, ao priorizar a compreensão das experiências vividas pelos sujeitos envolvidos no processo educativo. Essa abordagem vai além da observação das práticas externas, direcionando-se para o entendimento do efeito que essas práticas têm nas vidas dos participantes:

O conhecimento humano é resultado dos limites e das possibilidades sociais que o dificultam ou o favorecem. Por conseguinte, nenhuma forma de conquista é totalmente individual, mas resulta desse esforço coletivo pertencente ao todo da sociedade. Reduzir o conhecimento ao indivíduo e premiá-lo individualmente constitui estratégia ideológica de dominação e cooptação do conteúdo do conhecido e do sujeito que o produz na ilusão da individualidade (Franco-Ghedin, 2011, p. 137).

A abordagem fenomenológico-hermenêutica se revela a mais adequada para responder à questão central da pesquisa, que busca identificar de que maneira os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire se manifestam nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário. Ao adotar essa metodologia, é possível capturar as dinâmicas de transformação social e resistência presentes no cotidiano dos educandos, as relações de poder entre a escola e a comunidade, entre a comunidade escolar propriamente dita, considerando não apenas a influência das práticas pedagógicas sobre eles, mas também como essas práticas são moldadas pelas percepções e vivências dos alunos e da comunidade. Dessa forma, essa abordagem possibilita uma análise mais profunda, revelando como os princípios freireanos — como a valorização da cultura local, a autonomia do sujeito e a educação como ferramenta de emancipação — são concretizados na prática educativa, especialmente em contextos periféricos.

Ao adotar essa perspectiva, busca-se acessar as interpretações e os significados atribuídos pelos sujeitos, investigando não apenas o que foi realizado, mas também o modo e as razões subjacentes às práticas pedagógicas.

5.1 CONSTRUÇÃO DE DADOS

A construção de dados é uma etapa fundamental para a elaboração de uma pesquisa qualitativa, pois permite que o pesquisador acesse as experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos do estudo. No presente trabalho, a construção de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e análise documental (registros pessoais da Ir. Dolores, entrevistas sobre a irmã Dolores em jornais e sites) procedimentos que possibilitam um estudo aprofundado do fenômeno em questão, considerando a vivência e os contextos dos participantes.

5.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas por sua flexibilidade e capacidade de proporcionar uma interação mais rica entre o pesquisador e os entrevistados. Esse tipo de entrevista permite ao pesquisador seguir um roteiro de questões previamente elaborado, mas ao mesmo tempo oferece espaço para que o entrevistado possa expandir suas respostas e compartilhar experiências e pontos de vista que não haviam sido antecipados, tendo em vista que “esta modalidade de entrevista tem como principal vantagem sua adequação às características do entrevistado” (GIL, 2024). O roteiro de entrevistas foi elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa, e as questões estão voltadas para a compreensão das experiências dos ex-alunos e colaboradores dos projetos educacionais de Ir. Dolores e para identificar os princípios pedagógicos de Freire nessas obras educacionais.

Serão realizadas 6 entrevistas, todas na residência dos entrevistados, com ex-alunos, colaboradores dos projetos educacionais desenvolvidos por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário, em São Vicente. Serão realizadas entrevistas com as diretoras da Escola Raul Rocha do Amaral, da época em que Irmã Dolores fundou o colégio, no ano de 1996, e da Associação Promocional Irmã Maria Dolores (VIP). A escolha por realizar as entrevistas na residência dos participantes visa garantir um ambiente confortável e familiar, propício para a livre expressão dos entrevistados. A seleção foi baseada na técnica de amostragem intencional (Patton, 2015), que permite selecionar sujeitos que possuem experiência direta com o fenômeno estudado.

Por isso, a escolha dos participantes foi baseada na proximidade e no trabalho educacional que desempenharam junto à Irmã Dolores, por pelo menos dois anos, sendo

identificados a partir da convivência da pesquisadora com a comunidade local, além de indicações feitas pela orientadora e por outros membros da comunidade que conheceram a Irmã Dolores. Adicionalmente, os próprios entrevistados indicaram outras pessoas durante o processo das entrevistas, criando um fluxo contínuo de identificação dos sujeitos envolvidos. Foram excluídas as pessoas que tiveram apenas interações esporádicas com a Irmã Dolores, para garantir maior profundidade nas análises.

A escolha dos participantes busca garantir uma amostra homogênea, sem predominância de um grupo sobre o outro, de modo que ex-alunos, colaboradores e o diretor da escola possam compartilhar diferentes perspectivas sobre as práticas pedagógicas, identificar os princípios freireanos e os efeitos dessas ações na vida dos envolvidos. Essa diversidade de perspectivas é fundamental para proporcionar uma análise mais ampla e abrangente das ações educativas realizadas por Irmã Dolores.

No entanto, é importante destacar que a amostra está sujeita a riscos de viés, uma vez que todos os participantes têm uma relação próxima com a figura de Irmã Dolores, seja por laços afetivos ou por sua participação direta nas atividades educacionais desenvolvidas por ela. Tal proximidade pode influenciar as respostas, levando a uma visão possivelmente idealizada ou afetiva das práticas pedagógicas, o que deve ser considerado durante a análise dos dados. A pesquisadora se atenta a essa questão, procurando equilibrar as interpretações, levando em conta as possíveis influências emocionais sobre as falas dos entrevistados, e procedendo à técnica da triangulação, contrastando essas respostas com as outras fontes, tais como os documentos, entrevistas em jornais e com o referencial teórico. (Denzin, Lincoln e Netz, 2007)

O Quadro 1. Perguntas da entrevista semiestruturada apresenta as questões iniciais formuladas para a entrevista semiestruturada, com o objetivo de começar o diálogo com o entrevistado. Essas questões foram elaboradas de forma a permitir um entendimento crítico dos temas centrais da pesquisa, em vista da compreensão das percepções e vivências do participante. A partir das respostas obtidas nas duas primeiras entrevistas, identificou-se a necessidade de incluir perguntas específicas sobre os princípios freireanos no roteiro previamente elaborado.

Quadro 1 - Perguntas da entrevista semiestruturada

n°	Perguntas elaboradas em agosto/2024
1	Traçando o perfil do entrevistado (nome, idade, estado civil, local de moradia, escolaridade, profissão, etc;)
2	Como você conheceu a irmã Dolores?
3	Qual traço da irmã Dolores você destacaria?
4	Quais lembranças você tem da irma Dolores na comunidade?

5	Você estudou na VIP ou na EMEF Raul Rocha do Amaral?
6	O que a irmã Dolores entendia por educação?
7	Qual papel da educação na organização do Bairro?
PERGUNTAS ACRESCENTADAS APÓS AS DUAS PRIMEIRAS ENTREVISTAS - janeiro/2025	
8	Como você descreveria o impacto da Ir. Dolores na sua formação educacional e pessoal?
9	Em sua experiência, a Irmã Dolores valorizava os saberes que os alunos traziam de suas vivências? De que maneira?
10	Você sente que as atividades educacionais da Irmã Dolores contribuíram para que os alunos compreendessem melhor sua realidade social e os desafios da comunidade?
11	Você conhece ex-alunos que, inspirados pela Irmã Dolores, se tornaram educadores ou agentes de transformação na comunidade?

Fonte: elaborada pela autora. Data: abril/2025

As entrevistas foram iniciadas somente após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), em conformidade com as normas e diretrizes estabelecidas para a realização de pesquisas envolvendo seres humano, determinada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), ligada ao Conselho Nacional de Saúde que orienta às Ciências Humanas, por meio da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

A aprovação do comitê foi essencial para garantir a integridade do processo de coleta de dados, assegurando a proteção dos direitos e o respeito à privacidade dos participantes. A privacidade dos indivíduos será rigorosamente assegurada por meio da utilização de pseudônimos, os quais serão baseados em nomes de teóricos da Teologia da Libertação em razão da afinidade teórica e ético-política com a Teologia da Libertação, corrente que fundamenta grande parte das reflexões e práticas analisadas nesta pesquisa, os pseudônimos atribuídos aos participantes foram escolhidos a partir de nomes de teóricos, religiosos e intelectuais vinculados a esse campo do pensamento. A Teologia da Libertação, amplamente reconhecida por seu compromisso com os pobres, os marginalizados e os sujeitos historicamente oprimidos, inspira-se em valores como a solidariedade, a humildade, a justiça social e a opção preferencial pelos pobres. Dessa forma, a escolha desses pseudônimos não se deu de maneira aleatória, mas como estratégia simbólica e metodológica que dialoga com o referencial teórico do estudo, reconhecendo a centralidade dessas figuras na construção de uma práxis crítica, ética e emancipadora, em consonância com os princípios que orientam a

atuação de Irmã Maria Dolores e as práticas educativas desenvolvidas no território investigado. Essa escolha simbólica reflete o caráter de empatia e respeito pelos entrevistados e pelo contexto da pesquisa. Além disso, todos os dados coletados serão armazenados de forma segura, sendo utilizados exclusivamente para os fins da pesquisa e divulgação científica, conforme estabelecido pelas normas éticas.

Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme exigido pelo comitê, em duas vias — uma para o entrevistado e outra para o entrevistador. Não houve nenhuma objeção à assinatura dos termos, e todos os direitos dos participantes foram devidamente informados tanto no momento da convocação para as entrevistas quanto antes do início de cada uma delas. As entrevistas foram registradas exclusivamente por meio de gravações de áudio, com o consentimento explícito de cada entrevistado, que foi obtido no início de cada entrevista, garantindo assim a transparência e o respeito à confidencialidade das informações fornecidas.

5.3 CADERNOS MANUSCRITOS POR IRMÃ DOLORES

No âmbito da pesquisa científica, o documento constitui-se como uma fonte essencial de informações, cuja função é subsidiar a análise e a construção do conhecimento a partir de registros já existentes. Considerado um artefato material que contém dados ou informações relevantes sobre determinado objeto de estudo, o documento pode assumir diversas naturezas — escritas, iconográficas, audiovisuais ou digitais — e provém tanto de instituições formais quanto de produções informais do cotidiano social.

O documento é entendido como uma evidência empírica que contribui para a compreensão de fenômenos sociais, históricos, educacionais ou culturais. Ao ser incorporado ao processo investigativo, ele não é tomado apenas como um dado bruto, mas como expressão de contextos, intencionalidades e relações de poder que precisam ser interpretadas criticamente. Assim, a leitura do documento requer não apenas descrição, mas análise, interpretação e contextualização.

A escolha e a utilização de documentos em uma pesquisa devem estar alinhadas aos objetivos do estudo e ao seu referencial teórico-metodológico. Documentos oficiais, como legislações, relatórios institucionais, atas e diretrizes, por exemplo, são frequentemente utilizados em pesquisas qualitativas, especialmente na área da educação, por expressarem posicionamentos políticos, normativos e organizacionais. Por outro lado, também ganham relevância documentos produzidos em contextos não institucionais, como cartas, diários, registros escolares, fotografias e produções midiáticas, que revelam aspectos subjetivos, culturais e identitários.

Desse modo, o documento, enquanto objeto de análise, ultrapassa sua materialidade e torna-se um elemento fundamental para a interpretação do real, contribuindo para a densidade analítica da pesquisa. Sua utilização demanda um olhar ético, criterioso e reflexivo, especialmente no que se refere à sua autenticidade, à validade das informações e à preservação dos direitos dos sujeitos envolvidos.

Tendo em vista a importância das documentações para a construção da pesquisa, além das entrevistas semiestruturadas, foi realizada análise documental nos escritos por Ir. Dolores, bem como em outras fontes disponíveis na internet relacionadas aos seus projetos educacionais. A análise de tais documentos permitiu compreender melhor o contexto e os fundamentos das práticas pedagógicas que foram implementadas e ajudará a corroborar ou complementar os relatos obtidos nas entrevistas.

5.4 CADERNOS

O que está sendo denominado de “Cadernos” nesta pesquisa refere-se a uma série de textos manuscritos de autoria de Irmã Dolores, encontrados com o apoio da Capela de Nossa Senhora da Esperança, localizada no Bairro Quarentenário, em São Vicente (SP). Esses documentos foram identificados durante o processo de elaboração da pesquisa, em um momento de diálogo com o pároco local, Padre Luciano Barbosa Souza.

Durante uma das conversas iniciais com o padre, nas quais foi apresentado o objetivo da pesquisa e seu foco nas ações pedagógicas e comunitárias de Irmã Dolores, ele compartilhou que, ao realizar reformas na casa paroquial, havia encontrado alguns cadernos antigos entre os pertences guardados no local. Após verificar o conteúdo dos materiais, identificou-se que se tratava de escritos originais de Irmã Dolores, que abordavam reflexões pessoais, registros de atividades pastorais e educacionais, anotações de encontros com a comunidade.

Reconhecendo o valor documental e histórico desses registros para a pesquisa, o padre os entregou à pesquisadora, que passou a tratá-los como uma das principais fontes primárias da investigação. Esses cadernos passaram, então, a integrar o *corpus* documental da pesquisa, possibilitando um olhar mais aprofundado e direto sobre a atuação de Irmã Dolores, sua linguagem, seus valores e seus referenciais teóricos, especialmente no que tange à educação popular e à pedagogia libertadora.

A partir da Leitura Flutuante, conforme a Análise de Conteúdo Temática (Bardin), nos documentos encontrados, é possível fazer a seguinte identificação e caracterização:

QUADRO 2 – CADERNOS MANUCRISTOS DE IR. DOLORES

NOME	TIPO DE ESCRITA	ANO	TEMAS
CADERNO 1	MANUSCRITO	1980	<ul style="list-style-type: none"> • Moral fundamental • Introdução a Teologia • Teologia Pastoral • Antropologia • Epistemologia • História da Igreja
CADERNO 2	MANUSCRITO	1981	<ul style="list-style-type: none"> • Moral das virtudes • Ação libertadora • Antropologia do Poder • Antigo Testamento • Novo Testamento • História da Igreja • Ideologia e Fé
CADERNO 3	MANUSCRITO	1982	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução aos sacramentos • Diretório canônico • Cristologia • História da Igreja Contemporânea
CADERNO 4	MANUSCRITO	1981	<ul style="list-style-type: none"> • Ciências Políticas • Povo... O que é? • Construção de um povo livre • Identidade do povo • Economia Política
CADERNO 5	MANUSCRITO	1983	<ul style="list-style-type: none"> • Escatologia • Teologia da Graça • Existencialismo x Liberal • Moral Sacramentária • Utopias da Bíblia • Ideologia da Resistência e projeto de integração
CADERNO 6	MANUSCRITO	1983	<ul style="list-style-type: none"> • Síntese teológica • Religião popular x Religiosidade popular • Igreja numa sociedade de conflitos •
CADERNO 7	MANUSCRITO	1996	<ul style="list-style-type: none"> • Diretrizes da Ação Evangelizadora
CADERNO 8	MANUSCRITO	1985	<ul style="list-style-type: none"> • Práxis Cristã na realidade latino-americana

			<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade individual e estruturas sócio-históricas • Poder • Doutrina social da Igreja • Moral sociamentária – Moral sexual • Sexualidade nas ciências humanas
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora. Data: abril/2025

Figura 9 – Cadernos manuscritos por Ir. Dolores



Fonte: registrada pela autora

5.5 OUTROS DOCUMENTOS

Além dos Cadernos Manuscritos de Irmã Dolores, foram coletados registros históricos provenientes de diversas fontes online e materiais adicionais obtidos junto a diferentes interlocutores e canais de informação. Entre essas fontes, destacam-se jornais impressos e digitais, como o *Presença Diocesana* — veículo oficial da Diocese de Santos — e o jornal *A Tribuna*, que, ao longo dos anos, noticiou eventos e ações sociais envolvendo a atuação de Irmã Dolores no Bairro Quarentenário e em outras regiões da Baixada Santista. Esses jornais foram acessados por meio de acervos físicos e digitais, contendo reportagens, entrevistas e registros de homenagens realizadas à religiosa.

Também foram consultados sites institucionais e portais de notícias locais, cujos conteúdos forneceram informações complementares sobre a trajetória da missionária e os impactos de seus projetos educacionais e pastorais. Adicionalmente, foram identificados e utilizados podcasts com depoimentos de membros da comunidade e entrevistas com pessoas

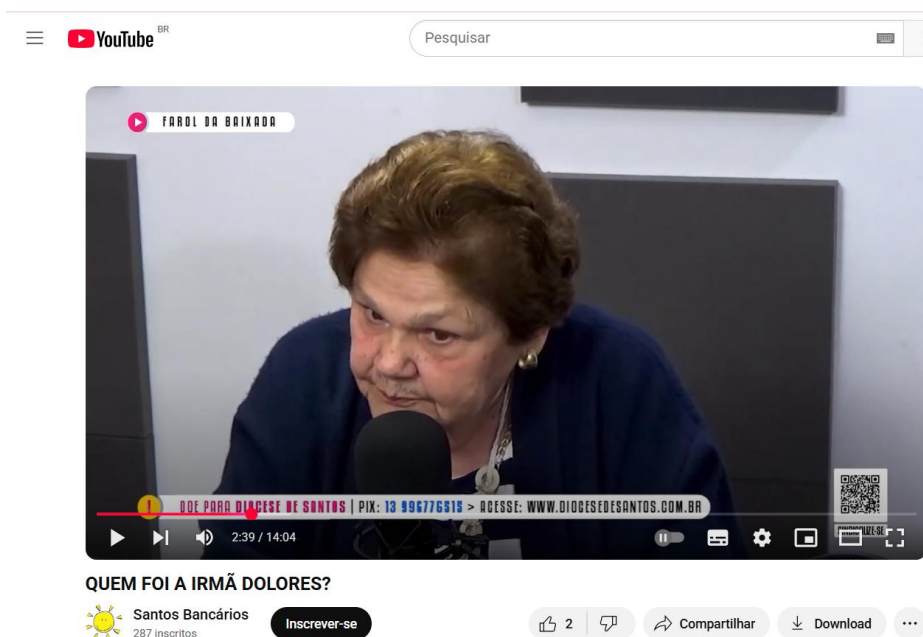
que conviveram com Irmã Dolores, os quais ofereceram uma narrativa oral complementar às fontes escritas, possibilitando a ampliação da compreensão sobre sua atuação e legado.

Figura 10 – Site VIP – Associação Promocional Irmã Maria Dolores



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8tyCMisJjcE>

Figura 11 – PODCAST sobre a Importância da Irmã Dolores



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8tyCMisJjcE>

Outro conjunto relevante de materiais inclui fotografias e documentos pessoais, como cartas, registros de reuniões, certificados e panfletos, fornecidos por ex-alunos e colaboradores entrevistados. Esses itens foram obtidos durante as entrevistas e encontros com os participantes da pesquisa, e se encontram em formato físico (papel e fotografia revelada) e digital (imagens escaneadas ou enviadas por meio eletrônico).

Todo esse acervo já foi analisado, catalogado e sistematizado, com o objetivo de avaliar sua relevância histórica, simbólica e pedagógica para o desenvolvimento e aprofundamento desta pesquisa. A diversidade de formatos — textos, áudios e imagens — contribui significativamente para a riqueza documental do estudo, possibilitando um olhar mais amplo e multidimensional sobre a vida e a obra de Irmã Maria Dolores. Destaca-se, nesse conjunto, o uso mais aprofundado dos **cadernos**, que se constituíram como fontes privilegiadas para a elaboração da pesquisa, uma vez que registram práticas, reflexões, experiências educativas e processos formativos diretamente vinculados à atuação de Irmã Dolores.

5.6 ANÁLISE DE DADOS

A Análise de Dados coletados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo Temática, conforme proposta por Bardin (2021), que se configura como um conjunto de técnicas que possibilita a identificação, organização e interpretação de informações provenientes de textos, discursos ou outros tipos de dados qualitativos. Esta abordagem facilita a categorização dos conteúdos em temas ou unidades de significado, o que contribui para uma compreensão mais profunda das mensagens subjacentes nos materiais analisados. A análise seguirá três etapas fundamentais, conforme descrito a seguir:

1. **Pré-análise:** “[...] esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.” (BARDIN, 2021) Por tanto, neste momento da pesquisa, os dados (cadernos, entrevistas, fotografias...) serão organizados e lidos integralmente, a fim de proporcionar uma visão geral do conteúdo coletado. O objetivo principal é familiarizar-se com os dados, identificando a totalidade das informações antes de proceder para uma análise mais detalhada. Essa fase prepara o terreno para as etapas subsequentes, oferecendo uma base sólida para a exploração mais específica do material.

2. **Exploração do material:** Na segunda etapa, foi realizada a identificação das categorias emergentes, ou prévias, a partir da leitura atenta e sistemática dos dados. Durante essa fase, os conteúdos foram organizados em categorias ou temas que reflitam as questões centrais da pesquisa. As categorias foram construídas com base nos elementos recorrentes nos relatos dos entrevistados, com o intuito de captar princípios freireanos da pedagogia crítica. Esse processo "consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas" (BARDIN, 2021).
3. **Interpretação dos resultados:** Na fase final, os resultados foram analisados à luz do referencial teórico da pedagogia crítica, especialmente as contribuições de Paulo Freire. A interpretação foi orientada pela busca de compreender como os projetos educacionais da Irmã Dolores, relatados pelos entrevistados, se relacionam com os princípios da pedagogia crítica, como a valorização da cultura local, a autonomia do sujeito e a educação como ferramenta de emancipação. Esta etapa visa integrar as categorias identificadas ao arcabouço teórico, promovendo uma análise reflexiva e crítica sobre os dados. Nesse momento, "o analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos — ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas" (BARDIN, 2021).

Dessa forma, a análise seguiu um processo estruturado e rigoroso, que permitiu uma compreensão aprofundada das práticas pedagógicas e dos seus efeitos, sempre à luz dos conceitos centrais da pedagogia crítica.

Além de contribuir diretamente para a análise das práticas educativas de Irmã Dolores à luz da pedagogia crítica (objetivo específico 1), a metodologia também permitiu desdobramentos importantes em relação aos demais objetivos da pesquisa.

Essa metodologia foi particularmente adequada para a presente pesquisa, pois permitiu uma compreensão aprofundada das práticas pedagógicas e das narrativas dos entrevistados, com foco nos aspectos significativos relacionados à pedagogia crítica de Paulo Freire e às experiências educativas de Irmã Dolores, presente no primeiro objetivo específico desta pesquisa.

Quanto ao objetivo específico 2, que visa identificar os aspectos do conceito de "Bairro educador" nas iniciativas educativas e sociais promovidas por Irmã Dolores, a Análise de Conteúdo Temática se mostra particularmente adequada, pois possibilitou a identificação de categorias e subcategorias que representem elementos do conceito de "Bairro educador" nas narrativas. A análise de textos, entrevistas e registros históricos permitiu captar como Irmã

Dolores incorporou esse conceito em suas ações pedagógicas, além de possibilitar a comparação e interpretação de como o contexto social e educativo de seu trabalho se articula com a proposta freiriana de educação popular e comunitária.

Em relação ao objetivo específico 3, que busca analisar a percepção dos ex-alunos e de outros sujeitos envolvidos na elaboração dos projetos educacionais de Irmã Dolores, a metodologia proposta permitiu examinar, de maneira detalhada, as narrativas desses indivíduos, buscando identificar como percebem as práticas pedagógicas e as influências de Paulo Freire em sua formação. Através da categorização das falas dos ex-alunos e colaboradores, foi possível entender as experiências vividas, a percepção das mudanças nas dinâmicas educacionais e sociais e as contribuições do trabalho de Irmã Dolores na construção de uma educação transformadora. Assim, a Análise de Conteúdo Temática não só oferece uma leitura das experiências e percepções, mas também permite uma compreensão profunda dos sentidos atribuídos pelos sujeitos aos processos educativos vivenciados.

6 DIÁLOGOS TEÓRICOS

6.1 SOBRE PEDAGOGIA CRÍTICA

A pedagogia crítica, conforme proposta por Paulo Freire, assume uma posição central em estudos que buscam transformar a educação em um espaço de reflexão, conscientização e emancipação dos sujeitos, pois a “educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação” (prefácio pedagogia do oprimido, 2022, pág 11). Fundamentada na compreensão da educação como um ato político, a abordagem freiriana enfatiza a relação dialógica entre educador e educando, entendida como um processo de troca e construção conjunta do conhecimento. Freire desafia o modelo de ensino que se baseia na transmissão unilateral de saberes, e propõe uma educação que privilegia a autonomia, a crítica e a reflexão sobre a realidade social dos sujeitos, com vistas à transformação dessa realidade, pois “tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina.” (FREIRE, 2022, p. 76)

No contexto da pesquisa em questão, a pedagogia crítica de Freire é particularmente relevante, pois oferece uma lente teórica que permite compreender as práticas pedagógicas de Ir. Dolores, não apenas sob o ponto de vista de sua execução, mas também em relação aos seus significados (relevância, importância) na formação dos sujeitos envolvidos. A proposta de Freire de uma educação libertadora, que visa a conscientização (ou conscientização) dos sujeitos sobre suas condições de vida e sobre as estruturas de poder que os condicionam, tendo em vista que “(...) dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens.” (FREIRE, 2022, p. 109). Estas palavras ressoam diretamente com o propósito desta pesquisa, que busca interpretar as práticas pedagógicas a partir das experiências e percepções dos sujeitos que as vivenciaram.

Ao adotar a pedagogia crítica como referencial teórico, esta pesquisa se alinha a uma concepção de educação que reconhece o sujeito como protagonista do próprio aprendizado e da própria transformação por meio do diálogo. Como afirma Freire: “Sem fé nos homens, o diálogo é uma farsa” (FREIRE, 2022, p. 113). Essa abordagem torna-se essencial para a análise das práticas pedagógicas em contextos periféricos, pois permite que o olhar do pesquisador vá além da simples descrição das ações educativas, promovendo uma reflexão crítica sobre seus impactos na formação de sujeitos autônomos, críticos e comprometidos com a transformação da realidade.

A pedagogia crítica, conforme concebida por Freire, contrapõe-se radicalmente à lógica opressora da chamada “educação bancária”, modelo em que o conhecimento é depositado

nos alunos de forma passiva, negando-lhes a possibilidade de serem autores de sua própria formação. Para o autor, essa educação, ao “servir à dominação, inibe a criatividade (...) nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se” (FREIRE, 2022, p. 101). Em oposição, a educação problematizadora propõe uma prática pedagógica fundamentada no diálogo, na reflexão e na ação coletiva, em que os educandos são sujeitos ativos na construção do saber e de seu próprio mundo.

Nessa perspectiva, a educação deixa de ser um instrumento de adaptação ao sistema dominante para tornar-se um caminho de resistência e emancipação. Ao valorizar as narrativas, os saberes e as vivências das comunidades periféricas, a pedagogia crítica promove o reconhecimento da identidade cultural local e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Investir nessa abordagem é essencial para romper com estruturas de desigualdade histórica, possibilitando que os educandos se vejam como agentes de mudança social. Como afirma Freire, “para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação” (FREIRE, 2022, p. 105).

Miguel Arroyo, em sua análise sobre a educação em contextos periféricos, entende a educação como muito mais do que a simples transmissão de conhecimento: ela é uma ferramenta potente de resistência, emancipação e fortalecimento da cidadania. Para ele, a escola nas periferias deve ser concebida como espaço de enfrentamento das desigualdades sociais, econômicas e culturais, atuando na promoção dos direitos humanos e na valorização dos sujeitos historicamente marginalizados. Como destaca o autor, “a força pedagógica do conhecimento, sobretudo crítico, como formadora de novos cidadãos, sujeitos críticos, conscientes, instruídos, racionais, participativos, se defronta com essas Outras Pedagogias” (ARROYO, 2014, p. 64).

Nesse sentido, Arroyo defende a urgência de modelos pedagógicos que reconheçam e valorizem as culturas locais, os saberes populares e as vivências das comunidades. A educação, para ser efetivamente transformadora, deve refletir a realidade concreta dos sujeitos, respeitando suas perspectivas de mundo e incorporando-as ao processo de ensino-aprendizagem. Ao afirmar que, “na medida em que os coletivos populares se fazem presentes, formando-se em Outras Pedagogias mais radicais, passa a exigir o repensar como foram pensados e em que pedagogias sacrificiais foram inferiorizados” (ARROYO, 2014, p. 63), o autor aponta para a necessidade de superar práticas pedagógicas excludentes e descontextualizadas.

Arroyo propõe que a educação se afaste do modelo padronizado e descolado da realidade — muitas vezes identificado com a “educação bancária”, criticada por Paulo Freire

— e caminhe em direção a um currículo flexível, dinâmico e participativo. Essa concepção propõe uma construção coletiva do saber, envolvendo educadores, alunos e comunidades, e promovendo o reconhecimento da identidade cultural e da história de vida de cada sujeito. Como afirma o autor: “seus saberes, leituras de mundo e de si sejam reconhecidos na diversidade de processos pedagógicos, de ensino-aprendizagem” (ARROYO, 2014, p. 16).

Assim, a educação crítica e reflexiva torna-se agente de transformação social, permitindo que os indivíduos se reconheçam como sujeitos de direitos e como protagonistas da mudança. Arroyo reforça que, “na medida em que os grupos sociais subalternizados desconstroem as imagens em que foram pensados, abrem caminho para reconformar o próprio campo do conhecimento e das teorias pedagógicas socioeducativas” (ARROYO, 2014, p. 59). Essa concepção se articula aos princípios da pedagogia crítica, ao defender uma prática educativa que não apenas revele as desigualdades, mas que também prepare os sujeitos para combatê-las, contribuindo na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

O conceito de **bairro educador** dialoga diretamente com as reflexões de Miguel Arroyo sobre os territórios populares como espaços de produção de saberes, identidades e práticas pedagógicas próprias. Em *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*, Arroyo afirma que “os outros sujeitos entram na história não apenas como destinatários de políticas e pedagogias, mas como sujeitos de conhecimento, de cultura e de direitos” (ARROYO, 2012, p. 31). Nessa perspectiva, o bairro deixa de ser compreendido apenas como espaço físico ou administrativo e passa a ser reconhecido como território educativo, no qual se constroem aprendizagens a partir das experiências concretas de vida, das lutas sociais e das formas coletivas de organização. Para o autor, “as pedagogias que emergem dos territórios populares nascem das vivências de negação de direitos, mas também das resistências e da afirmação da dignidade humana” (ARROYO, 2012, p. 45). Assim, o bairro educador constitui-se como espaço formativo ampliado, no qual educação, cultura, trabalho, solidariedade e participação política se entrelaçam, produzindo processos educativos que extrapolam a escola e reafirmam os sujeitos periféricos como protagonistas de sua própria formação e da transformação social.

Assim, a pedagogia crítica não apenas propõe um novo modo de ensinar, mas inaugura uma nova maneira de existir e de se posicionar no mundo: de forma crítica, consciente e transformadora.

6.2 O ESTADO DA QUESTÃO

O Estado da Questão consiste em um levantamento crítico e analítico das produções acadêmicas e científicas já consolidadas sobre o tema de pesquisa. Esta etapa é essencial para posicionar o estudo no contexto do conhecimento previamente produzido,

identificar lacunas e tendências relevantes, além de evidenciar as contribuições significativas que fundamentam a originalidade e a pertinência da pesquisa proposta. No contexto desta dissertação, o estado da questão visa aprofundar as discussões sobre o conceito de "Bairro educador", a educação emancipatória, a pedagogia crítica, a realidade dos Bairros periféricos e a atuação da Irmã Dolores, com o intuito de compreender as interconexões entre esses elementos e como eles podem enriquecer o campo da educação crítica.

Os descritores empregados na revisão bibliográfica foram selecionados com base na relevância central que ocupam em relação ao objeto de estudo da pesquisa. Esses descritores são:

1. Bairro Educador: Refere-se à concepção de que o território onde a escola está inserida pode atuar como um espaço de aprendizagem e transformação social, promovendo a integração da comunidade ao processo educativo. Essa perspectiva considera o Bairro como um agente ativo no desenvolvimento educacional e social. (CAETANO, 2015)
2. Educação Emancipatória: Trata-se de práticas pedagógicas que buscam promover a autonomia, a capacidade crítica e a transformação social, rompendo com modelos educacionais tradicionais e autoritários. A educação emancipatória visa, portanto, o empoderamento dos indivíduos e o fortalecimento de suas capacidades para agir de forma transformadora no contexto social. (FREIRE, 2022)
3. Pedagogia Crítica: Fundamentada nas obras de teóricos como Paulo Freire, a pedagogia crítica enfatiza a educação como ferramenta de conscientização e mobilização para a luta contra as desigualdades sociais e a opressão. A partir dessa abordagem, a educação assume um caráter transformador, voltado para a reflexão crítica sobre as estruturas sociais dominantes. (FREIRE, 2022)
4. Irmã Dolores: Figura histórica que atuou em Bairros periféricos, com foco na promoção da educação e da inclusão social. Apesar de sua relevante contribuição, a trajetória de Irmã Dolores ainda carece de estudos acadêmicos aprofundados, especialmente no que diz respeito ao impacto de sua ação na educação crítica e emancipatória em contextos marginalizados. (AMARAL, 2018)

Esses descritores são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, pois permitem articular as dimensões teóricas e práticas do estudo, estabelecendo conexões entre a educação crítica e as realidades territoriais das periferias, bem como com as experiências educativas que promovem transformações sociais. Ademais, possibilitam situar a pesquisa no campo da educação, destacando sua relevância para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, emancipadoras e voltadas para a promoção de justiça social.

Durante a revisão bibliográfica, realizada em bancos de dados reconhecidos, como o da CAPES, não foram identificadas produções acadêmicas que abordassem diretamente a figura de Irmã Dolores. Essa lacuna evidência a necessidade de estudos que resgatem e analisem sua trajetória, bem como suas contribuições para a educação em Bairros periféricos. A inexistência de investigações sobre sua atuação no campo da educação crítica reforça a originalidade desta dissertação, destacando seu potencial para expandir o entendimento sobre práticas educativas transformadoras em contextos de vulnerabilidade social.

6.3 DESCRITOR: BAIRRO EDUCADOR

Quadro 3 - Filtros utilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Tipo de produção	Ano	Grande área do conhecimento	Área do conhecimento	Área de concentração
Mestrado (dissertação)	2020 2021 2022 2023	Ciências humanas	- Educação -Educação em periferias urbanas	- EDUCAÇÃO - EDUCAÇÃO - PROCESSOS FORMATIVOS E DESIGUALDADES SOCIAIS - EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO EM PERIFERIAS URBANAS

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro/2025

Os filtros selecionados visam refinar a abordagem do tema proposto, assegurando a pertinência e a profundidade da análise. Para isso, optou-se por incluir dissertações de mestrado que compreendem o período de 2020 a 2023, estabelecendo um recorte temporal de quatro anos de pesquisas focadas na temática em questão. A grande área do conhecimento escolhida foi Ciências Humanas, com especialização nas áreas de Educação e Educação em Periferias Urbanas. Além disso, foram adotadas as áreas de concentração: Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais e Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. A definição desses critérios de seleção permitiu uma abordagem mais precisa e contextualizada da temática, garantindo a relevância e a atualização dos estudos analisados.

Quadro 4 - OBRAS ESCOLHIDAS COM O DESCRITOR BAIRRO EDUCADOR

ANO	IES	Autor	Título	PALAVRA-CHAVE	GRAU
2023	UFF	Francisco da silva Alves	Pedagogia social no contexto das vulnerabilidades de crianças no Bairro caramujo, niterói/rj: contribuições do projeto pipas-uff	Pedagogia social	MESTRADO
2021	UFSC	MAMADU MUSTAFA BARI	ASSOCIAÇÃO DE BAIRRO COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICO- EDUCATIVA PARA JOVENS GUINEENSES	Cidadania	MESTRADO
2022	UEPA	JOAO DO ESPIRITO SANTO LIMA MALCHER JUNIOR	CURSO POPULAR TF LIVRE: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR NO BAIRRO-TERRITÓRIO DA TERRA FIRME, BELÉM-PA	Educação Popular	MESTRADO
2022	UFSC	Rafael Márcio	Engajamento político no Levante Popular da Juventude: uma análise sobre os jovens do Cursinho Podemos Mais Heliópolis/SP	Engajamento Político Juvenil	MESTRADO

TÍTULO	AUTOR	RESUMO	CATEGORIAS EMERGENTES
Pedagogia social no contexto das vulnerabilidades de crianças no Bairro caramujo, niterói/rj: contribuições do projeto pipas-uff	Francisco da silva Alves	<p>O presente estudo, desenvolvido em conformidade com a linha de pesquisa Políticas, Educação, Formação e Sociedade (PEFS) da Universidade Federal Fluminense (UFF), apresenta uma investigação sob o viés da Pedagogia Social no contexto de vulnerabilidades de crianças que residem no Bairro Caramujo, na cidade de Niterói/RJ, e as contribuições do projeto PIPASUFF. Para tanto, a pesquisa parte da própria trajetória de vida do pesquisador, sujeito oriundo da educação popular, trazendo, em forma de narrativa, a problemática histórica da migração nordestina para os grandes centros urbanos do Brasil, bem como o contexto de desigualdade do país e as vulnerabilidades encontradas nas favelas. Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca, na metodologia da pesquisa participante e aprofundamento teórico acerca da Pedagogia Social, alternativas pedagógicas e preventivas dos sujeitos vulneráveis de espaços esquecidos pelo poder público, assim como pensar em um trabalho oferecido a essa população capaz de ampliar as oportunidades no local de origem desses sujeitos. Este estudo possui a fundamentação teórica em autores como Freire (1989, 1992 e 1996), ao trazer uma Pedagogia Crítica e uma educação humanizada; Caliman (2006), ao discutir sobre "estudantes em situação de desvantagem e risco social"; Cardoso (2018), que reflete sobre o processo de urbanização das favelas no Brasil; Ojima (2015), com uma breve contextualização da migração nordestina; Araújo (2015), ao abordar a Pedagogia Social para o século XXI, dentre outros autores que contribuíram para alicerçar os caminhos da pesquisa em curso, em destaque Minayo (2009), com os procedimentos da pesquisa social. Como procedimento metodológico da pesquisa, ajudaram a subsidiar o presente estudo as experiências do pesquisador em diferentes momentos de sua atuação profissional e formação somadas às entrevistas realizadas com moradores do Bairro Caramujo, por meio do Google Forms (Anexo C), além de materiais produzidos pelos sujeitos que contribuíram de alguma forma para este estudo. Os resultados da pesquisa apontam contribuições significativas do trabalho socio-pedagógico realizado no Caramujo, através do PIPAS-UFF e a Pedagogia Social. Foram atendidas aproximadamente quinze crianças no Bairro. Destaca-se ainda a importância das intervenções educativas não formais, as quais revelam o potencial dos sujeitos que vivem em locais de vulnerabilidades.</p>	<p>1. Pedagogia Social Eixo teórico e prático da pesquisa, voltado para a intervenção educativa em contextos de vulnerabilidade social, especialmente com crianças em favelas urbanas.</p> <p>2. Vulnerabilidade Social Infantil Refere-se às condições precárias vividas pelas crianças no Bairro Caramujo, afetadas por desigualdades estruturais e pela negligência do poder público.</p> <p>3. Migração Nordestina e Memória A trajetória do pesquisador (oriundo da migração nordestina) é usada como fonte de descrição e análise para compreender os processos históricos de exclusão e deslocamento.</p> <p>4. Educação Popular e Pedagogia Crítica Inspirada em Paulo Freire, essa categoria destaca a valorização dos saberes dos sujeitos e a educação como prática da liberdade em contextos não formais.</p> <p>5. Pesquisa Participante e Narrativa de Vida A metodologia adotada envolve a escuta e participação dos sujeitos, assim como a própria trajetória do pesquisador como parte do processo de construção de conhecimento.</p> <p>6. Intervenções Educativas Não Formais Ações educativas realizadas fora do sistema escolar</p>

			<p>tradicional, como as do projeto PIPAS-UFF, que visam à inclusão e ao desenvolvimento integral das crianças.</p> <p>7. Territorialidade e Políticas Públicas A dimensão territorial (Bairro Caramujo) é central para analisar a ausência ou ineficácia das políticas públicas nas periferias urbanas.</p> <p>8. Projeto PIPAS-UFF como Estratégia de Inclusão O projeto é analisado como prática concreta da Pedagogia Social, promovendo oportunidades educativas e de cidadania para crianças em situação de risco.</p> <p>9. Produção de Conhecimento com os Sujeitos O uso de entrevistas, materiais produzidos pelos participantes e a inserção do pesquisador no campo reforçam a dimensão dialógica e colaborativa da pesquisa.</p>
ASSOCIAÇÃO DE BAIRRO COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO POLÍTICO-EDUCATIVA PARA JOVENS GUINEENSES	MAMADU MUSTAFA BARI	<p>A Guiné-Bissau reúne diversas associações de Bairros, principalmente na capital Bissau. Estas organizações juvenis promovem vários e diversas atividades educativas que permeia à necessidade da comunidade. Intuito desta pesquisa é compreender e trazer reflexões sobre a importância e os modos de participação desses jovens em diferentes associações no processo da educação cívica na/da sociedade guineense. A partir de uma investigação junto a jovens guineenses universitários da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira - UNILAB, oriundos de associações juvenis de Guiné-Bissau, por meio de questionário semiestruturado. Meu objetivo é debater sobre os processos educativos desenvolvidos nessas organizações e perceber o impacto e as ressonâncias dos conhecimentos adquiridos na vida de ex-associados/as que atualmente frequentam a universidade. Os dados ainda que preliminares apontam que a inserção da juventude nessas organizações contribui para a efetivação da cidadania como um exercício político, adquirido durante o processo de educação não formal ocorrido nessas associações. Essa aposta me faz afirmar que a educação em contextos de associação comunitária é mais eficaz na sua incidência política que a cidadania não associada.</p>	<p>1. Participação Juvenil Refere-se à atuação ativa de jovens em associações comunitárias como forma de engajamento político e social. Essa participação se configura como prática formativa que desenvolve o senso de responsabilidade coletiva e fortalece o protagonismo juvenil na transformação da sociedade guineense.</p> <p>2. Educação Não Formal Diz respeito aos processos educativos que ocorrem fora do sistema escolar tradicional, especialmente em espaços associativos. Nessas organizações, os jovens aprendem valores de cidadania, liderança e convivência comunitária, o que contribui para a</p>

			<p>formação crítica e política dos indivíduos.</p> <p>3. Cidadania Ativa Envolve o exercício consciente dos direitos e deveres sociais, com base em experiências concretas de organização comunitária. A vivência associativa promove a construção de uma cidadania que não é apenas legal ou passiva, mas dinâmica, participativa e politicamente engajada.</p>
CURSO POPULAR TF LIVRE: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR NO BAIRRO-TERRITÓRIO DA TERRA FIRME, BELÉM-PA	JOAO DO ESPIRITO SANTO LIMA MALCHER JUNIOR	<p>Esta pesquisa realiza um estudo sobre a experiência de Educação Popular denominada Curso Popular TF Livre e centra sua análise nos impactos e repercussões de sua atuação no território, partindo da questão: como a experiência do Curso Popular TF Livre, fundamentada nos princípios da Educação Popular, vem contribuindo para a construção da consciência crítica e mobilização dos sujeitos sociais alcançados pela sua atuação? Tendo como objetivo geral, investigar como a experiência do Curso Popular TF Livre, fundamentada nos princípios da Educação Popular, vem contribuindo para a construção da consciência crítica e mobilização dos sujeitos sociais alcançados pela sua atuação. Os objetivos específicos são: Reconstruir o percurso histórico da experiência do Curso Popular TF Livre; Analisar como se desenvolvem as ações do Curso Popular TF Livre e quais seus fundamentos teórico-metodológicos; Conhecer os impactos ou repercussões socioculturais e político-pedagógicos a experiência do TF Livre gera no Bairro da Terra Firme junto aos sujeitos sociais participantes do projeto. Os fundamentos teóricos perpassam pela perspectiva da Educação Popular Libertadora nas atribuições de significados feitas por Paulo Freire, essencialmente, e por outros autores ao longo do seu desenvolvimento na América Latina e no mundo, bem como a partir da perspectiva da emergência de cursinhos populares que se embasam nessa concepção e se estabelecem como campos férteis das práticas de educação popular. A abordagem metodológica se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, fundamentada na perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético e que busca se inscrever no campo das modalidades investigativas críticas desenvolvidas no seio dessas respectivas práticas, a saber: a Investigação-Ação Participativa e a Sistematização de Experiências. Os resultados elucidam que a atuação do TF Livre impacta diretamente na construção da consciência crítica de educadoras/es e na mobilização de cada uma/um em prol da transformação da realidade social que cerca. As considerações finais constituem o momento de refletir sobre os resultados e necessidade de continuidade e ampliação de estudos nessa área.</p>	<p>1. Consciência Crítica Este tema aborda o processo de tomada de consciência sobre a realidade social, política e econômica por parte dos sujeitos envolvidos. Inspirado em Paulo Freire, destaca-se a importância da leitura crítica do mundo como etapa fundamental para a transformação social. O Curso Popular TF Livre se configura como espaço pedagógico de estímulo à reflexão e à ação transformadora.</p> <p>2. Mobilização Social Explora como a educação popular pode gerar engajamento coletivo e incentivar a organização dos sujeitos em torno de causas sociais. A experiência do TF Livre evidencia que a prática educativa, quando alinhada à realidade e às necessidades da comunidade, impulsiona ações concretas de resistência e mudança.</p> <p>3. Sistematização de Experiências Este tema trata da valorização e análise crítica das práticas pedagógicas desenvolvidas nos territórios populares. A sistematização, neste caso, é entendida como um processo de construção de conhecimento a partir da prática vivida, permitindo compreender os efeitos sociopolíticos do projeto e dar visibilidade a formas alternativas de produzir educação.</p>

<p>Engajamento político no Levante Popular da Juventude: uma análise sobre os jovens do Cursinho Podemos Mais Heliópolis/SP</p>	<p>Rafael Márcio</p>	<p>Entre a juventude da classe trabalhadora no Brasil vemos uma parcela que integra a classe média e uma grande maioria que compõe as camadas populares. Estes geralmente situados no campo e nas periferias urbanas, expostos ao trabalho desde cedo, majoritariamente em situação de subemprego, ou desemprego, além de possuírem os menores graus de escolaridade e grandes dificuldades de acessar ao ensino superior. Esta dissertação tem por foco analisar os limites e possibilidades do Cursinho Podemos Mais Heliópolis, localizado na capital paulista e organizado pelo Levante Popular da Juventude (Levante), em promover o engajamento político dos jovens que o compõem. Metodologicamente, realizamos pesquisa em trabalhos acadêmicos acerca do Movimento, analisamos seus documentos oficiais e aplicamos entrevistas e questionários com os coordenadores, estudantes, professores e militantes do Levante que fazem parte do cursinho de Heliópolis. O suporte teórico dos estudos acerca da juventude, engajamento político e sociedade de classes no Brasil está embasado principalmente nos sociólogos FERNANDES (1972, 1975, 2018, 2019, 2020), IANNI (1968) e FORACCHI (1965, 1972), além de autores mais recentes como SPOSITO et al. (2018, 2020). Ao longo da análise percebemos que o Levante assume os cursinhos populares como um meio para o engajamento político dos jovens das camadas populares, ao mesmo tempo em que se coloca como uma possibilidade de atuação política também para os jovens universitários. Nesse cenário, constatamos que o cursinho de Heliópolis se pauta pelas orientações da Organização e busca extrapolar as paredes da sala de aula, aproximando-se da comunidade e das organizações, instituições, famílias e jovens que a compõem, no intuito de buscar caminhos para a mobilização política destes indivíduos. O engajamento se mostrou uma possibilidade latente entre os estudantes do Cursinho, mas a condição de classe desses jovens ? todos pertencentes às camadas populares ? se coloca como o principal impedimento tanto para a atuação política quanto para a continuidade dos estudos. Em alternativa, o cursinho de Heliópolis também tem aproximado jovens universitários do engajamento na periferia, estes aparentemente com maior tempo para a atuação política, porém nem sempre alinhados com o método e perspectiva política desse espaço educativo, apresentando também desafios futuros para a realização dos objetivos do Cursinho.</p>	<p>1. Juventude e Classe Social Este tema propõe refletir sobre as desigualdades estruturais enfrentadas por jovens das camadas populares no Brasil, especialmente aqueles moradores de periferias urbanas. A condição de classe influencia diretamente suas possibilidades de acesso à educação e à participação política, revelando os limites impostos por um sistema que restringe oportunidades à juventude trabalhadora.</p> <p>2. Educação Popular e Mobilização Comunitária Explora como espaços educativos não formais, como o Cursinho Podemos Mais Heliópolis, podem atuar como ferramentas de formação crítica e mobilização política. Inspirado na educação popular, o projeto busca dialogar com a realidade dos jovens e da comunidade, incentivando ações coletivas que transcendem os limites da sala de aula.</p> <p>3. Desafios da Militância Juvenil Aborda os obstáculos enfrentados por jovens para se engajarem politicamente, como a precarização da vida, o subemprego, o tempo escasso e o desalinhamento com práticas organizativas. Mesmo com interesse em transformar a realidade, muitos estudantes têm dificuldade de conciliar estudo, trabalho e militância, o que impõe desafios à sustentabilidade do engajamento.</p>
---	----------------------	---	---

Fonte: Elaborada pela autora em Maio/2025

O estudo apresentado por **Franciso (2023)** tem uma relevância considerável para a presente pesquisa, especialmente ao abordar temas centrais como a vulnerabilidade social, a educação popular e a pedagogia crítica, que são pilares fundamentais na análise das práticas educacionais em contextos periféricos. A pesquisa realizada no Bairro Caramujo, em

Niterói/RJ, explora, por meio da Pedagogia Social, as condições de vulnerabilidade de crianças em uma comunidade marcada pela desigualdade social. Esse enfoque é de grande importância para esta investigação, uma vez que permite compreender como as práticas educativas podem atuar de maneira transformadora em locais esquecidos pelo poder público, oferecendo alternativas pedagógicas e preventivas para sujeitos em situação de risco.

A escolha do estudo qualitativo, com ênfase na pesquisa participante, é particularmente pertinente para a pesquisa, pois também busca explorar a realidade de sujeitos marginalizados. Além disso, a experiência do pesquisador, que parte de uma trajetória na educação popular, oferece uma perspectiva pessoal e prática sobre os desafios enfrentados nas comunidades periféricas, alinhando-se à busca por um olhar crítico sobre a educação nas periferias urbanas.

A fundamentação teórica, que abrange autores como Paulo Freire, Caliman, Cardoso e Araújo, é crucial para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica e humanizada, elementos que são essenciais para a análise sobre as práticas pedagógicas nas periferias. A obra de Freire, em particular, fornece a base filosófica para entender a educação como um meio de resistência e transformação social. A relação com as teorias de Caliman, que discutem estudantes em situação de desvantagem social, e a reflexão de Cardoso sobre o processo de urbanização das favelas, proporciona um aprofundamento nas especificidades dos contextos periféricos, ampliando a compreensão sobre as condições estruturais que afetam a educação nesses espaços.

Além disso, o estudo destaca a importância das intervenções educativas não formais, revelando o potencial dos sujeitos que, apesar das adversidades, demonstram capacidade de transformação e superação. Essa abordagem é diretamente relevante para a pesquisa, pois evidencia como a educação, mesmo fora dos sistemas formais, pode ser uma ferramenta poderosa de inclusão e fortalecimento da identidade local.

O estudo apresentado por **Mamadu (2021)** sobre as associações de Bairros em Guiné-Bissau, especialmente na capital Bissau, traz uma importante contribuição para a pesquisa sobre a educação cívica e o papel das organizações juvenis na formação da cidadania. A pesquisa investiga a participação de jovens guineenses universitários da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira (UNILAB), que pertencem a associações juvenis de Guiné-Bissau, e busca compreender como essas experiências influenciam a formação cívica e política dos jovens.

Este estudo é relevante para a dissertação, pois aborda a educação não formal em um contexto comunitário e seu impacto no fortalecimento da cidadania, um tema central também na análise das práticas pedagógicas nas periferias urbanas. A pesquisa de campo, realizada

por meio de questionários semiestruturados, permite uma aproximação qualitativa com os jovens ex-associados, possibilitando a reflexão sobre o impacto das organizações juvenis na vida acadêmica e cidadã desses indivíduos. O foco no processo educativo dentro dessas associações reflete uma abordagem crítica da educação que se alinha à ideia de educação como prática de liberdade e conscientização, com base na pedagogia de Paulo Freire, que também é central na pesquisa em questão.

A pesquisa destaca que a inserção da juventude em associações comunitárias contribui para o exercício político da cidadania, um aspecto de grande importância para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esse ponto é especialmente relevante para a dissertação, pois reforça a ideia de que a educação nas periferias e em contextos comunitários pode ser um meio eficaz para a promoção de uma cidadania ativa e de resistência contra as desigualdades sociais.

Em suma, esse estudo fornece uma base teórica e empírica relevante para a dissertação, ao abordar o papel da educação não formal e das associações comunitárias na formação da cidadania e no fortalecimento da identidade política de jovens em contextos de vulnerabilidade social. A pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla de como a educação, mesmo fora dos sistemas formais, pode ser uma ferramenta poderosa de transformação social e de resistência à exclusão.

O estudo sobre a experiência do *Curso Popular TF Livre*, de **João (2022)** oferece importantes contribuições para a pesquisa ao explorar a aplicação dos princípios da Educação Popular no contexto de uma comunidade específica. A pesquisa investiga como essa experiência impacta a construção da consciência crítica e a mobilização social dos sujeitos que participam do curso, focando especialmente no Bairro da Terra Firme. Este estudo tem grande relevância para a dissertação, pois aborda a educação como um processo emancipatório, com ênfase na conscientização e transformação social, temas diretamente relacionados à educação nas periferias urbanas.

A pesquisa alinha-se com a abordagem crítica de Paulo Freire, cujos princípios de Educação Popular Libertadora são fundamentais para compreender como as práticas pedagógicas podem promover a reflexão crítica e a ação transformadora em contextos de desigualdade. A partir dessa perspectiva, a pesquisa examina como o *Curso Popular TF Livre* contribui para a mobilização dos participantes, oferecendo um espaço de aprendizagem que vai além da formação acadêmica, buscando despertar o engajamento cívico e político.

A metodologia utilizada, que se baseia no Materialismo Histórico e Dialético, e adota as abordagens de *Investigação-Ação Participativa* e *Sistematização de Experiências*, também é relevante para a dissertação, pois essas metodologias permitem a construção de

conhecimento de maneira coletiva e participativa, valorizando a experiência dos sujeitos envolvidos. Isso se conecta diretamente à pesquisa em questão, que busca compreender como a educação em contextos periféricos pode ser um agente de transformação social por meio da participação ativa da comunidade.

Os resultados preliminares da pesquisa apontam que a atuação do *Curso Popular TF Livre* impacta significativamente a construção da consciência crítica dos educadores e educandos, promovendo uma mobilização em prol da transformação da realidade social local. Esse impacto reforça a ideia de que a educação nas periferias, muitas vezes desvinculada dos processos formais, pode ser um meio poderoso de resistência e fortalecimento da identidade e cidadania, algo que também é central no desenvolvimento de sua pesquisa.

Além disso, o estudo destaca a importância de ampliar as experiências de Educação Popular como instrumentos de mudança social, propondo a continuidade de estudos nessa área. Esse ponto é fundamental, pois reforça a necessidade de se explorar mais profundamente as práticas educativas alternativas em comunidades marginalizadas, algo que é central na análise da educação em contextos periféricos.

Portanto, essa pesquisa contribui significativamente para a dissertação, oferecendo um modelo de Educação Popular que, ao contrário da educação formal, foca na conscientização, na mobilização social e na transformação das condições de vida das populações periféricas. Ela amplia a compreensão sobre como as práticas educativas podem ser um meio de resistência e fortalecimento da cidadania, em consonância com os objetivos da pesquisa em curso.

O estudo sobre o *Cursinho Podemos Mais Heliópolis*, localizado na capital paulista e organizado pelo Levante Popular da Juventude realizado por **Rafael Márcio (2022)**, apresenta uma análise relevante para a pesquisa sobre o engajamento político da juventude das camadas populares. O foco da dissertação está em investigar as possibilidades e limitações desse cursinho em promover o engajamento político dos jovens que nele participam, destacando a importância da educação popular e do movimento juvenil para a construção de uma consciência política crítica. Este estudo contribui para a dissertação ao abordar a relação entre a educação, a classe trabalhadora e o engajamento político na periferia urbana, aspectos que são centrais para a análise das práticas educativas em contextos de desigualdade.

A pesquisa metodológica realizada, que envolve entrevistas, questionários e a análise de documentos oficiais, proporciona uma visão aprofundada sobre como o *Cursinho Podemos Mais Heliópolis* busca articular a educação com a mobilização política. Esse foco em como os cursos populares podem se tornar espaços de conscientização e ação política se alinha com os objetivos da dissertação, que investiga a educação como um processo transformador nas

periferias urbanas. O levantamento teórico, com base nos sociólogos Fernandes, Ianni e Foracchi, oferece uma sólida base para entender as dinâmicas de classe e os desafios enfrentados pela juventude das camadas populares, refletindo as condições sociais que dificultam o acesso à educação superior e a participação ativa na política.

O estudo aponta que, apesar dos desafios impostos pela condição de classe dos jovens participantes, o cursinho se coloca como uma ferramenta importante para o engajamento político e a mobilização da juventude. A análise de como o Levante utiliza o cursinho como um espaço de articulação política e de aproximação com a comunidade revela o potencial transformador dessa experiência, especialmente ao inserir jovens universitários nas dinâmicas da periferia, embora nem sempre alinhados com os métodos do cursinho. Esse ponto é relevante para a dissertação, pois ilustra como diferentes grupos dentro da mesma classe social podem ter diferentes formas de se engajar politicamente, evidenciando as contradições e os desafios enfrentados em projetos educativos voltados para a mudança social.

Além disso, o estudo ressalta a importância da educação popular como meio de resistência e de fortalecimento da identidade e da cidadania, aspectos fundamentais para a análise das práticas pedagógicas nas periferias. A proposta do cursinho de Heliópolis de ir além das paredes da sala de aula e se integrar com a comunidade local e suas organizações reflete a ideia de educação como prática de liberdade, característica da pedagogia crítica de Paulo Freire, que também fundamenta a pesquisa em questão.

Assim, esse estudo contribui significativamente para a dissertação ao oferecer um exemplo concreto de como a educação popular pode ser um meio eficaz de engajamento político e de resistência social nas periferias, ao mesmo tempo em que enfrenta as limitações impostas pelas desigualdades de classe. Ele amplia a compreensão sobre as formas de mobilização e participação política da juventude periférica, elementos centrais para o fortalecimento da cidadania e da identidade cultural local.

6.4 DESCRITOR: EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Quadro 6 - Filtros utilizados no Banco de Dados da CAPES

Tipo de produção	Ano	Grande área do conhecimento	Área do conhecimento	Área de concentração
-------------------------	------------	------------------------------------	-----------------------------	-----------------------------

Mestrado (dissertação) Doutorado (tese)	2020 2021 2022 2023	Ciências humanas	- Educação	- EDUCAÇÃO - EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
--	------------------------------	------------------	------------	-------------------------------------

Fonte: elaborada pela autora em fevereiro de 2025

Após aplicar os filtros mencionados, foram identificados 114 resultados entre teses e dissertações que utilizavam o descritor "educação emancipatória". Desses, selecionei 08 trabalhos para compor o corpus da minha pesquisa, os quais serão apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 7 - OBRAS ESCOLHIDAS A PARTIR DO DESCRITOR EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

ANO	IES	Autor	Título	PALAVRA-CHAVE	GRAU
2021	FURB	JOSENILDO MIRANDA DOS SANTOS	A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFORMAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PEDAGOGIA FREIREANA	Autonomia do educando	MESTRADO
2023	UPF	LISIANE LIGIA MELLA	DA POSSIBILIDADE DE SONHAR COMO UTOPIA: NARRATIVAS SECUNDARISTAS A ALARGAR AMANHÃS	Juventudes e Futuro	DOUTORADO
2022	UNISANTOS	GUADALUPE CORREA MOTA	EU, NÃO, NÓS!" A HUMANIZAÇÃO RELACIONAL DE PAULO FREIRE: PRINCÍPIO EPISTEMOLÓGICO PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA	Humanism o relacional	DOUTORADO
2022	UNISANTOS	NNICOLLE REBELO DE ARAUJO	UM SONHO POSSÍVEL: O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE EM LICENCIATURAS EM PEDAGOGIA	Pedagogia Freireana	MESTRADO
2021	UFRJ	ISABEL AVILA FERNANDES BARROS	TRANSPONDO A CONTENÇÃO TERRITORIAL DO ESTADO: Por uma educação emancipatória/clandestina dentro dos muros da	Educação Popular em Espaços de Privação de Liberdade	MESTRADO

			socioeducação		
2021	UFA	ELIEZIO DA SILVA BEZERRA	P PRÁTICAS COTIDIANAS E SUAS ALTERNATIVAS EMANCIPATÓRIAS NA/DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	Currículo emancipatório	MESTRADO
2022	UNB	RAYANNE CAVALCANTE VIEIRA	Educação em Direitos Humanos e Emancipação em Paulo Freire.	Educação em Direitos Humanos	MESTRADO
2021	UNISUL	SERGIO GOMES	A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA NAS PERSPECTIVAS REPRODUTIVISTA E EMANCIPATÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO	Educação emancipatória	MESTRADO

Fonte: elaborada pela autora

QUADRO 8 – RESUMOS E CATEGORIAS EMERGENTES DOS TRABALHOS ESCOLHIDOS

TÍTULO	AUTOR	RESUMO	CATEGORIAS EMERGENTES
A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFORMAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PEDAGOGIA FREIREANA	JOSENILDO MIRANDA DOS SANTOS	A presente pesquisa aborda o tema da construção de autonomia do sujeito na educação religiosa informal. Tem-se como objeto enunciados educacionais pertinentes à temática na Proposta Pedagógica de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira, analisados sob a ótica de pressupostos da pedagogia libertadora de Paulo Freire. É uma pesquisa educacional que dialoga com a Ciência da Religião, cuja discussão se insere na área da filosofia da educação. O problema da pesquisa é: a partir da pedagogia freireana, como pode ser articulada a construção da autonomia do sujeito educando religioso levando em conta postulados educacionais da Proposta Pedagógica de Educação Religiosa	1. Educação Libertadora e Crítica Esse tema trata da perspectiva freireana que entende a educação como prática da liberdade, voltada à formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de transformar a realidade. A pedagogia libertadora valoriza o diálogo, a

		<p>da Convenção Batista Brasileira? Justifica-se pela necessária superação de preconceitos de gênero, raça e intolerâncias religiosas e, pelo fato de que educandos religiosos, normalmente, desconhecem ou não tiveram oportunidade de participarem de processos educativos que, embasados em uma perspectiva crítica da realidade, elaborassem um conhecimento emancipador. Tem-se como objetivo geral compreender, a partir de uma leitura pautada em referenciais freireanos, como pode ser articulada a autonomia do sujeito educando na educação religiosa informal, tal como é concebida pela Proposta Pedagógica de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira. Estabelece-se como objetivos específicos: 1) mobilizar conceitos da pedagogia de Paulo Freire para pensar a autonomia do sujeito educando no sentido de uma educação informal crítica, libertadora emancipatória; 2) explicitar e refletir sobre a maneira como a Proposta Pedagógica da Convenção Batista Brasileira concebe a relação pedagógica no que diz respeito à autonomia do sujeito educando; 3) analisar a construção da autonomia do educando na Proposta Pedagógica da Convenção Batista Brasileira a partir de Paulo Freire. Adota-se como base para a análise de dados e suas categorias, a metodologia de análise textual discursiva, proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi. Caracteriza-se como uma pesquisa básica, bibliográfica, de natureza qualitativa, de caráter exploratório que tem como referencial teórico, fundamental, alguns postulados filosóficos de Paulo Freire tangíveis a práxis educativa, postos nas obras Pedagogia da autonomia e Pedagogia do oprimido. Pretendeu-se como resultado discutir como a educação libertadora da pedagogia freireana constitui abordagem eficiente na construção de conhecimentos críticos formadores de uma pessoa</p>	<p>problematização e o respeito à identidade do educando, inclusive em contextos religiosos, promovendo a superação da passividade e da alienação.</p> <p>2. Religião e Emancipação Reflete sobre como a educação religiosa, tradicionalmente pautada em conteúdos doutrinários, pode ser ressignificada para promover o pensamento crítico, a convivência plural e o respeito às diferenças. A proposta é compreender como práticas religiosas podem deixar de reproduzir opressões e passar a fomentar autonomia, superando preconceitos de gênero, raça e credo.</p> <p>3. Autonomia e Formação do Sujeito Explora o processo de desenvolvimento da autonomia intelectual, ética e social do educando dentro de práticas educativas informais. No contexto da</p>
--	--	--	--

		autônoma, mesmo em processos educacionais religiosos, capazes de superar todos os tipos de preconceitos e intolerâncias no âmbito do cotidiano do educando.	proposta pedagógica analisada, busca-se entender como a construção da autonomia pode ser incentivada por meio de metodologias dialógicas e horizontais, mesmo em espaços historicamente marcados por autoridade e verticalidade, como o religioso.
DA POSSIBILIDADE DE SONHAR COMO UTOPIA: NARRATIVAS SECUNDARISTAS A ALARGAR AMANHÃS	LISIANE LIGIA MELLA	A presente pesquisa, desenvolvida na linha de Políticas Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, objetiva reflexionar sobre a construção do amanhã como abertura utópica pela narrativa de juventudes secundaristas. Para problematizar este ensejo, a investigação é alicerçada nas histórias de vida e nas leituras de mundo tecidas pelas juventudes acerca da sociedade e da educação contemporâneas. Os territórios educacionais periféricos, rurais e de centros urbanos, são tomados como base analítica a fim de posicionar diferentes perspectivas de amanhã, apreendendo as narrativas juvenis em termos sociais, culturais e históricos. Quanto à natureza do problema, o estudo está ancorado no método qualitativo hermenêutico-dialético, sustentando-se pela reflexividade dos sentidos que as juventudes constituem em meio às tensões e contradições que emergem da história reconhecida como tempo vivo. A abordagem do problema é articulada pela pesquisa (auto)biográfica, situando o dispositivo metodológico do Ateliê da Palavra, criado e desenvolvido singularmente em seis escolas da região norte e noroeste do estado do Rio Grande do Sul, a partir dos três territórios educacionais investigados,	1. Narrativas Juvenis como Abertura ao Amanhã Explora a importância da escuta e da valorização das histórias de vida dos jovens como caminhos para a construção de novos horizontes sociais. As narrativas emergem como instrumentos de subjetivação e crítica social, revelando como as juventudes elaboram sentidos diante das incertezas e desafios contemporâneos. 2. Educação Emancipatória e Crítica Discute a escola como espaço de possibilidade para a transformação da vida, rompendo com

	<p>integrando 26 jovens da terceira série do Ensino Médio. O estudo é desenvolvido a partir de quatro momentos: o primeiro é tecido pela abordagem do passado histórico a constituir o tempo contemporâneo, posicionando os efeitos deste às formas de subjetivação atuais, situando perspectivas de amanhã que encapsulam a possibilidade da experiência. O segundo momento evidencia a ideia de educação sustentada neste estudo, vinculada à perspectiva emancipatória de transformação da vida e do amanhã, contrapondo os autoritarismos mercantis e os empreendedorismos em voga na sociedade atual. No terceiro momento, é evidenciado o caminho metodológico-investigativo adotado na pesquisa, elucidando os fundamentos éticos, estéticos e formativos do Ateliê da Palavra, bem como a apresentação das juventudes secundaristas participantes e de suas escolas. O quarto momento da pesquisa situa a abertura narrativa das juventudes, atravessadas epistemologicamente pelo princípio esperança de Ernst Bloch, pela noção de sujeito ancorado na psicanálise lacaniana e pela educação em perspectiva freiriana, de inacabamento e criação. Como resultados deste percurso de abertura narrativa, o estudo se desdobra em três desdobramentos, a saber: a elucidação juvenil acerca dos impasses de crescer no mundo atual em meio às inseguranças, desigualdades e competições derivadas do laço social, evidenciando a angústia frente às maneiras de sofrer e viver contemporaneamente. A partir daí, as juventudes desdobram horizontes por meio da capacidade de narrar a si próprias e abrir brechas no discurso, reconhecendo-se como sujeitos em perspectiva autoral. Como um segundo desdobramento narrativo, as juventudes discorrem sobre suas leituras de mundo e de sociedade através das histórias que as</p>	<p>práticas autoritárias e "bancárias" de ensino. Nesse tema, a educação é concebida como promotora do devir e do encontro com o outro, capaz de acolher sonhos, angústias e desejos juvenis, nutrindo projetos de futuro coletivos e solidários.</p> <p>3. Territórios Educacionais e Subjetividade Juvenil Reflete sobre como os contextos periféricos, rurais e urbanos influenciam diretamente as formas de ser e estar dos jovens no mundo. O território é pensado não apenas como espaço físico, mas como campo simbólico de formação, onde as juventudes constroem suas identidades, leituras de mundo e modos de resistência frente às desigualdades.</p>
--	---	---

		<p>constituem, enlaçadas a condições de vida, trabalho, referências culturais, familiares e sociais, de modo a alimentarem um certo ideal de sonho e de amanhã. Além disso, as juventudes secundaristas narram suas percepções sobre o modo de vida atual, colocando em pauta as lógicas segregatórias e concorrenciais, bem como a precarização do trabalho e dos laços de solidariedade. Tais narrativas se realizam problematizando, também, o impacto da comunicação digital nas relações sociais e a ausência de participação das juventudes na vida pública. O último desdobramento narrativo diz respeito à experiência juvenil sobre a educação, elucidando os sentidos atribuídos à escola, mediados pelos princípios de uma educação bancária associada à vertente neoliberal e às repercussões desta compreensão ao ato de ser estudante e ser sujeito em devir. Conclui-se que, como alargamento do papel da escola na construção do amanhã, as juventudes a situam como um legítimo lugar de encontro com o outro e com a alteridade, enunciando possibilidades para abertura de horizontes, sonhos e devires. Por consequência, assinala-se que, ao viabilizar a abertura à diferença, espaços públicos tais como a escola são capazes de impulsionar a imaginação rumo ao amanhã, sendo a educação, quando atravessada por perspectivas emancipatórias da vida e do mundo, uma via possível para alargar o devir próprio de cada sujeito, bem como o devir da humanidade. Diante da capacidade de cada sujeito de abrir publicamente a sua palavra em singularidade, é possível defender-se ser aí que a construção de novos amanhãs reside, isto é, na possibilidade de narrar a si mesmo e o mundo, alargando coletivamente o ainda-não que representa o amanhã.</p>	
<p>Eu, não, nós!" O humanismo relacional</p>	<p>Guadalupe Correa Mota</p>	<p>Esta tese de Doutorado em Educação com o título "Eu, não, nós!" O humanismo relacional de Paulo Freire</p>	<p>1.Humanização na educação</p>

<p>de Paulo Freire como princípio epistemológico para uma pedagogia crítica</p>		<p>como princípio epistemológico para uma pedagogia crítica”, inscrita no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação da Universidade Católica de Santos, teve como pergunta orientadora: Quais os limites e possibilidades da teoria humanista de Freire como princípio epistemológico para uma pedagogia crítica no contexto da sociedade cibernética neoliberal? E como objeto da investigação a “teoria humanista de Freire: princípio epistemológico”. Foi estabelecido como objetivo geral: compreender limites e possibilidades da teoria humanista de Freire como princípio epistemológico para uma pedagogia crítica no contexto da sociedade cibernética neoliberal. A Tese que norteou a investigação estruturou-se na seguinte formulação: a humanização como princípio epistemológico para a elaboração de conhecimentos emancipatórios é um pressuposto ético-político da Pedagogia Crítica de Paulo Freire que requer certas condições materiais e simbólicas. Dentre elas, a fundamental é uma relação educativa dialógica, dialética, emancipatória, intencionada pela problematização das situações existenciais dos educandos, em que cada sujeito epistêmico se reconheça em sua condição de sujeito livre e possa pronunciar a sua palavra como expressão de sua humanização. De abordagem qualitativa, o delineamento da questão de pesquisa, os objetivos, a tese, a revisão da literatura, os resultados e a análise dos dados foram desenvolvidos a partir do método Dialético Materialista Histórico (DMH), de Marx/Engels, com enfoque na Epistemologia da Educação, contando com aportes teóricos interdisciplinar da Teoria Crítica, da Pedagogia Crítica de Freire e das Epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos. Foram constituídos como campo de investigação os dados empíricos encontrados em bibliografia de Paulo Freire e sobre Freire. Para tanto, foram usadas técnicas de pesquisa bibliográfica para a coleta e seleção</p>	<p>Este tema se refere ao princípio fundamental da Pedagogia Crítica de Paulo Freire, que defende a educação como um processo de humanização dos sujeitos, em que cada pessoa se reconhece como um sujeito ativo e emancipador, capaz de transformar sua realidade. A humanização se dá por meio de relações educativas dialógicas e críticas, que rompem com a educação tradicional e bancária.</p> <p>2.Epistemologia crítica e emancipatória</p> <p>A epistemologia crítica se baseia na ideia de que o conhecimento não deve ser entendido de forma universal ou estática, mas sim como algo que deve ser construído coletivamente, a partir das realidades e necessidades dos sujeitos. Este tema explora a contribuição de Freire para a construção de uma epistemologia</p>
---	--	---	--

	<p>dos dados, com aporte teórico na Teoria Fundamentada em Dados para a análise de conteúdo, segundo Strauss-Corbin (2008). E, para a interpretação dos resultados, recorri à hermenêutica dialético-crítica segundo Ghedin-Franco(2015). Os resultados da pesquisa, mediante a técnica da Investigação Temática, de Paulo Freire nos textos “Papel da Educação na Humanização”, “Educação como prática da liberdade”, “Educação como uma situação gnosiológica” e “À sombra desta mangueira”, evidenciaram as dimensões positivas do objeto, caracterizadas nas declarações explanatórias de Freire organizadas conceitualmente nas macro categorias Axiologia, Ontologia, Epistemologia, Metodologia e na categoria-síntese final “poder dizer a sua palavra”. Nas considerações finais, foram apontados como limites a lógica de epistemicídio que ainda persiste nas nossas práticas educativas oficiais, caracterizada pela subserviência epistêmica da monocultura cientificista com o pressuposto do ‘conhecimento verdadeiro’ nos currículos, nas didáticas, nas metodologias, e pelo silenciamento de tudo o que não se encaixa no conceito de ‘conhecimento ortodoxo’; a crise permanente da teleologia da educação, isto é, por ser a educação um ato social humano, entre humanos, para a formação do humano na criação do mundo humano, esta crise será sempre o acionador de disputas entre grupos com concepções distintas em relação à finalidade da ação educativa; e, neste tempo identificado como Antropoceno, temos de nos perguntar novamente qual o lugar do humano (na pesquisa identificado como o “sujeito epistêmico autônomo”) na aventura da educação como processo de humanização de si e do mundo. E como possibilidades foram apontadas: o direito à imaginação criadora de mundos alternativos não baseados na lógica mercantilista neoliberal; a atenção vigilante na luta coletiva (sindicatos,</p>	<p>emancipatória, que visa liberar os indivíduos das formas de conhecimento dominantes, como o cientificismo e a monocultura do saber.</p> <p>3.Desafios da educação na sociedade cibernética neoliberal</p> <p>Este tema envolve a reflexão sobre as transformações da educação no contexto da sociedade contemporânea, especialmente nas condições impostas pelo neoliberalismo e a digitalização. A pesquisa explora como a lógica neoliberal, marcada pela competitividade e mercantilização do conhecimento, impacta as práticas pedagógicas, além de refletir sobre o lugar do sujeito epistêmico na educação nesse cenário, propondo alternativas de resistência por meio de uma educação crítica e emancipatória.</p>
--	--	---

		<p>movimentos, coletivos etc); e a necessidade de refazer um processo de fé no ser humano como companheiro de aventura na jornada da construção do mundo humano. Diante desse quadro em que o ser humano parece estar sendo desterritorializado, desmaterializado na ubiquidade digital, reafirmo a validade da opção éticopolítica humanista proposta por Freire e o lugar imprescindível do humano na produção de conhecimentos crítico-emancipatórios no contexto da sociedade cibernética neoliberal.</p>	
<p>UM SONHO POSSÍVEL: O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE EM LICENCIATURAS EM PEDAGOGIA</p>	<p>NICOLLE REBELO DE ARAUJO</p>	<p>Os princípios freireanos são discutidos por profissionais da educação de todo o mundo que compactuam com uma educação humanizadora e que buscam desenvolver práticas educativas comprometidas com a utopia de uma sociedade mais justa e democrática. Entretanto, dado o contexto hegemônico atual, o pensamento de Paulo Freire apresenta, nos cursos de Licenciatura, especificamente na Pedagogia, obstáculos e perspectivas. Nesta pesquisa, pretendeu-se, assim, analisar a percepção de dois docentes de cursos de Pedagogia, atuantes em universidades públicas, e de algumas de suas alunas, acerca de limites que desafiam e de possibilidades que se abrem a práticas educativas que, assumidamente, situam a pedagogia de Freire como sua principal referência teórico-metodológica. Sob uma conjuntura neoliberal, com o suporte de autores que pesquisam o campo e os cursos de Pedagogia, objetivou-se lançar luz sobre práticas docentes que, assumidamente, indicam o referencial freireano como sua principal fonte de inspiração. A pergunta que norteou a pesquisa foi: Quais são os limites e as possibilidades de práticas docentes crítico-emancipatórias desenvolvidas em cursos de Pedagogia diante das atuais políticas e diretrizes dessa Licenciatura? A investigação teve caráter qualitativo e valeu-se de</p>	<p>1. Limites e desafios da pedagogia freireana no contexto neoliberal Este tema aborda as dificuldades encontradas por educadores ao tentar aplicar os princípios freireanos em um cenário educacional marcado por políticas neoliberais. Entre os limites, destacam-se os obstáculos socioculturais e políticos que dificultam a implementação da educação crítica e emancipatória proposta por Freire. O estudo busca analisar esses desafios, contextualizando-os na realidade dos cursos de Pedagogia em universidades públicas.</p>

		<p>revisão bibliográfica, análise de documentos, entrevistas com educadores e educandas dos contextos pesquisados e análise de conteúdo. Paulo Freire tem destaque no referencial teórico selecionado, o qual é complementado por autores como António Nóvoa, Selma Garrido Pimenta, Marli André e outros. O estudo evidenciou que, apesar de diversos limites que dificultam a prática da educação libertadora, com destaque para questões socioculturais e políticas, é possível desenvolver a docência de inspiração freireana, aprofundando formas de pensar e de construir currículos em que os sujeitos sejam valorizados em todas as suas dimensões, se conscientizem coletivamente e possam ter como horizonte comum a transformação social. Esta pesquisa oferece contribuições para estudos sobre a formação inicial e continuada de professores, enfatizando pressupostos da pedagogia humanizadora.</p>	<p>2.Possibilidades de práticas docentes inspiradas pela pedagogia de Paulo Freire Apesar dos limites impostos pela conjuntura neoliberal, o estudo também enfoca as possibilidades de se realizar práticas pedagógicas inspiradas na pedagogia de Paulo Freire. Discute como é possível desenvolver práticas críticas e emancipatórias nos cursos de Licenciatura em Pedagogia, com base na valorização dos sujeitos, na conscientização coletiva e na transformação social como horizonte.</p> <p>3.Formação de professores e a pedagogia humanizadora Este tema refere-se à formação inicial e continuada de professores, destacando a importância da pedagogia freireana como base para a construção de uma educação humanizadora. A pesquisa</p>
--	--	---	---

			investiga como os educadores podem ser formados para integrar os princípios de Freire em suas práticas pedagógicas, enfatizando a construção de currículos que considerem as dimensões sociais, culturais e políticas dos sujeitos.
TRANSPONDO A CONTENÇÃO ERRITORIAL DO STADO: Por uma ducação mancipatória/clandestina entro dos muros da ocioeducação	ISABEL ÁVILA FERNANDES BARROS	Esta dissertação origina-se da pesquisa realizada no mestrado por meio de conversas com educadores populares de um movimento social de educação popular que atuam em unidades de internação do Departamento Geral de Ações Socioeducativas. O texto discute a proposta de educação a partir das relações entre educadores populares e alunos privados de liberdade que tecem o espaço de unidades de internação do sistema socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro. A pergunta que norteia este trabalho indaga sobre as práticas e formas de atuação a partir das experiências dos cotidianos dos educadores populares no espaço de socioeducação. A pesquisa desenvolve-se a partir de uma metodologia política que envolve as pesquisas nos dias com os cotidianos, pois entendo a necessidade de mergulhar no espaço-tempo a ser pesquisado (ALVES, 2001), além das conversas com educadores populares desse espaço, pesquisa bibliográfica e análise das políticas públicas que envolvem a criação de espaços institucionalizados de socioeducação. Desse modo, a pesquisa mergulha nas narrativas de educadores populares e tem a conversa como procedimento metodológico. Como referencial teórico para a discussão sobre o espaço-tempo pesquisado,	1. Socioeducação e Resistência nos Espaços de Internação Explora como a educação popular pode se constituir como prática de resistência dentro das unidades de internação, revelando formas de enfrentamento ao apagamento social vivido por adolescentes em privação de liberdade. 2. A Atuação dos Educadores Populares como Prática Política Discute as estratégias e experiências cotidianas dos educadores populares como práticas educativas que desafiam a lógica punitiva e promovem o reconhecimento e a valorização das trajetórias dos

		<p>trago Boaventura de Sousa Santos, Milton Santos e Aníbal Quijano. Estes autores farão parte da conversa tecida com os educadores populares e eu, pensando que os sujeitos envolvidos no processo vivem um apagamento que insibiliza suas vidas e práticas.</p>	<p>jovens internados.</p> <p>3. Espaço tempo e Invisibilidade Social Aborda as relações entre tempo, território e invisibilidade vividas no contexto da socioeducação, refletindo sobre o impacto das estruturas institucionais na subjetividade dos sujeitos e a potência transformadora da escuta e da narrativa.</p>
<p>Práticas cotidianas e suas alternativas emancipatórias na/da Educação de Jovens e Adultos</p>	<p>Eliezio da Silva Bezerra</p>	<p>As práticas curriculares na EJA, orientadas pelas políticas cíclicas, expressadas nas ações e práticas dos professores em sala de aula, são uma das questões problemas encontrados nesta pesquisa. Desse modo, na reprodução dos conteúdos do currículo regulação, sistematizado e científico na sala de aula, emergem os currículos pensados/praticados, onde, através do confronto do conhecimento regulação com o conhecimento emancipação aprendido pelo aluno, abrem-se fendas aos quais ele poderá vislumbrar, refletir sobre possíveis caminhos/alternativas emancipatórias que poderão lhe oferecer mudanças e mobilidades sociais. Nesse contexto, apresento como principal objetivo: tentar desinvisibilizar as práticas e as ações didáticas dos professores da escola Fábrica de Asas na criação/recriação/invenção/reinvenção do currículo no espaço tempo da escola pública estadual Fábrica de Asas, ofertante da Educação de Jovens e Adultos, pertencente ao sistema prisional na cidade de Rio Branco-AC. Para tanto, buscou-se</p>	<p>1. Currículo Pensado x Currículo Praticado Explora as contradições entre o currículo oficial imposto (regulação) e o que realmente se vivencia em sala de aula, revelando as criações pedagógicas cotidianas que emergem da prática docente, especialmente em contextos desafiadores como o sistema prisional.</p> <p>2. Saberes Docentes na Educação de Jovens e Adultos Privados de Liberdade</p>

		<p>como referencial teórico, autores como: Paulo Freire, Jane Paiva, Boaventura de Souza Santos, José Machado Pais, Nilda Alves e Inês de Oliveira Barbosa, os quais auxiliaram nas questões do paradigma moderno da inclusão, do conhecimento regulação, do conhecimento emancipação e dos fazeressaberes cotidianos. As perspectivas metodológicas deste estudo, estão centrados nas análises, observações e reflexões nos/dos cotidianos da sala de aula, onde os currículos pensadospraticados apresentam-se, emergem, manifestam-se através das práticas e ações didáticas docentes, tendo como principais fontes os relatos e experiências dos próprios sujeitos pensantespraticantes: os professores da EJA da escola. Colhidos em diálogos, narrativas e conversas. Os resultados obtidos pelas rodas de conversas com os sujeitos pensantespraticantes foram as descrições das suas concepções, ações e práticas didáticas/pedagógicas no cotidiano da sala de aula aos quais podem despertar no aluno sua consciência crítica.</p>	<p>Discute os fazeres e saberes dos professores da EJA em espaços de restrição, valorizando suas ações como formas de resistência, criatividade e promoção de autonomia dos sujeitos encarcerados.</p> <p>3. Consciência Crítica e Emancipação no Espaço Escolar Prisional Analisa como as práticas pedagógicas desenvolvidas dentro da prisão podem estimular a reflexão crítica dos educandos, abrindo possibilidades para rupturas com trajetórias de exclusão e imaginando novos projetos de vida.</p>
<p>Educação em Direitos humanos e Emancipação m Paulo Freire.</p>	<p>RAYANNE CAVALCANTE VIEIRA</p>	<p>Esta pesquisa estuda a Educação em Direitos Humanos a partir do pensamento de Paulo Freire, com enfoque na educação problematizadora e na emancipação. A pesquisa foi realizada pelo método bibliográfico, a partir do conjunto de obras escritas sobre os temas que o compõem, com enfoque em Freire. O trabalho desenvolvido buscou identificar a existência de uma Educação em Direitos Humanos e emancipação humana na pedagogia freiriana. No percurso, pretendemos compreender a conexão entre Direitos Humanos, Educação, emancipação e Paulo Freire, além de observar como</p>	<p>1. Pedagogia Freiriana e Emancipação Este tema explora a proposta pedagógica de Paulo Freire, que tem como eixo a superação da "educação bancária" e a promoção da autonomia do educando por meio da problematização da realidade. A</p>

		<p>o contexto histórico de Freire influenciou na criação da Pedagogia libertadora e como esse modelo de educação atua de forma emancipatória. O trabalho inicia-se com o histórico dos direitos humanos e o percurso da inclusão da educação no rol. Uma breve bibliografia de Paulo Freire, com sua trajetória e o contexto histórico, auxilia a compreensão de sua crítica à educação bancária e à criação da educação libertadora, para então visualizarmos suas contribuições para a Educação em Direitos Humanos e sua perspectiva emancipadora. Foi possível constatar, nos escritos de Freire, seu diálogo com os Direitos Humanos, principalmente quando preconiza acerca da realidade injusta e da luta para assegurar direitos a todos de uma sociedade. Logo, a educação é um dos instrumentos utilizados por Freire como forma libertadora e emancipatória, pois o processo educacional advindo dos Direitos Humanos tem caráter formativo, capaz de quebrar os paradigmas impostos pela sociedade e libertar o indivíduo da opressão, a fim de emancipá-lo para compreender seu papel racional e livre.</p>	<p>educação é vista como um caminho de libertação e tomada de consciência crítica.</p> <p>2.Direitos Humanos e Educação Crítica Analisa a relação entre os Direitos Humanos e a prática educativa, considerando o potencial formativo da educação para fomentar uma cultura de direitos, igualdade e justiça social. A perspectiva crítica da educação em direitos é essencial para formar sujeitos conscientes e atuantes.</p> <p>3.Contexto histórico e a gênese da pedagogia libertadora Discute como o contexto social, político e histórico vivido por Paulo Freire influenciou sua teoria educativa, enfatizando a necessidade de transformar estruturas opressoras por meio de práticas educativas comprometidas com a dignidade humana.</p>
--	--	--	---

<p>FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA PÚBLICA NAS PERSPECTIVAS REPRODUTIVISTA E EMANCIPATÓRIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO</p>	<p>SÉRGIO GOMES</p>	<p>Esta pesquisa nasce de uma preocupação com a realidade concreta de crianças e adolescentes advindos de classes sociais mais vulneráveis que, além de sofrer diversas mazelas sociais por conta de sua condição de vida, por vezes têm para si uma instituição escolar que reafirma essa condição através da educação que lhes é ofertada. Entende-se que as crianças e adolescentes mais pobres têm direito a uma educação de qualidade. E a escola pública continua sendo o único meio que pode oportunizar o acesso, de fato, a um conhecimento que pode reduzir as desigualdades. A partir desse entendimento, o estudo presente nesta dissertação tem como objetivo analisar a função social da escola pública brasileira nas perspectivas reprodutivista e emancipatória e suas implicações na formação do sujeito contemporâneo. Para isso foi necessário contextualizar o surgimento da escola pública na história, a partir do século XVI, bem como a escola pública na realidade específica do Brasil, desde a sua origem até a atualidade; compreender sua função nas perspectivas reprodutivista e emancipatória; produzir uma leitura crítica sobre essas perspectivas; refletir sobre essas perspectivas na formação do sujeito contemporâneo. Tal percurso foi pensado no sentido de produzir conhecimento sobre a escola pública no âmbito das teorias críticas da educação, seja reprodutivista ou emancipatória, desenvolvendo considerações contra-hegemônicas em consonância com o marxismo e visando à emancipação. A motivação e o percurso proposto trazem consigo o materialismo histórico-dialético como abordagem teórico-metodológica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que é desenvolvida com material já elaborado, mas que também se caracteriza por descritiva-explicativa, pois descreve conceitos, identifica</p>	<p>1. Função Social da Escola Pública Trata da dualidade entre a função reprodutivista (que mantém a ordem social vigente) e a emancipatória (que busca a transformação social), com foco na realidade da escola pública brasileira e seu papel na formação de sujeitos críticos.</p> <p>2. Desigualdade Social e Direito à Educação Explora como a escola pública pode tanto reforçar quanto combater desigualdades sociais, especialmente para crianças e adolescentes oriundos de classes populares, destacando o papel da educação na promoção da justiça social.</p> <p>3. Marxismo e Teorias Críticas da Educação Analisa a educação a partir do materialismo histórico-dialético e das teorias críticas, refletindo sobre como o pensamento</p>
--	---------------------	---	--

	<p>aspectos de fatos e produz explicações/sínteses. As referências bibliográficas foram selecionadas a partir de um levantamento junto a livros de autores clássicos que tratam tanto da história da educação quanto das perspectivas reprodutivista e emancipatória, bem como artigos, dissertações e teses provenientes de bancos de dados, como Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Google acadêmico. Partindo das contribuições da perspectiva reprodutivista, ao mesmo tempo que se evidenciam, de maneira muito eficaz, os mecanismos que o poder hegemônico utiliza na sociedade e na escola para manter e ampliar seu poder, torna-se possível pensar uma escola como uma realidade histórica, que seja transformada para além da sua função de reprodução da sociedade capitalista. A perspectiva emancipatória permite pensar num tipo diferente de escola que passa, por conseguinte, por um tipo diferente de sociabilidade. Evidencia que é fundamental maior compreensão da natureza específica da educação e, ao mesmo tempo, como ela se constitui na contraditória sociedade capitalista. Os estudos sobre a perspectiva emancipatória abriram caminhos para se pensar uma escola a partir dos dominados, que seja capaz de ser transformada e transformadora, intencionalmente, para além das funções de reprodução da sociedade capitalista, tal qual foi constatado. A educação emancipatória se apresenta, então, como alternativa concreta de luta contra-hegemônica, que almeja a transformação social.</p>	<p>marxista fundamenta uma proposta pedagógica contra-hegemônica voltada à transformação social.</p>
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora em maio/2025

A pesquisa sobre a construção de autonomia do sujeito na educação religiosa informal, de **Josenildo Miranda** é relevante para a presente investigação, que analisa as

metodologias pedagógicas aplicadas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário, em São Vicente. Ambas as pesquisas dialogam com os pressupostos da pedagogia libertadora de Paulo Freire, cuja proposta de educação crítica e emancipadora busca a transformação social e a formação de indivíduos autônomos. No caso da educação religiosa, o foco está na superação de preconceitos de gênero, raça e intolerâncias religiosas, temas igualmente centrais no estudo das práticas de Irmã Dolores, que visavam promover a autonomia dos jovens da periferia, oferecendo-lhes alternativas ao envolvimento com o crime e a marginalização.

Além disso, as duas pesquisas compartilham o objetivo de compreender como processos educativos informais e críticos podem contribuir para o desenvolvimento pessoal e social dos educandos. No contexto do Bairro Quarentenário, as práticas pedagógicas de Irmã Dolores se basearam na ideia de que a educação poderia ser uma ferramenta para a transformação das realidades dos jovens, permitindo-lhes entender seu papel como agentes de mudança em suas comunidades. A educação religiosa informal, por sua vez, busca, a partir dos postulados de Freire, criar uma abordagem pedagógica capaz de promover a emancipação e o desenvolvimento de conhecimentos críticos, especialmente em contextos nos quais os educandos não tiveram acesso a uma educação formal que os capacitasse a elaborar uma compreensão crítica da realidade.

Ambas as abordagens teóricas, a de Paulo Freire e as metodologias utilizadas por Irmã Dolores, enfatizam a importância de práticas educativas que vão além da simples transmissão de conteúdo, visando a transformação do sujeito e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa forma, a pesquisa sobre a educação religiosa informal, ao investigar como a autonomia pode ser articulada a partir de uma pedagogia freireana, se aproxima do estudo das práticas pedagógicas no Bairro Quarentenário, que igualmente visam a formação de indivíduos autônomos, capazes de superar barreiras sociais e culturais em seu cotidiano. Assim, as duas pesquisas se convergem na busca pela construção de uma educação capaz de emancipar o sujeito, proporcionando-lhe as ferramentas necessárias para uma participação ativa e crítica na sociedade.

A dissertação "Da possibilidade de sonhar como utopia: narrativas secundaristas a alargar amanhã", de **Lisiane Ligia Mella**, apresenta contribuições significativas para a presente pesquisa ao abordar o papel das juventudes na construção de novos horizontes educativos, a partir de suas próprias narrativas e vivências. Ambas as investigações se sustentam na pedagogia crítica de Paulo Freire, entendendo a educação como processo de conscientização, emancipação e transformação social. O trabalho de Mella reforça a

importância de escutar os sujeitos periféricos — neste caso, jovens do Ensino Médio — como produtores de saberes e como protagonistas de suas próprias histórias.

O enfoque em territórios educacionais periféricos, rurais e urbanos, proporciona um paralelo com a proposta da presente pesquisa, que também parte de realidades socialmente vulnerabilizadas para compreender como a educação pode atuar como força de resistência e valorização da identidade cultural local. A metodologia (auto)biográfica utilizada por Mella, centrada no Ateliê da Palavra, destaca a potência da escuta ativa e da narrativa como dispositivos de construção de subjetividade e de resgate da dignidade juvenil, elementos centrais para o desenvolvimento de uma pedagogia inclusiva e humanizadora.

Além disso, a articulação entre juventude, utopia e emancipação permite pensar a educação não apenas como um espaço de formação acadêmica, mas como um campo de disputas simbólicas e de produção de sentidos. A dissertação amplia o debate sobre o papel da escola — e, por extensão, da educação não formal e comunitária — como lugar de encontro com a alteridade, de enunciação do sujeito e de criação de futuros possíveis.

Assim, a pesquisa de Lisiane Mella contribui para este estudo ao reafirmar a relevância das práticas pedagógicas situadas no cotidiano das juventudes marginalizadas e ao propor que a imaginação crítica e a narrativa de si sejam caminhos para a transformação pessoal e coletiva. Ambas as investigações convergem na defesa de uma educação comprometida com a escuta, a participação ativa e o direito de sonhar — condição fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

A tese “Eu, não, nós!” A humanização relacional de Paulo Freire: princípio epistemológico para uma pedagogia crítica, de **Guadalupe Correa Mota**, oferece importantes contribuições teóricas para a presente investigação ao reafirmar a centralidade do sujeito na construção do conhecimento e da autonomia em contextos de opressão. A pesquisa de Correa Mota, fundamentada na pedagogia crítica de Paulo Freire e ancorada no método dialético materialista histórico, propõe a humanização como princípio epistemológico, defendendo que o conhecimento crítico-emancipatório só é possível por meio de relações educativas dialógicas e problematizadoras.

Este entendimento dialoga diretamente com o objetivo desta pesquisa ao investigar como práticas pedagógicas em territórios periféricos podem promover processos de resistência, reconhecimento e fortalecimento identitário. A ênfase na “palavra como expressão da humanização” reforça a importância de uma educação que permita ao sujeito dizer-se, reconhecer-se e transformar sua realidade, o que se alinha ao propósito de compreender a educação como processo de emancipação cultural, social e política.

Além disso, a tese evidencia os limites enfrentados pela pedagogia crítica no contexto da sociedade cibernética neoliberal — marcada pelo epistemicídio, pela lógica tecnocrática e pela mercantilização do saber —, elementos que também impactam os territórios populares investigados nesta pesquisa. Ao denunciar o silenciamento dos saberes não hegemônicos e defender a pluralidade epistemológica, Guadalupe Correa Mota fortalece a proposta de valorização dos saberes locais, das experiências vividas e da luta coletiva como fundamentos de uma educação transformadora.

Outro ponto de convergência entre os estudos é a defesa da educação como espaço de criação de mundos possíveis. Ao afirmar a importância do “direito à imaginação criadora” e da fé no ser humano como agente da história, a autora reafirma que a construção de futuros emancipatórios depende do reconhecimento do sujeito como protagonista de seu processo formativo — algo que esta pesquisa também assume como premissa.

Dessa forma, a tese de Guadalupe Correa Mota contribui com um aprofundamento epistemológico e ético à compreensão da educação como prática de liberdade, reiterando a urgência de resistir à lógica neoliberal e de reconstruir, a partir do coletivo, os caminhos para uma educação realmente humanizadora.

A dissertação “Um sonho possível: o pensamento de Paulo Freire em Licenciaturas em Pedagogia”, de **Nicolle Rebelo de Araujo**, traz contribuições relevantes para a presente investigação ao discutir os desafios e as potencialidades de práticas docentes inspiradas na pedagogia freireana dentro da formação inicial de professores. Ao analisar a atuação de docentes em cursos de Pedagogia de universidades públicas e a percepção de alunas sobre essas práticas, a autora evidencia como a pedagogia crítica encontra barreiras estruturais, políticas e epistemológicas diante do avanço das diretrizes neoliberais no ensino superior, mas também aponta caminhos viáveis para a construção de uma docência humanizadora e transformadora.

Essa discussão dialoga diretamente com os objetivos da presente pesquisa, que busca compreender como a pedagogia crítica pode se manifestar em contextos periféricos por meio de práticas educativas engajadas com os princípios freireanos. Ambas as investigações compartilham a perspectiva de que a educação deve ser compreendida como prática social comprometida com a valorização dos sujeitos em sua totalidade, com a superação das desigualdades e com a construção de um projeto coletivo de sociedade mais justa e democrática.

A pesquisa de Araujo também reforça a importância do compromisso ético-político dos educadores na criação de currículos críticos e dialógicos, que reconheçam e acolham os saberes e as vivências dos educandos. Tal perspectiva é central para o desenvolvimento de

práticas educativas em territórios marginalizados, como aqueles investigados neste estudo, onde a educação precisa ser um espaço de reconhecimento, pertencimento e resistência. Ao valorizar as possibilidades de práticas docentes que se sustentam na pedagogia freireana mesmo em contextos adversos, a autora contribui para fortalecer a legitimidade e a potência de uma educação que promova a autonomia e o protagonismo dos sujeitos.

Assim, a dissertação de Nicolle Rebelo de Araujo complementa a presente pesquisa ao reafirmar que a pedagogia crítica permanece viva e possível, mesmo sob pressões institucionais e ideológicas, desde que haja intencionalidade, escuta e compromisso com a transformação da realidade social através da educação.

A dissertação “Transpondo a contenção territorial do Estado: por uma educação emancipatória/clandestina dentro dos muros da socioeducação”, de **Isabel Ávila Fernandes Barros**, oferece uma contribuição significativa para a presente investigação ao abordar práticas pedagógicas desenvolvidas por educadores populares em contextos de privação de liberdade, evidenciando a potência da educação crítica como forma de resistência institucional e reumanização dos sujeitos. Ao centrar sua análise na escuta e nas narrativas de educadores populares que atuam no sistema socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro, a autora propõe uma metodologia política e dialógica que se aproxima da abordagem qualitativa adotada nesta pesquisa, ao valorizar as experiências e os sentidos produzidos nos cotidianos educativos de contextos periféricos e marginalizados.

Ambas as investigações compartilham o compromisso com a pedagogia freireana como base teórico-metodológica e ética, entendendo a educação como um processo de libertação, formação de consciência crítica e transformação das condições sociais de opressão. A presença de autores como Boaventura de Sousa Santos e Aníbal Quijano na dissertação de Barros amplia a discussão ao problematizar os mecanismos de apagamento, colonialidade e exclusão que marcam os corpos e territórios dos sujeitos historicamente subalternizados — discussão também relevante para a análise das práticas educativas em Bairros periféricos, como no caso do Bairro Quarentenário, foco desta pesquisa.

O conceito de uma educação "clandestina", cunhado por Barros, é especialmente pertinente para refletir sobre iniciativas pedagógicas que se realizam à margem dos modelos educacionais oficiais, e que, justamente por isso, se mostram mais sensíveis às realidades locais e mais comprometidas com a dignidade dos educandos. Essa perspectiva inspira a análise de práticas educativas em territórios periféricos como espaços de resistência, construção de saberes e fortalecimento da identidade cultural — aspectos centrais também na presente investigação.

Assim, a dissertação de Isabel Barros reforça a importância de práticas educativas insurgentes, que desafiam as estruturas de exclusão e operam na contramão da lógica neoliberal e punitivista, contribuindo para uma compreensão ampliada da pedagogia crítica como ação transformadora, mesmo (e especialmente) em contextos de contenção, exclusão ou invisibilidade social.

A dissertação “Práticas cotidianas e suas alternativas emancipatórias na/da Educação de Jovens e Adultos”, de **Eliezio da Silva Bezerra**, contribui de forma significativa para a presente pesquisa ao abordar as ações didáticas de professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no sistema prisional como práticas curriculares contra-hegemônicas. Ao investigar os currículos “pensadospraticados” que emergem no cotidiano da sala de aula, Bezerra evidencia como os docentes, mesmo em contextos adversos, constroem alternativas pedagógicas que se aproximam dos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire — fundamentos também centrais neste estudo.

A proposta de desinvisibilizar os saberes cotidianos dos professores da escola pública “Fábrica de Asas”, situada dentro do sistema prisional em Rio Branco (AC), aproxima-se do objetivo da presente pesquisa ao reconhecer a potência educativa que nasce das práticas construídas a partir da realidade social dos sujeitos. Assim como no contexto do Bairro Quarentenário, em São Vicente, os processos educativos analisados por Bezerra demonstram que é possível instaurar espaços de emancipação e consciência crítica mesmo em territórios marcados por múltiplas formas de exclusão.

A interlocução com autores como Freire, Jane Paiva, Boaventura de Sousa Santos e Nilda Alves reforça o caráter contra-hegemônico da proposta curricular investigada, permitindo refletir sobre as brechas que se abrem entre o currículo prescrito e o vivido, entre o conhecimento da regulação e o da emancipação. Tais reflexões são fundamentais para a análise de práticas educativas em territórios periféricos, pois apontam que a transformação social pode emergir a partir da escuta, do diálogo e da prática docente comprometida com a realidade dos educandos.

Desse modo, a dissertação de Eliezio Bezerra amplia a compreensão sobre como práticas pedagógicas cotidianas, mesmo dentro de sistemas institucionais rígidos, podem promover mobilidades sociais e despertar a consciência crítica dos alunos. Isso converge com a presente investigação, ao evidenciar que a educação, especialmente quando pautada em perspectivas freireanas, pode operar como instrumento de resistência, reconstrução de identidades e abertura para novos futuros possíveis.

A dissertação “Educação em Direitos Humanos e Emancipação em Paulo Freire”, de **Rayanne Cavalcante Vieira**, contribui significativamente para a presente investigação ao

destacar, com base em análise bibliográfica, como os fundamentos da pedagogia freireana dialogam profundamente com os princípios da Educação em Direitos Humanos. Ao examinar a trajetória de Paulo Freire, sua crítica à educação bancária e a formulação da pedagogia libertadora, Vieira reforça a compreensão de que a educação, quando articulada à luta por direitos, se transforma em instrumento de emancipação dos sujeitos e de transformação social — eixo central também da pesquisa desenvolvida sobre práticas pedagógicas críticas em contextos periféricos.

A articulação entre Educação e Direitos Humanos, como apresentada por Vieira, amplia o entendimento sobre o papel social da escola e dos educadores, ao reconhecer que os processos educativos não podem se dissociar das condições históricas de injustiça, opressão e desigualdade. Esse enfoque sustenta e reforça a análise das práticas pedagógicas em territórios marginalizados, como o Bairro Quarentenário, ao evidenciar que uma educação humanizadora só se concretiza quando os direitos dos educandos são reconhecidos e valorizados como parte do currículo e da prática cotidiana.

A pesquisa ainda evidencia a importância da educação como meio de formação crítica, capaz de “quebrar paradigmas” e promover a liberdade racional dos sujeitos — um pressuposto compartilhado pela pedagogia freireana e pelos movimentos sociais que atuam na defesa dos direitos das populações historicamente excluídas. Tais princípios também orientam a presente investigação, que busca compreender como práticas educativas críticas podem despertar a consciência dos sujeitos e contribuir para sua atuação transformadora no meio em que vivem.

Assim, a dissertação de Rayanne Vieira fornece um aporte teórico importante ao reafirmar que a pedagogia freireana é, por essência, uma pedagogia dos direitos, centrada na dignidade humana e na possibilidade de emancipação. Essa perspectiva fortalece o embasamento da presente pesquisa ao posicionar a educação como eixo estruturante da resistência e da reconstrução do tecido social em comunidades periféricas.

A dissertação de **Sérgio Gomes**, intitulada “A função social da escola pública nas perspectivas reprodutivista e emancipatória e suas implicações na formação do sujeito contemporâneo”, oferece uma importante contribuição à presente pesquisa ao discutir criticamente os papéis historicamente atribuídos à escola pública, especialmente diante das contradições sociais e estruturais vividas pelas populações mais vulneráveis. A investigação conduzida por Gomes, alicerçada no materialismo histórico-dialético e na teoria crítica da educação, reforça o entendimento de que a escola pode tanto reproduzir quanto resistir às lógicas do sistema capitalista — um debate que também atravessa a análise das práticas pedagógicas realizadas em territórios periféricos, como o Bairro Quarentenário.

Ao explicitar o caráter contraditório da escola enquanto espaço de disputa entre reprodução e emancipação, a pesquisa de Gomes fortalece o referencial teórico da presente investigação, especialmente ao destacar que a educação pode — e deve — ser compreendida como prática intencional de transformação. Nesse sentido, sua dissertação compartilha com esta pesquisa o compromisso com a construção de uma educação voltada à emancipação dos sujeitos, capaz de romper com os mecanismos que historicamente mantêm a exclusão e a desigualdade.

Gomes contribui também ao evidenciar a necessidade de olhar para a escola a partir das experiências dos dominados, resgatando o papel da pedagogia crítica como ferramenta de resistência e reinvenção de possibilidades sociais. Essa perspectiva converge com o esforço desta investigação em reconhecer os saberes periféricos e as práticas educativas que, mesmo em contextos marcados por múltiplas vulnerabilidades, afirmam a dignidade dos sujeitos e fomentam sua consciência crítica.

Dessa forma, o estudo de Sérgio Gomes fortalece os fundamentos teóricos da presente pesquisa, ao mostrar que a escola pública pode ser um espaço de luta contra-hegemônica, desde que orientada por uma perspectiva emancipatória da educação, comprometida com a transformação das realidades sociais e com a valorização da pluralidade cultural das comunidades marginalizadas.

6.5 DESCRITOR PEDAGOGIA CRÍTICA

QUADRO 9 - FILTROS UTILIZADOS NO BANCO DE DADOS DA CAPES

Tipo de produção	Ano	Grande área do conhecimento	Área do conhecimento	Área de concentração
Mestrado (dissertação) Doutorado (tese)	2020 2021 2022 2023 2024	Ciências humanas	Educação	EDUCAÇÃO

Fonte: elaborado pela autora em dezembro de 2024

Após a aplicação dos filtros estabelecidos na base de dados, foram identificados 671 resultados entre teses e dissertações que utilizavam o descritor "pedagogia crítica". A partir dessa amostra, selecionei 04 trabalhos que dialogam de forma mais direta com os objetivos desta pesquisa, os quais compõem o corpus de análise e serão apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 10 - OBRAS ESCOLHIDAS A PARTIR DO DESCRITOR PEDAGOGIA CRÍTICA

ANO	IES	AUTOR	TÍTULO	PALAVRA CHAVE	GRAU
2023	UNISALE	BERNARD MARTINS MONTEIRO	RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL (ECG) E A EFETIVIDADE DO DIREITO À EDUCAÇÃO: A PERSPECTIVA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)	Direito à educação	MESTRADO
2023	UNOESTE	GILBERTO ANTES	PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR CRÍTICO	Educação para a cidadania	MESTRADO
2022	UFF	EIDI ROCHA DA CONCEICAO	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA COMO POSSIBILIDADES E CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO CRÍTICA DO STUDANTE	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	MESTRADO
2022	FURB	ROSENILDO MIRANDA DOS SANTOS	CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO SUJEITO A EDUCAÇÃO RELIGIOSA INFORMAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PEDAGOGIA FREIREANA	AUTONOMIA DO SUJEITO EDUCANDO	MESTRADO

Fonte: elaborado pela autora em dezembro de 2024

QUADRO 11 - RESUMO E CATEGORIAS EMERGENTES DOS TRABALHOS ESCOLHIDOS

TÍTULO	AUTOR	RESUMO	CATEGORIAS EMERGENTES
RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL (ECG) E A	BERNARD MARTINS MONTEIRO	A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma instituição internacional profundamente enraizada no cenário educacional mundial. Os	1. Relação entre a Educação para a Cidadania Global (ECG) e o Direito à Educação: A pesquisa aponta que a Educação para a Cidadania Global se articula com a efetividade do direito à educação, visando

<p>EFETIVIDADE DO DIREITO À EDUCAÇÃO: A PERSPECTIVA DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)</p>		<p>dispositivos por ela organizados são fontes embasadoras de políticas públicas educacionais no âmbito mundial, bem como de estudos direcionados à sua análise, interpretação, desdobramentos e aplicações. A Educação para a Cidadania Global (ECG) é uma proposta educacional tida como prioridade pela UNESCO. Nesse sentido, a pesquisa teórica com foco em fontes documentais e bibliográficas primárias, tem como problema de investigação: Quais são as relações existentes entre a Educação para a Cidadania Global (ECG) e a efetividade do direito à educação abordadas nos dispositivos difundidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a partir da década de noventa? O corpus investigativo está composto pelos seguintes dispositivos difundidos pela UNESCO: Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI, Educação 2030 Declaração de Incheon: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos e Repensar a Educação: rumo a um bem comum mundial? Os dados são analisados com base na Técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin. Para a articulação teórica-analítica buscamos subsídios nas publicações da UNESCO, estabelecendo diálogo com autores que aprofundam as temáticas contempladas em cada um dos eixos temáticos. O estudo se insere na linha de pesquisa Gestão, Educação e Políticas</p>	<p>garantir o acesso, permanência e qualidade da educação. Essa relação é vista como fundamental na formação cidadã e no papel da educação como estratégia frente a desafios globais.</p> <p>2.A Educação como Estratégia para Enfrentamento de Desafios Globais: A Educação para a Cidadania Global é destacada como uma resposta pedagógica a emergências globais, construindo reflexão crítica e buscando soluções para problemas locais e globais, o que reafirma a importância da educação como ferramenta para promover mudanças sociais.</p> <p>3.Políticas Educacionais da UNESCO: A pesquisa evidencia os dispositivos da UNESCO, como a Declaração de Incheon e Repensar a Educação, como elementos centrais que fundamentam a implementação de políticas públicas educacionais no âmbito global, com ênfase na inclusão e qualidade da educação.</p>
--	--	---	---

		<p>Públicas, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle e conta com o financiamento da Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul (RS/Brasil). Concluímos que o direito à educação é amplamente reconhecido e referido em dispositivos internacionais e nacionais, os quais reconhecem que todos, sem exceção têm direito de acesso, permanência e qualidade da educação; a ECG é entendida como uma estratégia de ação frente às emergências globais, constrói-se e promove a reflexão crítica e que suas abordagens pedagógicas vinculam-se à participação, à democracia, ao protagonismo estudantil, preocupando-se com a solução de problemas locais e globais; a relação entre ECG e a efetividade do direito à educação reside no resultado esperado na formação cidadã dos estudantes e na própria lógica da ECG ao conferir qualificação à educação, um dos pilares do direito à educação.</p>	
<p>PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR CRÍTICO</p>	<p>GILBERTO ANTES</p>	<p>Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma instituição internacional profundamente enraizada no cenário educacional mundial. Os dispositivos por ela organizados são fontes embasadoras de políticas públicas educacionais no âmbito mundial, bem como de estudos direcionados à sua análise, interpretação, esdobramentos e aplicações. A Educação para a Cidadania Global (ECG) é uma proposta educacional da UNESCO. Nesse sentido, a pesquisa teórica com foco em fontes documentais e bibliográficas primárias, tem como problema de</p>	<p>Direito à Educação</p> <p>Refere-se ao reconhecimento universal da educação como um direito humano fundamental, enfatizando o acesso, a permanência e a qualidade da educação para todos, conforme promovido em documentos e políticas da UNESCO.</p> <p>Formação Cidadã e Protagonismo Estudantil</p> <p>Aborda a construção de sujeitos críticos e atuantes, capazes de refletir sobre realidades locais e globais e intervir nelas por meio de participação democrática, diálogo e ação coletiva.</p> <p>Educação e Emergências Globais</p>

		<p>investigação: Quais são as relações existentes entre a educação para a Cidadania Global (ECG) e a efetividade do direito à educação abordadas nos dispositivos difundidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a partir da década de noventa? O corpus investigativo está composto pelos seguintes dispositivos difundidos pela UNESCO: Educação para a Cidadania global: preparando jovens para os desafios do século XXI, Educação 2030 Declaração decheon: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos e Repensar a Educação: como a um bem comum mundial? Os dados são analisados com base na Técnica de Análise de conteúdo, proposta por Bardin. Para a articulação teórica-analítica buscamos subsídios nas publicações da UNESCO, estabelecendo diálogo com autores que aprofundam as temáticas contempladas em cada um dos eixos temáticos. O estudo se insere na linha de pesquisa Gestão, Educação e Políticas Públicas, do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle conta com o financiamento da Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul (RS/Brasil). Concluímos que o direito à educação é amplamente reconhecido e referido em dispositivos internacionais e nacionais, os quais reconhecem que todos, sem exceção têm direito a educação, a qualidade e acesso, permanência e qualidade da educação; a ECG é entendida como uma estratégia de educação frente às emergências globais, constrói-se e promove a reflexão crítica e que suas abordagens pedagógicas vinculam-se à participação, à democracia, ao protagonismo estudantil, reocupando-se com a solução de problemas locais e globais; a</p>	<p>Reflete sobre o papel da educação como resposta ativa aos desafios globais (mudanças climáticas, desigualdades, crises sociais), destacando a ECG como estratégia educativa que articula justiça social, solidariedade e sustentabilidade planetária.</p>
--	--	---	--

		<p>relação entre ECG e a efetividade do direito à educação reside no resultado esperado na formação acadêmica dos estudantes e na própria metodologia da ECG ao conferir qualificação à educação, um dos pilares do direito à educação.</p>	
<p>PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA COMO POSSIBILIDADES E CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ESTUDANTE</p>	<p>EIDI ROCHA DA CONCEICAO</p>	<p>Esta dissertação resultou de uma pesquisa vinculada à linha de pesquisa Diversidade, Desigualdades Sociais e Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Investigou as práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como possibilidades de construção da formação crítica do estudante. Buscou-se conhecer o que pensam os estudantes acerca das práticas pedagógicas na EJA e compreender as relações que estabelecem com a realidade social a partir da formação na EJA. A pesquisa qualitativa contou com a revisão de literatura e coleta de dados através de entrevistas narrativas que foram analisados na perspectiva teórica da entrevista compreensiva. Tivemos como fundamentação teórica, autores que discutem acerca das seguintes temáticas: Educação de Jovens e Adultos, Práticas Pedagógicas e Currículo. Dentre os resultados, destacamos a verificação de que, apesar de os estudantes vivenciarem cotidianamente diferentes formas de opressão, a formação na EJA efetivada através das práticas pedagógicas, têm lhes possibilitado a construção de uma consciência crítica da realidade social. Essa formação crítica se manifesta em geral, em novas atitudes na busca da transformação de si e da coletividade, em um constante vir a ser, conforme assevera a pedagogia freireana.</p>	<p>1.Práticas Pedagógicas na EJA Refere-se às metodologias e abordagens aplicadas em sala de aula que buscam promover o aprendizado significativo e emancipador dos sujeitos da EJA, a partir de suas vivências.</p> <p>2.Formação Crítica do Estudante Trata da construção de uma consciência crítica nos estudantes da EJA, permitindo-lhes interpretar e transformar a realidade social em que estão inseridos.</p> <p>3.Opressão e Transformação Social Discorre sobre como os sujeitos oprimidos podem, por meio da educação freireana, perceber as injustiças sociais e agir coletivamente para transformá-las.</p>
<p>CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DO</p>	<p>JOSENILDO MIRANDA DOS SANTOS</p>	<p>presente pesquisa aborda o tema a construção de autonomia do</p>	<p>Educação Religiosa Informal e Crítica</p>

<p>UJEITO NA DUCAÇÃO ELIGIOSA NFORMAL: UMA NÁLISE A PARTIR A PEDAGOGIA REIREANA</p>		<p>ujeito na educação religiosa informal. Tem-se como objetos enunciados educacionais pertinentes à temática na Proposta Pedagógica de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira, analisados sob a ótica de pressupostos da pedagogia libertadora de Paulo Freire. É uma pesquisa educacional que dialoga com a Ciência da Religião, cuja discussão se insere na área da filosofia da educação. O problema da pesquisa é: a partir da pedagogia freireana, como pode ser articulada a construção da autonomia do sujeito educando religioso levando em conta postulados educacionais da Proposta Pedagógica de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira? Justifica-se pela necessária superação de preconceitos de gênero, raça e intolerâncias religiosas e, pelo fato de que educandos religiosos, normalmente, desconhecem ou não tiveram oportunidade de participarem de processos educativos que, embasados em uma perspectiva crítica da realidade, elaborassem um conhecimento emancipador. Tem-se como objetivo geral compreender, a partir de uma leitura pautada em referenciais freireanos, como pode ser articulada a autonomia do sujeito educando na educação religiosa informal, tal como é concebida pela Proposta Pedagógica de Educação Religiosa da Convenção Batista Brasileira. Estabelece-se como objetivos específicos: 1) mobilizar conceitos da pedagogia de Paulo Freire para pensar a autonomia do sujeito educando no sentido de uma educação informal crítica, libertadora emancipatória; 2) explicitar e refletir sobre a maneira como a Proposta Pedagógica da Convenção Batista Brasileira concebe a relação pedagógica no que diz respeito à autonomia do</p>	<p>Explora o espaço da educação religiosa não formal como um campo possível para práticas educativas libertadoras, voltadas para a formação crítica do sujeito e a superação de preconceitos.</p> <p>Pedagogia Libertadora de Paulo Freire</p> <p>Aponta os fundamentos da pedagogia freireana — como o diálogo, a problematização e a conscientização — como eixos essenciais para a construção da autonomia dos sujeitos, inclusive em contextos religiosos.</p> <p>Superação de Preconceitos e Intolerâncias</p> <p>Discute como a educação religiosa pode contribuir para a desconstrução de preconceitos de gênero, raça e intolerância religiosa, promovendo uma convivência baseada no respeito à diversidade e na emancipação humana.</p>
---	--	---	---

		<p>ujeito educando; 3) analisar a construção da autonomia do educando na Proposta Pedagógica da Convenção Batista Brasileira a partir de Paulo Freire. Adota-se como base para a análise de dados suas categorias, a metodologia e análise textual discursiva, proposta por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi.</p> <p>Caracteriza-se como uma pesquisa básica, bibliográfica, de natureza qualitativa, de caráter exploratório que tem como referencial teórico, fundamental, alguns postulados filosóficos de Paulo Freire tangíveis à práxis educativa, postos nas obras Pedagogia da autonomia e Pedagogia do oprimido. Pretende-se como resultado discutir como a educação libertadora da pedagogia freireana constitui abordagem eficiente na construção de conhecimentos críticos formadores de uma pessoa autônoma, mesmo em processos educacionais desafiadores, capazes de superar todos os tipos de preconceitos e intolerâncias no âmbito do cotidiano do educando.</p>	
--	--	---	--

Fonte: elaborado pela autora em maio de 2025

A dissertação de **Bernard Martins Monteiro** contribui significativamente para a presente investigação ao oferecer uma análise profunda sobre como os marcos internacionais de política educacional — especialmente os documentos da UNESCO — articulam a Educação para a Cidadania Global (ECG) com a efetivação do direito à educação. Embora situada em uma perspectiva global, a pesquisa dialoga diretamente com os fundamentos da Pedagogia Crítica, ao valorizar práticas educativas voltadas à emancipação, participação cidadã e transformação social, elementos centrais também à proposta freireana que fundamenta esta dissertação.

A relação proposta por Monteiro entre ECG e o direito à educação amplia o olhar sobre o papel social da escola e das práticas pedagógicas críticas nos territórios periféricos. Sua abordagem destaca que a efetividade do direito à educação passa não apenas pelo acesso e permanência escolar, mas também pela qualidade e relevância social da educação oferecida

— dimensão diretamente vinculada às experiências formativas que esta pesquisa busca investigar no contexto do Bairro Quarentenário.

Além disso, ao enfatizar a importância da formação cidadã dos sujeitos por meio de práticas pedagógicas atentas às desigualdades locais e globais, Monteiro reforça o entendimento da educação como um processo comprometido com o bem comum e com a construção de sociedades mais justas. Essa visão converge com os objetivos desta dissertação ao compreender a educação nas periferias como ferramenta de resistência, conscientização e fortalecimento da identidade cultural local, especialmente em contextos marcados por exclusão e vulnerabilidade.

Assim, a pesquisa de Monteiro contribui para ampliar os horizontes teóricos desta investigação, articulando o pensamento freireano com políticas públicas de escala internacional, e reforçando a pertinência de se pensar a educação em contextos periféricos como um direito político, ético e coletivo, que deve estar comprometido com a transformação concreta da realidade social.

A pesquisa de **Gilberto Antes**, ao investigar as relações entre a Educação para a Cidadania Global (ECG) e a efetividade do direito à educação nos documentos oficiais da UNESCO, oferece contribuições significativas para o desenvolvimento da presente investigação. Em primeiro lugar, sua análise documental, fundamentada na técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin, serve como referência metodológica para o tratamento das fontes utilizadas neste estudo — sejam elas entrevistas, registros escritos de Irmã Dolores ou documentos institucionais. A forma como o autor articula documentos internacionais com marcos nacionais e locais de políticas públicas educacionais proporciona um modelo sólido para a análise de como ideias globais, como a ECG, podem ser reinterpretadas e aplicadas em contextos comunitários específicos.

Além disso, ao destacar a ECG como uma proposta pedagógica voltada à participação, à democracia e à reflexão crítica — aspectos também centrais na pedagogia freireana — a pesquisa de Antes fortalece o entendimento de que o direito à educação não se limita ao acesso formal, mas implica uma formação crítica, cidadã e emancipadora. Essa compreensão contribui para a análise das práticas educativas desenvolvidas por Irmã Dolores, permitindo situá-las dentro de um movimento mais amplo de educação comprometida com a transformação social.

A ênfase na formação cidadã e no protagonismo estudantil, como discutido por Antes, ressoa com os princípios freireanos identificados nas ações da religiosa e reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a consciência crítica e o engajamento comunitário. Por fim, ao reconhecer a ECG como uma estratégia frente às emergências globais, a pesquisa

amplia o horizonte de leitura sobre as ações de Irmã Dolores, evidenciando que, embora inserida em um contexto local, sua prática dialoga com ideais de justiça social e equidade que transcendem fronteiras.

A pesquisa de Heidi Rocha da Conceição, ao investigar as práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como possibilidades para a construção da formação crítica dos estudantes, oferece aportes relevantes para a presente investigação, especialmente no que se refere à compreensão do papel da educação popular na constituição de sujeitos críticos. O enfoque dado às percepções dos próprios estudantes da EJA, por meio de entrevistas narrativas, reforça a importância de considerar as vozes dos participantes na análise das experiências educativas — abordagem também adotada neste estudo, ao valorizar os relatos de ex-alunos e colaboradores de Irmã Dolores.

A pesquisa de **Heidi Rocha da Conceição** confirma que práticas pedagógicas fundamentadas em uma perspectiva crítica, como propõe a pedagogia freireana, podem levar os sujeitos à reflexão sobre sua própria realidade e ao desenvolvimento de atitudes voltadas para a transformação social. Essa conclusão converge com os objetivos desta investigação ao analisar as ações educacionais de Irmã Dolores sob a ótica dos princípios de Paulo Freire, evidenciando como tais práticas contribuem para a construção da autonomia, do protagonismo e da consciência crítica nos sujeitos envolvidos.

Outro ponto de contribuição diz respeito ao reconhecimento da educação como espaço de resistência às opressões vividas no cotidiano dos educandos. Assim como os estudantes da EJA analisados por Heidi vivenciam desigualdades sociais e encontram, na educação, um caminho para o "vir a ser", também os sujeitos da comunidade do Quarentenário, impactados pelas práticas educativas de Irmã Dolores, demonstram trajetórias marcadas pela superação de barreiras sociais a partir de experiências educativas transformadoras.

Portanto, a dissertação de Heidi Rocha da Conceição reforça o papel das práticas pedagógicas na formação crítica dos sujeitos e inspira esta pesquisa ao confirmar que uma educação humanizadora, dialógica e situada no contexto dos educandos é fundamental para o exercício da cidadania e da transformação social — aspectos centrais tanto na EJA quanto na atuação da Irmã Dolores.

A pesquisa de **Josenildo Miranda dos Santos** contribui significativamente para o presente estudo ao demonstrar como os princípios da pedagogia freireana podem ser aplicados e articulados também em contextos de educação religiosa informal, promovendo a autonomia crítica dos sujeitos educandos. Essa abordagem dialoga diretamente com a prática pedagógica de Irmã Dolores, cuja atuação se deu em forte vínculo com a comunidade católica

local e com espaços não formais de educação — como associações comunitárias, grupos pastorais e ações sociais promovidas por meio da fé.

A ênfase de Josenildo na superação de preconceitos e intolerâncias e na construção do sujeito autônomo através de uma práxis educativa libertadora oferece um referencial teórico que amplia a compreensão da ação educativa de Irmã Dolores, especialmente no que se refere à formação crítica e humanizadora de crianças, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social. Tais elementos reforçam a ideia de que a educação, mesmo quando realizada em espaços religiosos, pode (e deve) promover o pensamento crítico, a emancipação e a transformação da realidade, princípios igualmente identificados nas práticas da educadora em estudo.

Outro aspecto relevante da pesquisa de Josenildo é o uso da análise textual discursiva como metodologia qualitativa, que permite compreender como os discursos educacionais expressam valores, intencionalidades e concepções pedagógicas — o que também se aplica ao trabalho com os cadernos manuscritos de Irmã Dolores, às entrevistas e demais documentos coletados neste estudo.

Por fim, a dissertação demonstra que a educação libertadora de Paulo Freire pode ser aplicada em diferentes contextos — inclusive religiosos — sem perder sua essência crítica, dialógica e transformadora. Isso fortalece a análise do presente trabalho ao sustentar que a atuação de Irmã Dolores não se limita a uma ação assistencialista ou devocional, mas sim a uma proposta de educação comprometida com a formação de sujeitos conscientes, críticos e atuantes em sua realidade.

6.6 DESCRITOR IRMÃ DOLORES

Durante a fase inicial da pesquisa, foi realizada uma busca no banco de dados da CAPES com o objetivo de localizar produções acadêmicas relacionadas à figura de Irmã Dolores. No entanto, não foram encontrados registros ou trabalhos publicados que tratem especificamente dessa personagem. Tal ausência reforça a originalidade e a relevância do presente estudo, uma vez que indica uma lacuna na literatura acadêmica sobre sua atuação pedagógica. Assim, o projeto propõe-se a contribuir de maneira inédita para o campo da Educação, ao investigar as práticas desenvolvidas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário, em São Vicente, à luz da Pedagogia Crítica de Paulo Freire.

7 ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS NOS CADERNOS

A análise dos Cadernos da Irmã Dolores constitui um dos pilares fundamentais deste estudo, sobretudo porque esses registros escritos permitem compreender, com profundidade, as bases políticas, pedagógicas e teológicas que sustentaram o trabalho desenvolvido pela religiosa no Bairro Quarentenário, uma área periférica da cidade de São Vicente. Irmã Dolores, reconhecida por sua atuação comprometida com a transformação social e com a formação crítica de crianças, jovens e adultos, construiu ao longo de sua trajetória um projeto pedagógico marcado pela intencionalidade política e pela visão emancipatória da educação. Nesse sentido, seus cadernos configuram não apenas um material de estudo teológico, mas também um espaço de reflexão pessoal e de elaboração de princípios que orientaram sua práxis educativa.

Os escritos analisados são compostos majoritariamente por anotações provenientes de cursos de Teologia realizados pela própria religiosa. Nessas páginas, encontram-se registros de aulas, sínteses de textos teóricos, interpretações pessoais e, principalmente, formulações que revelam seu modo de compreender a relação entre fé, educação e compromisso social. A leitura atenta desses cadernos revelou a presença de ideias que dialogam diretamente com a Pedagogia Crítica de Paulo Freire, tanto no que diz respeito à defesa da autonomia dos educandos quanto à valorização de práticas comunitárias e à formação de sujeitos capazes de intervir na realidade.

Com o intuito de garantir rigor metodológico, a análise dos documentos foi realizada por meio de um procedimento híbrido: inicialmente, efetuou-se uma leitura manual detalhada, respeitando a singularidade da caligrafia e da organização original do material. Em complemento, empregaram-se ferramentas de inteligência artificial (Chat GPT) voltadas ao reconhecimento e à interpretação de escrita manual, o que facilitou a transcrição de trechos de difícil leitura e permitiu maior precisão no cruzamento e na comparação de anotações. A combinação desses métodos contribuiu para um processo analítico mais robusto, unindo sensibilidade interpretativa e eficiência tecnológica.

Durante a leitura, foram selecionadas frases e trechos considerados marcantes, especialmente aqueles que apresentavam relação direta com a temática central da pesquisa e que contribuíam para responder à questão-problema: Quais são e como os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire estão presentes nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário?. A escolha desses excertos foi orientada pela pertinência ao objeto de estudo e pela capacidade de evidenciar aspectos teóricos e práticos relevantes para a compreensão de seu projeto educativo.

QUADRO 12 – ANÁLISE DOS CADERNOS MANUSCRITOS POR IR. DOLORES

Nº do Caderno	Unidade de Registro (trecho)	Categoria Temática	Subcategoria / Tema	Interpretação / Significado
1	Serviço ao povo para que tenha vida, para que se salve, libertação do povo.	Pedagogia Freireana	Conscientização e libertação	Expressa a educação como ato de libertação e compromisso ético com a vida e a transformação social.
5	Menos individualidades variadas, menos ausência de conhecimento, menos segregação gera menos perda de senso de participação.	Pedagogia Crítica	Crítica às estruturas sociais / participação coletiva	Denuncia a fragmentação e o individualismo como causas da alienação; defende a participação e o conhecimento como práticas libertadoras.
7	Rompimento de estruturas sociais rígidas → mobilidade → rotatividade no trabalho e moradia: gera insegurança, instabilidade.	Pedagogia Crítica	Crítica às estruturas e consequências sociais	Reflete uma análise das condições sociais e econômicas que produzem vulnerabilidade; leitura crítica das contradições do sistema.
5	A cidade que seria o espaço humano para uma vivência comunitária se divide em os ricos que vivem em bairros de luxo e os	Pedagogia Social	Inclusão, cidadania e desigualdade territorial	Observa a desigualdade urbana e a segregação espacial como expressões da exclusão social; sugere a necessidade de

	periféricos que vivem longe dos centros das cidades.			uma educação voltada à justiça social e ao pertencimento comunitário.
2	Com o tempo, os círculos de poder vão diminuindo, e o homem passa a ter maior capacidade de controle.	Autonomia do Educando	Construção da autonomia / emancipação social	Indica um movimento de empoderamento e descentralização do poder; o sujeito ganha consciência e capacidade de agir sobre a própria realidade — ideia alinhada à emancipação e autonomia humana.
4	O que é política? – espaço onde se dá o conflito de classes.	Pedagogia Crítica	Conflito de classes e poder	Define a política como campo de disputa entre classes sociais — visão coerente com a análise crítica das relações de dominação e resistência.
3	O que é política? – toda ação organizada para transformar as coisas comuns.	Pedagogia Freireana	Ação transformadora e consciência política	Amplia o conceito de política para o cotidiano, como prática de transformação e responsabilidade coletiva — próxima da pedagogia da práxis freireana.
8	Aparece no momento	Pedagogia Crítica	Conflito histórico e luta social	Entende a política como processo

	histórico onde os grupos se enfrentam para cumprir o poder.			histórico de disputa entre grupos, destacando o caráter dinâmico das relações de poder.
1	O que é o Estado – organizações para controlar o povo.	Pedagogia Crítica	Crítica ao poder e instituições	Expressa uma visão crítica do Estado como instrumento de dominação, em consonância com o pensamento crítico marxista aplicado à educação.
2	Política é ação.	Pedagogia Freireana	Ação e práxis transformadora	Define política como prática concreta — a ação consciente e comprometida que transforma a realidade.
2	Ação e participação do cidadão dentro de uma tomada de consciência.	Autonomia do Educando	Participação consciente e cidadania ativa	Relaciona política e educação como processos de formação da consciência crítica e da autonomia cidadã — agir com consciência e responsabilidade social.
3	O início nunca foi “o indivíduo” só. Existem os indivíduos: indivíduos que se relacionam com	Pedagogia Crítica	Relação indivíduo–coletivo–natureza	Rompe com a visão individualista e destaca a dimensão relacional e ecológica da

	outros e com a natureza.			existência; enfatiza o ser humano como parte de um tecido social e natural interdependente.
6	O lucro foi um fenômeno do trabalhador – oferecia ao senhor um tributo. O capitalista recebe os tributos na forma de lucro, participação, que não participava no processo de trabalho. Esse tipo de trabalho gerou uma relação distinta entre o possuidor e o não possuidor.	Pedagogia Crítica	Crítica ao sistema capitalista e à exploração do trabalho	Analisa a origem histórica da desigualdade entre quem detém os meios de produção e quem vende sua força de trabalho; relaciona o lucro à exploração e à alienação do trabalhador.
6	O espaço político moderno se define como contraditório porque engloba dominação e liberdade.	Pedagogia Crítica	Contradições do espaço político	Reconhece o caráter ambíguo da política moderna: campo de disputa entre emancipação e controle; destaca a tensão entre poder hegemônico e liberdade democrática.
7	A Revolução é um processo que se autolegitima.	Pedagogia Crítica	Transformação social e legitimidade	Indica que as mudanças estruturais nascem da própria

				dinâmica social e histórica; a revolução é vista como prática de libertação que encontra sua força e justificativa na ação coletiva.
8	O teólogo é um agente social – como tal, tem que fazer uma opção política ligada a uma dimensão ética.	Pedagogia Freireana	Compromisso ético e político da prática religiosa	Relaciona a teologia à responsabilidade social e à práxis libertadora; o compromisso ético do teólogo implica engajamento político em favor dos oprimidos.
4	O povo lê a Bíblia conforme a ideologia da classe dominante.	Pedagogia Crítica	Leitura ideológica e consciência dominada	Aponta para a influência das ideologias dominantes na interpretação religiosa; denuncia a manipulação simbólica e a necessidade de leitura crítica e libertadora das escrituras.
5	O espaço que estamos dando é o espaço que o povo quer?	Autonomia do Educando	Escuta e protagonismo popular	Questiona o papel das lideranças e das instituições na construção do espaço social; valoriza a escuta ativa e a participação efetiva do povo

				nas decisões coletivas.
8	O povo quer transformar, mas o grupo, por ter a cabeça feita pela classe dominante, julga de forma utópica e vai para a perpetuação, onde se continua a linha teológica tradicional.	Pedagogia Crítica	Alienação e reprodução ideológica	Mostra o conflito entre desejo de mudança e manutenção do status quo; critica a internalização dos valores da classe dominante e a dificuldade de ruptura com a tradição conservadora.
1	Não adianta tirar as coisas se elas não são substituídas por algo concreto.	Autonomia do Educando	Transformação prática e conscientização	Defende a necessidade de transformação concreta e consciente, baseada em alternativas reais; relaciona mudança social à ação educativa transformadora e planejada.
5	A ação libertadora existe em qualquer situação de opressão, e é uma forma de domínio, ou seja, de superação dessa opressão.	Pedagogia Freireana	Ação libertadora e superação da opressão	Destaca a libertação como prática ativa e contínua diante da opressão; evidencia a educação e a ação política como meios de transformação social e de conquista da autonomia.

4	Conseguimos perceber a realidade da injustiça e da opressão — é nessa causa real (dolorosa) que será gerada a ação libertadora, chamando à esperança.	Pedagogia Freireana	Consciência da realidade e esperança transformadora	Enfatiza o despertar da consciência crítica a partir da experiência concreta da dor e da exclusão; propõe a esperança como força mobilizadora para a mudança e libertação coletiva.
1	Essa espiritualidade (teologia da libertação) tem uma parte teórica e teórico-prática — não é possível pensar uma coisa e viver outra.	Pedagogia Freireana	Unidade entre teoria e prática (práxis)	Reforça a coerência entre o discurso e a prática libertadora; aproxima-se da concepção freireana de práxis, onde reflexão e ação caminham juntas na transformação da realidade.

Fonte: elaborado pela autora

A partir desse processo, realizaram-se categorizações temáticas que permitiram organizar o conteúdo de maneira coerente com o referencial teórico da investigação. Embora várias possibilidades tenham emergido, quatro categorias se destacaram pela sua recorrência e profundidade analítica: pensamento freireano, pedagogia crítica, autonomia do educando e pedagogia social. Essas categorias serviram como base para examinar a presença de elementos freireanos nas práticas de Irmã Dolores, assim como para identificar dimensões associadas à ideia de “bairro educador” e aos impactos percebidos pelos sujeitos que participaram de suas iniciativas.

Dessa forma, esta sessão apresenta os resultados da análise documental, articulando a leitura dos cadernos com os objetivos estabelecidos para a pesquisa: **(1)** identificar e descrever os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire presentes nas práticas educacionais da religiosa; **(2)** reconhecer aspectos do conceito de “bairro educador” em suas ações formativas e sociais; e **(3)** analisar as percepções de ex-alunos e demais envolvidos nos

projetos realizados no Bairro Quarentenário. Ao integrar documentos pessoais, ferramentas tecnológicas e fundamentos teóricos, busca-se oferecer uma interpretação abrangente da contribuição político-pedagógica de Irmã Dolores e de seu legado para a educação comunitária.

As ideias apresentadas nas frases destacam um percurso de reflexão crítica sobre a sociedade, a política e a educação, enfatizando a importância da ação consciente para a transformação social. Quando se afirma que “só existe opressão porque há quem obedeça, porque quer algo, libertação do povo”, evidencia-se o caráter relacional do poder: nenhuma forma de dominação se sustenta sem a passividade, o medo ou a dependência daqueles que são submetidos. Essa compreensão aproxima-se da pedagogia emancipadora, que afirma que a libertação exige conscientização e ruptura com a naturalização da submissão.

A crítica à individualidade vazia e à menor qualidade de conhecimento ressalta o empobrecimento cultural produzido por estruturas sociais que desestimulam a participação e limitam o acesso a saberes significativos. Isso se relaciona ao rompimento das estruturas sociais rígidas, fundamentadas na mobilidade restrita, na precariedade do trabalho e na manutenção da desigualdade. Quando se menciona que grandes corporações se apropriam de uma visão comunitária dividida em centro e periferia, denuncia-se como o território e a classe se articulam na produção da dominação: a concentração de poder econômico reforça fronteiras simbólicas e materiais que limitam oportunidades.

Nesse campo, a compreensão de Freire e Torres acerca da integração é extremamente relevante. Como expressa Torres (2014, p. 8),

a integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da de transformá-la que se junta à de optar, cuja nota fundamental é a criticidade. Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam, e as decisões já não são suas porque resultadas de comandos estranhos, já não se integra.

Essa formulação amplia a análise da opressão ao evidenciar que a verdadeira integração ao mundo não se confunde com adaptação passiva, mas implica uma relação crítica, ativa e criadora com a realidade. Quanto mais os sujeitos perdem a capacidade de escolher por si mesmos — condição típica em sociedades marcadas por desigualdades estruturais — mais se afastam de seu potencial humano e se transformam em objetos das decisões alheias.

Torres aprofunda essa discussão ao afirmar que “as tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma elite que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida” (2014, p. 8). Essa dinâmica constitui

um mecanismo sofisticado de heteronomia: em vez de protagonizar sua própria historicidade, o povo é conduzido a aceitar, de maneira acrítica, análises e propostas produzidas por grupos que detêm capital político, econômico e intelectual. A prescrição — forma de poder que se oculta sob a aparência de orientação — torna-se, assim, instrumento de subjugação, pois desautoriza o discernimento popular e restringe sua capacidade de formular alternativas.

Esse entendimento é reforçado por outra afirmação de Torres (2014, p. 11), segundo a qual “toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é em si violenta.” O autor rompe com a concepção tradicional de violência como mero ato físico e reconhece que a violência estrutural antecede e fundamenta qualquer forma explícita de agressão. A violência está inscrita nas instituições que permitem a desigualdade, nas relações de trabalho que produzem alienação e nas estruturas simbólicas que legitimam a inferiorização dos grupos populares. Assim, a opressão não é apenas política ou econômica, mas ontológica: fere a condição humana ao negar a possibilidade de ser mais.

Essa perspectiva dialoga com a crítica freireana. Freire (1978, p. 11) afirma que “o trabalho educativo das igrejas não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta onde se situam.” Ou seja, nenhuma instituição formadora — seja escola, igreja, movimento social ou comunidade — atua no vazio. Suas práticas pedagógicas estão imersas em determinações históricas, ideológicas e sociais que moldam suas possibilidades de ação. Assim, mesmo iniciativas educativas que se pretendem neutras acabam por reproduzir ou questionar, consciente ou inconscientemente, a ordem existente. A educação religiosa, quando comprometida com os pobres, pode transformar-se em instrumento de libertação; quando alinhada ao conservadorismo, tende a justificar relações de dominação sob o discurso da harmonia.

Essa ambiguidade é tematizada no trecho do caderno 4 de Irmã Dolores que afirma:

na medida em que a aprendizagem os introduz numa compreensão cada vez mais clara da dramática realidade do povo, e se empenham em novas formas de ação (...) passam a ser vistos como figuras diabólicas ao serviço da demonização internacional. Demonização considerada como ameaça à civilização ocidental e cristã que de cristã, na verdade, tem muito pouco.

A citação explicita o processo de criminalização do pensamento crítico, especialmente quando este emerge no interior das próprias instituições religiosas. Educadores que se comprometem com a análise da realidade e com a luta contra a injustiça são rapidamente classificados como perigosos, subversivos ou contrários à ordem “natural” das coisas. Essa reação não é acidental: trata-se de um mecanismo de defesa das estruturas de poder, que procuram preservar seus privilégios demonizando qualquer tentativa de consciência e ação transformadora.

Essa criminalização ecoa a crítica estrutural de que “com o tempo, o circular do poder vai diminuindo”, pois as instituições buscam preservar a centralidade de seu domínio, silenciando aqueles que denunciam suas contradições. A perda da capacidade de optar, como já indicava Torres, insere-se nesse processo mais amplo de desumanização e expropriação da consciência crítica.

Nesse contexto, compreender o que é política é fundamental: a política aparece como expressão do conflito de classes e como ação organizada para transformar ou criar normas. Assim, política não é apenas disputa institucional, mas participação ativa no enfrentamento das contradições sociais. Reconhecer o momento histórico no qual os grupos atuam significa entender que toda ação social é situada, e que cada período produz suas próprias formas de luta e resistência.

Ao definir o Estado como organização para controlar o povo, ressalta-se seu caráter ambivalente: ao mesmo tempo em que pode assegurar direitos, também pode funcionar como mecanismo de manutenção da ordem dominante. A política, portanto, é associada à participação do cidadão dentro de uma tomada de consciência, reforçando que a transformação social depende da atuação crítica dos sujeitos. Quando se afirma que a ciência é neutra, mas o cientista não, amplia-se essa reflexão para o campo do conhecimento: toda produção científica é atravessada por valores, interesses e perspectivas, e não pode ser interpretada como mera reprodução da realidade.

O trecho que diz que somos frutos do ambiente social indica que os indivíduos não existem isoladamente; são formados por estruturas, tradições, práticas e disputas históricas. Isso não significa determinismo, pois a própria educação crítica assume que os sujeitos podem interferir no mundo e recriar sua realidade. Contudo, reconhece-se que o sistema de produção, a divisão do trabalho e a organização econômica moldam profundamente as possibilidades individuais. A injustiça é descrita como diferença que cria contraste entre quem pode e quem não pode, reforçando a importância de analisar as desigualdades a partir das relações concretas de poder.

As perguntas “o que se quer estudar?” e “a quem isso serve?” chamam atenção para o papel crítico da educação como prática política. O saber transforma apenas quando se coloca a serviço dos oprimidos, respondendo às suas necessidades reais e fomentando autonomia. Por isso, não estudar é cruzar os braços, pois negar o conhecimento significa reforçar a ordem existente. A educação, nessa perspectiva, aparece como possibilidade concreta de superação da opressão.

A afirmação de que a ação libertadora acontece em qualquer espaço de opressão amplia a compreensão de que a emancipação não ocorre apenas em grandes movimentos sociais, mas no cotidiano, nas relações de trabalho, na escola e nos territórios periféricos. A organização comunitária é apresentada como forma de resistência: ao desenvolver a capacidade de percepção crítica, os sujeitos rompem com a passividade e recuperam o sentido coletivo da luta.

Por fim, a referência à espiritualidade libertadora destaca que a transformação social não é apenas política ou material, mas envolve também a dimensão ética, simbólica e existencial do sujeito. A libertação integral exige que o indivíduo reconheça sua dignidade, pertença à comunidade e desenvolva consciência crítica sobre a realidade, unindo reflexão e ação — a práxis transformadora.

A integração freireana aparece, assim, como síntese dessa caminhada: apenas quem opta, critica, age e transforma integra-se verdadeiramente à humanidade da qual faz parte. E, como mostram Torres e Freire, integrar-se não é adaptar-se: é insurgir-se contra a violência estrutural, contra as prescrições impostas e contra toda forma de desumanização que tenta transformar sujeitos históricos em objetos das elites.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo tem como finalidade apresentar e contextualizar o material empírico que fundamenta a análise dos dados desta pesquisa. O corpus analítico é composto por entrevistas semiestruturadas realizadas com sujeitos que participaram, em diferentes momentos, das propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário. As entrevistas foram concebidas como estratégia metodológica para acessar percepções, memórias e significados atribuídos às experiências educativas vivenciadas, permitindo uma compreensão aprofundada das práticas pedagógicas investigadas à luz da Pedagogia Crítica.

Após a realização das entrevistas, todo o material coletado foi submetido a um processo de transcrição integral, realizado com o apoio da ferramenta de transcrição do Microsoft Word. Esse procedimento assegurou maior fidelidade às falas dos participantes e possibilitou a organização sistemática do conteúdo textual, constituindo uma base sólida para as etapas posteriores de análise. Ressalta-se que, durante esse processo, buscou-se preservar expressões, pausas e entonações consideradas relevantes para a compreensão dos sentidos produzidos nos discursos.

Em atendimento aos princípios éticos que orientam a pesquisa em Educação, a identidade dos participantes foi preservada por meio da substituição dos nomes reais por codinomes inspirados em autores da Teologia da Libertação. Essa escolha visa garantir o anonimato e a confidencialidade dos sujeitos, ao mesmo tempo em que estabelece um diálogo simbólico com o horizonte teórico-político da pesquisa, marcado pelo compromisso com a justiça social, a emancipação humana e a transformação da realidade.

Concluída a transcrição, iniciou-se o processo de leitura flutuante do material, seguido de leituras sucessivas e aprofundadas, conforme orienta a análise de conteúdo proposta por Bardin. Esse movimento permitiu identificar falas que dialogavam diretamente com a questão central da pesquisa — Quais são e como os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire estão presentes nas propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Dolores no Bairro Quarentenário? — bem como com o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo. A partir dessa etapa, o material foi organizado de modo a evidenciar sentidos, recorrências e elementos significativos para a investigação.

O corpus das entrevistas, assim sistematizado, constitui a base para as análises apresentadas nas seções subsequentes. Por meio da categorização temática, serão explorados os elementos da pedagogia crítica presentes nas práticas educativas investigadas, a percepção dos sujeitos acerca dessas experiências e os aspectos que dialogam com a concepção de educação como prática social e emancipatória.

QUADRO 13 – ANÁLISE DA ENTREVISTA COM BOFF

Entrevistado	Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Subcategoria	Inferência Interpretativa
Boff	“Se ela tivesse alguma oportunidade de arranjar um serviço para uma pessoa que ela conhecia, ela indicava.”	Pedagogia Crítica	Participação social e solidariedade	Evidencia a educação articulada à inserção social e ao trabalho como dimensão da emancipação humana, superando a lógica assistencialista.
Boff	“De olhar os mais pobres, mais necessitados, sempre foi assim. Não tinha distinção de pessoas, distinção de religião...”	Pedagogia Freireana	Educação como compromisso ético	Expressa uma prática educativa pautada na ética do cuidado, na justiça social e no reconhecimento do outro, coerente com a pedagogia da libertação.
Boff	“Ensinou muita gente ter amor ao próximo, cuidar do próximo, olhar pelo próximo, pela natureza também.”	Pedagogia Social	Formação humana e consciência ecológica	Revela uma concepção ampliada de educação, integrando dimensões sociais, éticas e ambientais, alinhada à educação integral.
Boff	“Já tinha um lugar para ter aula para as crianças... o objetivo dela é dar educação para as crianças.”	Pedagogia Freireana	Centralidade da educação	Demonstra a compreensão da educação como eixo estruturante da transformação social desde a infância.
Boff	“Era muito respeito com a religião... ela começou sempre pela educação.”	Pedagogia Crítica	Diálogo cultura- educação	Indica uma prática pedagógica que respeita a cultura e a religiosidade local, utilizando-as como mediação educativa.
Boff	“Começaram a estudar... começaram a trabalhar fora. Comecei a ter outro tipo de vida.”	Autonomia do Educando	Educação e mobilidade social	Aponta a educação como instrumento de mudança concreta de vida, promovendo autonomia e novas possibilidades sociais.
Boff	“Ela tinha aquela preocupação de colocar eles na escola, de tirar eles da rua.”	Pedagogia Social	Proteção social e direito à educação	Evidencia a educação como estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade social e garantia de direitos.
Boff	“Ter paciência com o aluno, ver o que precisa... conversa para poder comprar o material.”	Pedagogia Freireana	Educação humanizada	Revela uma prática educativa baseada no diálogo, na escuta e no respeito às condições materiais dos educandos.

Entrevistado	Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Subcategoria	Inferência Interpretativa
Boff	“É uma educação que não mexe só com a educação... se a pessoa não tem o que comer, também tem que ajudar.”	Pedagogia Crítica	Educação e condições materiais	Confirma a compreensão freireana de que não há aprendizagem dissociada das condições concretas de existência.

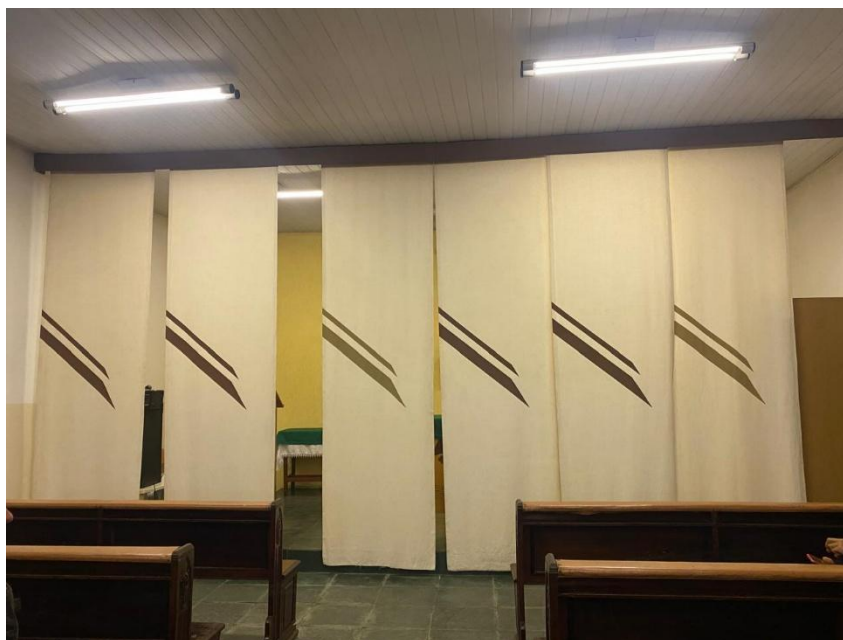
Fonte: elaborado pela autora

A análise das falas do entrevistado identificado pelo codinome Boff possibilita compreender como os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire se manifestam nas propostas pedagógicas desenvolvidas no Bairro Quarentenário, respondendo à questão central desta pesquisa: **quais são e como os elementos da pedagogia crítica estão presentes nessas práticas educativas**. Os depoimentos evidenciam uma concepção de educação comprometida com a transformação social, com a dignidade humana e com a formação de sujeitos críticos e autônomos, em consonância com o referencial freireano.

Em relação ao Objetivo Específico 1 — identificar e descrever os elementos da pedagogia crítica de Paulo Freire presentes nas práticas educacionais, as falas revelam uma educação fundamentada no compromisso ético, no diálogo e na humanização do processo educativo. O entrevistado destaca que não havia distinção de pessoas ou de religião, o que evidencia uma prática educativa orientada pela justiça social e pelo reconhecimento do outro como sujeito histórico. Tal perspectiva dialoga com Freire (2011), ao afirmar que a educação libertadora é um ato político e ético, inseparável da luta contra toda forma de opressão. Ademais, a atenção às necessidades concretas dos educandos — como alimentação, material escolar e permanência nos espaços educativos — confirma a compreensão freireana de que não há aprendizagem dissociada das condições reais de vida.

Ainda no âmbito desse objetivo, merece destaque a organização dos espaços educativos em diálogo com o espaço religioso. A separação física entre o presbitério, onde ocorriam as celebrações, e o local destinado às aulas e cursos, por meio de uma cortina, evidencia uma intencionalidade pedagógica pautada no respeito à religiosidade e, simultaneamente, na autonomia do processo educativo. Essa configuração revela uma prática dialógica, que valoriza a cultura local sem impor uma lógica doutrinária, alinhando-se à defesa freireana do respeito aos saberes e às experiências dos sujeitos.

Imagem 12 – Separação do presbitério do restante da igreja por meio de cortinas



Fonte: fotografado pela autora

No que se refere ao Objetivo Específico 2 — identificar os aspectos de “bairro educador” nas iniciativas educativas e sociais, as falas do entrevistado indicam a utilização de espaços comunitários como lugares de aprendizagem, formação e convivência. A igreja, para além de sua função religiosa, transforma-se em espaço educativo e social, acolhendo crianças, jovens e adultos em atividades formativas diversas. Essa articulação entre educação, trabalho, assistência social e cultura revela uma concepção ampliada de educação, compreendida como responsabilidade coletiva e prática social, característica fundamental da ideia de território educador. Tal perspectiva dialoga com Freire ao afirmar que a educação acontece na relação com o mundo e com os outros, ultrapassando os limites formais da escola.

Em relação ao Objetivo Específico 3 — analisar a percepção dos ex-alunos e sujeitos envolvidos nas propostas pedagógicas, as falas de Boff evidenciam impactos concretos das experiências educativas na trajetória de vida dos participantes. Ao relatar que muitos educandos conseguiram construir percursos profissionais diversos, inclusive mencionando o testemunho de um ex-aluno que, após realizar cursos no local, passou a trabalhar em uma empresa de destaque em Portugal, o entrevistado revela a percepção de que a educação proporcionou autonomia, mobilidade social e ampliação de horizontes. Esses relatos reforçam a compreensão freireana de que a educação deve possibilitar ao sujeito “ler o mundo” e agir sobre ele de forma crítica e transformadora (FREIRE, 1996).

Dessa forma, a análise das falas do entrevistado Boff evidencia que as propostas pedagógicas investigadas incorporam elementos centrais da Pedagogia Crítica de Paulo Freire, respondendo de maneira consistente à questão de pesquisa e aos objetivos estabelecidos. Os dados empíricos revelam práticas educativas orientadas pelo diálogo, pelo

respeito às diferenças, pela promoção da autonomia e pela compreensão da educação como prática de transformação social enraizada no território.

Do ponto de vista **hermenêutico**, as falas do entrevistado Boff revelam sentidos que ultrapassam a literalidade do discurso e permitem compreender a educação como experiência vivida, situada e carregada de significados construídos na relação entre sujeito, território e prática educativa. Ao narrar ações aparentemente simples, como a indicação de pessoas para o trabalho ou o cuidado com a permanência das crianças nos espaços educativos, o entrevistado expressa uma compreensão implícita da educação como mediação entre a vida concreta e os processos de emancipação humana. A hermenêutica, nesse sentido, permite apreender que tais práticas não se configuram apenas como ações pontuais, mas como expressões de uma racionalidade pedagógica orientada pelo compromisso ético com o outro.

Ainda sob essa perspectiva interpretativa, a recorrência de termos como “olhar”, “cuidar”, “respeitar” e “ter paciência” nas falas de Boff indica a centralidade de uma pedagogia do cuidado e da presença, na qual o educador se envolve com a totalidade da vida do educando. Hermeneuticamente, esses termos revelam uma compreensão da educação como relação intersubjetiva, marcada pela escuta sensível e pela atenção às condições existenciais dos sujeitos. Tal leitura dialoga com a concepção freireana de que o ato educativo é sempre um encontro entre sujeitos históricos, mediado pelo mundo e pelas circunstâncias concretas de vida.

A análise hermenêutica também permite compreender que a ausência de distinções religiosas, mencionada pelo entrevistado, não se restringe a uma postura de tolerância, mas expressa uma ética da alteridade profundamente enraizada nas práticas educativas analisadas. O sentido atribuído à educação, nesse contexto, é o de um espaço de acolhimento e reconhecimento, no qual as diferenças não são apagadas, mas respeitadas e integradas ao processo formativo. Essa compreensão se aproxima da leitura freireana da educação como prática radicalmente democrática, que se constrói no diálogo e no reconhecimento do outro como sujeito de direitos.

No que se refere à utilização dos espaços religiosos como ambientes educativos, a hermenêutica permite interpretar a separação simbólica entre o espaço do culto e o espaço das aulas não apenas como uma organização física, mas como expressão de uma intencionalidade pedagógica consciente. Tal configuração revela o esforço de preservar a autonomia do processo educativo, evitando sua subordinação a uma lógica doutrinária, ao mesmo tempo em que se respeita a cultura e a religiosidade da comunidade. Esse movimento interpretativo evidencia uma pedagogia que dialoga com o contexto sem se confundir com ele, reafirmando a educação como prática crítica e emancipadora.

Do ponto de vista hermenêutico-existencial, os relatos de mobilidade social e mudança de vida expressos pelo entrevistado não devem ser lidos apenas como resultados objetivos da educação, mas como experiências subjetivas de ressignificação da própria existência. Ao afirmar “comecei a ter outro tipo de vida”, Boff revela um processo de reconstrução identitária mediado pela educação, no qual o sujeito passa a se perceber como capaz, digno e portador de novas possibilidades. Essa dimensão simbólica e subjetiva da educação reforça a leitura freireana da formação da autonomia como processo histórico e relacional, que envolve consciência, ação e esperança.

Por fim, a análise hermenêutica das falas do entrevistado evidencia que a educação desenvolvida no Bairro Quarentenário se constituiu como prática social profundamente enraizada na realidade concreta dos sujeitos, articulando cuidado, ética, trabalho, espiritualidade e luta por direitos. A interpretação dos sentidos produzidos nas narrativas permite afirmar que a pedagogia analisada não opera apenas no plano instrumental, mas no plano simbólico, afetivo e político, contribuindo para a construção de sujeitos críticos e conscientes de seu lugar no mundo. Essa leitura hermenêutica reforça, portanto, a compreensão da educação como prática de liberdade, em consonância com os fundamentos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire.

QUADRO 14 – ANÁLISE DA ENTREVISTA COM GUSTAVO GUTIÉRREZ

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Subcategoria	Inferência Interpretativa (Bardin)	Entrevistado
“Progredindo com a escola em diversos campus... de dar aula mais social, político, sempre crescendo...”	Pedagogia Crítica	Educação social e política	Evidencia a educação como prática que ultrapassa conteúdos acadêmicos, integrando dimensão social e política para formação cidadã.	Gustavo Gutiérrez
“Temos o projeto para a cidadania... todo um trabalho dos professores de incentivar que as pessoas procurem estudar mais.”	Pedagogia Freireana	Formação cidadã	Demonstra valorização da conscientização crítica e incentivo à ampliação do conhecimento, alinhado à pedagogia da libertação.	Gustavo Gutiérrez
“Todos os assuntos são relevantes... chamamos alguém especializado, especialmente para mercado de trabalho.”	Pedagogia Social	Formação profissional	Destaca a articulação entre educação e inserção no mercado de trabalho, fortalecendo autonomia e inclusão social.	Gustavo Gutiérrez

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Subcategoria	Inferência Interpretativa (Bardin)	Entrevistado
“Atuou e direcionou tudo em favor de trazer a melhoria das condições de vida para os bairros.”	Pedagogia Crítica	Educação e transformação social	Evidencia a educação como instrumento de mudança concreta na realidade social do território.	Gustavo Gutiérrez
“Se falava muito, se conversava muito... valorizava os saberes que os alunos traziam de suas vivências.”	Pedagogia Freireana	Valorização dos saberes dos educandos	Confirma a prática freireana de considerar o conhecimento prévio dos educandos como base para o processo educativo.	Gustavo Gutiérrez
“Nossa prioridade é manter a filosofia que a irmã Dolores deixou para permitir o conhecimento para pessoas... rejeitadas muitas vezes em outros lugares.”	Pedagogia Crítica	Educação inclusiva	Indica prática educativa que promove acolhimento e inclusão de sujeitos historicamente marginalizados.	Gustavo Gutiérrez
“Sempre esclarecendo sobre seus direitos e deveres... porque nada vem fácil para as comunidades periféricas.”	Pedagogia Freireana	Conscientização sobre direitos	Evidencia a educação como instrumento de cidadania crítica, fortalecendo a autonomia política dos educandos.	Gustavo Gutiérrez
“As pessoas têm que acreditar que é possível buscar aquilo que desejam.”	Autonomia do Educando	Incentivo à autonomia	Mostra a educação como promotora de esperança, motivação e protagonismo dos sujeitos.	Gustavo Gutiérrez
“Era esse de fazer as pessoas enxergarem... ser um cidadão crítico do processo que vive a cada dia.”	Pedagogia Crítica	Educação para a criticidade	Destaca a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de agir sobre a realidade.	Gustavo Gutiérrez
“Ela acreditava que só a educação pode promover a pessoa humana e reduzir a violência... a falta de conhecimento é uma violência.”	Pedagogia Social	Educação como redução de desigualdades	Evidencia a educação como instrumento de emancipação social e de transformação das condições de vida do território.	Gustavo Gutiérrez

Fonte: elaborado pela autora.

As falas do entrevistado identificado pelo codinome Gustavo Gutiérrez permitem compreender como os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire se manifestam nas práticas pedagógicas desenvolvidas no Bairro Quarentenário, respondendo à questão central da pesquisa. Os depoimentos evidenciam uma concepção de educação ampliada, que articula formação escolar, cidadania, trabalho e transformação social.

Em relação ao Objetivo Específico 1 — identificar e descrever os elementos da pedagogia crítica de Paulo Freire presentes nas práticas educacionais —, as falas revelam que a educação vai além da transmissão de conteúdos, integrando dimensões sociais e políticas. Ao afirmar que a atuação escolar envolve não apenas cursos técnicos, mas também “dar aula mais social, político, sempre crescendo”, o entrevistado indica que o processo educativo busca formar sujeitos conscientes de sua realidade, em consonância com Freire (2011, p. 42), que afirma que a educação é um ato político e de libertação. Além disso, ao destacar a valorização dos saberes prévios dos alunos — “valorizava os saberes que os alunos traziam de suas vivências” — observa-se a centralidade do diálogo e da experiência dos educandos como base do processo educativo, reforçando a pedagogia freireana de que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho” (FREIRE, 1996, p. 25).

Quanto ao Objetivo Específico 2 — identificar os aspectos de “bairro educador” nas iniciativas educativas e sociais —, as falas evidenciam que a educação é concebida como prática territorial e social. Os cursos profissionalizantes são acompanhados de formação cidadã, esclarecimento sobre direitos e deveres e orientação para o mercado de trabalho. Segundo o entrevistado, essas ações “atuaram e direcionaram tudo em favor de trazer a melhoria das condições de vida para os bairros”. Tal abordagem demonstra a compreensão de que o território é um espaço educativo, em que saberes, experiências e práticas sociais se articulam, alinhando-se à perspectiva de Freire de que a educação deve ser conectada à realidade concreta dos sujeitos (FREIRE, 1996, p. 54).

Em relação ao Objetivo Específico 3 — analisar a percepção dos ex-alunos e sujeitos envolvidos nas propostas pedagógicas —, os depoimentos revelam a percepção de que a educação promove autonomia, esperança e transformação social. Ao afirmar que “as pessoas têm que acreditar que é possível buscar aquilo que desejam” e que a educação pode reduzir a violência, o entrevistado evidencia a concepção freireana de que a educação é prática da liberdade e instrumento de transformação social (FREIRE, 2011, p. 50). Além disso, a ênfase na formação de cidadãos críticos — “ser um cidadão crítico do processo que vive a cada dia” — reforça que a pedagogia aplicada no território visa desenvolver consciência crítica e capacidade de intervenção na realidade, elementos centrais na obra de Freire (1996, p. 52).

Dessa forma, as falas de Gustavo Gutiérrez evidenciam que os princípios da Pedagogia Crítica — diálogo, valorização dos saberes, formação cidadã, autonomia e compromisso com a transformação social — estão presentes nas práticas pedagógicas analisadas, respondendo de maneira consistente à questão de pesquisa e aos objetivos estabelecidos. A educação, nesse contexto, se configura como prática emancipatória, profundamente enraizada na realidade social e cultural do bairro, promovendo tanto o desenvolvimento pessoal quanto a melhoria das condições coletivas do território.

Metodologicamente, a recorrência de expressões como “social”, “político”, “cidadania”, “direitos”, “consciência” e “transformação” foi interpretada como indicador de uma concepção de educação orientada por uma racionalidade crítica. Essas expressões não foram tomadas apenas em seu sentido lexical, mas compreendidas como categorias simbólicas que revelam uma compreensão ampliada do papel da educação na vida dos sujeitos e do território. A hermenêutica permitiu, assim, interpretar essas falas como manifestações de uma pedagogia comprometida com a formação de sujeitos críticos e com a transformação das condições sociais.

A valorização dos saberes trazidos pelos educandos, reiterada pelo entrevistado, foi analisada metodologicamente como elemento central da pedagogia dialógica freireana. Do ponto de vista hermenêutico, tal valorização expressa o reconhecimento do educando como sujeito histórico e produtor de conhecimento, rompendo com hierarquias tradicionais do saber. Essa leitura interpretativa foi construída a partir da articulação entre os dados empíricos e o referencial teórico, garantindo coerência entre análise e fundamentação conceitual.

A análise hermenêutica também permitiu compreender que a ênfase na formação para a cidadania, no esclarecimento de direitos e deveres e na inserção no mercado de trabalho não se restringe a objetivos instrumentais, mas expressa uma concepção de educação voltada à emancipação social. Metodologicamente, essas falas foram interpretadas como evidências de uma práxis educativa que articula consciência crítica e ação transformadora, conforme defendido por Paulo Freire, e que se materializa no cotidiano das práticas pedagógicas do território.

Do ponto de vista metodológico-interpretativo, os relatos que associam educação à redução da violência e à promoção da dignidade humana foram compreendidos como construções discursivas que revelam a educação como resposta ética às desigualdades sociais. A hermenêutica permitiu interpretar essas narrativas como expressão de uma leitura crítica da realidade, na qual a ausência de acesso ao conhecimento é compreendida como forma de violência estrutural, reforçando a centralidade da educação como prática de libertação.

Por fim, a articulação entre Análise de Conteúdo e hermenêutica possibilitou compreender as falas de Gustavo Gutiérrez como narrativas que expressam não apenas avaliações sobre as práticas educativas, mas também uma visão de mundo construída coletivamente no território. Essa abordagem metodológica reforça a validade interpretativa da pesquisa, ao evidenciar que os dados empíricos dialogam de maneira consistente com os pressupostos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire e com os objetivos estabelecidos, permitindo compreender a educação analisada como prática social, política e emancipatória.

QUADRO 15 – ANÁLISE DA ENTREVISTA COM FREI BETTO

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Unidade de Contexto / Subcategoria	Inferência Interpretativa (Bardin)	Entrevistado
“Ela era o evangelho vivo... guerreira pelas causas sociais, pelos pobres.”	Pedagogia Crítica	Compromisso ético-político	Evidencia a educação como prática social comprometida com os oprimidos e com a transformação da realidade.	Frei Betto
“Querer a situação de igualdade social para todas as pessoas.”	Pedagogia Freireana	Justiça social	Expressa a educação como instrumento de enfrentamento das desigualdades e promoção da equidade.	Frei Betto
“Conseguiu organizar a população... construiu escola, tudo isso para valorizar a pessoa humana.”	Pedagogia Social	Organização comunitária	Revela a educação como ação coletiva de fortalecimento da cidadania e da dignidade humana.	Frei Betto
“Construiu a escola... foi dada pra prefeitura... depois uma creche.”	Pedagogia Social	Direito à educação	Indica a institucionalização do direito à educação como conquista social do território.	Frei Betto
“A finalidade dela era a elevação da população... através da educação.”	Pedagogia Crítica	Educação emancipatória	Evidencia a educação como meio central de melhoria das condições de vida.	Frei Betto
“O carro-chefe do curso é elétrica... logo conseguem emprego.”	Autonomia do Educando	Formação profissional	Demonstra a educação como promotora de autonomia e inserção social.	Frei Betto
“Acreditava no ensino em que a pessoa fosse agente do seu conhecimento.”	Pedagogia Freireana	Protagonismo do educando	Confirma explicitamente a adoção da pedagogia freireana.	Frei Betto

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Unidade de Contexto / Subcategoria	Inferência Interpretativa (Bardin)	Entrevistado
“Educação progressista... com o centro do aluno.”	Pedagogia Freireana	Centralidade do educando	Reafirma a superação da educação bancária.	Frei Betto
“Era um processo educacional... saber o que eles queriam, qual a necessidade.”	Pedagogia Crítica	Educação dialógica	Evidencia o diálogo como princípio pedagógico estruturante.	Frei Betto

Fonte: elaborado pela autora

As falas do entrevistado identificado pelo codinome **Frei Betto** revelam, de forma densa e consistente, uma concepção de educação profundamente alinhada aos pressupostos da **Pedagogia Crítica de Paulo Freire**, contribuindo diretamente para a resposta à questão central desta pesquisa. Os depoimentos permitem compreender a educação não apenas como prática pedagógica institucional, mas como **processo histórico, coletivo e político**, orientado à transformação das condições de vida da população periférica.

No que se refere ao **Objetivo Específico 1 — identificar e descrever os elementos da pedagogia crítica presentes nas práticas educacionais**, destaca-se a compreensão da educação como ação ética e emancipatória. Ao caracterizar a atuação como “evangelho vivo” e como luta pela igualdade social, o entrevistado evidencia uma prática educativa comprometida com os sujeitos historicamente oprimidos e com a valorização da pessoa humana. Tal perspectiva dialoga diretamente com Freire (2011), ao afirmar que a educação libertadora exige uma tomada de posição ética diante das injustiças sociais, recusando a neutralidade e assumindo o compromisso com a humanização. A educação, nesse sentido, configura-se como prática política, voltada à transformação da realidade.

Outro elemento central da pedagogia freireana presente nas falas refere-se à **centralidade do educando e da coletividade como sujeitos do processo educativo**. Ao afirmar que se acreditava em um ensino no qual a pessoa fosse agente do próprio conhecimento, o entrevistado explicita a ruptura com a lógica da educação bancária criticada por Freire (1996). Essa concepção se materializa em práticas fundamentadas no diálogo, na escuta e na participação ativa dos sujeitos, compreendendo o conhecimento como construção coletiva a partir das experiências concretas da comunidade.

No âmbito do **Objetivo Específico 2 — identificar os aspectos de “bairro educador”**, as falas permitem compreender o território como espaço privilegiado de formação humana e política. O entrevistado destaca que as decisões sobre as prioridades da comunidade eram

tomadas coletivamente, por meio de reuniões, nas quais se discutia “o que era mais primordial naquela época”, como a necessidade de um centro de saúde, seguido pela construção da escola e, posteriormente, da creche e da ampliação dos espaços educativos. Esse processo evidencia uma prática educativa baseada na **participação popular e na práxis freireana**, entendida como ação-reflexão-ação sobre a realidade concreta. Para Freire (1996), é nesse movimento coletivo que se constrói a conscientização e se fortalece a autonomia dos sujeitos.

A organização comunitária em torno da conquista de direitos básicos — saúde, educação e cuidado com a infância — reforça a compreensão da educação como prática social ampliada, que extrapola os limites da sala de aula. Ao afirmar que essas reuniões constituíam, em si, um processo educacional, o entrevistado evidencia que a educação acontecia no exercício da cidadania, no debate coletivo e na tomada de decisões, em consonância com a ideia freireana de que a leitura crítica do mundo precede a leitura da palavra.

No que se refere ao **Objetivo Específico 3 — analisar a percepção dos sujeitos envolvidos nas propostas pedagógicas**, as falas de Frei Betto indicam que a educação produziu efeitos concretos e duradouros na vida da população. A formação profissional, especialmente nos cursos voltados à inserção no mundo do trabalho, aparece como um dos resultados do processo educativo, mas não como sua finalidade única. A educação é compreendida como meio de elevação da consciência, de melhoria da qualidade de vida e de fortalecimento da dignidade humana, articulando formação técnica e formação política.

A construção e posterior doação das instituições educacionais ao poder público reforçam a compreensão da educação como **direito social**, e não como favor ou ação assistencialista. Essa postura rompe com relações de dependência e reafirma a autonomia coletiva da comunidade, em consonância com Freire (2011), ao defender que a educação libertadora deve contribuir para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas da própria história.

Dessa forma, a análise aprofundada das falas do entrevistado Frei Betto evidencia que os elementos da **Pedagogia Crítica de Paulo Freire** estão presentes de maneira orgânica e estruturante nas práticas pedagógicas investigadas. O diálogo, a participação coletiva, a centralidade do educando, a conscientização política e a compreensão da educação como prática de liberdade emergem como categorias fundamentais para compreender a educação como processo emancipatório no território periférico analisado.

QUADRO 16 – ANÁLISE DA ENTREVISTA COM LIBÂNIO E DOM HELDER CÂMARA

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Unidade de Contexto / Subcategoria	Inferência Interpretativa	Entrevistado
“Então ela sempre tinha esse cuidado de valorizar a pessoa, de patrocinar a pessoa, e ela nunca não era assim, ela não pegava a pessoa e jogava lá, aí fazia aquele preparo, fazia aquela lapidação e daí nós continuamos.”	Pedagogia Crítica	Valorização da pessoa humana	Evidencia uma prática educativa centrada no respeito à dignidade do sujeito e no desenvolvimento progressivo de suas potencialidades.	Libânio
“Então, o que é que muitas vezes ela chamava, chamava outros membros das pastorais e íamos na casa daquelas pessoas com mais fragilidade, com mais dificuldade, onde aqueles barracos eram normalmente palafitas, nas condições já bastante desagradáveis para o ser humano, que o ser humano não pode viver nas condições daquela.”	Educação Social	Atenção às vulnerabilidades sociais	Revela uma ação educativa comprometida com a realidade concreta dos sujeitos e com o enfrentamento das condições desumanizantes.	Libânio
“Aí desmanchava tudo o pequeno barraco que existia e reformava, deixava em condições pelo menos mais vivíveis.”	Educação e Transformação Social	Intervenção no território	Demonstra a articulação entre educação e ação social como meio de transformação das condições de vida.	Libânio
“Mas ela me ensinou como que era viver em comunidade, como que era ajudar as pessoas, e a irmã assim, ela não lembrava muito dela, ela lembrava mais do outro.”	Pedagogia Freireana	Educação comunitária e solidária	Evidencia a aprendizagem baseada na convivência, na solidariedade e no compromisso com o coletivo.	Dom Hélder Câmara
“E outra coisa bonita também que ela falava que	Educação Humanizadora	Centralidade da dignidade humana	Expressa a valorização do ser humano como	Dom Hélder Câmara

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Unidade de Contexto / Subcategoria	Inferência Interpretativa	Entrevistado
em cada palafita tinha um sacrário vivo de Cristo, porque é ali onde Cristo estava, era ali onde o povo sofre, é ali onde as pessoas mais necessitam das coisas e nem sempre os governantes vão lá para ajudar.”			centro da ação educativa e social, especialmente dos mais vulneráveis.	
“Porque era o que mais marca, mais marcava, mais doído que marcou e que aí para a gente ainda marca, porque a gente procura cada dia viver esse aprendizado, é justamente essa característica de estar sempre olhando, estar sempre potencializando a pessoa humana, e esse potencializar que hoje, infelizmente, muitas vezes pessoas, até mesmo por desconhecimento, têm até uma certa crítica com a forma que ela evangelizava.”	Pedagogia Crítica	Emancipação e valorização do sujeito	Evidencia a educação como prática de fortalecimento humano e de resistência a visões reducionistas da ação educativa.	Libânio
“Ela nos ensinou de viver na vida, e política para ela é arte e ciência do bem comum.”	Pedagogia Crítica	Educação política	Indica a compreensão da educação como formação para a cidadania ativa e compromisso com o bem comum.	Libânio
“Porque assim, a irmã, ela construiu a VIP porque ela pensava muito nos jovens, principalmente naqueles	Pedagogia Social	Juventude e inclusão social	Revela a educação como estratégia de inclusão, prevenção social e reconstrução de	Dom Hélder Câmara

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Unidade de Contexto / Subcategoria	Inferência Interpretativa	Entrevistado
que viviam nas drogas. Então, ela criou a VIP justamente para tirar esse pessoal e dar uma boa educação, porque para ela a educação era a base.”			trajetórias de vida da materialização da vocação ao “ser mais”.	
“Ela queria que as pessoas tivessem toda a qualidade de vida, porque todo ser humano merece ter uma boa qualidade de vida.”	Educação em Direitos Humanos	Dignidade e qualidade de vida	Reafirma a educação como direito humano e meio de promoção da justiça social.	Dom Hélder Câmara
“Por isso que a gente fala que a fé e a vida andam juntos, porque a irmã pensava na evangelização, mas também pensava na ação social de que as pessoas também tivessem qualidade de vida.”	Educação Integral	Articulação fé, vida e ação social	Demonstra uma concepção de educação que integra dimensões humanas, sociais e éticas.	Dom Hélder Câmara
“Então, se tinha um dos conceitos que a irmã mais defendia é a educação como forma de transformar, como forma de transformar as pessoas.”	Pedagogia Crítica	Educação emancipatória	Evidencia a compreensão da educação como instrumento central de transformação humana e social.	Libânio
“Então, a educação era vista pela irmã assim como um corpo total. É que dentro dele, não é que estava revestido de educação, é que dentro daquele corpo estava de fato uma formação humana. E essa formação humana, ela é acadêmica, ela é espiritual, ela é um	Formação Integral	Integralidade do sujeito	Indica uma concepção ampliada de educação, alinhada à perspectiva freireana de formação humana integral.	Libânio

Unidade de Registro (trecho da fala)	Categoria Analítica	Unidade de Contexto / Subcategoria	Inferência Interpretativa	Entrevistado
completo, é um composto completo.”				
“Ela pensava nas pessoas que tinham que ir para a VIP, até hoje tem pessoas que costuram na VIP, porque para ela a educação, a pessoa tinha que aprender as coisas básicas para viver melhor na sociedade.”	Educação Social	Inserção social e autonomia	Evidencia a educação como meio de autonomia, trabalho e participação social.	Dom Hélder Câmara
“Até que ela falava muito nas mulheres, que ela falava assim, que as mulheres tinham que se informar para poder saber conversar, para não ser humilhada pelas patroas, aquelas que eram faxineiras, para que as pessoas soubessem de fato seus direitos, seus deveres, porque às vezes a gente fala tanto de direito e de dever, mas a gente não sabe qual é o nosso.”	Educação Emancipatória	Consciência de direitos	Destaca a educação como ferramenta de empoderamento, especialmente das mulheres, e de enfrentamento das desigualdades sociais.	Dom Hélder Câmara

Fonte: elaborado pela autora.

As falas dos entrevistados Libânio e Dom Hélder Câmara, analisadas à luz da análise de conteúdo temática de Bardin, permitem compreender como a educação desenvolvida em contextos periféricos se constitui como um processo de resistência às desigualdades sociais e de fortalecimento da identidade cultural local, respondendo diretamente à questão-problema da pesquisa. Os núcleos de sentido extraídos dos depoimentos revelam uma concepção de educação profundamente vinculada à valorização da pessoa humana, à ação comunitária e à transformação da realidade social.

No que se refere ao **Objetivo Específico 1 — identificar e descrever os elementos da pedagogia crítica de Paulo Freire presentes nas práticas educativas**, observa-se que

a educação é compreendida como um processo intencional de humanização. As unidades de registro que enfatizam o “cuidado de valorizar a pessoa”, o “preparo” e a “lapidação” evidenciam uma prática pedagógica que reconhece o educando como sujeito histórico, portador de saberes e potencialidades. Essa perspectiva dialoga diretamente com Freire (1996), ao defender que a educação deve partir do respeito à dignidade e à autonomia do educando, rejeitando práticas bancárias e assistencialistas. A formação humana aparece, portanto, como eixo central do processo educativo, integrando dimensões acadêmicas, éticas, políticas e espirituais.

Em relação ao **Objetivo Específico 2 — identificar os aspectos da educação enquanto prática territorial e comunitária**, os depoimentos revelam que o território não é apenas cenário, mas parte constitutiva do processo educativo. As falas que relatam visitas às moradias em condições precárias, a mobilização de diferentes atores comunitários e as ações voltadas à melhoria das condições de vida demonstram uma educação enraizada na realidade concreta dos sujeitos. Essa prática se alinha à concepção freireana de leitura crítica do mundo, na qual educar implica compreender e intervir nas estruturas que produzem a exclusão social. A educação, nesse sentido, assume caráter político, ao enfrentar situações de desumanização e afirmar o direito à vida digna.

Quanto ao **Objetivo Específico 3 — analisar a percepção dos sujeitos envolvidos acerca dos efeitos do processo educativo**, as falas evidenciam que a educação é percebida como promotora de autonomia, consciência crítica e engajamento social. A recorrência de categorias relacionadas à educação política, à formação para o bem comum e à conscientização sobre direitos e deveres indica que o processo educativo contribui para a construção de sujeitos críticos, capazes de compreender seu lugar no mundo e atuar coletivamente. Destaca-se, ainda, a ênfase na educação de jovens e mulheres, revelando um compromisso com grupos historicamente marginalizados, o que reforça o caráter emancipatório da prática educativa, conforme defendido por Freire (2011).

A análise também evidencia que a educação é concebida como formação integral, entendida como um “corpo total”, no qual se articulam conhecimentos acadêmicos, experiências comunitárias e valores humanos. Essa concepção rompe com uma visão fragmentada do processo educativo e reforça a educação como prática de liberdade, orientada para a transformação das condições de vida e para o fortalecimento da identidade coletiva.

Dessa forma, os dados analisados indicam que a educação em contextos periféricos se configura como um processo contínuo de resistência cultural, política e social. Fundamentada nos princípios da pedagogia crítica, ela promove a humanização, a autonomia e a participação cidadã, respondendo de maneira consistente à questão-problema da pesquisa e aos objetivos

estabelecidos, ao afirmar a educação como instrumento de emancipação e de construção de uma sociedade mais justa.

8.1 ANÁLISE CONJUNTA DAS ENTREVISTAS

A análise integrada das entrevistas realizadas com os participantes identificados pelos codinomes Boff, Gustavo Gutiérrez, Frei Betto, Libânio e Dom Hélder Câmara possibilitou compreender, de maneira aprofundada, como os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire se materializam nas práticas pedagógicas desenvolvidas no Bairro Quarentenário. Embora os entrevistados ocupem diferentes posições no processo educativo — como educadores, colaboradores e sujeitos diretamente envolvidos nas ações comunitárias —, seus depoimentos convergem ao reconhecer a educação como uma prática ética, política e socialmente comprometida com a transformação das condições de vida da população periférica. Essa convergência empírica responde de forma consistente à questão central desta pesquisa, ao evidenciar que a educação desenvolvida no território estudado não se limita à transmissão de conteúdos, mas se constitui como práxis transformadora.

No que se refere ao **Objetivo Específico 1**, que consistiu em identificar e descrever os elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire presentes nas práticas educacionais analisadas, as entrevistas revelam, de forma recorrente, a centralidade do diálogo, da valorização dos saberes dos educandos e da superação da lógica da educação bancária. Boff destaca práticas educativas pautadas na escuta atenta, no respeito ao tempo de aprendizagem dos sujeitos e na atenção às suas condições materiais de existência, evidenciando uma concepção de educação profundamente humanizada e contextualizada. Gustavo Gutiérrez reforça essa dimensão ao afirmar que o processo educativo envolve, de maneira indissociável, aspectos sociais, políticos e culturais, reconhecendo os educandos como portadores de saberes legítimos, construídos a partir de suas experiências de vida. Frei Betto, por sua vez, explicita a adesão a uma educação progressista, na qual o educando é compreendido como sujeito ativo da construção do conhecimento, em consonância direta com os pressupostos freireanos de diálogo e construção coletiva do saber (FREIRE, 1996; 2011).

Ainda no âmbito desse objetivo, emerge de forma significativa a compreensão da educação como ato político e ético. As falas dos entrevistados evidenciam um posicionamento claro diante das desigualdades sociais, marcado pelo compromisso com a justiça social, com a dignidade humana e com a transformação das estruturas de exclusão. Tal posicionamento reafirma a perspectiva freireana de que não existe neutralidade no ato educativo, uma vez que toda prática pedagógica expressa uma escolha ética e política frente à realidade social.

No que diz respeito ao **Objetivo Específico 2**, voltado à identificação dos aspectos de “bairro educador” nas iniciativas educativas e sociais desenvolvidas no território, as entrevistas evidenciam que o Bairro Quarentenário é compreendido como espaço privilegiado de aprendizagem, formação e conscientização. Os relatos indicam uma concepção ampliada de educação, que extrapola os limites da escola formal e se materializa em espaços comunitários, reuniões coletivas, ações de saúde, trabalho e organização social. Frei Betto destaca que as prioridades do bairro — como a construção de escola, creche e centro de saúde — eram definidas em assembleias comunitárias, caracterizando esses momentos como processos educativos em si, nos quais os sujeitos aprendiam a participar, dialogar e decidir coletivamente. Boff e Gustavo Gutiérrez complementam essa análise ao enfatizar que as práticas educativas estavam diretamente articuladas às necessidades concretas da comunidade e orientadas à melhoria das condições de vida da população.

Essa compreensão dialoga diretamente com a noção freireana de educação como práxis — ação e reflexão sobre a realidade —, na medida em que as ações educativas analisadas se configuram como intervenções conscientes e coletivas sobre o território (FREIRE, 1996). O bairro, nesse sentido, não é apenas cenário das práticas educativas, mas elemento constitutivo do processo formativo, reforçando a ideia de que o território também educa.

No que se refere ao **Objetivo Específico 3**, que buscou analisar a percepção dos ex-alunos e sujeitos envolvidos nas propostas pedagógicas, os depoimentos convergem ao evidenciar impactos concretos e duradouros da educação na vida dos participantes. Boff relata trajetórias de mobilidade social, inserção no mundo do trabalho e ampliação das perspectivas de vida. Gustavo Gutiérrez destaca o fortalecimento da esperança, da autonomia e da consciência cidadã, enquanto Frei Betto enfatiza a elevação da qualidade de vida e da dignidade humana proporcionadas pelas ações educativas desenvolvidas no território. Esses relatos reforçam a compreensão de que a educação analisada promove uma formação humana integral, possibilitando aos sujeitos tornarem-se protagonistas de suas próprias histórias, em consonância com a pedagogia da autonomia proposta por Paulo Freire (1996).

De forma transversal, as entrevistas evidenciam que a educação desenvolvida no Bairro Quarentenário é concebida como direito social e não como ação assistencialista. A luta pela construção de instituições educativas, a reivindicação de políticas públicas e a posterior doação de equipamentos ao poder público indicam uma prática educativa orientada à emancipação coletiva e à consolidação da cidadania. Essa postura rompe com relações de dependência e reforça o protagonismo comunitário, elemento central do pensamento freireano.

A essa análise somam-se as contribuições dos entrevistados identificados pelos codinomes Libânio e Dom Hélder Câmara, cujos depoimentos aprofundam e ampliam a compreensão da educação como prática de resistência, humanização e fortalecimento da identidade cultural local. No âmbito do **Objetivo Específico 1**, Libânio destaca uma concepção de educação orientada pela valorização da pessoa humana e pelo desenvolvimento progressivo de suas potencialidades, evidenciando uma prática pedagógica que reconhece o educando como sujeito histórico. Dom Hélder Câmara complementa essa perspectiva ao enfatizar a aprendizagem da vida comunitária, da solidariedade e do cuidado com o outro, reforçando o caráter ético e dialógico da educação defendida por Freire (1996).

Em relação ao **Objetivo Específico 2**, as falas de Libânio evidenciam de forma concreta a articulação entre educação e território, especialmente ao relatar ações realizadas diretamente nas moradias em condições precárias, mobilizando a comunidade para a melhoria das condições de vida. Dom Hélder Câmara amplia essa análise ao atribuir centralidade simbólica e humana aos espaços periféricos, reconhecendo-os como territórios de luta, resistência e produção de sentido coletivo, o que reforça a compreensão do bairro como espaço educativo.

Quanto ao **Objetivo Específico 3**, ambos os entrevistados destacam os efeitos duradouros da educação na formação de sujeitos autônomos, críticos e comprometidos com o bem comum. Libânio enfatiza a educação como formação integral — acadêmica, humana e ética —, enquanto Dom Hélder Câmara ressalta a educação como base para a inclusão social, a ampliação da cidadania e a melhoria da qualidade de vida. Essas contribuições corroboram a perspectiva freireana de que a educação, enquanto prática da liberdade, promove a autonomia e a capacidade de intervenção crítica na realidade (FREIRE, 2011).

Dessa forma, ao integrar as contribuições dos cinco entrevistados, a análise evidencia que a educação desenvolvida no Bairro Quarentenário se configura como um processo coletivo, político e emancipatório. Fundamentada nos princípios da Pedagogia Crítica de Paulo Freire, essa prática educativa fortalece identidades, promove a dignidade humana e se constitui como estratégia de resistência às desigualdades sociais, reafirmando a educação como prática de liberdade e instrumento de transformação social em contextos periféricos.

Com o intuito de aprofundar a compreensão dos dados empíricos e tornar mais explícita a articulação entre as entrevistas, os objetivos específicos da pesquisa e o referencial teórico adotado, optou-se por sistematizar os principais achados por meio de quadros-síntese. Esses quadros constituem um recurso analítico que permite organizar, de forma clara e integrada, as

categorias emergentes das falas dos entrevistados, bem como evidenciar sua relação com os princípios da Pedagogia Crítica de Paulo Freire.

A elaboração dos quadros foi realizada a partir da Análise de Conteúdo Temática, conforme proposta por Bardin, que possibilitou a identificação de unidades de sentido recorrentes nas entrevistas. A partir dessas unidades, foram construídas categorias analíticas que dialogam diretamente com os objetivos específicos da pesquisa e com os conceitos freireanos que fundamentam este estudo. Assim, os quadros não têm caráter meramente descritivo, mas interpretativo, pois resultam de um processo de leitura, categorização e análise crítica dos dados.

Os quadros apresentados a seguir organizam a análise em diferentes níveis. Inicialmente, sistematizam-se as contribuições individuais dos entrevistados, relacionando suas falas às categorias analíticas e aos elementos da Pedagogia Crítica. Em seguida, os quadros sintetizam os achados referentes a cada objetivo específico, permitindo visualizar como os princípios freireanos se materializam nas práticas educativas, como o território se configura como espaço educativo e quais impactos essas práticas produziram na vida dos sujeitos envolvidos. Por fim, apresenta-se uma síntese geral da análise, integrando os principais eixos interpretativos construídos ao longo da pesquisa.

Dessa forma, os quadros-síntese cumprem a função de auxiliar o leitor na compreensão do percurso analítico realizado, favorecendo a visualização das relações entre teoria e empiria e evidenciando a coerência interna da pesquisa. Ao mesmo tempo, esses instrumentos reforçam o rigor metodológico do estudo, ao explicitar como os dados empíricos sustentam as interpretações e conclusões apresentadas ao longo desta dissertação.

QUADRO 17 – RELAÇÃO ENTRE ENTREVISTADOS, CATEGORIAS ANALÍTICAS E ELEMENTOS DA PEDAGOGIA CRÍTICA

Entrevistado (Codinome)	Categorias Emergentes	Elementos da Pedagogia Crítica (Freire)
Boff	Escuta, cuidado, atenção às condições materiais dos educandos	Diálogo; valorização dos saberes da experiência; educação humanizada

Entrevistado (Codinome)	Categorias Emergentes	Elementos da Pedagogia Crítica (Freire)
Gustavo Gutiérrez	Educação como prática social e política; valorização dos saberes populares	Educação como ato político; recusa à educação bancária; conscientização
Frei Betto	Educação progressista; protagonismo do educando	Construção coletiva do conhecimento; educador-educando
Libânio	Valorização da pessoa humana; formação integral	Humanização; educação como processo emancipatório
Dom Hélder Câmara	Solidariedade; vida comunitária; dignidade humana	Ética, diálogo e educação como prática da liberdade

Fonte: elaborado pela autora.

O quadro 17 foi elaborado com o objetivo de tornar visível a relação entre os depoimentos dos entrevistados e os principais conceitos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire. A partir da leitura e da análise das entrevistas, foram identificadas categorias recorrentes nas falas dos participantes, que posteriormente foram relacionadas aos elementos teóricos freireanos. Dessa forma, o quadro 17 não apresenta apenas uma descrição dos entrevistados, mas uma síntese interpretativa que permite compreender como cada sujeito, a partir de sua experiência concreta, contribui para a compreensão do fenômeno investigado.

Observa-se que, embora os entrevistados tenham trajetórias e atuações distintas no território, todos fazem referência a práticas educativas baseadas no diálogo, no respeito ao educando e na valorização da pessoa humana. Esses elementos aparecem de maneiras diversas, mas convergem para uma concepção de educação que se opõe à lógica autoritária e transmissiva. O quadro 17 evidencia, portanto, que os princípios da Pedagogia Crítica não são mencionados apenas em nível discursivo, mas se expressam nas práticas cotidianas relatadas, reforçando a coerência entre teoria e prática educativa no contexto estudado.

QUADRO 18 – SÍNTESE ANALÍTICA DO OBJETIVO ESPECÍFICO 1

Elementos da Pedagogia Crítica	Evidências nas Entrevistas
Diálogo	Práticas baseadas na escuta, paciência pedagógica e troca de saberes
Valorização dos saberes populares	Reconhecimento das experiências de vida dos educandos como ponto de partida
Superação da educação bancária	Educandos como sujeitos ativos do processo educativo
Educação como ato político	Compromisso explícito com justiça social e igualdade
Formação da consciência crítica	Educação voltada à leitura crítica da realidade

Fonte: elaborado pela autora

Este quadro visa sintetizar os principais elementos da Pedagogia Crítica de Paulo Freire identificados nas práticas educacionais analisadas, respondendo diretamente ao primeiro objetivo específico da pesquisa. A sistematização evidencia que categorias como diálogo, valorização dos saberes populares, superação da educação bancária e formação da consciência crítica aparecem de forma recorrente nos depoimentos dos entrevistados.

A presença desses elementos indica que as práticas educativas desenvolvidas no Bairro Quarentenário se afastam de modelos tradicionais e hierarquizados de ensino, aproximando-se de uma concepção problematizadora e dialógica de educação. Conforme defende Freire (1996), a educação libertadora reconhece o educando como sujeito do processo educativo, capaz de refletir criticamente sobre sua realidade. O quadro permite compreender que essa perspectiva não se restringe ao discurso, mas se materializa nas ações concretas desenvolvidas no território, fortalecendo o caráter emancipatório da prática pedagógica analisada.

QUADRO 19 – SÍNTESE ANALÍTICA DO OBJETIVO ESPECÍFICO 2

Dimensão do Bairro Educador	Evidências Empíricas
Território como espaço educativo	Uso de espaços comunitários como ambientes formativos
Integração entre políticas sociais	Articulação entre educação, saúde, alimentação e trabalho
Participação comunitária	Decisões coletivas em assembleias e reuniões
Educação para a cidadania	Aprendizagem da participação, do diálogo e da organização social
Práxis educativa	Ação-reflexão sobre a realidade do bairro

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 19 apresenta a síntese analítica dos aspectos que caracterizam o Bairro Quarentenário como um possível “bairro educador”, conforme identificado nas entrevistas. A organização do quadro evidencia uma concepção ampliada de educação, na qual o território é compreendido como espaço formativo, capaz de produzir aprendizagens para além dos muros da escola.

Os dados empíricos revelam que a integração entre educação, saúde, alimentação, trabalho e participação comunitária constitui um eixo central das práticas educativas desenvolvidas. As assembleias comunitárias, os espaços coletivos e as ações voltadas à melhoria das condições de vida aparecem como processos educativos em si, nos quais os sujeitos aprendem a dialogar, participar e intervir na realidade. Essa compreensão dialoga diretamente com a noção freireana de práxis — ação e reflexão —, reforçando a ideia de que o território não é apenas cenário das práticas educativas, mas elemento constitutivo do processo formativo.

QUADRO 20 – SÍNTESE ANALÍTICA DO OBJETIVO ESPECÍFICO 3

Impactos da Educação	Evidências nos Depoimentos
Mobilidade social	Inserção profissional e ampliação de oportunidades
Autonomia	Capacidade de tomada de decisões e protagonismo
Consciência cidadã	Reconhecimento de direitos e deveres
Esperança e dignidade	Melhoria da qualidade de vida e fortalecimento da autoestima
Formação humana integral	Desenvolvimento acadêmico, ético e social

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 20 sistematiza os impactos percebidos pelos ex-alunos e sujeitos envolvidos nas práticas educativas desenvolvidas no Bairro Quarentenário, atendendo ao terceiro objetivo específico da pesquisa. As evidências empíricas indicam que a educação analisada produziu efeitos que extrapolam a dimensão escolar, alcançando aspectos como mobilidade social, autonomia, consciência cidadã e fortalecimento da dignidade humana.

Os depoimentos revelam que a educação contribuiu para ampliar horizontes, possibilitar inserção profissional e fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento dos sujeitos. Esses resultados corroboram a perspectiva freireana de formação humana integral, na qual a educação promove não apenas o domínio de conteúdos, mas o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de intervenção crítica na realidade (FREIRE, 1996). O quadro evidencia, assim, o caráter transformador das práticas educativas analisadas.

QUADRO 21 – SÍNTESE GERAL DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Eixo Central	Síntese Interpretativa
Concepção de Educação	Educação como prática ética, política e emancipatória

Eixo Central	Síntese Interpretativa
Referencial Teórico	Alinhamento orgânico à Pedagogia Crítica de Paulo Freire
Papel do Território	Bairro como espaço de aprendizagem e resistência
Protagonismo Comunitário	Sujeitos como agentes da transformação social
Finalidade da Educação	Emancipação, cidadania e dignidade humana

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro 21 apresenta uma síntese geral dos principais resultados da análise das entrevistas, articulando os diferentes eixos interpretativos construídos ao longo da pesquisa. Sua função é oferecer ao leitor uma visão global do fenômeno investigado, evidenciando a coerência entre os dados empíricos, os objetivos da pesquisa e o referencial teórico adotado.

A síntese demonstra que a educação desenvolvida no Bairro Quarentenário se configura como uma prática coletiva, politicamente situada e orientada para a emancipação dos sujeitos. O protagonismo comunitário, a centralidade do território como espaço educativo e o compromisso com a dignidade humana aparecem como elementos estruturantes das práticas analisadas. Dessa forma, o quadro final consolida os achados da pesquisa e reforça a compreensão da educação como prática de liberdade, conforme defendido por Paulo Freire.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo central analisar as propostas pedagógicas desenvolvidas por Irmã Maria Dolores no Bairro Quarentenário, em São Vicente, à luz da Pedagogia Crítica de Paulo Freire, buscando compreender de que modo tais práticas se constituíram como experiências educativas emancipatórias em um território historicamente marcado pela exclusão social, pela precarização das condições de vida e pela ausência sistemática do Estado. Ao longo do percurso investigativo, buscou-se articular o referencial teórico com os dados empíricos, reconhecendo que a educação não se desenvolve em abstrato, mas em contextos concretos, atravessados por desigualdades, disputas de poder e processos de resistência.

Os dados empíricos produzidos por meio das entrevistas semiestruturadas, da análise documental e, de forma especial, dos cadernos manuscritos de Irmã Dolores, evidenciam que suas ações educativas extrapolavam os limites da escolarização formal e se inseriam em um projeto mais amplo de formação humana, social e política. Conforme relatado pelos entrevistados, a educação no Quarentenário era concebida como um processo contínuo, vivido no cotidiano da comunidade, nos espaços coletivos, nos mutirões, nas ações solidárias e nas práticas de organização social. Essa concepção dialoga diretamente com Paulo Freire, ao afirmar que “a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1996), reforçando a centralidade do sujeito histórico no processo educativo.

As narrativas dos participantes revelam que Irmã Dolores valorizava os saberes da experiência, reconhecendo o conhecimento produzido pela comunidade como legítimo e fundamental para o processo educativo. Tal prática aproxima-se da crítica freireana à educação bancária, que reduz o educando à condição de receptor passivo, e reafirma a educação problematizadora, na qual o diálogo se constitui como princípio fundante. Como destaca Freire (1987), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Essa compreensão se materializava nas práticas desenvolvidas no Quarentenário, onde educadores e educandos construíam conjuntamente os caminhos do aprender.

Entretanto, a análise crítica dos dados impõe a necessidade de problematizar as condições estruturais nas quais essas práticas se desenvolveram. As ações educativas lideradas por Irmã Dolores emergiram, em grande medida, como resposta à ausência ou insuficiência das políticas públicas no território. Tal constatação evidencia uma contradição central: ao mesmo tempo em que revela a potência da educação popular e comunitária, expõe

o risco da naturalização da precariedade e da transferência de responsabilidades do Estado para iniciativas individuais ou comunitárias. Miguel Arroyo (2012) alerta que “as pedagogias dos oprimidos nascem em contextos de negação de direitos”, o que exige que essas experiências sejam compreendidas não como soluções definitivas, mas como formas de resistência diante da desigualdade estrutural.

Nesse sentido, os dados indicam que o Quarentenário se constituiu como um espaço educativo ampliado, aproximando-se do conceito de “bairro educador”. Escolas, biblioteca comunitária, cursos profissionalizantes, ações de saúde, alimentação e organização social aparecem, nos relatos, como espaços formativos nos quais se aprendia não apenas conteúdos escolares, mas modos de ser, conviver e resistir. Arroyo (2014) contribui para essa leitura ao afirmar que “os territórios populares são territórios pedagógicos”, pois produzem saberes, identidades e formas próprias de leitura do mundo. Contudo, essa construção esteve fortemente vinculada à presença e à liderança de Irmã Dolores, o que evidencia uma fragilidade estrutural relacionada à personalização das práticas educativas.

A dependência significativa de uma liderança central revela limites importantes da experiência analisada. Embora Irmã Dolores tenha atuado como mediadora, articuladora e educadora, sua ausência explicita o risco de descontinuidade das ações e o enfraquecimento dos processos educativos quando não há institucionalização ou incorporação dessas práticas pelas políticas públicas. Esse dado empírico tensiona a análise e reforça a necessidade de compreender a educação emancipatória como um projeto coletivo e estrutural, e não apenas como resultado da atuação de sujeitos individuais, por mais comprometidos que sejam.

Os cadernos manuscritos de Irmã Dolores constituem uma fonte fundamental para compreender a intencionalidade política de sua prática. Neles, observa-se uma articulação consistente entre educação, teologia, política e ética, evidenciando uma leitura crítica da realidade social e uma opção preferencial pelos pobres, característica da Teologia da Libertação. Essa dimensão confirma que sua atuação educativa se configurava como práxis, no sentido freireano, entendida como ação e reflexão transformadora da realidade. Freire (1996) afirma que “não há prática educativa neutra”, e os registros analisados demonstram que as ações de Irmã Dolores estavam conscientemente posicionadas ao lado dos sujeitos historicamente oprimidos.

Todavia, é necessário reconhecer que a análise empírica é atravessada por limites metodológicos. As entrevistas revelam narrativas fortemente marcadas pela gratidão, pela admiração e pela afetividade, o que pode produzir uma idealização da figura de Irmã Dolores. Esse aspecto exigiu da pesquisadora um esforço constante de distanciamento crítico e triangulação das fontes, de modo a evitar uma leitura romantizada da experiência. Tal cuidado

se alinha à perspectiva freireana de que a criticidade implica a recusa de leituras ingênuas da realidade, inclusive quando se trata de experiências socialmente reconhecidas como exitosas.

Do ponto de vista teórico, os dados empíricos dialogam de forma consistente com as categorias centrais da Pedagogia Crítica de Paulo Freire, tais como diálogo, conscientização, autonomia e educação como prática de liberdade. Contudo, a pesquisa também evidencia que a materialização desses princípios ocorre de forma contraditória e inacabada, em meio a limites históricos, políticos e institucionais. Como afirma Freire (1987), a libertação “é um parto doloroso”, marcado por conflitos e resistências, o que se reflete nas práticas educativas desenvolvidas em contextos periféricos.

No que se refere aos objetivos específicos da pesquisa, considera-se que foram atendidos de maneira satisfatória. Foi possível identificar elementos da Pedagogia Crítica nas práticas educativas de Irmã Dolores; analisar o Quarentenário como território educativo; e compreender o impacto dessas ações nas trajetórias pessoais, educacionais e profissionais dos sujeitos envolvidos. Ainda assim, a pesquisa aponta para a necessidade de investigações futuras que analisem os desdobramentos dessas práticas após a ausência da liderança central e que explorem comparativamente outras experiências educativas em territórios periféricos.

Por fim, esta dissertação reafirma que a educação, quando orientada por princípios críticos e emancipatórios, pode se constituir como espaço de resistência, conscientização e produção de esperança. Contudo, conforme alerta Paulo Freire (1992), “a esperança não é um cruzar de braços”, mas exige compromisso político, organização coletiva e luta por direitos. O legado de Irmã Dolores, analisado criticamente neste trabalho, não deve ser compreendido como um modelo a ser replicado de forma acrítica, mas como uma experiência histórica situada, que revela tanto as potencialidades quanto os limites da educação popular em contextos de profunda desigualdade social. Ao dialogar com Freire e Arroyo, esta pesquisa reafirma que a educação não transforma o mundo sozinha, mas pode contribuir decisivamente para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas da transformação social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco da Silva. **Pedagogia social no contexto das vulnerabilidades de crianças no Bairro Caramujo, Niterói/RJ: contribuições do projeto PIPAS-UFF**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/765136>. Acesso em: 11 dez. 2024.

AMARAL, Rubens; CURSINO, Nélia. **Dolores do evangelho: caminhos de santidade da guerreira da paz**. Santos, 2006. [s.n.].

ANTES, Gilberto. **A pedagogia histórico-crítica e a formação do sujeito professor crítico**. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5164>. Acesso em: 25 set. 2024.

ARAÚJO, Nicolle Rebelo de. **Um sonho possível: o pensamento de Paulo Freire em licenciaturas em Pedagogia**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2022. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/7929>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2020.

BARI, Mamadu Mustafa. **Associação de bairro como um espaço de formação político-educativa para jovens guineenses**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/236050/PEED1642-D.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BARROS, Isabel Ávila Fernandes. **Transpondo a contenção territorial do Estado: por uma educação emancipatória/clandestina dentro dos muros da socioeducação**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ppge.fe.ufrj.br/dissertacoes2021/dISABEL%20AVILA%20FERNANDES%20BARROS.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BARROS, Sérgio Gomes. **A função social da escola pública nas perspectivas reprodutivista e emancipatória e suas implicações na formação do sujeito contemporâneo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2021. Disponível em:

<http://www.ensinosuperior.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-humanas/mestrado-ch/1377-a-funcao-social-da-escola-publica-nas-perspectivas-reprodutivista-e-emancipatoria-e-suas-implicacoes-na-formacao-do-sujeito-contemporaneo/file>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BEZERRA, Eliezio da Silva. **Práticas cotidianas e suas alternativas emancipatórias na/da Educação de Jovens e Adultos**. 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2021. Disponível em: <http://www2.ufac.br/ppge/banco-de-dissertacoes/dissertacoes-2021/eliezio-da-silva-bezerra.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2024.

CONCEIÇÃO, Heidi Rocha da. **Práticas pedagógicas na EJA como possibilidades de construção da formação crítica do estudante**. 2022. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/27959>. Acesso em: 19 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MALCHER JUNIOR, João do Espírito Santo Lima. **Curso Popular TF Livre: uma experiência de educação popular no Bairro-território da Terra Firme, Belém-PA**. 2022. Disponível em: <https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/2024/01/JOAO-DO-ESPIRITO-SANTO-LIMA-MALCHER-JUNIOR.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

MÁRCIO, Rafael. **Engajamento político no Levante Popular da Juventude: uma análise sobre os jovens do Cursinho Podemos Mais Heliópolis/SP**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/221320/PEED1556-D.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2024.

MELLA, Lisiane Lígia. **Da possibilidade de sonhar como utopia: narrativas secundaristas a alargar amanhã**. 2023. Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <https://forumeja.org.br/biblioteca-virtual-eja/>. Acesso em: 11 mai. 2024.

MONTEIRO, Bernard Martins. **Relações entre a Educação para a Cidadania Global (ECG) e a efetividade do direito à educação: a perspectiva da UNESCO**. 2023. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNILASALLE_fd2ea8442aa9e472d37e0778a1dc5f36. Acesso em: 11 ago. 2024.

MOTA, Guadalupe Correa. **“Eu, não, nós!” A humanização relacional de Paulo Freire: princípio epistemológico para uma pedagogia crítica**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2022. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/7939>. Acesso em: 11 mai. 2024.

SANTOS, Josenildo Miranda dos. **A construção da autonomia do sujeito na educação religiosa informal: uma análise a partir da pedagogia freireana**. 2021. Disponível em: <https://forumeja.org.br/biblioteca-virtual-eja/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VIEIRA, Rayanne Cavalcante. **Educação em direitos humanos e emancipação em Paulo Freire**. 2022. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/46180>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ANEXOS

Entrevista 1 – Boff

Palestrante 1- entrevistadora

Palestrante 2- Boff.

Transcrever

00:00:02 Palestrante 1

Não é nada muito difícil assim, mas vou fazer algumas perguntas, tá?

00:00:10 Palestrante 1

Essa senhora.

00:00:12 Palestrante 1

quiser acrescentar algo a mais do que eu não perguntei, fique à vontade tá, porque como eu falei para a senhora, a senhora já sabe né, eu não faço parte aqui da comunidade, não conhecia a irmã Dolores né, então tudo que vem para acrescentar para mim é essencial né.

00:00:31 Palestrante 1

Primeiro de tudo, como foi que a senhora conheceu a irmã, como era esse contato com ela?

00:00:39 Palestrante 2

Eu mudei para cá, eu já era católica e eu quando eu mudei, eu falei assim, eu preciso contar uma igreja para mim ir.

00:00:45 Palestrante 2

Aí eu perguntei para a minha vizinha, ela falou assim, não tem uma igreja aqui na rua de trás, aí eu mudei numa no sábado, a missa era na quinta-feira, aí eu fui na quinta-feira a missa, cheguei lá, não conhecia ela nesse dia ainda, mas aí conheci o pessoal da igreja, fui muito bem recebida, aí já me chamaram para ficar na igreja, fiquei aí depois era a senhora de Lourdes, ali na rua GE, aí quando foi na outra semana.

00:01:07 Palestrante 2

Aí na outra semana, as meninas apresentaram ela, eu fiquei lá, eu já fiquei lá com elas lá, já fiquei lá, as meninas também me colocaram na pastoral da na pesagem das crianças.

00:01:19 Palestrante 2

Fico aí quando foi, acho que acho que não tinha nem 15 dias.

00:01:22 Palestrante 2

Ela já chegou para mim, já falou assim, você vai ser coordenadora da Igreja e você vai rezar o texto da.

00:01:29 Palestrante 2

O 1/3 com as meninas.

00:01:30 Palestrante 2

Eu falei irmão, mas a Senhora não me conhece?

00:01:31 Palestrante 2

Eu acabei de chegar e falei não, mas você vai ter aí já fiquei, já fiquei de coordenadora da Igreja Senhora de Lourdes e fiquei na no 1/3 também que a gente as meninas relatem Hoje o 1/3 que ela ficou que ela me chamava de rezadeira e ficou e ela era uma pessoa muito boa, ela sabe, eu já conhecia vocês e já te dava cargo, já botava vocês lá em cima.

00:01:54 Palestrante 2

Muito boa aí a esse tempo eu trabalhava.

00:01:56 Palestrante 2

O meu pai estava doente, ele estava muito doente, eu tomava conta dele que eu morava aqui e ficava lá.

00:02:01 Palestrante 2

Aí ela também apareceu um serviço.

00:02:03 Palestrante 2

Ela falou que não queria trabalhar, não é?

00:02:05 Palestrante 2

Eu falei, meu irmão, agora a minha prioridade é olhar o meu pai, que está doente, mas é sempre poucas pessoas.

00:02:10 Palestrante 2

Se ela tivesse alguma oportunidade de arranjar um serviço para uma pessoa que ela conhecia, ela indicava tudo isso, certo?

00:02:20 Palestrante 1

E como que a Senhora descreveria o impacto da irmã na sua formação pessoal?

00:02:29 Palestrante 2

A irmã ensinou muito assim, é você não assim olhar para a pessoa, porque você às vezes as pessoas fala assim, Ai, eu não, eu não vou muito com a cara dessa pessoa.

00:02:38 Palestrante 2

Você acabou de conhecer a pessoa, você não pode falar, eu não vou com a cara dela, você nem conhece ela.

00:02:42 Palestrante 2

Você tem que sempre conversar com a pessoa primeiro, não assim já chega naquele impacto de você.

00:02:47 Palestrante 2

Eu aprendi muito isso com ela.

00:02:49 Palestrante 2

Porque a pessoa fala assim, uma pessoa tem a cara feia, mas a irmã você conversou com ela, mas então eu sempre aprendi.

00:02:54 Palestrante 2

Aí quando você começa a conversar com a pessoa, você vê que não é nada daquilo.

00:02:57 Palestrante 2

Então você tem que dar uma oportunidade, nunca achar assim.

00:03:00 Palestrante 2

Ai aquela pessoa tem uma cara fechada, mas você tem que chegar perto dela, conversar com ela também de olhar as pessoas.

00:03:08 Palestrante 2

Eu achei ela assim da irmã, como assim posso falar?

00:03:14 Palestrante 2

De olhar os mais pobres, mais necessitados, sempre foi assim.

00:03:16 Palestrante 2

Não tinha distinção de pessoas, distinção de religião.

00:03:20 Palestrante 2

Quando era dia de entregar cesta básica, cobertor, podia vir quem fosse.

00:03:26 Palestrante 2

De que religião estava ali na fila, a gente entregava, se não a gente entregava, sabe?

00:03:31 Palestrante 2

Entregou muita gente ter amor ao próximo, cuidar do próximo, olhar pelo próximo, pela natureza também.

00:03:38 Palestrante 1

E educacional, a senhora teve a oportunidade assim de através dela, de fazer algum curso ou nesse aspecto não?

00:03:49 Palestrante 2

Não, porque eu já não tive muito assim esse conhecimento.

00:03:54 Palestrante 2

Eu vim descobrir assim, igual eu falei depois, eu lendo o livro dela, porque quando eu cheguei aqui eu comecei a ler o livro dela, eu descobri que há muitos anos atrás, quando eu era mocinha, que eu fiz um curso de.

00:04:06 Palestrante 2

Lá na escola jipe, lá no jockey que Era Ela aí que eu fui ver como era muito novinha, que eu fui ver o Olívia e comecei a ler, eu falei, aquela Senhora que eu conheci lá atrás há muito tempo era irmã de Dolores.

00:04:16 Palestrante 2

Agora eu falei, acabei cruzando com ela de novo.

00:04:18 Palestrante 2

Aí vi que Era Ela, eu fiz o curso lá nesse tempo, era novinha, eu cheguei a fazer o curso, eu morava meio Longe da escola, aí minha mãe fez o quê?

00:04:26 Palestrante 2

Minha mãe não deixou eu ir fazer concluir o curso porque eu fiz a inscrição, passei entre as 10 primeiras.

00:04:34 Palestrante 2

Aí fiquei numa empolgação toda, mas a minha mãe falou assim, não é muito longe para você ir para esse lugar, como é que você vai para lá?

00:04:39 Palestrante 2

Ela estava longe e não deixou.

00:04:41 Palestrante 2

E aí eu fiquei assim meio triste porque todas as minhas amigas ficaram lá, que fizeram curso, foram trabalhar na prefeitura, então eu já tinha cruzado a vida da irmã Dolores comigo muito lá atrás.

00:04:55 Palestrante 2

Então eu acho que a história dela é muito bonita.

00:04:57 Palestrante 2

Eu falei assim, olha que coisa, coincidência de Deus, já conheci ela lá e lá é que eu não lembrava e depois veio ela de novo.

00:05:04 Palestrante 2

aqui né e eu falei olha muito muito bom viu bom demais

00:05:09 Palestrante 1

E você se lembra de momentos em que a irmã incentivou a participação ativa dos Estudantes na construção do conhecimento

00:05:19 Palestrante 2

Não eu não cheguei muito pegar esse tempo também igual eu te falei porque nesse tempo eu ficava mais na igreja que eu não trabalhava aqui no colégio ainda eu sabia que ela tinha que tinha ela tinha um colégio eu sabia que ela incentivava igual

00:05:32 Palestrante 2

Lá na Igreja São Francisco, ela fez um antes, quando começou a igreja, já tinha um lugar para ter aula para as crianças.

00:05:40 Palestrante 2

Na Lurge também tinha, eles ensinavam sempre dela foi a educação, o objetivo dela é dar educação para as crianças.

00:05:48 Palestrante 2

Estive aqui na Aparecida também, mas eu não cheguei a trabalhar nessa parte de educação com ela, mas para mim é por meio das outras pessoas que me falavam.

00:05:55 Palestrante 1

Mas como que era essa separação da igreja?

00:06:00 Palestrante 1

Sim, que a senhora falou que tinha, não era

00:06:02 Palestrante 2

Preparação não, porque assim era uma era Capela, então uhum Didi era Capela, como o tio Santíssimo na igreja e tinha.

00:06:11 Palestrante 2

A parte do Presbitério, tudo fechava-se com uma cortina, aí ficava fechado e do lado de cá tinha as cadeiras para as crianças estudar e as crianças estudavam no dia que tinha missa, abria-se a cortina.

00:06:21 Palestrante 2

Era muito respeito com a religião e ali já foi uma evangelização que ela começou sempre pela educação, começava fazendo as igrejinha e tendo aula para as crianças, elas faziam aula, depois tinha aula também na hora da aula tinha lanche para as crianças também, muito bom.

00:06:39 Palestrante 1

Certo, e ela promovia diálogo aberto sobre os desafios aqui da comunidade que a comunidade enfrenta.

00:06:49 Palestrante 2

Tinha muito sim, eu tinha uma, eu não sei, eu não sei assim que não, eu mesma não participei, não sei falar das meninas que as minhas amigas que já era mais amigas dela.

00:07:01 Palestrante 2

Quando eu cheguei aqui, já tinha que ela tinha associação de Mulheres que lutavam pelo pelo pelos.

00:07:08 Palestrante 2

É pelas é tudo o que tinha no bairro, que naquele tempo muita coisa não tinha no bairro, então ela lutava, colocava as Mulheres para lutar é também essas mulher que elas, essas mulher que ela conheceu na igreja, que é da Igreja, ela conheceu, ela dava é acho que foi a Jô, porque era professora.

00:07:25 Palestrante 2

Ela deu curso para ela, fez curso para ela, para ela ser professora aqui, a lenira também, ela deu também ajudou ela a fazer o curso para poder dar aula aqui é.

00:07:35 Palestrante 2

A Neide também ela nunca trabalhou fora, mas ela colocou ela para trabalhar lá no colégio da escola para ser para ser cozinheira.

00:07:43 Palestrante 2

Dona Maria também todas essas Mulheres que já eram da Igreja, ela ajudou elas a ter um jeito de ganhar um dinheiro, sabe?

00:07:51 Palestrante 2

Ela nunca tinha trabalhado, então elas levaram para lá para ter um jeito de elas ter o dinheirinho delas.

00:07:56 Palestrante 2

Elas trabalharam lá de cozinheira, outras de faxineira, tudo através dela.

00:08:02 Palestrante 2

E também teve aí, depois de muitos anos, também teve que foi o igual eu te falei que ela tinha me chamado, que eu falei quando começou o postinho que começou a ter agente comunitária de saúde que ela me convidou e infelizmente foi com o meu.

00:08:13 Palestrante 2

Não, infelizmente que estava cuidando do meu pai que estava doente e Eu Não fui, mas amigas minhas foram trabalhar lá.

00:08:20 Palestrante 2

Ela deu oportunidade, porque eles pediam para ela como os políticos conheciam ela, então tinham, gostava muito dela, os políticos.

00:08:29 Palestrante 2

Ela chegava para ela pedir indicação para ela, ela indicava o pessoal da comunidade mesmo para o trabalho.

00:08:34 Palestrante 2

Ela deu muita chance para muita gente, viu?

00:08:37 Palestrante 2

Muito mesmo.

00:08:39 Palestrante 1

E de que forma a educação promovida por ela contribuía para que os alunos compreendessem melhor a realidade social e desafios da comunidade?

00:08:50 Palestrante 2

Não sei, não te respondo essa.

00:08:55 Palestrante 2

Então é assim, eu acho que eles ela viu esses meninos que começaram a estudar aqui, começaram a estudar aqui, já começaram a fazer e trabalhar e trabalhar fora.

00:09:10 Palestrante 2

Comecei a ter outro outro tipo de vida, porque ficavam só aqui sem ter nada, só brincando.

00:09:16 Palestrante 2

Então ela já colocou esses cursos que era para a pessoa ter alguma coisa para não onde ela falava.

00:09:24 Palestrante 2

Como assim, é?

00:09:27 Palestrante 2

Preciso ter alguma ocupação para não ficar só na rua, porque a parte do bairro sabe que o bairro é um bairro, queira ou não queira.

00:09:34 Palestrante 2

Então ela tinha aquela preocupação de colocar eles na escola, de tirar eles da rua.

00:09:38 Palestrante 2

Muitos que ela conseguiu tirar, vinha para escola, estudava na escola de manhã e vinha para os cursos.

00:09:45 Palestrante 2

Muita gente ela ajudou assim.

00:09:48 Palestrante 1

E fez a diferença na vida dessas pessoas?

00:09:51 Palestrante 2

Sim, com certeza fez.

00:09:52 Palestrante 2

De muitos, e tem muitos hoje em dia, mesmo que eles falam, que aprenderam as profissões, foi aqui que é a irmã Dolores, né?

00:09:58 Palestrante 2

Tem muitas escolas.

00:10:01 Palestrante 1

E a senhora acredita que a sua visão da educação mudou a partir do momento que começou a conviver com ela?

00:10:11 Palestrante 1

A senhora pensava a educação de um jeito?

00:10:15 Palestrante 1

Antes e depois transformou assim a sua Visão, seu entendimento?

00:10:20 Palestrante 2

Eu acho que transformou.

00:10:21 Palestrante 2

Eu acho que sim, porque a gente pensa na educação de um de um jeito que uma gente é mais nova e ela fez um tipo de educação diferente, de inserir eles na no trabalho, na Comunidade.

00:10:36 Palestrante 2

Então eu acho que foi um jeito bom dia.

00:10:43 Palestrante 2

Puxou agora só de tarde.

00:10:46 Palestrante 2

Que horas uma e-mail a moça chega, tá bom, de nada.

00:10:53 Palestrante 2

Então aí você pensa em escola de um jeito.

00:10:58 Palestrante 2

Quando você é mais nova, no jeito dela, ela já é.

00:11:02 Palestrante 2

Não é só educar, também é conversar com o aluno.

00:11:10 Palestrante 2

Ter paciência com o aluno, vê o que precisa, o que não precisa, se tem, às vezes tem alguém que não tem uma possibilidade de estar na escola, mas não tem a possibilidade de comprar o material, conversa para poder comprar as crianças.

00:11:26 Palestrante 2

Quando colocou as crianças na escola, também caiu na escola, aprendeu ali, não eram, não eram professoras, não eram professoras, eram.

00:11:36 Palestrante 2

Era mães que elas colocavam lá para dar aula para os alunos, mas que sabiam mais davam aula para o aluno e ao mesmo tempo que davam aula, tinha aquele lanche para eles comerem que as crianças às vezes não tinha nem lanche, iam lá, iam lá.

00:11:48 Palestrante 2

Então é uma educação que não mexe só com a educação, também com um.

00:11:53 Palestrante 2

Às vezes a pessoa quer educar, se a pessoa também não tem o que comer, também tem que ajudar, porque você vai para a escola com fome, ficar com fome, então ia lá.

00:12:03 Palestrante 2

la lá estudava, fazia aquele lanche, ia para casa e depois também o que aconteceu.

00:12:10 Palestrante 2

Essas que não eram quando começou as aulas, elas não eram assim, recebiam pela irmã.

00:12:16 Palestrante 2

Depois a irmã queria fazer uma coisa maior, que ela queria ser maior, mas não dava para ela sozinha.

00:12:22 Palestrante 2

Então ela fez o que?

00:12:23 Palestrante 2

Aí ela fez a parceria com a prefeitura para colocar professores, mesmo já professores já tinham mais qualificação no caso.

00:12:33 Palestrante 2

Para as crianças aprenderem mais, não é?

00:12:35 Palestrante 2

Mas mesmo assim, o que ela fez, ela nunca desprezou aquelas que ela já tinha colocado que eram que ficavam lá.

00:12:41 Palestrante 2

Muitas Ela Foi para ajudar, igual eu falei na cozinha, na faxina, outras ela deu, deu o curso para elas para elas trabalharem, uma se veio trabalhar aqui de ser professora de confeitaria, outra foi professora de manicure.

00:12:56 Palestrante 2

Então ela sempre pensou a educação assim, diferente, entendeu?

00:13:01 Palestrante 1

E como a atuação da irmã influenciou na sua trajetória de vida ou na sua visão sobre o papel da educação na sociedade?

00:13:14 Palestrante 2

Eu acho que é muito o papel da educação na sociedade é muito importante, porque a gente tem que ter educação, tem que ter Se a pessoa não tiver educação hoje em dia, tudo na vida da pessoa é educação.

00:13:26 Palestrante 2

Se você não tem um estudo, você não chega a lugar nenhum.

00:13:30 Palestrante 2

E eu acho que a irmã me ajudou muito assim na educação de todo o de destes aqui do bairro que ela que ela conseguiu fazer eles vir no curso eles têm aquele curso.

00:13:43 Palestrante 2

O que aconteceu?

00:13:44 Palestrante 2

Cada um foi para um, conseguiu ter a sua profissão, igual te falei, muitos trabalham igual eu tive um testemunha de uma mãe que veio aqui falar que o filho dela Hoje em dia está em Portugal, trabalha numa das melhores firmas de Portugal, fez curso de elétrica aqui está numa em Portugal.

00:14:00 Palestrante 2

Muitos também empresas grandes também, empresas, lojas, supermercados, então é uma visão muito boa da educação, sem educação você não consegue chegar em lugar nenhum, né?

00:14:12 Palestrante 1

Sim, você conhece isso que a senhora acabou de falar.

00:14:17 Palestrante 1

Em sua opinião, quais foram as principais mudanças no bairro Quarentenário que podem ser atribuídas ao trabalho educativo da Irmã Dolores?

00:14:26 Palestrante 2

Acho que teve muito, viu?

00:14:27 Palestrante 2

Então teve esse coléginho que é a nossa Senhora da Esperança, que está até Hoje aí educando as crianças, teve quem mais teve também a casa de parto que ela fez, que agora é a casa da mulher também, que ajudou.

00:14:40 Palestrante 2

Teve muitas Mulheres que tiveram os seus filhos aqui, que nasceram aqui, que mais também tem a escola, tem aqui a escola VIP, que igual te falei, forma muita gente até Hoje na forma muita gente.

00:14:53 Palestrante 2

É porque você fazer um curso para os alunos a 30 BRL.

00:14:58 Palestrante 2

É uma benção disso o que eu falo, porque qualquer curso daqui que se você procurar um curso desse para fazer no Senai, vai dar 1000 e pouco e eles conseguem fazer aqui por 30 BRL.

00:15:08 Palestrante 2

A gente fica muito feliz, muito uma coisa gratificante de ver quando eles saem daqui que conseguem fazer e também.

00:15:18 Palestrante 2

Agora não, mas já teve há muito tempo atrás também.

00:15:21 Palestrante 2

Ela tinha, se a pessoa, ela sempre fazia isso, que às vezes eu queria vir estudar, não tinha a possibilidade de pagar o curso, ela dava bolsa para aquelas crianças estudar, né?

00:15:31 Palestrante 2

Mas é assim que eu falo para tu, é muito gratificante ver costureiras, gente abrindo padaria, tudo isso é muito bom.

00:15:40 Palestrante 1

A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não me perguntei?

00:15:49 Palestrante 2

Então é assim, acho assim.

00:15:50 Palestrante 2

A irmã deixou um legado muito bom em educação, tanto na educação como na assim, de amor no povo que tanto que você vê quando ela faleceu, o povo era muito.

00:16:04 Palestrante 2

Porque deixou um amor muito grande na Comunidade de educação, tanto aqui, não tanto aqui nessa Comunidade como em outras comunidades que ela já passou.

00:16:12 Palestrante 2

Igual eu te falei lá no joc, mesmo quando a gente estudava lá também era muito é.

00:16:16 Palestrante 2

Foi uma das primeiras meninas a ficar muito feliz quando vai ter uma escola para as meninas fazer um curso para ir trabalhar, que coisa que não tinha isso, nunca tinha tido isso.

00:16:26 Palestrante 2

Tido lá e a mesma coisa.

00:16:27 Palestrante 2

Aí ela plantou essa semente lá, plantou no Guarujá e plantou aqui também no quarentenário, que aqui também teve.

00:16:33 Palestrante 2

Aqui é no agora não tem não.

00:16:36 Palestrante 2

Mas no começo aqui tinha o jovem aprendiz também.

00:16:38 Palestrante 2

Eles vinham para cá fazer o jovem aprendiz.

00:16:41 Palestrante 2

Aí foi.

00:16:43 Palestrante 2

Era unificado junto a prefeitura, fazia uma parceria com a escola e esses meninos e entravam na NOS trabalhos.

00:16:48 Palestrante 2

Então é uma coisa muito bonita, esse trabalho da irmã, viu?

00:16:51 Palestrante 2

E ela mudou muito, é tanto tanto aqui como essas comunidades.

00:16:55 Palestrante 2

Igual eu te falei, não é que lá no tempo que eu era criança não tinha, mesmo quando ela fez esse da vip foi muitas turmas umas atrás das outras, as meninas, tudo feliz, porque nunca só estudavam na escola mesmo.

00:17:07 Palestrante 2

Aí tinha aquele curso, era muito bom, depois disso também ainda ficou mesmo quando acabou.

00:17:13 Palestrante 2

A escola ainda ficou um, eu cheguei a fazer também.

00:17:16 Palestrante 2

Depois disso, eu como não fiquei, aí eu saí que a minha mãe deixou eu ir, eu já tinha casada, eu voltei, aí eu fui lá que tinha um prédio que também que era da Jeep também, aí lá oferecia vários cursos também datilografia, tanto que eu fiz datilografia a cidade de Secretaria.

00:17:31 Palestrante 2

Quando acabei de fazer, aí já virou, já virou tudo automático, computador, mas ajudou muita gente em educação.

00:17:38 Palestrante 2

Acho que Ela Foi uma das.

00:17:40 Palestrante 2

Mioneiras aqui na nossa de educação, viu?

00:17:42 Palestrante 2

Ela é exemplar.

00:17:44 Palestrante 1

Obrigada, Jaci.

00:17:46 Palestrante 2

Tá bom, desculpa.

00:17:47 Palestrante 1

Imagina, foi ótima.

Entrevista 2 – Gustavo Gutiérrez

Palestrante 1 – Entrevistadora

Palestrante 2 – Gustavo Gutiérrez

Transcrever

00:00:04 Palestrante 1

primeiro eu vou contar como que eu cheguei né neste trabalho Ok Originalmente eu sou do Humaitá né então nasci cresci moro lá até hoje eu também também Ah então ótimo E aí em 2020 mais ou menos eu

00:00:29 Palestrante 1

Mudei de paróquia, digamos assim.

00:00:32 Palestrante 1

Eu conheci aqui a Perpet Soco, que é a nossa matriz paroquial e participando, sou coroinha, cerimoniária hoje.

00:00:39 Palestrante 1

Então, conhecendo, vindo aqui para as missas, acabei conhecendo a Capela Nossa Senhora da Esperança e o quarentenário, que até então eu não tinha ainda.

00:00:50 Palestrante 1

caminhado, conhecido, enfim.

00:00:52 Palestrante 1

E aí não tem lugar que você olhe, que as pessoas não falem da irmã Dolores.

00:00:58 Palestrante 1

E em 2020 eu tinha iniciado o meu curso de história, que eu conclui em 2023.

00:01:06 Palestrante 1

Minha vontade inicial era fazer o meu TCC em história sobre a biografia da irmã Dolores.

00:01:12 Palestrante 1

Porém, foi mudando ali as expectativas de trabalho e aí eu precisei fazer sobre outro tema, contra a minha vontade, mas fiz.

00:01:22 Palestrante 1

Só que, como eu falo, Deus sempre escreve torto por linhas.

00:01:26 Palestrante 1

E aí eu falei, poxa, surgiu a oportunidade do mestrado em educação.

00:01:32 Palestrante 1

Entrei com a proposta de falar sobre a Irmã Dolores e falar da transformação que ela fez aqui no bairro a partir desse envolvimento educacional dela, dessas promoções educacionais.

00:01:47 Palestrante 1

E entrei a fundo, a minha orientadora Guadalupe, se a senhora conhece, e aí ela falou você tem, precisa e necessita entrevistar a Cleusa.

00:02:01 Palestrante 1

e aí cá estou eu neste neste momento né então queria dizer para a senhora que é uma conversa mesmo então tem algumas perguntas pré-definidas mas se a senhora sentir necessidade de falar de algo que eu não perguntei até porque como eu falei eu não sou daqui desta área né não conheci também irmã do Loures pessoalmente infelizmente então tudo que a senhora

00:02:31 Palestrante 1

se eu puder complementar né enfim que achar que é necessário eu aceito tá bom primeiro de tudo eu queria saber da senhora se a senhora conheceu de fato irmã do Loures né como que foi essa sua experiência com ela é contar um pouquinho da história de vocês duas vezes

00:02:54 Palestrante 2

Você vai gravar ou tá gravando já tá gravando muito bem depois você edita isso

00:03:03 Palestrante 2

Sim, por favor.

00:03:07 Palestrante 2

Sou moradora do bairro Humaitá desde 1983, quando foi inaugurado e por volta de 1986, a Irmã Maria Dolores foi trabalhar, atuar como religiosa lá no nosso bairro.

00:03:27 Palestrante 2

Então e.

00:03:31 Palestrante 2

Igreja Beato Anchieta, que hoje é Paróquia São José de Anchieta.

00:03:42 Palestrante 2

E desde essa época nós nos conhecemos, começamos, eu comecei a ajudá-la, já participava da comunidade, porque aquela igreja, ela iniciou na minha casa.

00:04:01 Palestrante 2

Porque quando fomos para lá, a maioria das casas eram muito pequenininhas, as pessoas não tinham, ainda assim, um espaço, não existia o espaço para a igreja.

00:04:15 Palestrante 2

Então, como a minha casa tinha uma área coberta, foi solicitado e aí passou a ter as atividades da comunidade lá na minha casa.

00:04:26 Palestrante 2

Aos poucos fomos fazendo eventos, começamos depois, pedimos a escola para estar dando catequese para as missas e fomos fazendo eventos até conseguir comprar o terreno onde hoje tem a construção e fazer a construção também da igreja.

00:04:53 Palestrante 2

Quando a irmã Dolores foi para lá, ela deu um grande impulso nessa construção que já estava sendo, já tinha sido iniciada.

00:05:05 Palestrante 2

E aí nós trabalhamos durante um período juntas lá.

00:05:10 Palestrante 2

Depois a irmã veio para o bairro do Samaritá, onde tem a Capela Santa Terezinha.

00:05:20 Palestrante 2

A gente, de qualquer maneira, se comunicava, auxiliava em tudo que era possível, que ela precisava.

00:05:28 Palestrante 2

E em 91, iniciou a ocupação deste bairro hoje, que é Quarentenário, Rio Negro e Vila Ponte Nova.

00:05:40 Palestrante 2

E a irmã vinha pela linha do trem, a pé, para estar junto aqui com a população.

00:05:47 Palestrante 2

ajudando a organizar, primeiro as pessoas vinham para cá, colocavam uma lona, alguns paus, uma lona em cima e ficavam por aqui, foi vindo mais gente, mais gente cada vez, então ela começou a vir para cá para a população se organizar e foram começando a construir os barracos e depois pedir as melhorias de

00:06:15 Palestrante 2

Das condições de vida aqui nessa nessa região, nesse pedaço de Terra onde eles estavam vindo para morar, por necessidades de não poder pagar aluguel mais no lugar que estavam.

00:06:31 Palestrante 2

E à medida que o tempo foi passando, tudo foi evoluindo.

00:06:36 Palestrante 2

Depois foi construída a igreja, a casa.

00:06:41 Palestrante 2

para a irmã Dolores, que a casa seria uma, vamos dizer assim, uma pequenina casa paroquial.

00:06:48 Palestrante 2

Ela veio morar para cá e fundou diversos equipamentos de atendimento, fundou a Associação Promocional Irmã Maria Dolores, porque na época não era possível, a prefeitura alegava que não podia construir

00:07:08 Palestrante 2

nenhum tipo de equipamento, creche, escola, tudo o que a população precisava, posto de saúde, porque eram terras que se chamava de invasão, hoje se chama de ocupação.

00:07:23 Palestrante 2

Então a prefeitura não poderia estar construída.

00:07:28 Palestrante 2

Então ele não fundou a associação para que pudesse fazer convênios com o governo municipal, estadual, federal para trazer

00:07:38 Palestrante 2

Essas esses equipamentos para cá, tanto que foi construído a Unidade Básica de Saúde, a Escola Raul Norte do Amaral, a casa de parto, enfim, diversos equipamentos que estão aí até hoje funcionando, atendendo a população.

00:08:00 Palestrante 2

Se ampliou o restaurante Bom Prato, a escola profissionalizante, então tudo.

00:08:07 Palestrante 2

foi evoluindo devido à presença dela e a atuação dela aqui nos nossos bairros.

00:08:18 Palestrante 1

Como que a senhora descreveria o impacto da irmã Dolores na sua formação pessoal e educacional também?

00:08:27 Palestrante 1

Ela teve essa participação?

00:08:30 Palestrante 2

Sim, ela teve essa participação muito.

00:08:35 Palestrante 2

relevante, porque quando ela foi para o Humaitá, nessa ocasião eu trabalhava no presídio, que hoje é um complexo penitenciário, e estava trabalhando lá, mas por diversas questões, já tinha evoluído o que eu podia lá e não estava mais satisfeita, e eu sempre

00:09:04 Palestrante 2

A gente tem aquelas conversas com Deus e eu dizia, eu queria estar no lugar antes de que os nossos jovens, as pessoas, o presídio masculino, chegassem aonde eu estou.

00:09:22 Palestrante 2

Todo cristão, aonde ele está, ele presta um serviço.

00:09:26 Palestrante 2

Mas eu sempre pedia para Deus que eu gostaria de estar no lugar antes.

00:09:33 Palestrante 2

daquele lugar em que eu estava.

00:09:36 Palestrante 2

E por diversos motivos, acabei saindo também.

00:09:40 Palestrante 2

Em seguida, a irmã Dolores me chamou, estava já com esse projeto de fundação da escola, ela falou, você vai fazer cursos técnicos para dar aula na escola profissionalizante.

00:09:58 Palestrante 2

E aceitei o desafio, porque já atuava com ela desde lá, desde essa época.

00:10:05 Palestrante 2

Fui fazer os cursos, iniciamos a escola dando aula de informática.

00:10:14 Palestrante 2

E depois continuamos aí progredindo com a escola em diversos campus não só,

00:10:23 Palestrante 2

de dar aula mais social, político, sempre crescendo, porque está atuando nesse local, nos faz e nos anima a cada dia conhecer mais e melhor tudo o que faz parte e é relevante para a formação dos nossos alunos, dos nossos jovens, dos adultos todos que nos procuram.

00:10:53 Palestrante 2

E ela teve um papel fundamental, porque ela sempre nos fazia caminhar a cada dia mais para frente.

00:11:05 Palestrante 1

Você se lembra de momentos em que a irmã Dolores incentivou a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento?

00:11:14 Palestrante 2

Sim, a irmã sempre propôs que as pessoas buscassem conhecer.

00:11:22 Palestrante 2

Tudo cada dia mais.

00:11:26 Palestrante 2

Agora, especificamente aqui aonde eu atuo, que é a escola profissionalizante, nós temos o projeto para a cidadania, que além dos cursos, que já é um impulso para o conhecimento, além do curso que a pessoa procura e faz, tem todo um trabalho dos professores de incentivar que as pessoas

00:11:52 Palestrante 2

Procurem estudar mais, se aprofundar.

00:11:57 Palestrante 2

Tanto que nós temos diversos alunos que hoje atuam fora do país e começaram a estudar aqui e por esse sentido foram procurar outras formações e também aqui mesmo encontramos muitas pessoas que sua base inicial foi aqui e estão

00:12:19 Palestrante 2

para ir no mercado de trabalho e já formados em universidades.

00:12:25 Palestrante 2

Então, sempre o objetivo é sempre a formação integral das pessoas, dos alunos.

00:12:33 Palestrante 2

E o projeto para a cidadania justamente traz uma vez por mês durante esse período que eles estão aqui, professores da Unisantos, pessoas

00:12:46 Palestrante 2

da prefeitura, de outros locais e níveis de conhecimento para estar tendo palestras com os alunos para que eles vão ampliando o seu conhecimento em diversas áreas, cidadania, direitos e deveres, meio ambiente e as demandas do momento atual.

00:13:10 Palestrante 2

Qualquer assunto que

00:13:13 Palestrante 2

Todos os assuntos são relevantes, mas que esteja muito assim no momento, a gente procura chamar algum professor, alguma pessoa especializada no tema, especialmente quando se trata de mercado de trabalho, porque esse é o objetivo dos nossos cursos, é formar para o mercado de trabalho a gente.

00:13:37 Palestrante 2

Proporciona também, isso já vem dentro do programa da carga horária pedagógica, incluído na carga horária para que a gente dê mais essa formação para os alunos além do curso que eles preocupam.

00:13:54 Palestrante 1

Hoje, em matriculados, tem mais _idosos, adultos ou jovens, você consegue ter essa?

00:14:04 Palestrante 2

Eu diria que a gente tem mais adultos matriculados, porque os adolescentes e jovens, eles também têm a questão da escola, que às vezes não dá certo na casa, com o horário do curso, e os jovens também.

00:14:29 Palestrante 2

Então os jovens têm, mas damos as oportunidades, porque no período da manhã é mais adolescente e o jovem, a partir de 16 anos, ele pode estar à noite, o que também facilita.

00:14:47 Palestrante 2

Facilita para que eles possam aproveitar os cursos aqui.

00:14:52 Palestrante 2

Mas é bem mesclado, viu?

00:14:55 Palestrante 1

Como eram as interações entre a irmã Dolores e os estudantes?

00:14:59 Palestrante 1

Ela promovia um diálogo aberto sobre os desafios da comunidade que a comunidade enfrentava.

00:15:05 Palestrante 2

Sim, sempre muito aberta ao diálogo, procurando ela constantemente estava aqui na escola, diariamente, não era constantemente, diariamente estava aqui na escola, participava.

00:15:24 Palestrante 2

Desses momentos, procurava estar também.

00:15:27 Palestrante 2

entrando em algum momento no curso para dialogar com os alunos, muita interação nesse sentido dela com as turmas.

00:15:39 Palestrante 1

E ela tinha esse diálogo sobre as dificuldades que a comunidade enfrentava ou não era algo falado?

00:15:50 Palestrante 2

Não, era muito falado, ela sempre falou

00:15:55 Palestrante 2

E atuou e direcionou tudo em favor de trazer as condições, a melhoria das condições de vida para os nossos bairros.

00:16:10 Palestrante 2

Então isso foi preponderante na vida dela.

00:16:18 Palestrante 2

Outra parte, o versículo do Evangelho que identifica a irmã é: "Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância".

00:16:32 Palestrante 2

Se falava muito, se conversava muito, se pensava muito em como fazer, planejar e agir.

00:16:47 Palestrante 2

Em sua experiência, a irmã valorizava os saberes que os alunos traziam de suas vivências.

00:17:12 Palestrante 2

E isso, essa filosofia de valorizar tudo que as pessoas trazem, continua acontecendo aqui na escola.

00:17:23 Palestrante 2

Nossa prioridade é manter a filosofia que a irmã Dolores deixou para permitir o conhecimento para pessoas, principalmente, que às vezes não tenham uma escolaridade.

00:17:40 Palestrante 2

Tão alta que são rejeitadas muitas vezes em alguns lugares.

00:17:45 Palestrante 2

E aqui a gente faz questão de estar acolhendo essas pessoas e promovendo essas pessoas para que elas possam adquirir o conhecimento.

00:17:59 Palestrante 1

Perfeito.

00:18:01 Palestrante 1

De que forma a educação promovida pela irmã Dolores contribuía para que os alunos compreendessem melhor a sua realidade social e os desafios da comunidade?

00:18:10 Palestrante 2

Sim, justamente focado aqui, exatamente na escola, essa questão de sempre estar esclarecendo sobre seus direitos e também seus deveres, mas sempre chamando a atenção de que as pessoas têm direitos, que elas têm que procurar esses direitos, que elas têm que lutar.

00:18:39 Palestrante 2

Na verdade, por esses direitos, porque nada vem fácil para as comunidades periféricas mais carentes.

00:18:51 Palestrante 2

Não é nada fácil, mas as pessoas têm que ter confiança que elas podem, a partir do sonhar, do desejar, elas vão lutar e vão conquistar aquilo que elas.

00:19:09 Palestrante 2

desejarem.

00:19:10 Palestrante 2

Então, em primeiro lugar, as pessoas têm que acreditar nisso, que é possível a gente buscar aquilo que a gente deseja.

00:19:22 Palestrante 1

Certo.

00:19:23 Palestrante 1

Você sente que as atividades educacionais desenvolvidas por ela incentivavam o pensamento crítico e a reflexão sobre a justiça social?

00:19:32 Palestrante 2

Absolutamente, com certeza.

00:19:35 Palestrante 2

O objetivo realmente era

00:19:39 Palestrante 2

Era esse de fazer as pessoas enxergarem que a gente tem que ter os olhos assim abertos pra acolher todas as linhas de pensamento e ser um cidadão crítico do processo que você vive a cada dia.

00:20:06 Palestrante 1

Você acredita que a irmã Dolores vê a educação como um meio de emancipação?

00:20:10 Palestrante 1

Como isso se manifestava nas suas práticas pedagógicas?

00:20:16 Palestrante 2

Uma das frases que ela motivava o nome da não violência é educação.

00:20:30 Palestrante 2

Ela acreditava que só a educação

00:20:35 Palestrante 2

pode promover a pessoa humana e também reduzir, diminuir e até acabar, que é o sonho de todos nós, com a violência que a gente vive.

00:20:52 Palestrante 2

Porque a falta de conhecimento já é uma violência para o ser humano.

00:20:59 Palestrante 2

Uma pessoa que

00:21:02 Palestrante 2

Eternos nossos dias nós temos não sabe ler ou analfabeto funcional é uma violência da sociedade e da gestão pública para com essa pessoa.

00:21:18 Palestrante 2

Então a educação é capaz de reduzir tudo isso e levar o indivíduo à sua promoção integral.

00:21:31 Palestrante 1

Ela incentivava os estudantes a questionarem e proporem soluções para os problemas da comunidade?

00:21:38 Palestrante 2

Sim, sempre.

00:21:42 Palestrante 2

Tudo se volta a isso, para que as pessoas busquem a solução ou individual ou coletiva das problemáticas pessoais e comunidades.

00:21:57 Palestrante 1

Certo, como a atuação de irmã Dolores influenciou sua trajetória de vida ou sua visão sobre o papel da educação

00:22:07 Palestrante 2

Na sociedade?

00:22:14 Palestrante 2

Juntas e, assim, eu fui uma das pessoas que passei por essa transformação através do que ela proporcionava de conhecimento e de exemplo de vida.

00:22:31 Palestrante 2

E o meu projeto de vida, após ter vindo pra cá atuar com ela.

00:22:41 Palestrante 2

Na área da educação se transformou o projeto da minha vida.

00:22:51 Palestrante 2

Projeto de educação da Irmã Dolores, a gente aprendendo, a gente atuando, se tornou o projeto da minha vida.

00:22:59 Palestrante 2

Tanto que eu estou aqui na escola até hoje, desde há muito tempo, há décadas que estamos aqui, porque acreditamos

00:23:09 Palestrante 2

É neste projeto, nessa proposta de atuação que realmente permite a cada um que procura à escola a sua promoção pessoal.

00:23:23 Palestrante 1

A senhora enxergava a educação de uma forma diferente do que a senhora enxerga hoje, antes desse seu contato inicial com

00:23:32 Palestrante 2

Ela?

00:23:35 Palestrante 2

Claro, vivia num outro tempo, era de outra área de trabalho, sempre valorizei a educação, mas se tornou completamente diferente após a gente se conhecer e caminhar juntas nessa trajetória de valorizar a educação para que a pessoa possa evoluir.

00:24:02 Palestrante 1

Certo.

00:24:03 Palestrante 1

Você conhece ex-alunos que, inspirados pela irmã Dolores, se tornaram educadores ou agentes de transformação na comunidade?

00:24:10 Palestrante 2

Sim, educadores, assistente social, diversas áreas de atuação, mas nesse campo de professores e.

00:24:23 Palestrante 2

e assistente social, vários.

00:24:28 Palestrante 1

Em sua opinião, quais foram as principais mudanças no bairro Quarentenário que podem ser atribuídas ao trabalho educativo da Irmã Dolores?

00:24:36 Palestrante 2

Muitas mudanças.

00:24:38 Palestrante 2

A gente pode dizer que a mudança deste bairro, a consolidação dos bairros do entorno,

00:24:48 Palestrante 2

estão atrelados ao trabalho da irmã Dolores, porque desde o início ela vinha para cá a pé de samarita até aqui todos os dias e sempre nesse sentido de construir equipamentos, de trazer melhorias, de organizar as pessoas para que elas reivindicassem.

Entrevista 3 – Frei Betto

Palestrante 1 – Entrevistadora

Palestrante 2 – Frei Betto

Transcrever

00:00:02 Palestrante 1

Primeiro, então, eu pergunto para a senhora o seu nome, a idade, local onde moro, escolaridade, profissão.

00:00:10 Palestrante 2

Eu me chamo Maria Helena de Almeida Lambert.

00:00:15 Palestrante 2

Sou professora formada na faculdade, professora de física, mas depois também

00:00:28 Palestrante 2

Funcionando na Faculdade de Filosofia, antes de ser Universidade Católica, eu me interessei muito por educação, porque no fim fui eleita diretora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

00:00:44 Palestrante 2

Fiquei dois mandatos como diretora da Faculdade.

00:00:49 Palestrante 2

E daí fui fazer mestrado em Educação, né, na PUC de São Paulo.

00:00:58 Palestrante 2

E alguns dos meus professores foi o Paulo Freire.

00:01:01 Palestrante 1

Nossa, sensacional! Que honra!

00:01:06 Palestrante 2

Eu trabalhei já na época que eu fiz a faculdade, eu trabalhei e sempre também a minha família foi sempre católica, sempre cresci no meio da igreja e tudo isso, eu participava da JUC, né?

00:01:26 Palestrante 2

O que seria a JUC?

00:01:28 Palestrante 2

Juventude Universitária Católica.

00:01:32 Palestrante 2

E lá na JUC, nesse tempo, eu nem conhecia o Paulo Freire pessoalmente, só pelo trabalho dele.

00:01:43 Palestrante 2

E daí me interessei muito e trabalhei muito tempo alfabetizando pelo médico dele.

00:01:52 Palestrante 2

Inclusive fui para o Nordeste,

00:01:55 Palestrante 2

as férias, a gente fazia esses trabalhos de alfabetização, tudo isso.

00:02:03 Palestrante 1

Como que era esse método de alfabetização dele que a senhora implementou?

00:02:08 Palestrante 2

Era um método que a gente usava primeiro as palavras da convivência das pessoas, da vivência das pessoas, a menor termo, e ia trocando em sílabas,

00:02:25 Palestrante 2

e fazendo novas palavras, tudo isso.

00:02:31 Palestrante 2

Era muito interessante, alfabetizei muita gente com o médico Paulo Freire.

00:02:38 Palestrante 2

E depois na universidade, já como professora e tal, aí já não tinha muito tempo para alfabetizar, mas assim mesmo trabalhei num grupo em São Paulo, que era do Paulo Freire,

00:02:55 Palestrante 2

a gente formava monitores para alfabetização.

00:03:03 Palestrante 1

Perfeito.

00:03:04 Palestrante 1

E a senhora mora onde?

00:03:07 Palestrante 2

Moro aqui em Santos, nasci aqui, moro aqui, nesse apartamento há 58 anos.

00:03:15 Palestrante 1

Perfeito.

00:03:17 Palestrante 2

Rua Governador Pedro Toledo 20, apartamento 62.

00:03:22 Palestrante 1

Perfeito.

00:03:22 Palestrante 1

E como

00:03:23 Palestrante 1

que é a senhora conhecer a Irmã Dolores, nossa personagem?

00:03:27 Palestrante 2

Eu conheci a Irmã Dolores em 1979, quando eu fiz o cursinho de cristandade.

00:03:35 Palestrante 2

Era um movimento da Igreja Católica que hoje já praticamente nem existe mais aqui no Brasil.

00:03:43 Palestrante 2

Muito pouco.

00:03:44 Palestrante 2

O movimento de origem espanhola, não é?

00:03:49 Palestrante 2

E aí foi que eu conheci

00:03:53 Palestrante 2

e me apaixonei por ela.

00:03:55 Palestrante 2

A partir daí, nunca mais me desliguei dela.

00:04:00 Palestrante 2

Sempre trabalhei conjuntamente com ela, inclusive lá quando eu a conheci, ela estava saindo do jipe de São Vicente, do dique da Vila Gente, e eu me conhecia ela aqui de São Vicente.

00:04:21 Palestrante 1

No jóquei.

00:04:24 Palestrante 2

E tava indo pro Guarujá, né?

00:04:30 Palestrante 2

Então o meu trabalho junto com a Dolores realmente foi na formação da comunidade da Vila Zilda, Vila Edna, filha da noite, lá.

00:04:43 Palestrante 2

Inclusive eu voltei a dar aula de alfabetização pelo mais por Paulo Freire, a gente alfabetizou muita gente lá no Guarujá,

00:04:54 Palestrante 2

Foi muito bom.

00:04:56 Palestrante 1

Como que era esses trabalhos que vocês realizavam em conjunto?

00:05:01 Palestrante 1

Como que era a aceitação da comunidade?

00:05:04 Palestrante 2

Olha, muito boa.

00:05:06 Palestrante 2

Ela tinha um carisma, a irmã Dolores, um carisma muito grande, né?

00:05:13 Palestrante 2

Que ela realmente conseguia, ela formou aquela comunidade, porque aquilo nasceu

00:05:22 Palestrante 2

Era uma favela num morro que era bem na entrada do Guarujá e que o prefeito não gostava da time, então desalojou todo mundo e mandou lá pra Vila, que nem se chamava nada, não tinha nome, depois é que foi chamar-se de Vila Vila Anatel.

00:05:47 Palestrante 2

Já um trabalho da Irmã Dolores de organizar a população,

00:05:52 Palestrante 2

de reivindicar a posse da terra, as demarcações dos casebres, para eles terem os seus direitos.

00:06:07 Palestrante 2

Então nós vivíamos em movimento junto aos prefeitos, junto aos vereadores, mas a gente não fazia nenhuma

00:06:21 Palestrante 2

Quando a gente organizava, quando ela organizava, precisamos ir lá na frente da prefeitura para conseguir água, para conseguir luz.

00:06:31 Palestrante 2

A gente primeiro passava na capela, rezava, oferecia o nosso trabalho a Deus.

00:06:41 Palestrante 2

Então, a comunidade foi se formando de uma maneira muito sólida, que até hoje

00:06:51 Palestrante 2

Eles têm, eu ainda tenho.

00:06:53 Palestrante 2

Agora já perdi pela minha idade, porque eu tenho 90 anos.

00:06:59 Palestrante 2

E já não tenho mais a vitalidade, nem a possibilidade de estar fazendo grandes trabalhos.

00:07:08 Palestrante 2

Mas até hoje eu tenho notícia deles, eles ainda, todos os padres que foram travados depois dela,

00:07:18 Palestrante 2

Conseguiu manter a organização porque a comunidade era muito organizada, muito firme nos seus objetivos.

00:07:29 Palestrante 1

Perfeito.

00:07:32 Palestrante 1

Qual o traço da personalidade da irmã que a senhora destacaria?

00:07:37 Palestrante 2

Olha, eu acho que a persistência, a

00:07:46 Palestrante 2

Ela era o evangelho vivo, não é?

00:07:51 Palestrante 2

Então essa coisa de que ela era uma guerreira mesmo pelas causas sociais, pelos pobres.

00:08:00 Palestrante 2

E tinha essa firmeza de objetivo, de coisa, ela era impressionante.

00:08:09 Palestrante 1

E tem algum ponto negativo da personalidade da irmã?

00:08:16 Palestrante 2

Ela era meia bravinha, né, assim, geniosa ela era, mas nada que não fosse superado pelo outro lado da bondade, da caridade, da entrega dela aos pobres.

00:08:39 Palestrante 1

Esse lado genioso, né, bravo que ela tinha, impediu o diálogo?

00:08:45 Palestrante 2

Não.

00:08:47 Palestrante 1

Ela sempre era aberta ao diálogo, então?

00:08:51 Palestrante 2

Isso é uma coisa muito importante, tanto que vários pessoas de posicionamentos políticos diferentes sempre a respeitavam muito.

00:09:07 Palestrante 2

Todos os prefeitos que nós entramos às vezes em debates muito sérios,

00:09:16 Palestrante 2

Eles tinham um respeito muito grande, pelo programa Maria Dorões.

00:09:20 Palestrante 1

Ela tinha um posicionamento político evidente ou não?

00:09:25 Palestrante 2

Evidente.

00:09:26 Palestrante 1

Qual que era?

00:09:27 Palestrante 2

A tenda de esquerda, a tenda de querer a situação de igualdade social para todas as pessoas.

00:09:36 Palestrante 1

E como a senhora destacaria isso?

00:09:40 Palestrante 2

Por todas as lutas que ela travou nesse tempo, foi nesse sentido, né?

00:09:46 Palestrante 2

Ela conseguiu organizar a população, conseguiu água, esgoto, construiu escola, tudo isso para dar, valorizar a pessoa humana.

00:09:57 Palestrante 1

Prefeito.

00:09:59 Palestrante 1

E agora falando do quarentenário, né?

00:10:03 Palestrante 1

A senhora teve alguma lembrança com ela dentro da comunidade do quarentenário?

00:10:12 Palestrante 2

Ah, várias lembranças, porque a gente

00:10:15 Palestrante 2

ajudou a construir a comunidade, né, eu fui com ela para lá, né, ela durante um tempo morou comigo.

00:10:26 Palestrante 1

Aqui na sua casa ou lá na comunidade?

00:10:30 Palestrante 2

Não, aqui na minha casa.

00:10:31 Palestrante 2

Aqui na sua casa.

00:10:32 Palestrante 2

Quando justamente saiu do Guarujá e foi para esse quarentenário, ela foi primeiro para Humaitá, onde eu moro.

00:10:46 Palestrante 2

E lá ela construiu a igreja, começou a construir a igreja, depois o bispo, aí começou essa invasão nos terrenos lá do quarentenário, e ela começou, soube, lógico, porque era da região lá, ela começou a se interessar e a gente ia lá, eu

00:11:14 Palestrante 2

Atolei o meu carro, eu tinha um Fusca naquela época, e atolei o carro lá várias vezes.

00:11:21 Palestrante 2

A gente ia lá e não tinha nada, era barro, furo, né?

00:11:26 Palestrante 2

Ainda era um campo contaminado pela Rhodia.

00:11:32 Palestrante 2

Não sei se você sabe disso.

00:11:34 Palestrante 1

Não.

00:11:35 Palestrante 2

Então, porque era um terreno em que a Rhodia depositava

00:11:44 Palestrante 2

O que sobrava do que ela produzia, mas que era contagioso para pessoas humanas.

00:11:53 Palestrante 2

Então tinha todo esse trabalho ainda, tanto que foi uma luta muito grande pra Rodia conseguir asfaltar uma parte e tirar o pó.

00:12:17 Palestrante 2

Foi uma luta muito grande para construir.

00:12:21 Palestrante 2

E daí ela foi para Samaritá.

00:12:27 Palestrante 2

Mas em Samaritá não tinha onde ela morar.

00:12:31 Palestrante 2

Era um quartinho muito ruim, lá em cima da capelinha lá.

00:12:38 Palestrante 2

Não sei como é que tá aí aquela, aquilo aí em Samaritá.

00:12:44 Palestrante 2

perdi completamente o contato.

00:12:46 Palestrante 2

Ela ficou muito pouco tempo em Samaritana.

00:12:49 Palestrante 2

Ela já foi para o quarentenário.

00:12:51 Palestrante 2

E daí então é que ela veio morar comigo.

00:12:54 Palestrante 2

Ela morou aqui um ano e pouquinho até a gente poder construir um lugar para ela ficar lá no quarentenário.

00:13:05 Palestrante 1

Que é a Capelinha, né, de Nossa Senhora da Esperança ou não?

00:13:09 Palestrante 2

A Capela, mas depois, junto com o Frei Guilherme,

00:13:14 Palestrante 2

porque também o Frei Guilherme que já faleceu e não era uma pessoa também que foi braço direito dela né ele ia onde ela chamasse e ele que junto com ela construiu a Igreja Nossa Senhora da Esperança e depois com ele tinha um grupo de casais aqui em Santos porque ele era Frei do Mbaré e Frei Guilherme soube

00:13:48 Palestrante 2

Esse grupo de casais fizeram algumas promoções e conseguimos construir uma casa para ela lá, pegar da igreja.

00:14:01 Palestrante 2

Aí ela foi morar lá.

00:14:03 Palestrante 1

E como que era a relação dela com as pessoas da comunidade?

00:14:07 Palestrante 2

Ah, muito boa.

00:14:12 Palestrante 2

a comunidade, você vê quantos anos que ela já faleceu, e até hoje a comunidade, né, porque ela, a gente fazia assembleias, ela fazia assembleia no povo, não tinha nada lá.

00:14:26 Palestrante 2

A gente pôs uma cruz lá no meio do coisa, e ainda era uma zona que tinha aqueles donos da

00:14:41 Palestrante 2

que acontecia, que acontece até hoje, hoje a gente chama crime organizado, naquela época não era nem muito organizado, eram os posseiros que depois ficavam vendendo o terreno para aquela população.

00:15:03 Palestrante 2

Então, a gente teve que também entrar com uma luta.

00:15:09 Palestrante 2

contra aquelas pessoas que queriam vender terreno, que não eram deles.

00:15:15 Palestrante 2

O terreno era da municipalidade, do governo.

00:15:21 Palestrante 2

Então foi uma luta, e aí que discutiu o que queria que fizesse.

00:15:27 Palestrante 2

Aí o povo escolheu o plano do posto de saúde.

00:15:35 Palestrante 2

Então foi a primeira coisa que foi construída lá,

00:15:38 Palestrante 2

Antes da igreja foi o posto de saúde, só que ela não tinha como, junto, junto foi a igreja já, para ver junto.

00:15:48 Palestrante 2

E não tinha como.

00:15:53 Palestrante 2

E a gente, ela deu, fez um comodato para a prefeitura, para a prefeitura.

00:16:00 Palestrante 2

Depois ela construiu a escola, porque eles quiseram a escola,

00:16:05 Palestrante 2

A Escola Raul Amaral foi construída por ela e foi dada pra prefeitura também.

00:16:13 Palestrante 2

Depois de uma creche, Nossa Senhora da Esperança, que também foi dada pra prefeitura

Entrevistas 4 e 5 – Libânio e Dom Hélder Câmara

Palestrante 1 – Entrevistadora

Palestrante 2 – Libânio

Palestrante 3 – Dom Hélder Câmara

00:00:00 Palestrante 1

Pronto, foi.

00:00:02 Palestrante 1

Aí eu preciso que vocês comecem falando o nome, completo, profissão, idade, suas informações pessoais, tá?

00:00:14 Palestrante 2

José Pereira de Andrade, 55 anos, a partir de ontem.

00:00:18 Palestrante 1

Olha, parabéns.

00:00:21 Palestrante 2

Obrigado.

00:00:22 Palestrante 2

E na verdade a gente trabalha bem mecânico, mas é registrado como técnico em manutenção.

00:00:27 Palestrante 1

Certo, sua escolaridade?

00:00:30 Palestrante 2

Quanto tempo?

00:00:58 Palestrante 2

Jockey em São Vicente mesmo.

00:01:17 Palestrante 2

E como na maioria das pessoas, a gente mora no local onde trabalho.

00:01:22 Palestrante 2

Então eu cheguei a morar um tempo, 6 meses aproximadamente na Costa, em Santos, onde hoje é a federal, restaurante federal na Costa, em 90.

00:01:31 Palestrante 2

Aí depois passei um tempo trabalhando em São Paulo e vim para cá.

00:01:36 Palestrante 2

Em 93 a gente compramos aqui, eu vejo, eu mudei já em 93, e desde dessa época a gente mora aqui mesmo.

00:01:42 Palestrante 2

Então durante todo esse tempo.

00:01:44 Palestrante 2

Durante 37 anos que eu estou aqui, queremos dizer que 35 eu moro aqui em São Vicente, na área continental.

00:01:53 Palestrante 1

Certo.

00:01:54 Palestrante 1

E a senhora?

00:01:54 Palestrante 3

Eu sou da Bahia, cheguei aqui em 1992, em 93, a gente começamos a namorar, 95 casamos e estamos aqui até hoje.

00:02:10 Palestrante 1

Perfeito.

00:02:11 Palestrante 1

E como que vocês conheceram o irmão Dolores?

00:02:15 Palestrante 2

No primeiro momento, acho que entre nós, a primeira pessoa que conheceu a irmã Dolores é a Claudiana, justamente no processo do casamento, para dar entrada no processo de casamento.

00:02:25 Palestrante 2

Aí a Claudiana começou a conversar com ela.

00:02:28 Palestrante 2

Lembrando, nós somos o primeiro casamento aqui na comunidade da Serra da Esperança, em 9/12/1995.

00:02:36 Palestrante 2

Então nós começamos a conversar mesmo com a irmã a partir do processo de casamento, depois que aí deixar efetivado o casamento e tal, como sempre bastante acolhedora, nós casamos no dia 9 de Dezembro, no dia 30 de Dezembro, a empresa que eu trabalhava me despediu e na época aqui era tudo complicado, não tínhamos nada aqui praticamente e um dos meios de procurar emprego a gente tinha era os classificados dos jornais.

00:03:06 Palestrante 2

E hoje em dia, certamente vocês tem outros meios, mas nós temos os classificados do jornal a tribuna e lá onde hoje é o correio, no Rio Branco, tinha uma banca de jornal e eu para procurar um emprego todos os domingos, lá para comprar o jornal, pegar 2 classificados e entrar alguma vaga.

00:03:25 Palestrante 2

E aí eu conversei com a irmã, irmã, será que não é possível a gente pegar esses classificados e colocar aqui na parede da igreja como forma de cooperar com as pessoas também?

00:03:33 Palestrante 2

Assim não, pelo amor de Deus, coloca aí.

00:03:36 Palestrante 2

Quer dizer, esse foi o primeiro contato direto assim com de proximidade com a irmã, com os serviços.

00:03:43 Palestrante 2

Nós e elas trabalhamos juntos, trabalhamos juntos.

00:03:46 Palestrante 2

Foi essa colocar esses classificados lá para que todo mundo tivesse oportunidade.

00:03:51 Palestrante 2

Então, como era tudo muito difícil, as nossas misses aqui era às 17:00, então sempre até às 20:00 21 tem uma fila de pessoas lá para pegar os endereços, para que a gente no dia seguinte poder buscar emprego.

00:04:05 Palestrante 2

E aí foi o começo, o começo, depois aí ela já começou a cativar a gente já na questão da evangelização, formando mais para o trabalho evangelizador mesmo.

00:04:17 Palestrante 2

Então a irmã, ela tinha esse cuidado em tudo, tanto é que em todos os lugares onde ela atuou, a primeira coisa, a primeira ação dela é na formação da pessoa, formação de você, porque quando trabalhou lá o primeiro local onde ela trabalhou, que foi aqui no Jockey.

00:04:35 Palestrante 2

Ela sempre tem essa característica jipe como aqui é vip lá no joc é jipe joc, instituição promocional aqui vip é Vila Ponte Nova, instituição promocional.

00:04:46 Palestrante 2

Então ela sempre tinha esse cuidado de valorizar a pessoa de patrocinar a pessoa e ela nunca não era assim, ela não pegava a pessoa e jogava lá, aí fazia aquele preparo, fazia aquela lapidação e daí nós continuamos.

00:05:00 Palestrante 2

Então o primeiro passo foi essa questão do.

00:05:03 Palestrante 2

Dos classificados dos jornais e depois foi ela lapidando mesmo a gente para um trabalho evangelizador em todos os sentidos, como catequista, como a agenda pastoral da família, como organizador de mutirões.

00:05:16 Palestrante 2

Então, assim, ela pega, chamava a gente e começava a fazer aquele trabalho de lapidação e depois NOS colocava para ação.

00:05:26 Palestrante 1

Quais mutirões eram esses que o senhor me comentou?

00:05:28 Palestrante 2

No início, no início.

00:05:30 Palestrante 2

Hoje nós ainda temos muitas palafitas ainda.

00:05:33 Palestrante 2

Principalmente aqui com direção ao bom prato, mas antes era muito mais, tinha muito mais parafitas.

00:05:39 Palestrante 2

Então, o que é que muitas vezes ela chamava, chamava outros membros das pastorais e íamos na casa daquelas pessoas com mais fragilidade, com mais dificuldade, onde aqueles barracos era normalmente parafitas nas condições, já é bastante desagradáveis para o ser humano, que o ser humano não pode viver nas condições daquela daquela.

00:06:01 Palestrante 2

E a gente via que era as piores, as piores que tinha muitas vezes com recurso dela mesmo, a gente comprava o material e NOS finais de semana nós organizávamos um mutirão.

00:06:12 Palestrante 2

Aí desmanchava tudo o pequeno barraco que existia e reformava, deixava em condições pelo menos mais vivíveis.

00:06:22 Palestrante 2

Então aos mutirões, a grande maioria era de atendimento às pessoas que moram lá nas palafitas e os as atividades de reforma e manutenção das Comunidades sempre foram feitas no sistema de mutirão.

00:06:35 Palestrante 2

Não sei se você conhece, você conhece a Capela São Francisco, Santa Clara.

00:06:39 Palestrante 2

Você imagina uma Capela que foi construída da base ao telhado todo um regime de mutirão?

00:06:44 Palestrante 2

A maioria das pessoas não sabe dessa história, mas é assim.

00:06:48 Palestrante 2

Nós éramos muito focadas nessa questão do trabalho do mutirão e não somente o trabalho físico.

00:06:53 Palestrante 2

Assim, a reforma das casas, a reforma das capelas, a questão das missões, a questão das visitas às casas das pessoas, com círculos bíblicos, novenas, então os trabalhos era sempre casado na valorização da pessoa humana, do ser humano, mas sempre a partir da palavra de Deus.

00:07:15 Palestrante 1

E de onde vinham esses recursos?

00:07:17 Palestrante 2

Boa parte dos recursos, você sabe, ela é espanhola e boa parte dos recursos ela vinham da Espanha, da família dela, que sempre cooperou e tinha uma instituição.

00:07:32 Palestrante 2

Não essa instituição não é somente espanhola, ela é Europeia.

00:07:36 Palestrante 2

Certamente já não existe mais que a gente, pelo menos assim que a gente tenha conhecimento, o nome dessa instituição era Manos Unidos.

00:07:43 Palestrante 2

Manos Unidos, então, o que eles faziam?

00:07:48 Palestrante 2

Por exemplo, a irmã fazia um projeto, eu quero construir uma Capela, quero investir x em mediões, eu quero investir x em cestas básicas e fazia esse projeto e mandavam para eles essa instituição.

00:08:03 Palestrante 2

Eles se reuniam.

00:08:05 Palestrante 2

E dentro de todas as instituições, todas as comunidades, organizações no mundo que eles ajudavam.

00:08:11 Palestrante 2

Aí eles mandavam aqueles recursos porque sabiam que era direcionado.

00:08:15 Palestrante 2

Então, o que foi feito nessa nesse sistema, por exemplo, o restaurante bom prato, o restaurante bom prato é um prédio e outra outra coisa, sempre com a irmã construía, ela não colocava a Comunidade como dona.

00:08:31 Palestrante 2

a paróquia comodona, eSIM a diocese.

00:08:34 Palestrante 2

Então todos esses ativos pertencem à diocese de Santos.

00:08:38 Palestrante 2

Então, fez o planejamento do prédio, da estrutura do bolo prato, mandou para a Manos Unidas, a Manos Unidas mandou todos os recursos, foram construídos, aí na época eles queriam ajudar ainda mais, aí eles mandaram mais recursos que foi comprado o terreno da comunidade do Oceano Aparecida, o terreno e a construção inteira.

00:08:59 Palestrante 2

Então esses a maioria desses recursos é vinham sempre da dessas instituições, vinha sempre da Europa.

00:09:07 Palestrante 1

Certo.

00:09:07 Palestrante 1

E a Senhora como que conheceu a Lima?

00:09:11 Palestrante 3

Então, quando eu cheguei do nordeste, eu comecei a participar das miss, porque eu sempre gostei de participar e até então lá onde eu morava não tinha assim, tipo todo domingo e aqui já quando ela começou a construir a.

00:09:26 Palestrante 3

A Capela Nossa Senhora da Esperança já começou a ter missa e aí eu comecei a participar.

00:09:31 Palestrante 3

E o meu primeiro contato com a irmã foi um dia que eu cheguei na igreja e ela me pediu para ler uma leitura.

00:09:37 Palestrante 3

Eu achei que seria uma Eu fiquei toda feliz e aí quando eu comecei a ler a leitura, eu nossa, fiquei muito nervosa.

00:09:46 Palestrante 3

Mas assim, a irmã era uma pessoa assim muito simples.

00:09:49 Palestrante 3

Você olhava para ela.

00:09:51 Palestrante 3

olhava para ela e dizia assim, ela era muito, sabe, fráglzinha, mas não era uma grande mulher, ela era extraordinária.

00:09:58 Palestrante 3

Então assim, para mim, a irmã, ela me mostrou muito, ela me ensinou muito o que que é a fé católica, porque lógico que eu participava, mas ela me ensinou como que era viver em comunidade, como que era ajudar as pessoas, e a irmã assim, ela não lembrava muito dela, ela lembrava mais do outro.

00:10:19 Palestrante 3

É tanto que assim, a gente foi privilegiado, porque os nossos 3 filhos, quem batizou foi irmã do Loures.

00:10:27 Palestrante 3

Então assim, muitas coisas que a gente viveu e que a gente vive hoje na igreja, foi irmã do Loures que ensinou.

00:10:34 Palestrante 3

Então assim, eu sou muito grata a Deus e a ela, Por Ela ter ensinado a gente.

00:10:39 Palestrante 3

E assim, ela fala muito que a fé e a vida tinha que andar junto.

00:10:44 Palestrante 3

Não tem como, ela falava muito, não tem como a gente viver uma fé.

00:10:48 Palestrante 3

Se a gente não se preocupa com o outro, se não se preocupa com o irmão.

00:10:52 Palestrante 3

E outra coisa bonita também que ela falava que em cada palafita tinha um sacrário vivo de Cristo, porque é ali onde Cristo estava, era ali onde o povo sofre, é ali onde as pessoas mais necessitam das coisas e nem sempre os governantes vai lá para ajudar.

00:11:08 Palestrante 3

Então ela se preocupava muito.

00:11:11 Palestrante 3

Com as outras pessoas.

00:11:12 Palestrante 3

É tanto que assim para a irmã não tinha diferença de pessoas.

00:11:17 Palestrante 3

Todo mundo era importante para a irmã, seja um político, seja um vereador, um trabalhador simples.

00:11:24 Palestrante 3

Para ela todo mundo era importante.

00:11:27 Palestrante 3

Então sou muito feliz por ter conhecido Irlanda Loures, certo?

00:11:32 Palestrante 1

E aí é qual o traço da personalidade da irmã?

00:11:35 Palestrante 1

Vocês destacariam se gostavam, não grava.

00:11:41 Palestrante 2

A gente sempre fala que é converso muito com os.

00:11:45 Palestrante 2

Parece que a gente não vê sobre a Irmã Loures, que a gente sabe que para o processo de canonização de uma pessoa sempre tem que ter alguém que escreva contra, que fala assim, que fala assim, que não é que isso que fala, talvez a colocação não seja correta, escrever contra, mas mostrar os defeitos daquela pessoa e assim talvez não seja defeito, mas a dureza dela.

00:12:10 Palestrante 2

E mas aquela rigidez que daqui a pouco ela ficava brava com a gente daqui a 1520 minutos, vem aqui que eu quero falar com você.

00:12:18 Palestrante 2

Então a personalidade típica do espanhol do sangue, como eles mesmos dizem, do sangue espanhol da região deles também bem, o traço dela era esse jeito forte, verdadeiro e uma das coisas que eu sempre conversava com a irmã e assim um contraponto entre Eu e Ela, porque para a irmã Dolores não tinha pessoas.

00:12:39 Palestrante 2

De má fé não tinha pessoas, todo o mundo era pessoas boas e a gente percebia que tinha muitas pessoas que se aproximavam dela com interesses.

00:12:48 Palestrante 2

Sempre tinha interesse, porque qualquer lugar onde ela ia, ela chamava a atenção pelo pelo jeito que ela tinha de viver, a fé, o jeito que ela expressava viver a fé.

00:12:57 Palestrante 2

Então muitas pessoas se aproximavam dela.

00:13:00 Palestrante 2

Qual que é esse jeito de expressar fé?

00:13:02 Palestrante 2

E aí é um dos traços característicos aonde ela por onde ela passou.

00:13:06 Palestrante 2

Ela nunca quis construir grandes obras no que diz respeito a espaços de evangelização.

00:13:14 Palestrante 2

Então, se tem um espaço pequeno onde as pessoas possam se reunir, seja com a celebração da palavra, seja por um encontro catequético, seja para refletir um texto bíblico, ali era para ela já está importante e isso é muito típico da das linhas de Comunidade que a gente vive.

00:13:31 Palestrante 2

E quando a gente fala que as comunidades eclesiais de base são comum unidade.

00:13:36 Palestrante 2

Povo e se reúne eclesial, porque pertencemos à igreja.

00:13:39 Palestrante 2

Nós somos parte da igreja e base porque nós estamos nos lugares onde a gente quando as pessoas menos gostariam de ir.

00:13:46 Palestrante 2

Então, se você, por exemplo, percebeu onde fica a comunidade Nossa Senhora de Lourdes.

00:13:51 Palestrante 2

Qual seria as outras paróquias por aí que potencializavam o espaço daquele para evangelização?

00:13:56 Palestrante 2

A Nossa Senhora da Paz, que por enquanto está desativada, então a própria Nossa Senhora Aparecida, você vê que fica no extremo dos bairros, então o traço dela é esse jeito forte, forte de lidar com as pessoas verdadeiro, porém imensamente humano.

00:14:16 Palestrante 2

Porque era o que mais marca, mais marcava mais do que marcou e que aí para a gente ainda marca, porque a gente procura cada dia viver esse aprendizado é justamente essa característica de estar sempre olhando, estar sempre potencializando a pessoa humana e esse potencializar que Hoje, infelizmente, muitas vezes pessoas, até mesmo por desconhecimento, tem até uma certa crítica com a forma que ela evangelizava.

00:14:44 Palestrante 2

Mas isso realmente é desconhecimento.

00:14:47 Palestrante 2

A irmã era extremamente cuidadosa com o sagrado.

00:14:52 Palestrante 2

Por exemplo, se você é coroinha, você entrava nessa tristia, você se paramentava e saia, não ia se paramentar em outro lugar, de forma nenhuma, porque ela chamava atenção.

00:15:04 Palestrante 2

Então, o zelo pelo sagrado, o cuidado com a evangelização do valor.

00:15:10 Palestrante 2

Da verdadeira evangelização.

00:15:12 Palestrante 2

Isso é um traço extremamente marcado que marcou a emaduras e marcou a todos nós que de fato vivemos com ela, os que de fato vivemos com ela.

00:15:20 Palestrante 2

Então essa esse traço característico dela para muitos de nós ainda existe ainda está presente, porque aquela aquela tipo de aquilo que a gente aprende na nossa catequese, a gente leva para o resto da nossa vida e dependendo da catequese que nós tivemos, é isso que cada vez mais vai registrando.

00:15:36 Palestrante 2

Vai marcando o nosso jeito de viver da fé.

00:15:40 Palestrante 1

O senhor comentou que ela

00:15:44 Palestrante 2

Era brava, mas ela era aberta ao diálogo ou não?

00:16:00 Palestrante 2

Quando as pessoas querem fazer um contraponto inteligente,

00:16:08 Palestrante 2

Você vai fazer aquilo que nós chamamos muitas vezes do diálogo do impertinente.

00:16:12 Palestrante 2

Você vai defender o seu ponto de vista.

00:16:13 Palestrante 2

A outra pessoa vai defender o dele agora, quando vinham, por exemplo, aí quando a gente fala essa questão do Bravo, volta e meia falavam, rotulavam a irmã como uma política petista de esquerda.

00:16:27 Palestrante 2

Aí ela ficava brava porque o partido dela é o Partido de Jesus Cristo.

00:16:33 Palestrante 2

É a vida de fé dela.

00:16:35 Palestrante 2

É a vida que Jesus Cristo é o jeito de Jesus Cristo.

00:16:39 Palestrante 2

Ele nos ensinou de viver na vida e política para ela é arte e ciência do bem comum.

00:16:44 Palestrante 2

Então, quando as pessoas começavam a fazer é se aproximar, pensando diferente que muitos fizeram isso.

00:16:51 Palestrante 2

Você se aproximava dela, se tornavam amigos.

00:16:54 Palestrante 2

Aí depois queriam se eleger, queriam crescer de alguma forma à parte dela.

00:17:01 Palestrante 2

Aí ela assim, aí ela fica brava.

00:17:05 Palestrante 2

É nesse sentido que a gente fala, mas nunca ninguém ficou sem uma resposta, sem um carinho, sem Tinha aquilo.

00:17:14 Palestrante 2

A resposta era de acordo à pergunta.

00:17:17 Palestrante 2

Então tinha sempre isso aqui.

00:17:19 Palestrante 2

A pergunta é cuidadosa, é zelosa, então, mas se a resposta fosse que desse chance para que seja, era o ponto, é esse resposta, de acordo com a pergunta.

00:17:33 Palestrante 2

É nesse sentido que era brava, mas eu, poxa, quantas vezes ela não vinha aqui, a gente brincava, nos mutirões que a gente fazia, ela chegava, conversava com todo mundo, brincava, extremamente aberta ao diálogo.

00:17:45 Palestrante 2

O termo bravo que a gente fala é aquele jeito verdadeiro de ser, que não fica passando a mão na cabeça, não fica falando coisinhas, falando geleia, não, ela sempre era sim quando sim e não quando não.

00:18:00 Palestrante 1

Certo, e a senhora?

00:18:02 Palestrante 1

Quais são os traços da personalidade que mais marcaram?

00:18:06 Palestrante 3

Então, para mim, era a perseverança e o amor que ela tinha com todos.

00:18:11 Palestrante 3

Porque assim, a irmã, ela construiu a VIP porque ela pensava muito nos jovens, principalmente naqueles que viviam nas drogas.

00:18:20 Palestrante 3

Então, ela criou a VIP justamente para tirar esse pessoal e dar uma boa educação, porque para ela a educação era a base.

00:18:28 Palestrante 3

Então, quando ela pensou também no postinho de saúde, é porque aqui no bairro a gente tinha que ir lá para o centro de São Vicente e muitas vezes não era nem atendido.

00:18:37 Palestrante 3

Então ela também lutava muito pela saúde do bairro.

00:18:41 Palestrante 3

Quando ela fez a casa de parto, que na verdade hoje em dia é a casa da mulher, ela viu uma cena de uma mulher que saiu daqui e teve uma criança num banheiro lá na Vila Margarida.

00:18:52 Palestrante 3

Então não teve tempo de chegar lá no centro de São Vicente

00:18:56 Palestrante 3

Para poder ganhar seu filho.

00:18:57 Palestrante 3

Então isso deixava a irmã muito quieta quando ela via essas injustiças.

00:19:02 Palestrante 3

Quando ela criou o bom prato, ela pensou nos moradores de rua, nas pessoas que não tinham condições de ter um alimento digno na sua mesa, mesmo que seja 1 BRL, se você juntar, catar uma latinha, você já consegue ter 1 BRL para poder você se alimentar.

00:19:19 Palestrante 3

Então a irmã do Loures, ela pensava em todos os detalhes.

00:19:22 Palestrante 3

Ela queria que as pessoas tivessem.

00:19:24 Palestrante 3

Toda a qualidade de vida, porque todo ser humano merece ter uma boa qualidade de vida.

00:19:29 Palestrante 3

E assim, antes dela morrer, ela ainda queria fazer uma creche.

00:19:33 Palestrante 3

O sonho dela era fazer uma creche, porque ela também falava que as mães iam trabalhar na faxina e não tinha onde deixar as crianças.

00:19:41 Palestrante 3

Então assim, ela criou todas essas coisas.

00:19:43 Palestrante 3

Ela criou o Raul gosta do Amaral, que foi que a escola também para os jovens estudarem.

00:19:50 Palestrante 3

Depois teve as capela, porque ela pensava muito na evangelização.

00:19:54 Palestrante 3

Por isso que a gente fala que a fé e a vida andam juntos, porque a irmã ela pensava na evangelização, mas também ela pensava na ação social de que as pessoas também tivessem qualidade de vida.

00:20:06 Palestrante 1

A creche que é da Esperança, sabe?

00:20:14 Palestrante 1

Foi construída Por Ela?

00:20:16 Palestrante 3

Foi idealizada Por Ela, não.

00:20:27 Palestrante 1

O Raul foi o início dela.

00:20:30 Palestrante 2

Com a ajuda de uns empresários de Santos.

00:20:37 Palestrante 2

O próprio nome, a própria pessoa que dava o nome também era um engenheiro civil bastante conceituados.

00:20:42 Palestrante 2

Essas, além deles fazerem a estrutura, planejar a estrutura, toda a questão da construção foi exercida por eles.

00:20:49 Palestrante 2

Aí, no segundo momento, foi o e-mail do Senhor da Esperança.

00:20:52 Palestrante 2

Aí sim, o e-mail do Senhor da Esperança é que foi, que é parte da estrutura da Comunidade e foi também Por Ela construída a extensão.

00:21:02 Palestrante 2

A extensão já foi construída pela própria prefeitura.

00:21:06 Palestrante 2

A extensão, sim.

00:21:13 Palestrante 2

A VIP pertence à diocese.

00:21:30 Palestrante 2

Ou seja, a prefeitura utiliza o espaço, mantém, cuida, mas pertence à diocese.

00:21:36 Palestrante 2

Outras estruturas relacionadas à saúde, à UBS, o prédio da UBS pertence à diocese, também tem o contato comodato.

00:21:45 Palestrante 2

Igual a Claudiana falou, a casa de saúde da mulher pertence à diocese.

00:21:48 Palestrante 2

E justamente isso, esses meios que ela procurava fazer para potencializar a vida.

00:21:57 Palestrante 2

Primeiro a questão da educação, depois a questão da saúde.

00:22:01 Palestrante 2

Mas assim, a creche Nossa Senhora de Santa Terezinha, ela não pertence, não está nesse rol de construção feita pela irmã Dolores.

00:22:16 Palestrante 1

Certo.

00:22:17 Palestrante 1

Comentaram que as capelas.

00:22:21 Palestrante 1

Elas eram utilizadas também como meio de formação, cursos, etc.

00:22:27 Palestrante 1

que a irmã produzia.

00:22:29 Palestrante 1

É verídico?

00:22:31 Palestrante 2

Isso é verdade, é fato.

00:22:32 Palestrante 2

Se você observar tanto na São Francisco de Santa Clara quanto na Nossa Senhora Aparecida, elas têm antes do presbitério, tem um trilho que era para colocar cortinas.

00:22:43 Palestrante 2

Então, na hora do culto, na hora da missa, tirava-se aquela cortina, era uma capela.

00:22:51 Palestrante 2

Quando durante a semana era para ter formação, fechava aquele espaço e na parte da frente, ali onde fica a assembleia, era utilizado de uma forma curso a São Francisco, em Santa Clara.

00:23:03 Palestrante 2

E isso a Aparecida, que teve muito para as crianças, tipo o e-mail.

00:23:09 Palestrante 2

Hoje ele começou, as atividades começaram na programa Senhora Aparecida.

00:23:14 Palestrante 2

Na São Francisco de Santa clara tinha curso de costureiro, corte de costura.

00:23:19 Palestrante 2

É essas coisas mais direcionadas a economia mais imediata para as Mulheres que, por exemplo, não podiam trabalhar em Santos.

00:23:28 Palestrante 2

Aí pelo menos aprendi ali a fazer uma roupa, costurar alguma coisa, então.

00:23:33 Palestrante 1

Antes da VIP ou já com a VIP em andamento,

00:23:41 Palestrante 2

A gente tem um convênio com o SENAI e durante muitos anos também foi convênio com o sindicato dos bares e restaurantes.

00:23:57 Palestrante 2

Foi o assim que teve o primeiro emprego, que foi um programa nacional.

00:24:03 Palestrante 2

A vi foi uma das instituições que abraçou essa causa como uma instituição filantrópica, porque era assim que funcionava o programa, uma instituição, assumia, o Governo repassava as verbas e aí A Entidade formava as pessoas.

00:24:19 Palestrante 2

Então é muito durante muitos anos ela andou em paralelo essa formação.

00:24:24 Palestrante 2

Nas capelas com a formação da vip, até mesmo como ela sempre pensava na proximidade, imagina uma senhora com dificuldade de locomoção sair de lá de São Francisco para ir para a vip?

00:24:37 Palestrante 2

Eu saí da Aparecida e ela sempre pensava nesse nessa nessa possibilidade também em melhorar as possibilidades de acesso para as pessoas.

00:24:45 Palestrante 2

Mas é isso, é fato.

00:24:47 Palestrante 2

Muitas vezes as capelas foram utilizadas também como espaço de formação.

00:24:52 Palestrante 2

Não necessariamente é evangelizadora, mas educativa também, no sentido Sérico.

00:24:59 Palestrante 1

E aí, como que era essa relação dela com o público no geral?

00:25:06 Palestrante 1

Porque é, a gente sabe que o quarentenário é.

00:25:10 Palestrante 1

E todas essas.

00:25:11 Palestrante 1

possibilidades de formação, enfim, não é apenas para os católicos, enfim, o bairro abrange outras religiões também.

00:25:22 Palestrante 1

E por ela ser uma irmã católica, como que ela era recebida por pessoas de outras religiões?

00:25:31 Palestrante 1

Como que era essa relação?

00:25:32 Palestrante 2

Extremamente respeitosa.

00:25:35 Palestrante 2

Extremamente amigável.

00:25:37 Palestrante 2

Nós não sabemos quantas vezes a irmã chegou a ir à Igreja evangélica, porque sempre tem aquelas pessoas que gostam, que querem aprender, mas tem aquelas que querem provocar.

00:25:48 Palestrante 2

Então, durante muitas, muitos anos, a irmã, ela quis, até a nível de diocese, essa questão da convivência religiosa até a nível de diocese, ela muitas vezes ela potencializou muitos encontros.

00:26:04 Palestrante 2

Hoje a diocese tem uma relação muito rica com a Igreja Presbiteriana, com a Igreja Luterana e logo no início, a irmã Dolores, ela potencializou muito o reverendo Leandro Campos, que faleceu vítima da COVID.

00:26:19 Palestrante 2

Ele trabalhou na vip.

00:26:20 Palestrante 2

Ele começou a se preparar para o seminário, só que aí depois ele.

00:26:27 Palestrante 2

Por outras outros pensamentos, ele foi para a Igreja Anglicana.

00:26:30 Palestrante 2

Nós começamos a ter uma relação extraordinária com a Igreja Anglicana durante vários várias oportunidades, as pessoas das religiões de matriz africana, ela eles queriam fazer alguma atividade junto, o que ela não permitia, o que ela não aceitava é que aquelas atividades, porque as religiões de matriz africana fossem feitas na igreja.

00:26:52 Palestrante 2

E isso, porque assim, alguma coisa é a gente ter o respeito, outra coisa é misturar.

00:26:57 Palestrante 2

Então, por exemplo, é aqui no entorno da Lagoa, então vamos trabalhar todo mundo juntos.

00:27:03 Palestrante 2

Vamos ter um encontro ecumênico?

00:27:05 Palestrante 2

Vamos.

00:27:06 Palestrante 2

Então a gente vai fazer uma celebração, nós estamos todo mundo juntos, como na maioria das vezes isso acontece em outros âmbitos aqui, talvez aqui na diocese nem tanto, mas a gente sabe que a nível de igreja isso acontece.

00:27:19 Palestrante 2

É uma relação respeitosa.

00:27:22 Palestrante 2

Extremamente respeitosa, porém, cada um upando seu espaço, cada um upando seu espaço.

00:27:28 Palestrante 2

Nunca IA conversar com a irmã para a gente fazer uma misturada nas coisas que não dava certo.

00:27:35 Palestrante 2

Tipo assim, você quer me chamar para ir lá no encontro sua religião lá no contra sul do seu grupo de religiosidade?

00:27:41 Palestrante 2

Me chama que a gente vai lá, a gente conversa, a gente troca uma ideia, bate-papo, dá uma formação e tal.

00:27:47 Palestrante 2

Se você quiser fazer a sua celebração, a gente faz, acompanha.

00:27:50 Palestrante 2

Mas se você também não quiser fazer comigo, não tem problema, porque lá na nossa igreja, para você chegar, por exemplo, aí fazer uma demonstração lá de como é o.

00:28:01 Palestrante 2

O encontro de religiosidade das religiões de matriz africana, a gente respeita, a gente tem toda amizade, todo respeito, mas cada um ocupe seus espaços.

00:28:18 Palestrante 1

Certo.

00:28:19 Palestrante 1

E vocês estudaram no Raul, na VIP ou teve algum familiar?

00:28:27 Palestrante 2

Os meus aqui, todos estudaram no Raul.

00:28:47 Palestrante 4

Como faz a experiência?

00:28:59 Palestrante 4

O que a gente sentiu mesmo foi quando a gente fez cursos na VIP, porque os cursos da VIP, eles são cursos formativos, são cursos básicos, mas são cursos formativos.

00:29:09 Palestrante 4

Eu fiz lá informática, administração, operador de micro, então assim, essas em específico, principalmente a administração, foi o ponto inicial para poder ingressar no mercado de trabalho.

00:29:21 Palestrante 4

Principalmente como muitos agora jovens entram como jovem aprendiz, tendo uma base de informática, administração, é o essencial.

00:29:30 Palestrante 4

Então assim, foi muito importante esse curso básico, porque foi a partir dele que a gente conseguiu ingressar no mercado de trabalho.

00:29:38 Palestrante 1

Perfeito.

00:29:39 Palestrante 2

Eu na VIP, na VIP eu fiz um curso de elétrica, logo no início do curso de elétrica, uma questão de curiosidade, só que como a gente falou, como exigência da irmã,

00:29:49 Palestrante 2

E aí, durante bastante tempo a gente já foi se preparando melhor, então, ao invés de fazer curso, a gente durante muitos anos eu contribuí para uma questão porque a vip sempre potencializa a formação profissional com a formação do C do cidadão.

00:30:04 Palestrante 2

Então, em todos os ciclos tem os chamados encontros de cidadania.

00:30:09 Palestrante 2

Chamava antigamente aula de cidadania, porque realmente eram os professores da unisantos que vinham e davam essa formação.

00:30:15 Palestrante 2

Aí com o passar do tempo ficou difícil para eles, era a gente mesmo.

00:30:18 Palestrante 2

que conduzia isso.

00:30:23 Palestrante 2

Eu tive mais participação cooperando com os encontros de cidadania do que fazendo cursos propriamente ditos.

00:30:33 Palestrante 1

Mas o que era abordado nesse curso de cidadania nessa disciplina de Henrique?

00:30:38 Palestrante 2

Exatamente.

00:30:38 Palestrante 2

Tudo, por exemplo, nós estamos agora para começar a campanha da Fraternidade, um dos encontros ou um ciclo de encontros sobre a campanha da Fraternidade.

00:30:47 Palestrante 2

Nós temos aí um ano por a questão do durante um ano, nós temos esses meses, é o novembro azul, não é o rosa, então sempre traz pessoas com capacidade, com condições de falar sobre esses temas relevantes.

00:31:06 Palestrante 2

Ou então, por exemplo, nós estamos aí no processo de eleição, próximo de eleição.

00:31:11 Palestrante 2

A gente vai falar o que era que é, qual a função de cada um dos possíveis eleitos, qual a função do vereador, qual a função do prefeito, qual a função do deputado?

00:31:21 Palestrante 2

Normalmente isso aí pessoal fica bastante resistível, mas é como ser como pessoa.

00:31:27 Palestrante 2

A gente vai abordar esse tema.

00:31:29 Palestrante 2

Nós estamos aí com a questão climática muito forte, então a gente vai conversar sobre a questão climática.

00:31:34 Palestrante 2

Nós estamos aí com a questão de do mercado de trabalho das novas, por exemplo, agora talvez esse ano seja um dos temas que a gente vai abordar a inserção absurda da tecnologia no mercado de trabalho.

00:31:47 Palestrante 2

Então a gente vai conversar sobre isso.

00:31:49 Palestrante 2

É sempre 11 assunto relevante que a gente traz, por isso nós chamamos de cidadania, que é o cidadão que se envolve, a pessoa que tem que fazer parte.

00:31:59 Palestrante 2

É que muitas vezes, quando a gente fala em sociologia, para muitas pessoas, as pessoas já começam a entender a coisa fora do contexto.

00:32:07 Palestrante 2

Mas tudo isso é um jeito de o cidadão fazer parte do mundo em que ele está.

00:32:13 Palestrante 2

E aí a VIP tem esse cuidado sempre para a VIP não é só o profissional, não é só o saber, é o saber, é o saber fazer e o saber ser.

00:32:24 Palestrante 2

O que mais importante para a VIP sempre foi potencializado nessas três linhas.

00:32:28 Palestrante 1

Pra irmã Dolores, ela enxergava a educação como algo direcionado, assim, o professor ou aquele formador é detentor de todo o conhecimento e ponto, ou ela achava que a experiência daquelas pessoas, por mais simples que seja, também era valiosa nesse momento de educação, de cursos?

00:32:55 Palestrante 2

Pra irmã?

00:32:58 Palestrante 2

Para muitos de nós, que pensamos um pouco sobre educação, a educação é de fato transformadora.

00:33:03 Palestrante 2

Então, se tinha um dos conceitos que a Igor mais defendia é a educação como forma de transformar, como forma de transformar as pessoas.

00:33:14 Palestrante 2

Então, tem vários meios de você buscar.

00:33:18 Palestrante 2

É se formar.

00:33:20 Palestrante 2

Hoje em dia nós temos muita informação, mas pouca formação.

00:33:25 Palestrante 2

A irmã Dolores, ela não desprezava nem um lado nem outro.

00:33:30 Palestrante 2

Vamos tentar ver qual OA possibilidade a gente tem desses 2 caminhos andarem juntos.

00:33:37 Palestrante 2

Para a irmã não tinha forma de educação que fosse excludente.

00:33:42 Palestrante 2

Ou seja, uma forma de educação que exclui, tira as pessoas, todas as formas de educação, todas as formas de educação, não é uhum, não sabe?

00:33:52 Palestrante 2

Era inclusiva.

00:33:54 Palestrante 2

Porque era uma forma de você não se alienar.

00:33:57 Palestrante 2

É uma forma de você, de fato, saber ocupar o seu espaço.

00:34:02 Palestrante 2

É uma forma de vivência.

00:34:03 Palestrante 2

É reconhecendo todos os seus, seus limites e suas potencialidades.

00:34:09 Palestrante 2

Então, a educação era vista pela irmã, é assim como um corpo total.

00:34:15 Palestrante 2

É que dentro dele, não é que estava revestido de educação, é que dentro daquele corpo estava de fato uma formação humana.

00:34:24 Palestrante 2

E essa formação humana, ela é acadêmica, ela é espiritual, ela é um completo, é um composto completo.

00:34:33 Palestrante 2

Então a irmã, ela tinha, ela nunca direcionava, nunca direcionava a questão da educação, qualquer pessoa.

00:34:42 Palestrante 2

Por exemplo, nós estamos aqui no município e tem uma o poder público, tem uma linha de pensamento com direção no que diz respeito à educação.

00:34:53 Palestrante 2

A irmã tinha um pensamento diferente, mas ela não IA lá para fazer assim não.

00:34:56 Palestrante 2

Você deixa de fazer o seu para fazer o meu não.

00:34:59 Palestrante 2

O que nós podemos fazer para caminhar juntos?

00:35:03 Palestrante 2

Então, sempre a educação, Ela Foi colocada no ser humano dentro.

00:35:11 Palestrante 2

Não foi só por fora, não foi só na aparência.

00:35:14 Palestrante 2

E é isso aí, ela não abria mão.

00:35:17 Palestrante 2

Aí onde a gente fala que muitas vezes ela era brava, por isso, porque quando não se aceitava isso, você não aceita, então você fica no seu canto, fica no meu e a gente vai ver cada um.

00:35:25 Palestrante 1

Perfeito.

00:35:26 Palestrante 1

A senhora também tem alguma coisa?

00:35:29 Palestrante 3

Então, com relação a educação, a irmã, ela, como Andrade falou, e ela também assim, ela não desistia das pessoas.

00:35:38 Palestrante 3

Ela pensava em tudo, ela pensava na criança que precisava de estudar para aprender, ela pensava no jovem, ela pensava nos _idosos.

00:35:47 Palestrante 3

Até hoje nós temos um grupo de pessoas que está na comunidade de Vida Irmã Dolores.

00:35:53 Palestrante 3

Ela pensava nas pessoas que tinha que ir para a VIP, até hoje tem pessoas que costura na VIP, porque para ela, a educação, a pessoa tinha que aprender as coisas básicas para viver melhor na sociedade.

00:36:05 Palestrante 3

Então assim, ela não pensava, só vou pensar só a educação, só na criança, não todos para irmão, todos tinha o direito de aprender, seja criança, seja adulto, seja _idoso, porque às vezes a pessoa acha que o _idoso não precisa mais aprender, eSIM o _idoso.

00:36:22 Palestrante 3

Ele tem condições de aprender.

00:36:24 Palestrante 3

Então assim, quando ela pensava na educação, ela pensava em todo mundo, não era NOS nas crianças, só era em todos.

00:36:31 Palestrante 3

E até hoje, na VIP, a gente tem várias coisas, é lógico, teve alguns cursos na VIP, nós não temos mais, porque não tem condições.

00:36:39 Palestrante 3

Mas assim, o que ela pensou é que todo mundo aqui no bairro tivesse condições de melhorar, de se informar.

00:36:47 Palestrante 3

Até que ela falava muito nas mulheres, que ela falava assim, que as mulheres tinham que se informar para poder saber, conversar, para não ser humilhada pelas patroas, aquelas que era faxineira,

00:36:59 Palestrante 3

Para que as pessoas soubessem de fato seus direitos, seus deveres, porque às vezes a gente fala tanto de direito e de dever, mas a gente não sabe qual é o nosso.

00:37:08 Palestrante 3

Então ela falava muito nisso para que a gente pudesse instruir para que a gente saiba qual que é o nosso direito e qual que é o nosso dever na sociedade.

00:37:17 Palestrante 1

E quais são os princípios que vocês enxergavam nela?

00:37:23 Palestrante 2

O principal dessa, como a gente fala desde o início.

00:37:28 Palestrante 2

É um princípio que hoje em dia a gente precisa rever durante dentro dessa nossa caminhada de sociedade, como a gente tá vendo hoje, é justamente essa que a gente vai falar várias vezes durante aqui, vai estar repetida aí várias vezes, é a questão do valor.

00:37:43 Palestrante 2

O principal principal princípio da Irmã do Loures é a valorização.

00:37:49 Palestrante 2

São então assim e outra, igual o professor falou nessante.

00:37:52 Palestrante 2

Assim não tinha, não é porque a pessoa tem um status maior ou não tem condições menores que para ela os valores têm que ser diferentes.

00:38:01 Palestrante 2

Ela, o desejo dela, o principal desejo dela é que, como princípio, todos sem distinções fôssemos iguais, fôssemos iguais e Hoje em dia, essa diferença ou essas divergências absurdas que nós temos.

00:38:19 Palestrante 2

Então certamente ela estaria sofrendo bastante aqui.

00:38:21 Palestrante 2

Certamente ela estaria utilizando muito O Sangue espanhol dela aqui, com certeza, mas eu assim em poucas palavras, o que a irmã mais potencializou viveu como princípio foi a questão da valorização da pessoa humana e a valorização.

00:38:37 Palestrante 2

Por exemplo, se um se nós estivéssemos num encontro de catequese ou um ciclo bíblico, alguém falasse alguma coisa e outra pessoa reprimisse aquela ali.

00:38:49 Palestrante 2

Porque você não sabe o que está falando, você não entende nada ali já lá arrumar uma confusão com ela, porque pode ser que a pessoa naquele momento não saiba, mas pode ser que na frente ele possa aprender.

00:39:01 Palestrante 2

Então a irmã nunca teve dificuldade nenhuma de conviver com os pensamentos diferentes que nós temos dentro da nossa própria igreja, com espiritualidades diferentes que nós vivemos dentro da nossa prática de fé.

00:39:15 Palestrante 2

Ela nunca teve dificuldade nenhuma.

00:39:17 Palestrante 2

É o que ela não aceitava, era heresias, aceitava, era conversas absurdas e saia ela não aceitava mesmo.

00:39:26 Palestrante 2

Aí participa já uma boa, queria dela uma boa correção, porque o que ela queria de fato mesmo é que a pessoa, o ser humano, como princípio, além de ser valorizado, também valorizado.

00:39:39 Palestrante 2

Essa é a principal característica dela e esse principal princípio que ela tem de falar para as pessoas, de mostrar para as pessoas que todos nós temos capacidade, todos nós temos dons.

00:39:50 Palestrante 2

Todos nós temos fraquezas e isso era o que norteava sempre o caminhar dela com princípio.

00:39:57 Palestrante 2

Basicamente era essa esse respeito.

00:39:59 Palestrante 2

Assim, basicamente não é o extremo dela, é o respeito e a valorização da pessoa humana.

00:40:05 Palestrante 3

Eu acho que para mim também é a valorização da vida.

00:40:08 Palestrante 3

E a irmã gostava muito do texto bíblico que fala: "Eu vim para que todos tenham a vida e tenham a vida em abundância".

00:40:15 Palestrante 3

Então assim, ela pensava na vida de todos, sabe?

00:40:19 Palestrante 3

Em plenitude.

00:40:21 Palestrante 3

O que ela queria era que todos tivessem os mesmos direitos.

00:40:25 Palestrante 3

Uma casa, moradia, emprego, saúde, educação, que todos tivessem os mesmos direitos.

00:40:33 Palestrante 1

E qual que é o papel da educação?

00:40:36 Palestrante 2

Na organização do bairro.

00:41:04 Palestrante 2

Os pequenos grupos ou pequenos guetos fosse potencializado.

00:41:10 Palestrante 2

Essa formação não foi a nossa.

00:41:12 Palestrante 2

Nós não tivemos essa educação, seja educação na fé, educação nos princípios, não tivemos isso.

00:41:18 Palestrante 2

É a irmã.

00:41:19 Palestrante 2

Ela nunca disse não, porque um padre é recém-formado.

00:41:25 Palestrante 2

É, ele se formou agora.

00:41:27 Palestrante 2

Ele foi ordenado agora.

00:41:29 Palestrante 2

Ele é menos importante do que aqui.

00:41:31 Palestrante 2

Já dá com uns 2530 anos, então.

00:41:35 Palestrante 2

Ela nunca a educação que ela passou para a gente nunca foi essa educação que fizesse cisão, que separasse, muito pelo contrário, é sempre que tivesse a união que potencializa a união.

00:41:49 Palestrante 2

Então, se hoje em dia e infelizmente a gente vive isso em comunidade, essas divergências de pensamentos, é importante que se tenha, é importante que se tenha, mas uma forma educativa, uma forma formativa.

00:42:03 Palestrante 2

Então, o que ela queria mesmo é que hoje nós não temos a transformação que ela gostaria que tivesse, a educação que ela nos deu, nós não temos.

00:42:12 Palestrante 2

Infelizmente, nós não estamos conseguindo viver, dar continuidade a educação no sentido amplo que ela passou para a gente.

00:42:19 Palestrante 2

Até mesmo porque sabemos, lógico, a gente sabe que AOA as épocas vão se mudando, se aperfeiçoando.

00:42:29 Palestrante 2

Não é o tempo, você vai vivendo ele de acordo com aquilo que está no momento.

00:42:34 Palestrante 2

Nós em 2008, quando a irmã faleceu, nós ninguém falava em inteligência artificial, ninguém falava em nada disso.

00:42:42 Palestrante 2

Os meios de comunicações, os acessos era extremamente restrito, porém.

00:42:47 Palestrante 2

A formação que ela nos deu era para que a gente fosse nos aperfeiçoando para quando chegar numa época como aqui, agora estamos, a gente não ser manipulado, mas não sermos manipulados em hipótese nenhuma.

00:43:00 Palestrante 2

Então, o cuidado dela, a transformação que ela queria, que ela sempre imaginou que a educação fizesse nas pessoas, é justamente essa constante formação.

00:43:14 Palestrante 2

Esse nunca tem uma estrada, uma estrada que nunca termina.

00:43:19 Palestrante 2

Você termina aquela etapa, começa outra e continua enquanto tivermos essa capacidade de viver nessa estrada que é a nossa vida.

00:43:28 Palestrante 2

Então, a intenção principal da educação potencializada pela irmã era justamente essa União, essa junção do ser com o tempo presente, com o tempo que a gente está vivendo.

00:43:41 Palestrante 2

É lógico, passado serve como uma estrutura, serve como uma base, mas O Presente é este e o futuro não sabemos como é que vai ser, mas precisamos nos preparar para ele.

00:43:51 Palestrante 2

E a educação?

00:43:53 Palestrante 2

Como meio de transformação, que foi o que ela mais valorizou, foi o que mais viveu.

00:43:59 Palestrante 2

E aí voltamos a dizer não somente a educação na escola, não somente a educação na igreja, mas na família, na escola, na igreja, no mundo do trabalho, na Juventude.

00:44:13 Palestrante 2

Ela não tinha problema nenhum de chegar lá e falar com um grupo de jovens lá e explicar para elas tudo aquilo ou conversar abertamente.

00:44:21 Palestrante 2

Tudo aquilo que é preciso conversar de forma aberta, de forma tranquila.

00:44:25 Palestrante 2

Vou chamar a irmã para falar sobre planejamento familiar da Juventude.

00:44:31 Palestrante 2

Ela vai lá e fala, vou chamar a irmã para falar com os meninos, se eles querem, qual é a possibilidade que eles querem ir para a vida sacerdotal?

00:44:43 Palestrante 2

Ela vai e fala.

00:44:44 Palestrante 2

Porquê?

00:44:45 Palestrante 2

Porque é isso que Hoje, infelizmente, Hoje em dia a gente está deixando um pouco de lado.

00:44:49 Palestrante 2

A gente está potencializando isso fora Hoje em dia, aqui dentro dessa nossa realidade que nós abrimos mãos, muitos dos nossos abriram mão de continuar com esses valores, de continuar com essa vontade de que a educação seja de fato transformadora, porque se nós muitas vezes estamos, por exemplo, citar um exemplo aqui numa celebração.

00:45:11 Palestrante 2

E se a pessoa está na missa, está no espaço comunitário, mas ela mesma demonstra que ela está com aquele sentimento de raiva, de ódio do outro.

00:45:21 Palestrante 2

Não foi com a irmã que nós aprendemos isso.

00:45:24 Palestrante 2

A irmã da Louise não ensinou isso para a gente, muito pelo contrário.

00:45:27 Palestrante 2

Se você está com algum problema, tem alguma diferença, fala, porque muitas vezes tive diferença com a irmã.

00:45:33 Palestrante 2

Eu tive muitas vezes diferenças com a irmã.

00:45:35 Palestrante 2

Aí eu chegava em casa aborrecido pra caramba.

00:45:37 Palestrante 2

Nós não tínhamos telefone celular, tinha um telefone fixo, daqui a pouco o telefone tocava.

00:45:41 Palestrante 2

Filho, vem aqui pra conversar.

00:45:43 Palestrante 2

Então, a formação dela é essa.

00:45:46 Palestrante 2

É que tem determinado momento que isso acontece com qualquer um de nós, que a gente fala sem pensar.

00:45:51 Palestrante 2

Muitas vezes a gente desliga o cérebro e desliga demais a boca.

00:45:55 Palestrante 2

E isso é ruim pra gente.

00:45:57 Palestrante 2

Mas ela, se isso acontecesse, vem aqui, vamos conversar e vamos continuar, toca o nosso barco.

00:46:03 Palestrante 2

Hoje, volto a dizer, nós gostaríamos muito que nós estivéssemos praticando aqui a educação que dela recebemos, mas não estamos.

00:46:12 Palestrante 1

E para o bairro, num modo geral, a construção da escola, dos cursos, fez diferença?

00:46:20 Palestrante 2

E, por incrível que pareça, ainda faz.

00:46:24 Palestrante 2

Fez muita diferença e, por incrível que pareça, ainda faz a vip como escola.

00:46:29 Palestrante 2

A gente está passando como instituição, a gente está passando por dificuldades, porque, como falamos no início, nós hoje não temos mais uma instituição que ajuda, nós não temos mais os empresários que se aproximavam dela, ajudavam.

00:46:41 Palestrante 2

É hoje nós não temos poder público, não temos mais nada com poder público que ajude.

00:46:46 Palestrante 2

Mas a escola profissionalizante, citando como um caso específico, ela só existe mesmo, só coexiste até hoje por causa da valorização que as pessoas do bairro têm para com os bens, os organismos do bem que a irmã construiu, então.

00:47:05 Palestrante 2

Transformou bastante o bairro, na questão da formação profissional.

00:47:10 Palestrante 2

O Raul, a gente nem quer ser a única escola de ensino fundamental que nós temos aqui nessa área, então tem essa coisa de transformação.

00:47:21 Palestrante 2

O José Meireles também, mas aí já é, já foi, já é uma outra cultura, outra dinâmica, porque já é direto, já conselho pelo poder Público.

00:47:31 Palestrante 2

Então tenha AO bom prato, por exemplo, bom prato foi uma.

00:47:35 Palestrante 2

É uma coisa que realmente é extremamente transformador e não era não era para esse bom prato ser estar construído aqui, você vê o quanto ela tinha capacidade de dialogar, o quanto ela tinha essa capacidade de conversar, porque para o programa, para o programa, ele só pode ser construído em lugares de muito transeuntes, de muito movimentação de pessoas.

00:47:57 Palestrante 2

E aí Era Para Ser construído, não ser suficiente.

00:48:00 Palestrante 2

Então a vip, como instituição, assumiu o lado de São Vicente do São Vicente, mas na época ela diretamente, conversou com o então Governador José Serra, que era para abrir uma que chama exceção, abrir uma exceção e construir aqui na área continental.

00:48:20 Palestrante 2

Esse bom prato foi quando o próprio governador apresentou um decreto, fez a mudança.

00:48:25 Palestrante 2

E aí a gente tem.

00:48:26 Palestrante 2

Então você vê o quanto isso é transformador até hoje?

00:48:29 Palestrante 2

Se você chega a partir das 11:00 nesse bom prato, você vê a imensidão de pessoas que tem para se alimentar, como a Claudina falou, se alimentar de forma barata e de qualidade.

00:48:39 Palestrante 2

Então, para o bairro inteiro, e muitas vezes o bairro inteiro, a população reconhece.

00:48:47 Palestrante 2

reconhece muito mais as ações práticas da irmã Dolores de que muitas vezes pessoas da própria comunidade.

00:48:55 Palestrante 2

No bairro inteiro, a gente tem assim um reconhecimento muito maior do que muitos, muitos que fizeram parte dessa história da qual nós também fazemos.

00:49:04 Palestrante 1

Certo?

00:49:05 Palestrante 1

E por que que houve?

00:49:07 Palestrante 1

O senhor acha, enfim, que houve esse afastamento do poder público, empresários, etc.

00:49:13 Palestrante 1

dessas dessas ações?

00:49:17 Palestrante 2

No início nós falamos que as pessoas, a irmã, sempre achava que as pessoas eram elas tinham sempre boas intenções, mas não era bem isso.

00:49:25 Palestrante 2

Boas intenções.

00:49:26 Palestrante 2

Muitas dessas pessoas se aproximaram da irmã.

00:49:29 Palestrante 2

É com uma intenção de se projetar, se projetar, seja politicamente, seja socialmente algum, porque ela tinha essa capacidade, ela tinha essa condição, então as muitas pessoas se afastaram, inclusive não só aqui.

00:49:44 Palestrante 2

Mas em todos os lugares onde ela passou, seja no Jockey, na Vila Gilda, no Guarujá, no Samaritá, se a gente vai nesses lugares, ainda tem uma referência absurda da irmã Dolores, mas o que prejudicou, isso sim, prejudicou muito, até mesmo a continuidade do trabalho dela, é porque enquanto ela estava viva, tinha muitas pessoas do lado dela, mas dessa outra forma, com outras intenções.

00:50:14 Palestrante 2

Com outras ambições, quando ela parte, ela fala assim, não vou me aproximar mais da irmã porque Eu Não vou aproximar mais da Comunidade porque a irmã já não está mais lá.

00:50:25 Palestrante 2

Eu, que acostumava muito andar com a irmã, por exemplo, se a gente vai para São Paulo, eu fico em São Paulo, muito várias pessoas que estão do lado dela aqui mesmo na baixada.

00:50:33 Palestrante 2

É impressionante.

00:50:34 Palestrante 2

Se qualquer lugar que a gente fosse tinha muitas pessoas querendo se aproximar dela, mas se aproximar com segundas intenções.

00:50:42 Palestrante 2

Segundas intenções.

00:50:43 Palestrante 2

Esse foi o fator.

00:50:45 Palestrante 2

O outro fator é que cada pessoa compõe a sua história.

00:50:51 Palestrante 2

Cada um de nós compomos a nossa história.

00:50:56 Palestrante 2

Depois que a irmã partiu, a vida, a formação de fé comunitária.

00:51:07 Palestrante 2

Esses valores que a irmã sempre pregava, eles foram deixando de lado, não adianta a gente.

00:51:14 Palestrante 2

Muitos desses valores foram deixando de lado, foram sendo obstruídos, sabe?

00:51:19 Palestrante 2

Deixado em segundo plano e aí cada vez mais, cada vez, cada dia que passa a gente vê, sabe?

00:51:29 Palestrante 2

Um milímetro do distanciamento, então os 2 fatores principais foi esse primeiro as pessoas que se aproximavam dela.

00:51:37 Palestrante 2

Com segundas intenções e o segundo fato é esse que a gente, como a nossa própria história, ela vai se lapidando a própria vivência de fera, a próxima própria evangelização.

00:51:49 Palestrante 2

Depois que nós, depois que a irmã partiu, nós não tivemos mais uma igreja assim, um sacerdote, um padre próximo da escola próprio, próximo da vip.

00:52:00 Palestrante 2

Nós não tivemos.

00:52:01 Palestrante 2

Se você perguntar para qualquer um desses que vieram depois da irmã, ela até mesmo falei Guilherme, pessoa bastante, bastante fragilizada.

00:52:08 Palestrante 2

Depois desse ninguém para nenhum chegou a conversar aqui, entrar no Raul, não foi um bom prato.

00:52:14 Palestrante 2

Então você vê que enquanto isso vai distanciando do projeto.

00:52:19 Palestrante 2

Então eu acho que são esses 2 fatores principais que foram que e colaborou com a com esse distanciamento do que nós tivemos.

00:52:30 Palestrante 2

Como vivência de fé do que nós temos hoje, as pessoas com interesse e a indisposição, podemos assim dizer, fica à vontade para falar, sabe?

00:52:39 Palestrante 2

A indisposição da gente dar continuidade no projeto que ela sempre sonhou.

00:52:43 Palestrante 2

Como igreja não foi só como igreja, não queria falar isso aqui, implantar isso aqui só na Comunidade Nossa Senhora da Esperança, só na Nossa Senhora Aparecida não, ela queria implantar isso na época, nós estávamos lá na nossa paróquia, que era a então Beato José de Anchieta.

00:53:01 Palestrante 2

Ela falava, olha, eu não tenho problema, eu fico aqui de secretário, fico aqui escrevendo a sua nota no recado, mas eu quero vir aqui que é para a gente caminhar juntos.

00:53:11 Palestrante 2

Então, tal era a vontade dela da gente dar continuidade a esse processo de evangelização em formação humana.

00:53:18 Palestrante 2

E esses 2 fatores, infelizmente, contribuíram sim para um afastamento do que ela sempre sonhou como projeto.

00:53:31 Palestrante 1

Um certo egoísmo, né, enfim, em ter essa liderança pra ela ou ela também formava líderes pra dar continuidade a esse projeto, né?

00:53:41 Palestrante 1

Porque às vezes ela queria, não sei né, tinha uma liderança muito aguçada dentro dela e não partilhava isso com outras pessoas ou havia esse desejo né, da partilha, dessa liderança de movimento social, enfim

00:54:00 Palestrante 2

É chato a gente falar da gente mesmo.

00:54:03 Palestrante 2

Eu aprendi a escrever meu nome com 18 anos de idade.

00:54:06 Palestrante 2

Eu terminei o ensino fundamental com 26 anos.

00:54:10 Palestrante 2

Nós já éramos casados com 27 anos.

00:54:13 Palestrante 2

Ela já me considerava uma das pessoas que já para ela já era uma liderança aqui nesse bairro.

00:54:22 Palestrante 2

Se uma pessoa se dispusesse a colaborar na vip.

00:54:27 Palestrante 2

Ela fala assim não, então você já vai fazer parte da diretoria que é para daqui a uns dias você dar o seu a sua contribuição como presidente, como diretor, como então, se é uma das coisas que ela nunca quis na face da Terra, era puxar para ela aquela.

00:54:42 Palestrante 2

A irmã nunca foi presidente da vip da instituição.

00:54:45 Palestrante 2

Ela nunca aceitou ser a presidente.

00:54:49 Palestrante 2

Ela Foi a fundadora, mas presidir.

00:54:51 Palestrante 2

Nunca a irmã, ela nunca quis.

00:54:53 Palestrante 2

Ela fazia a celebração da palavra, mas é, nós estamos fazendo aqui a celebração da palavra.

00:54:59 Palestrante 2

Eu Não quero me colocar aqui como uma formadora da palavra, mesmo que tenha que tenha todas as condições para isso.

00:55:07 Palestrante 2

Mas a primeira coisa, se ela conhecesse você a primeira coisa que ela tentar descobrir é em que lugar você seria uma liderança?

00:55:17 Palestrante 2

A primeira conversa que ela tivesse com você, ela é tentar descobrir em você em que qual é a posição que essa moça pode assumir uma liderança.

00:55:25 Palestrante 2

E ela sempre era desse jeito, sempre foi desse jeito.

00:55:29 Palestrante 2

As pessoas começavam a trabalhar, por exemplo, a moça que começou a trabalhar aqui na os primeiros passos da escolinha do Emílio na Senhora da Esperança, foi a primeira diretora no Colégio Rocha do Amaral.

00:55:42 Palestrante 2

Então ela sempre formava, lapidava as pessoas, falava assim, você tem capacidade para ir aquele Essa autossuficiência, essa coisa não existia na Irmã Dolores, de forma nenhuma.

00:55:54 Palestrante 2

Não cabia nela.

00:55:56 Palestrante 2

Esse tipo de coisa não cabia.

00:55:57 Palestrante 2

Aí era mais um fator que ela ficava brava.

00:56:00 Palestrante 2

"Ah, não, a senhora é mandona, isso, aquilo, você fala que eu sou mandona, então tá bom, tá, tchau." Depois a gente conversa, nesse momento não dá, porque centralizadora nunca.

00:56:11 Palestrante 2

Nunca centralizador, infelizmente, volta e meia, até por desconhecimento de pessoas, citam a aluna como centralizadora, mas, por exemplo, nós, como comunidade, como falou no início, como comunidade é crucial de base, aí sim a diocese queria que ela fosse uma referência, não, eu sou referência.

00:56:31 Palestrante 2

Mas na Vila Zilda vai ter um, lá na Santa Cruz, navegante vai ter outro, em Cubatão tem outro, cada um vai ter o seu, a sua pessoa que vai ser essa pessoa que vai.

00:56:41 Palestrante 2

caminhar junto, que vai animar, que vai estar junto, centralizar nela, nunca, nunca, nunca essa questão de eu criei, eu fiz, eu vou mandar, primeiro que não mandava, entre ela mandar alguém e ela fazer, ela preferia ela fazer.

00:57:02 Palestrante 3

E assim, uma das provas que a irmã não era centralizadora, é que assim na VIP, todos os professores da VIP,

00:57:10 Palestrante 3

ela pagava, por exemplo, a professora de, não vou citar nomes, tá?

00:57:16 Palestrante 3

Mas tipo assim, a professora de panificação, ela pagava o curso para ela fazer, professora de cabeleireiro, ela pagou o curso para fazer, professora de datilografia, ela pagou o curso para fazer.

00:57:28 Palestrante 3

Aqui também na escolinha, teve muitas pessoas da comunidade que a irmã pagou o curso, tipo assim, para trabalhar na escolinha,

00:57:37 Palestrante 3

Colocou a pessoa pra trabalhar na escolinha, muitos viram secretária, outros ela pegou assim, ela falou, não vamos, você sabe dirigir, então é motorista.

00:57:47 Palestrante 3

Então a irmã, ela não queria tudo pra si, ela fazia isso, por exemplo, eu mesma, eu não sabia nada de datilografia, falava Pra Ela que eu ficava catando milho e aí a gente começou na nossa primeira pastora, pastora da criança.

00:58:02 Palestrante 3

A pastora de crianças não, a pastora de batismo.

00:58:05 Palestrante 3

"Não, Claudia, você vai aprender datilografia para você fazer a certidão de batismo." E aí eu comecei a fazer e depois eu ia lá, fazia tudo direitinho, entregava para o pessoal.

00:58:18 Palestrante 3

Então assim, ela pensava muito na formação da pessoa.

00:58:23 Palestrante 3

"Você tem um jeito com criança, então eu vou te dar alguma coisa para você ser uma professora." Então ela pensava muito, teve muitas pessoas aí que

00:58:32 Palestrante 3

Que ela ajudou, tipo, para fazer faculdade de psicologia, faculdade de pedagogia.

00:58:38 Palestrante 3

Então assim, muitos ela pedia para que assinava e tal para que a pessoa conseguisse essa faculdade, muitos também.

00:58:47 Palestrante 3

Nesse período Andrade vinha da unisantos para cá para poder fazer estágio, vinha até psicóloga, vinha muita gente para fazer estágio aqui, então tinha muito essa troca, sabe?

00:58:57 Palestrante 3

Quando aí a irmã assim, ela pensava mesmo no povo daqui.

00:59:00 Palestrante 3

Por exemplo, eu sei lá, gostaria muito de ser uma professora de panificação, então eu vou te dar o dinheiro para você fazer o curso, para depois você começar a ser a professora de panificação.

00:59:13 Palestrante 3

Então primeiro ela formava e depois ela inseria a pessoa no mercado de trabalho.

00:59:18 Palestrante 1

Aí esses professores eram voluntários ou tinha ou não, ganhava o dinheiro?

00:59:22 Palestrante 3

Até hoje ganha.

00:59:24 Palestrante 1

Até hoje ganha.

00:59:24 Palestrante 1

Não sei.

00:59:25 Palestrante 3

A gente está lá na VIP até hoje, desde quando ela começou.

00:59:30 Palestrante 1

E qual que é o papel da educação na organização do bairro para a senhora?

00:59:37 Palestrante 1

Qual que é a importância da educação para o bairro, para a formação do bairro?

00:59:41 Palestrante 3

É fundamental, porque tudo que a gente tem aqui foi ela que criou e eu acho que assim, o que a gente aprendeu.

00:59:52 Palestrante 3

Coisas que não vai sair da nossa cabeça.

00:59:55 Palestrante 3

Acho que assim, o que a irmã plantou aqui como educação foi fundamental para o nosso bairro.

00:59:59 Palestrante 3

Tudo que nós temos aqui hoje é fruto dela, por mais que não tenha, que não seja como ela queria, que não esteja com mais transformação, mas eu acho que assim, tudo que nós temos hoje aqui no nosso bairro é fruto da irmã da Loures.

01:00:17 Palestrante 1

Perfeito, e agora vocês para finalizar, tem alguma aula?

01:00:21 Palestrante 1

algo que vocês querem complementar, acrescentar, que vocês lembram dela, que acham importante?

01:00:29 Palestrante 2

Sem nenhuma hipocrisia, sem nenhuma demagogia, eu fico extremamente feliz quando vocês, igual você está fazendo, partindo da educação, buscar um conhecimento de uma pessoa que em nenhum lugar foi uma referência.

01:00:46 Palestrante 2

Eu acho que se tem alguma coisa que nos agrada muito, sabe, a gente faz, é cada vez mais a gente que renova a nossa Esperança.

01:00:55 Palestrante 2

É justamente isso que vocês sabem que vocês têm um papel absurdo.

01:01:02 Palestrante 2

É na sociedade.

01:01:04 Palestrante 2

Vocês, jovens, tem tudo isso.

01:01:06 Palestrante 2

E quando você jovem se estrutura em alguém que foi uma referência, é sinal de que vocês querem de fato ser esses agentes de uma verdadeira transformação.

01:01:16 Palestrante 2

É então assim a gente e nesse espaço de tempo, em que a gente está vivendo nesse um certo período, a gente vê muito.

01:01:24 Palestrante 2

Eu pelo menos observo muito e fico muito grato a Deus, porque vocês estão buscando esses caminhos, estão buscando, estão sendo também sendo referência.

01:01:34 Palestrante 2

Porque vai chegar um determinado momento da vida de vocês, que tudo isso que você hoje está fazendo, isso vai reverberar em você em um verdadeiro futuro, futuro profissional, futuro de uma mulher de fato, futuro daquilo que você escolher ser.

01:01:48 Palestrante 2

Então eu esqueci a única coisa que a gente, o que eu gostaria mesmo de saber de acrescentar é isso é que muito nos agrada quando vocês.

01:01:56 Palestrante 2

É, buscam isso.

01:01:57 Palestrante 2

Eu falo vocês também, porque graças a Deus dos meus não posso reclamar que também buscam também essa, esse, esses caminhos, até mesmo que seja Letícia, dentro da educação e outra linha.

01:02:06 Palestrante 2

Mas o Henrique pela questão da saúde.

01:02:09 Palestrante 2

Eu também, a gente sabe que vai chegar no momento que eles também vão ser cooperador com a sociedade verdadeira, uma sociedade justa, uma sociedade fraterna, onde as pessoas se respeitem, sabe?

01:02:18 Palestrante 2

Não tem essa questão de egoísmo, não tem essa questão de mau quererência, sabe?

01:02:23 Palestrante 2

De eu sou melhor do que o outro, melhor do que ser.

01:02:26 Palestrante 2

Todos nós compomos o mesmo alfabeto da vida, mas de 1 a 10, nós compomos todos os números da existência.

01:02:35 Palestrante 2

Então, se a única coisa que eu gostaria de acrescentar, se eu tiver que acrescentar a isso é parabéns.

01:02:39 Palestrante 2

vocês, no seu caso, pela iniciativa de buscar de fato aprender, buscar de fato o saber, o sabor do saber, é isso que vocês estão fazendo e isso agrada muito, a gente fica muito feliz por isso e pede a Deus que tenha mais, né?

01:02:57 Palestrante 1

Com certeza.

01:03:00 Palestrante 3

Então, eu queria só dizer pra você que continue nesse caminho, né?

01:03:06 Palestrante 3

E assim,

01:03:08 Palestrante 3

Viver a vida da irmã Dolores é muito bom.

01:03:12 Palestrante 3

E você foi incrível por ter escolhido a vida dela para poder você fazer esse estudo.

01:03:20 Palestrante 3

Então assim, acho que o legado que a irmã Dolores deixou para nós nunca vai morrer.

01:03:26 Palestrante 3

Por mais que não seja como antes, mas ela vai viver sempre aqui, no meio de nós.

01:03:31 Palestrante 3

Eu acho que para quem viveu com a irmã Dolores, esse legado dela vai viver para sempre.

01:03:37 Palestrante 3

E o que ela ensinou é isso, é o amor, é o carinho, é o companheirismo, é a dedicação, é o amor a Deus principalmente, porque a irmã tinha muito amor por Jesus Cristo, por Nossa Senhora.

01:03:50 Palestrante 3

Então assim, é viver de fato numa igreja, sabe, participar, estar sempre junto com os irmãos.

01:03:57 Palestrante 3

Então acho que esse legado que a irmã deixou para nós, ele não vai morrer nunca, porque enquanto a gente falar da irmã, ela vai viver, por mais que

01:04:06 Palestrante 3

E algumas pessoas esqueceram dela, mas eu acho que a gente jamais deve esquecer.

01:04:13 Palestrante 1

Você fez parte do grupo de jovens, não é?

01:04:17 Palestrante 1

Só para falar um pouquinho sobre o almoço, por favor, se puder.

01:04:24 Palestrante 4

O almoço solidário foi realizado pela irmã Dolores.

01:04:29 Palestrante 4

É, começou que assim, ela não.

01:04:32 Palestrante 4

Ela gostava de comemorar o aniversário dela, mas para comemorar o aniversário dela, ela planejava o almoço solidário e aí convidava todas as pessoas em situação de rua.

01:04:41 Palestrante 4

Aí se ela tiver falando alguma coisa, você pode corrigir.

01:04:44 Palestrante 4

Mas é isso, tudo que assim, a gente tem algumas fotos, tinha algumas fotos assim dela sentada e ali almoçando junto com eles e comemorando o aniversário delas com os moradores em situação de rua.

01:04:57 Palestrante 4

E aí, depois que ela faleceu, a gente, depois de um tempo, a gente voltou a vir com as atividades do grupo de jovens e aí a gente surgiu com essa ideia novamente de fazer o almoço solidário.

01:05:12 Palestrante 4

Inicialmente era fazendo no mesmo script ali, convidando as pessoas, indo até a igreja.

01:05:20 Palestrante 4

E aí a gente preparando o almoço, só que aí a gente vê a necessidade da gente sair, de não ficar somente ali na igreja, mas sim levar o alimento físico, mas também levar o alimento espiritual.

01:05:30 Palestrante 4

Porque a partir do momento que a gente sai e a gente tá levando um alimento físico, tem muitas pessoas que param e querem conversar com a gente, querem escutar, mas por que vocês estão fazendo isso?

01:05:39 Palestrante 4

E aí assim, a partir do momento que a gente sai, a gente conhece o nosso bairro também, porque às vezes a gente fica tão preso na nossa bolha, no nosso mundinho.

01:05:49 Palestrante 4

Porque a gente esquece que assim, perto da gente tá precisando, alguma pessoa tá precisando.

01:05:53 Palestrante 4

E aí é nesses momentos que a gente vê realmente a expansão que o nosso bairro tem, porque muitas pessoas moram aqui e não conhecem o próprio bairro, não conhecem o chão que pisa.

01:06:01 Palestrante 4

E aí é nos momentos assim do almoço solidário que a gente né, percebe isso.

01:06:07 Palestrante 4

E aí a gente sempre fez o trabalho do almoço solidário em questão comunitário mesmo, então a questão de arrecadação, a gente veio junto com a comunidade, a Pastora da Família ajuda muito a gente,

01:06:19 Palestrante 4

Então assim, não é uma coisa só da pastoral da Juventude.

01:06:23 Palestrante 4

É uma óbvio que a gente deu ali, trouxe a ideia novamente, mas é uma coisa que a comunidade toda abraça e a comunidade toda participa.

01:06:31 Palestrante 1

Perfeito.

01:06:31 Palestrante 1

Obrigada, gente.

administrar, né.

00:16:23 Palestrante 1

E tudo isso a população que foi pedindo?

00:16:27 Palestrante 2

Foi pedindo, era tudo feito em reuniões, né, o que que era mais

00:16:34 Palestrante 2

primordial naquela época, era o Centro de Saúde, depois a escola, a creche veio primeiro com o Raul Amaral, depois o Raul Amaral, depois se ampliou essa escolinha, né.

00:16:49 Palestrante 2

Hoje ainda existe lá Nossa Hora do Esperança.

00:16:51 Palestrante 1

Sim.

00:16:52 Palestrante 2

Para crianças, é fundamental, né, ensino fundamental.

00:16:59 Palestrante 2

É, depois mais tarde, já um pouco bem mais tarde,

00:17:04 Palestrante 2

Foram construídas essas capelas, porque aí não é só Nossa Senhora da Esperança, temos capelinhas lá na região.

00:17:12 Palestrante 1

Sim, Nossa Senhora de Lourdes.

00:17:16 Palestrante 1

São Francisco.

00:17:18 Palestrante 1

E a de Nossa Senhora do Amparo, que eu acho que está desativada, é uma que está desativada, eu não lembro agora o certo nome da capela.

00:17:30 Palestrante 1

E a Nossa Senhora Aparecida?

00:17:33 Palestrante 1

que ainda ainda está e a senhora ficou comentando as capelas e é uma história que ronda né lá eu não sei se é verdade a senhora pode me me confirmar mas que as capelas que eram um pouco mais é distantes como a própria São Francisco né ela dividia com uma cortina entre o altar o presbitério né e a assembleia nave né para essa essa divisão

00:18:02 Palestrante 1

acontecia por conta dos cursos que ela fornecia.

00:18:07 Palestrante 2

Isso então, porque justamente é construir a capela, mas a finalidade, a grande finalidade dela era justamente a elevação da população, tirar aquela melhora da qualidade de vida da população mais pobre.

00:18:30 Palestrante 2

E isso ela achava que era fundamental através da educação.

00:18:38 Palestrante 2

Então ela proporcionava cursos, assembleias que a gente discutia as coisas.

00:18:43 Palestrante 2

Isso era feito nas próprias capelinhas, porque embora fosse uma área não tão grande assim, não sei se é uma característica das pessoas, né?

00:18:58 Palestrante 2

pessoas mais bem, bem, bem mais pobres.

00:19:02 Palestrante 2

O deslocamento é difícil, eles querem as coisas ali perto.

00:19:07 Palestrante 2

Por isso que foi a construção das capelas, para poder chegar mais perto da população.

00:19:13 Palestrante 1

Acho que até é uma questão de identidade, né?

00:19:16 Palestrante 1

Você acaba, não sei, tendo vergonha ou, enfim, se sente impedido.

00:19:21 Palestrante 2

A gente sempre organizava um grupinho que era o caso.

00:19:27 Palestrante 2

como se fosse uma diretoria, né, que era responsável por aquela capela, das moradoras daquela regiãozinha lá.

00:19:36 Palestrante 2

E a VIP, com onde que surgiu?

00:19:45 Palestrante 2

Para dar educação profissionalizante para a população jovem e

00:19:55 Palestrante 1

E como que era feito esse trabalho?

00:19:56 Palestrante 1

Como que ela pensava o trabalho da VIP?

00:19:59 Palestrante 2

A gente tinha cursos.

00:20:11 Palestrante 2

Depois, nessa época, eu já estava na reitoria da universidade.

00:20:19 Palestrante 2

Então a gente teve, eu tive acesso ao SENAI e a gente fez um convênio no SENAI.

00:20:28 Palestrante 2

Então,

00:20:28 Palestrante 2

Então os cursos eram dados pelo SENAI, não pelo SENAI, seguindo a orientação do SENAI, apostila, trabalho, os nossos primeiros monitores, todos fizeram um curso no SENAI, para depois dar aula lá.

00:20:55 Palestrante 2

Então era a carga horária do SENAI,

00:20:59 Palestrante 2

O SENAI nunca deu dinheiro nenhum para nós, só o nome e o diploma.

00:21:07 Palestrante 2

E eles fiscalizavam bastante, a gente tinha que seguir aquele programa dele.

00:21:17 Palestrante 1

À risca, né, pra conseguir ganhar o diploma.

00:21:23 Palestrante 2

Isso, pros alunos era muito bom, porque o SENAI era um custo muito

00:21:28 Palestrante 2

e abro portas para o trabalho, é muito bom.

00:21:34 Palestrante 2

Mas paralelamente ao curso do SENAI a gente aumentava a carga horária e eles tinham um curso de cidadania que tem até hoje.

00:21:47 Palestrante 2

Então eram professores da universidade que uma vez por mês davam aulas lá

00:21:57 Palestrante 2

de cidadania mesmo, coisas, momentos importantes.

00:22:05 Palestrante 2

Já estava começando essa questão de empreendedorismo, como fazer uma entrevista, por exemplo.

00:22:12 Palestrante 2

Então, como a gente tinha uma gama muito grande de curso na universidade, a gente conseguia dar uma formação boa para eles.

00:22:23 Palestrante 2

Além de também trabalhar sempre a campanha da fraternidade, alguns valores.

00:22:31 Palestrante 1

Nessa época tinha uma ligação entre a pessoa terminar um curso técnico, né?

00:22:36 Palestrante 1

Que a VIP proporcionava e entrar na Unisantos, tinha alguma questão de bolsa?

00:22:41 Palestrante 1

Não, nunca existiu.

00:22:45 Palestrante 1

Perfeito.

00:22:48 Palestrante 1

E a senhora falou, né?

00:22:50 Palestrante 2

Mesmo porque a

00:22:53 Palestrante 2

A Unisantos não tinha naquela época cursos técnicos, agora que ela está tendo.

00:22:59 Palestrante 2

Esse ano, por exemplo, eles nos propuseram isso, da gente fazer uma divulgação dos cursos técnicos de São Leopoldo Abril, para que eles, terminando o profissionalizante, possam fazer o curso técnico.

00:23:21 Palestrante 1

Foi apresentado então isso?

00:23:23 Palestrante 2

Mas isso agora, porque antigamente era só curso universitário mesmo.

00:23:27 Palestrante 1

Sim.

00:23:28 Palestrante 2

Aí a maioria deles não tinha colegial terminado, então era difícil já pegar.

00:23:35 Palestrante 2

Eles queriam realmente o curso personalizante para pegar.

00:23:40 Palestrante 2

O nosso curso, o carro chefe do curso é um curso de elétrica, que forma eletricitista, que eles logo conseguem emprego.

00:23:50 Palestrante 1

Administração, né, informática, né, que que é e assim, a senhora falou de vários projetos que ela construiu, né, a escola, enfim, de onde vinham esses recursos?

00:24:05 Palestrante 2

Bom, o cursinho ajudava muito, mas muito também na Espanha, que era espanhola.

00:24:16 Palestrante 2

Sim, ela ia uma vez por ano, ela ia na

00:24:21 Palestrante 2

E ela passava muito na Espanha para ver a família e tudo isso.

00:24:26 Palestrante 2

E lá tem associações, uma associação grande que chama-se Manos Unidas, que trabalha justamente nesses países que eles consideram que precisam mais, países mais pobres.

00:24:43 Palestrante 2

Então ela levava os projetos, por exemplo, a nossa escola profissionalizante,

00:24:48 Palestrante 2

foi construída com dinheiro da Manos Unidas.

00:24:52 Palestrante 1

E fora isso, aqui no Brasil tinha alguém que ajudava, auxiliava ou não?

00:24:58 Palestrante 2

Não, tinha muita gente, mas não assim, uma instituição, um governo, essas coisas, não.

00:25:04 Palestrante 2

Tinha o movimento de cursinho, tinha esse grupo, por exemplo, do Frei Guilherme, que construiu a casa dela, e aí a gente fazia promoções, né?

00:25:18 Palestrante 2

Quer dizer, a diretoria da VIP fazia como até hoje faz, promoções de almoço, de coisas que a turma do cursinho vendia os ingressos e tal, e a gente ganhava dinheiro.

00:25:36 Palestrante 1

Perfeito.

00:25:38 Palestrante 2

Mas a Manos Unidas ajudou muito.

00:25:42 Palestrante 1

Foi o principal.

00:25:47 Palestrante 2

A capela, a igreja e construiu a nossa escola, que eu acho que outras coisas, não tudo, mas pelo menos dava auxílio.

00:26:01 Palestrante 1

A senhora tem conhecimento de como que era o processo de ensino-aprendizagem no Raul?

00:26:09 Palestrante 1

Ou como ela acreditava esse processo de ensino-aprendizagem?

00:26:20 Palestrante 2

Acreditava no ensino em que a pessoa fosse realmente agente do seu conhecimento, que é toda a linha do Paulo Freire.

00:26:36 Palestrante 2

Mas a gente não tinha, na hora que deu incomodado para a prefeitura, nós não tínhamos mais

00:26:48 Palestrante 2

como interferir na educação.

00:26:51 Palestrante 2

Era o processo da Prefeitura de São Vicente.

00:26:56 Palestrante 2

A única coisa que a gente podia era, por exemplo, à noite, quando a gente ainda não tinha o prédio pronto, a gente, a prefeitura cedia a sala, alguma sala pra nós, pra reunião, pra coisa.

00:27:13 Palestrante 2

Mas assim, uma interferência no trabalho, não.

00:27:18 Palestrante 1

Nenhuma, né?

00:27:19 Palestrante 1

E na VIP, tinha essa liberdade?

00:27:24 Palestrante 2

Sim, na VIP sim, era nós que fazíamos, era ela que fazia, porque ela foi professora de alfabetização também, no Mobral.

00:27:36 Palestrante 2

Quando ela trabalhava em São Vicente, ela formou uma instituição, como hoje tem o Campus,

00:27:47 Palestrante 2

aqui em Santos, que era o jipe, a juventude, né?

00:27:53 Palestrante 2

E formava legionárias, que eram moças que depois iam ser, enfim, ela entregava.

00:28:02 Palestrante 2

É exatamente o que o camps hoje faz aqui em Santos.

00:28:06 Palestrante 2

Ela fazia em São Vicente já naquela época.

00:28:11 Palestrante 1

É, e mais uma vez, né?

00:28:15 Palestrante 1

Se a senhora puder,

00:28:17 Palestrante 1

O que que ela entendia por educação?

00:28:20 Palestrante 1

Sei que a senhora já vem falando muito, mas É

00:28:24 Palestrante 2

Difícil dizer, educação era dizer que a pessoa era a protagonista do seu próprio processo, né?

00:28:32 Palestrante 2

Uma educação reflexiva, né?

00:28:42 Palestrante 2

A gente sempre usou toda

00:28:46 Palestrante 2

O método do Paulo Freire, mesmo a teoria educacional dele.

00:28:52 Palestrante 1

Ela chegou a conhecer o Paulo Freire?

00:28:55 Palestrante 2

Chegou.

00:28:57 Palestrante 1

A senhora sabe como que foi essa experiência, essa vivência dela com o Paulo Freire?

00:29:02 Palestrante 2

Não, ela foi assistir palestras dele, quando ele voltou do exílio e estava dando aula na PUC, foi quando ele foi meu professor.

00:29:20 Palestrante 2

Ela foi a várias coisas dele.

00:29:25 Palestrante 1

Então eles já se conheceram e ela acabou pegando uma carga de conhecimento grande com ele, né?

00:29:33 Palestrante 1

E quais princípios pedagógicos ela embasa suas ações no bairro?

00:29:38 Palestrante 1

Ela embasou, né, suas ações no bairro?

00:29:42 Palestrante 2

Ah, acho que uma educação progressista, né?

00:29:47 Palestrante 2

A educação que determinava os valores e justamente com o centro do aluno.

00:29:58 Palestrante 2

Qual o papel da educação?

00:30:15 Palestrante 1

Processo de organização do bairro, qual que foi o papel da educação nesse processo?

00:30:20 Palestrante 2

Eu acho que foi muito grande, justamente foi através da educação que a gente, porque nessas reuniões em que se decidiam tudo isso, era um processo educacional, né?

00:30:37 Palestrante 2

Porque a gente procurava sempre saber o que que eles queriam,

00:30:43 Palestrante 2

que eles queriam aquilo, qual é a maior necessidade deles, tudo isso.

00:30:49 Palestrante 2

Então era, a gente estava fazendo educação.

00:30:54 Palestrante 2

Era a grande preocupação dela era esse, era educar o povo, justamente isso.

00:31:03 Palestrante 1

E a senhora gostaria de acrescentar algo da sua vivência com a irmã Dolores?

00:31:09 Palestrante 1

Pra gente?

00:31:11 Palestrante 2

Bom, acho que ela caminha

00:31:14 Palestrante 2

Eu acho que ela fez a minha inspiração, o meu modelo, né.

00:31:24 Palestrante 2

Eu me baseava nela, eu considerava minha irmã mais velha, que esperava todos os meus conselhos.

00:31:35 Palestrante 2

É com ela que eu me abastecia.

00:31:39 Palestrante 1

Maravilha!

00:31:40 Palestrante 1

Por fim, como que a senhora enxerga o trabalho dela hoje, na comunidade?

00:31:49 Palestrante 1

Porque cessou, o trabalho já não existe mais.

00:31:54 Palestrante 2

Infelizmente, a gente durante um tempo, mesmo depois do falecimento dela, o Frei Guilherme ainda ficou lá alguns anos, depois ele ficou doente,

00:32:11 Palestrante 2

faleceu.

00:32:14 Palestrante 2

E hoje a gente sente uma diferença muito grande, porque os padres que foram para lá, eu acho que não tinham o mesmo carisma dela, não tinham a mesma visão.

00:32:34 Palestrante 2

Então, por exemplo, desconstruíram as capelas.

00:32:41 Palestrante 2

propriamente dito.

00:32:42 Palestrante 2

Elas existem, eles de vez em quando vão dar rede, uma missa, mas não é naquele espírito de comunidade, você entende?

00:32:51 Palestrante 2

E é completamente diferente, né?

00:32:55 Palestrante 2

Porque como eu falei para você, todas as igrejas, todas as capelas tinha aquele núcleo, que era o núcleo diligente, vamos chamar assim.

00:33:08 Palestrante 2

que era responsável pela cautela, que fazia as reuniões e tudo isso.

00:33:14 Palestrante 2

Isso o padre, principalmente um que era junto, o Waiçá, o Aloigio, mantelou tudo, tirou tudo isso.

00:33:32 Palestrante 2

Então, cada vez mais as pessoas

00:33:37 Palestrante 2

estão ficando de idade também, velhas, que já não tem a mesma.

00:33:47 Palestrante 1

Energia, né?

00:33:48 Palestrante 2

Energia para trabalhar, né?

00:33:56 Palestrante 2

Então vai se perdendo um pouco, a gente sente isso um pouco.

00:34:01 Palestrante 2

Eu sinto, por exemplo, na comunidade,

00:34:05 Palestrante 2

atualmente não trabalho na comunidade.

00:34:09 Palestrante 2

Eu sou presidente da VIP.

00:34:11 Palestrante 1

Ainda hoje?

00:34:12 Palestrante 2

Ainda hoje, então trabalho na escola.

00:34:15 Palestrante 2

Mas a turma da escola pertence à comunidade.

00:34:19 Palestrante 2

A gente sempre procurou os funcionários da secretária, tudo isso, é tudo gente da comunidade.

00:34:28 Palestrante 2

Então, eu tenho bastante contato com eles e eles vão falando as coisas que

00:34:34 Palestrante 2

estão acontecendo, né?

00:34:35 Palestrante 2

Inclusive a administradora geral da escola, que é a Cleusa, que ela também é uma pessoa boa professora.

00:34:42 Palestrante 1

Sim, eu vou atrás dela.

00:34:47 Palestrante 2

E elas são da comunidade também.

00:34:53 Palestrante 2

Embora elas estejam as vivas, pertencem à comunidade.

00:34:58 Palestrante 2

Então elas sentem uma diferença grande, né?

00:35:04 Palestrante 2

Que agora assim, as pessoas que conhecem e conheceram a Irmã Dolores, já não é tão grande assim, né.

00:35:14 Palestrante 2

Tem um número ainda bom de pessoas que conheceram com ela.

00:35:18 Palestrante 2

E nós tivemos também uma freira, a Irmã Sueli, que é da mesma irmandade da Dolores, que a Dolores era a freira da

00:35:33 Palestrante 1

Maculado Coração.

00:35:36 Palestrante 2

E depois ela pediu licença para sair e trabalhar diretamente com os pobres.

00:35:47 Palestrante 2

E quando ela faleceu, logo depois, a gente pediu e a congregação designou a irmã Sueli para lá.

00:35:58 Palestrante 2

A irmã Sueli não tinha o mesmo carisma da Dolores, mas era muito boa também.

00:36:03 Palestrante 2

Não sei se você chegou a conhecer.

00:36:05 Palestrante 1

Conheço, conheço a irmã Sueli.

00:36:10 Palestrante 2

Ela pelo menos continuou mantendo a comunidade e tal.

00:36:17 Palestrante 2

Agora ela também, esse padre Luciano, dispensou a irmã Sueli.

00:36:27 Palestrante 2

Mas ela queria continuar, mas ele dispensou.

00:36:32 Palestrante 2

Também foi outra coisa que eu considero muito ruim.

00:36:37 Palestrante 2

Eu acho que, infelizmente, eu sou lindo de igreja, mas tenho algumas restrições aos padres modernos.

00:36:50 Palestrante 1

Perfeito.

00:36:52 Palestrante 1

A senhora quer acrescentar mais alguma coisa?

00:36:55 Palestrante 1

Não.

00:36:55 Palestrante 1

Não?

00:36:57 Palestrante 1

Que aí não perguntei que a senhora queira falar?

00:37:00 Palestrante 1

Acho que tá tudo certo?

00:37:02 Palestrante 2

Não, acho que tá tudo certo.

00:37:03 Palestrante 2

Eu não sei se eu contribui com alguma coisa.

00:37:06 Palestrante 1

Muito, mas muito, muito.

00:37:10 Palestrante 2

Porque a Dolores era uma pessoa ímpar, né?

00:37:14 Palestrante 2

Muito diferenciada.

00:37:16 Palestrante 2

Só quem conviveu com ela pode sentir toda aquela força que ela

00:37:21 Palestrante 2

Tinha aquela coisa impressionante que passava para a gente, sabe?

00:37:28 Palestrante 2

Aquela coisa de lutar pela vida dos pobres.

00:37:36 Palestrante 2

Ela deu a vida dela para eles, para a comunidade.

00:37:43 Palestrante 1

Aí é bom ver esse reconhecimento da comunidade com esse trabalho.

00:37:53 Palestrante 2

E até hoje você vê que você já escutou os ecos, né?

00:38:02 Palestrante 2

Não é a mesma coisa, mas ficou alguma coisa, graças a Deus.

00:38:08 Palestrante 1

Claro.

00:38:09 Palestrante 1

É, eu tô tentando fazer o possível para não deixar essa história morrer, né?

00:38:13 Palestrante 1

Essa Não a história, mas ela, né?

00:38:16 Palestrante 1

Ela sempre está viva, né?

00:38:18 Palestrante 1

Na nossa

00:38:19 Palestrante 1

nossas lembranças, nas lembranças da comunidade, então tô tentando fazer com que

00:38:25 Palestrante 2

Porque além disso, ela era uma pessoa muito culta, né?

00:38:31 Palestrante 2

Ela Eu conheci muitas vezes com ela pra Espanha, conheci bem a família, tudo.

00:38:41 Palestrante 1

Ela fazia medicina antes, né, de entrar no convento.

00:38:49 Palestrante 2

Depois ela fez o mestrado, tem especializações, e ela foi muito convidada para dar aula na não é no seminário de São Paulo, onde ela fez o mestrado, que é ligado à PUC, mas não é na PUC.

00:39:20 Palestrante 2

Mas ela não queria, ela queria trabalhar nas comunidades.

00:39:28 Palestrante 1

Era o desejo dela, não era o que tava correndo no coração, né?

00:39:32 Palestrante 1

De fato, tem que ter um objetivo de vida, né?

00:39:37 Palestrante 1

E é sério dela.

00:39:39 Palestrante 1

Obrigada, tá?

00:39:40 Palestrante 1

Muito obrigada mesmo.

00:39:41 Palestrante 1

Vou encerrar aqui.

as melhorias e depois, assim, de fato, colocando os equipamentos de educação, de saúde.

00:25:27 Palestrante 2

Então, assim, a transformação, se você fizer uma pesquisa, vai chegar à conclusão que a Irmão Dolores trouxe a transformação para esses vários, todas as transformações.

00:25:44 Palestrante 1

A gente está falando de um bairro periférico, onde a gente sabe que o crime organizado é predominante e sempre está aqui presente nas nossas realidades.

00:25:59 Palestrante 1

E existia um respeito, um carinho por ela, porque assim, a gente está falando de uma senhora

00:26:08 Palestrante 1

Não, senhorinha vagina, mas tinha um gênio forte.

00:26:37 Palestrante 1

E a gente sabe que eles são assim.

00:26:41 Palestrante 1

Existia esse carinho, esse respeito por ela?

00:26:45 Palestrante 1

Essa visão de poxa, a gente só tem tudo o que a gente tem aqui por conta dela?

00:26:54 Palestrante 1

Ou não?

00:26:55 Palestrante 2

Existia e existe até hoje.

00:26:59 Palestrante 2

Todos os equipamentos que nós atuamos são respeitadíssimos.

00:27:04 Palestrante 2

Então, até hoje, a referência de diversas gerações, desde aquele tempo que ela vem para cá, continua sendo a mesma.

00:27:16 Palestrante 2

Muita gente hoje já não chegou a conhecer a irmã, mas escuta falar da irmã, ela já identifica com os nossos bairros, com tudo o que ela promoveu.

00:27:30 Palestrante 2

Agora, na questão explicitamente do.

00:27:34 Palestrante 2

crime organizado, como queiramos chamar aí, numa ocasião de que ela ia para os outros bairros, estava construindo capela, vinha para cá, não tinha luz, não tinha nada, com a maior tranquilidade, ela andava para lá e para cá a qualquer hora, né?

00:27:51 Palestrante 2

E no bairro do Rio Negro, numa das ocasiões, ela foi lá na capela e quando ela passou, um dos rapazes

00:28:03 Palestrante 2

falou aí vai a guerreira da Paz.

00:28:08 Palestrante 2

Então isso emocionou muito ela, porque dado o respeito que eles tinham por ela.

00:28:18 Palestrante 2

Então ficou isso marcado para ela e para nós.

00:28:24 Palestrante 2

E como eles viam essa pessoa tão pequenininha, parecendo tão frágil,

00:28:32 Palestrante 2

Mas que para eles era gigante, uma referência assim, imensa, porque, independente de qualquer coisa, ela era espanhola, era generosa, era bravinha, mas o coração explodia de amor, a gente sentia qualquer um.

00:28:50 Palestrante 2

que estivesse com ela, sentia isso.

00:28:53 Palestrante 1

É, eu ouvi comentários de que no dia da morte dela, no final de semana, foi proibido até os bailes, festas e etc.

00:29:00 Palestrante 1

Aqui pelo bairro.

00:29:03 Palestrante 2

É, eu não sei se foi proibido.

00:29:05 Palestrante 2

A gente não tem essa informação, mas foi assim, uma reverência de um respeito tão grande que ela.

00:29:18 Palestrante 2

que todos tinham por ela, que realmente o bairro ficou de luto.

00:29:25 Palestrante 2

Então foi assim, mas não posso te dizer se foi proibido, mas isso aconteceu.

00:29:32 Palestrante 1

Sim, sim.

00:29:33 Palestrante 1

A senhora gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não perguntei, mas o que a senhora gostaria de falar?

00:29:41 Palestrante 2

As perguntas foram bem propostas, a gente acho que dialogou

00:29:48 Palestrante 2

sobre bastante coisa.

00:29:50 Palestrante 2

E o que eu gostaria de falar é que essa vivência com a irmã, tudo o que ela fez, tudo o que ela fundou, tudo o que nós participamos juntas e juntos, toda a comunidade, em todos os níveis, de igreja, de equipamentos, de escola, só proporcionou o nosso crescimento

00:30:14 Palestrante 2

como pessoa sempre e especialmente em acreditar nesse projeto de educação, de vida em abundância para todas as pessoas, tanto que nós lutamos aqui na escola com muita dificuldade para que a escola permaneça, mas nós não desistimos nunca, porque nós acreditamos na vida

00:30:42 Palestrante 2

Nas pessoas e na educação.

00:30:45 Palestrante 1

Perfeito.

00:30:46 Palestrante 1

Muito obrigada.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa cujo título é “A educação como processo transformador em Bairros periféricos: Uma análise freireana do trabalho da Irmã Dolores no Quarentenário”, que está sob responsabilidade da pesquisadora Thaynara Fonseca Perez e a orientadora Profa. Guadalupe Corrêa Mota, ambas vinculadas a Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). O estudo tem o objetivo de construir, por meio de entrevistas, o conhecimento sobre a pedagogia crítica na periferia, a partir das metodologias utilizadas pela Irmã Maria Dolores, no processo de construção identitária da comunidade do Bairro Quarentenário, em São Vicente – SP.

Para a realização desta pesquisa será(ão) utilizado(s) o(s) seguinte(s) método(s): O estudo utilizará uma abordagem qualitativa, na modalidade de entrevista semiestruturada, a qual terá perguntas previamente elaboradas, mas com possibilidade de adequações no decorrer da conversa. Os participantes convidados para pesquisa serão os sujeitos que viveram os projetos educacionais e sociais em conjunto com a Irmã Dolores, na da Escola Municipal Raul Rocha do Amaral, fundada pela Irmã Dolores, todos com idade acima de 18 anos. Esses sujeitos foram identificados a partir da minha próxima vivência na comunidade do Bairro Quarentenário e por indicação da minha orientadora que conhece alguns desses personagens. Em seguida, foi apresentada a proposta do projeto de pesquisa e explicada a relevância da sua participação para esse processo de pesquisa, de forma voluntária. Durante o processo de convite, sensibilização e troca cultural esses sujeitos se dispuseram voluntariamente a participar da investigação. O desenvolvimento do estudo acontecerá por meio de seis encontros reflexivos, com cronograma organizado pela pesquisadora para o 1º e 2º semestre de 2025. Mediante aceitação, ficou combinado que a entrevista será realizada na residência particular do entrevistado, não sendo realizada nas dependências da escola acima citada. Os encontros terão apenas gravação de áudio, preservando o sigilo e durante as gravações, caso solicitado, o participante poderá receber um codinome para representar sua fala. Quanto ao uso de imagem(foto ou vídeo) caso seja utilizada em algum momento, serão produzidos pela pesquisadora somente com o objetivo de utilizá-los para fins estritamente acadêmicos.

Quanto aos riscos e desconfortos, ressaltamos que o(s) procedimento(s) utilizado(s) com os encontros das entrevistas, sobre a vida e obras de Irmã Dolores, no Bairro Quarentenário, poderá gerar desconforto emocional em pessoas que tiveram um contato muito próximo a ela. Caso ocorra o desconforto, o participante terá respeitado o seu posicionamento e em conversa individual com a pesquisadora será apresentada a relevância da interação na entrevista, no intuito de elucidar a importância que a irmã Dolores teve no processo de construção do Bairro Quarentenário. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido através de rigoroso acompanhamento da pesquisadora em cumprimento aos princípios éticos preconizados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), ligada ao Conselho Nacional de Saúde que orienta às Ciências Humanas, por meio da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Além disso, a pesquisadora indicará o entrevistado para realizar o acompanhamento psicológico, gratuito, disponibilizado pela Universidade Católica de Santos. O diálogo e respeito a individualidade dos participantes é essencial para que o pesquisador, já tendo estabelecido elos no período de sensibilização, possa compreender às características individuais de cada participante e o movimento de problematização e análise da realidade, na perspectiva de construir sínteses de conhecimento coletiva.

Sua participação é importante e voluntária e vai gerar informações que serão úteis para construção da pesquisa sobre pedagogia crítica e emancipatória, em Bairros periféricos, além de gerar inúmeros benefícios aos participantes da pesquisa, dentre eles, o incremento do

desenvolvimento pessoal e coletivo.

O senhor(a) terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações. O(A) senhor(a) terá ainda a garantia de acesso aos dados da pesquisa. Sendo assim, o(a) pesquisador(a) se compromete em divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível a(o) senhor(a), se assim desejar. Todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 (cinco) anos. Desta forma, o(a) senhor(a) poderá decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados atualmente e/ou no futuro.

Se o(a) senhor(a) concordar em participar desta pesquisa, deverá assinar duas vias deste documento, com rubrica por página, ficando uma via em seu poder.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos, o(a) senhor(a) deverá procurar o(s) pesquisador(es) através do endereço na Av. Conselheiro Nébias, 300, na cidade de Santos, S. Paulo, telefone 3205-5555 Ramal 1254 ou pelo e-mail: thaynara.perez@unisantos.br

Caso necessite sanar algumas dúvidas em relação a participação em pesquisa, poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Católica de Santos, situado na Av. Conselheiro Nébias, 300, na cidade de Santos, S. Paulo, telefone 3205-5555 Ramal 1254.

Depois de ter recebido informações sobre a pesquisa “A educação como processo transformador em Bairros periféricos: Uma análise freireana do trabalho da Irmã Dolores no Quarentenário”, estou ciente dos meus direitos, dos propósitos do estudo, dos procedimentos que serão utilizados, da garantia de sigilo e de esclarecimentos permanentes, decidi concordar voluntariamente em participar deste estudo bem como autorizar a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico.

São Vicente - SP, _____ / ____ / ____

Assinatura do Participante da Pesquisa

CPF:

Thaynara Fonseca Perez
Assinatura da Pesquisadora

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”